

KRISTIN VON KREISLER

*Um
milagre
chamado
Grace*



*o
amor
pode
aparecer
em
diversas
formas*



KRISTIN VON KREISLER

Um
milagre
chamado
Grace

o
amor
pode
aparecer
em
diversas
formas

Tradução

IONA TEIXEIRA STEVENS

ÚNICA
editora

Gerente Editorial Mariana Rolier
Produtora Editorial Rosângela de Araujo Pinheiro Barbosa
Controle de Produção Fábio Esteves
Tradução Iona Teixeira Stevens
Preparação Ana Issa
Projeto gráfico e diagramação Osmane Garcia Filho
Revisão Adriana Bairrada
Capa Gabinete de Artes
Imagem de capa Latinstock / © Andrew Grant / Corbis / Corbis (DC)
Produção do e-book [Schäffer Editorial](#)

Única é um selo da Editora Gente.
Título original: *An Unexpected Grace*
Copyright © 2014 by Kristin von Kreisler.
Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Gente.
Rua Pedro Soares de Almeida, 114
São Paulo, SP – CEP 05029-030
Telefone: (11) 3670-2500
Site: <http://www.editoragente.com.br>
E-mail: gente@editoragente.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Von Kreisler, Kristin

Um milagre chamado Grace / Kristin Von Kreisler ; tradução Iona Teixeira Stevens. — São Paulo : Única Editora, 2014.

Título original: An unexpected Grace.
ISBN 978-85-67028-29-3

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-
02569

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

*Para Jimmy Wolf, o irmão que adotei,
e Debby Harrison, sua esposa e querida amiga*

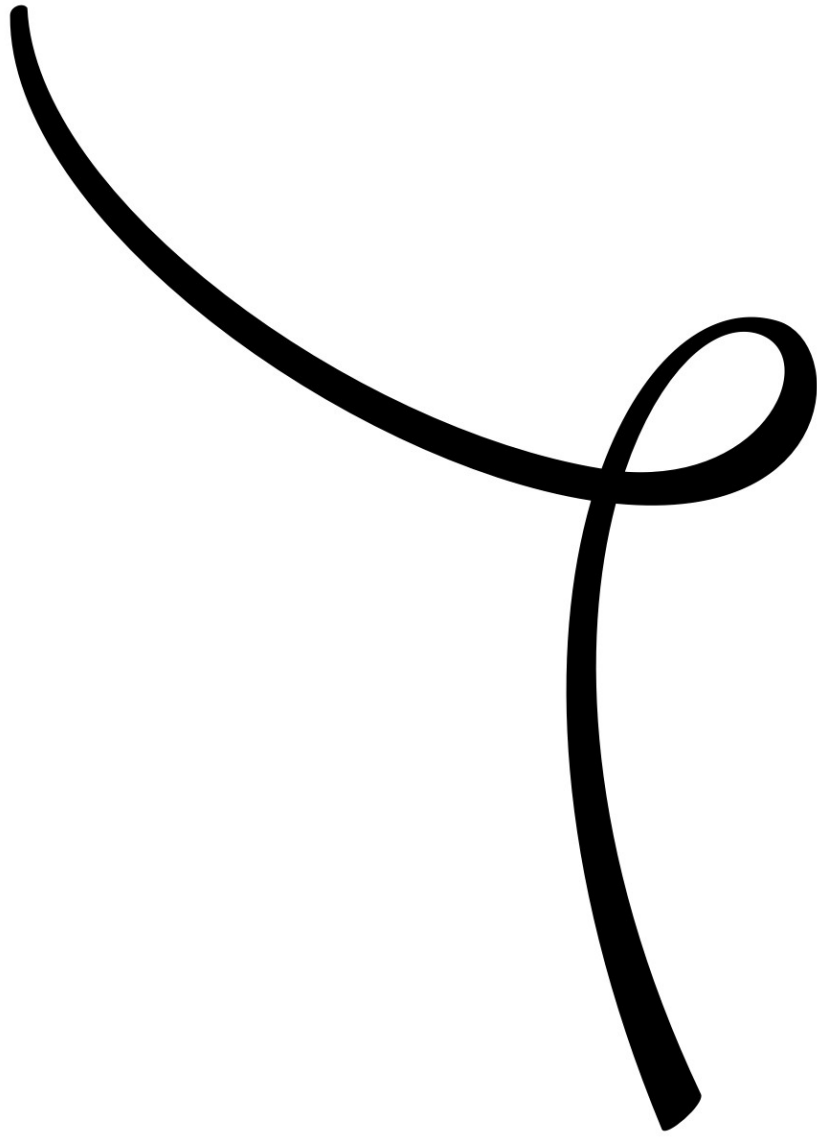
*Com amor e agradecimento
por tantos anos de bondade*

*Now is the time for the world to know
That every thought and action is sacred.*

*This is the time
For you to compute the impossibility
That there is anything
But Grace.
Hafiz**

* Agora é a hora de o mundo saber/Que cada pensamento e ação é sagrado/Esse é o momento/Para você computar a impossibilidade/De que não há nada/Além de Grace Hafiz. (N.T.)

SUMÁRIO



- [1](#)
- [2](#)
- [3](#)
- [4](#)
- [5](#)
- [6](#)
- [7](#)
- [8](#)
- [9](#)
- [10](#)
- [11](#)
- [12](#)
- [13](#)
- [14](#)
- [15](#)
- [16](#)
- [17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

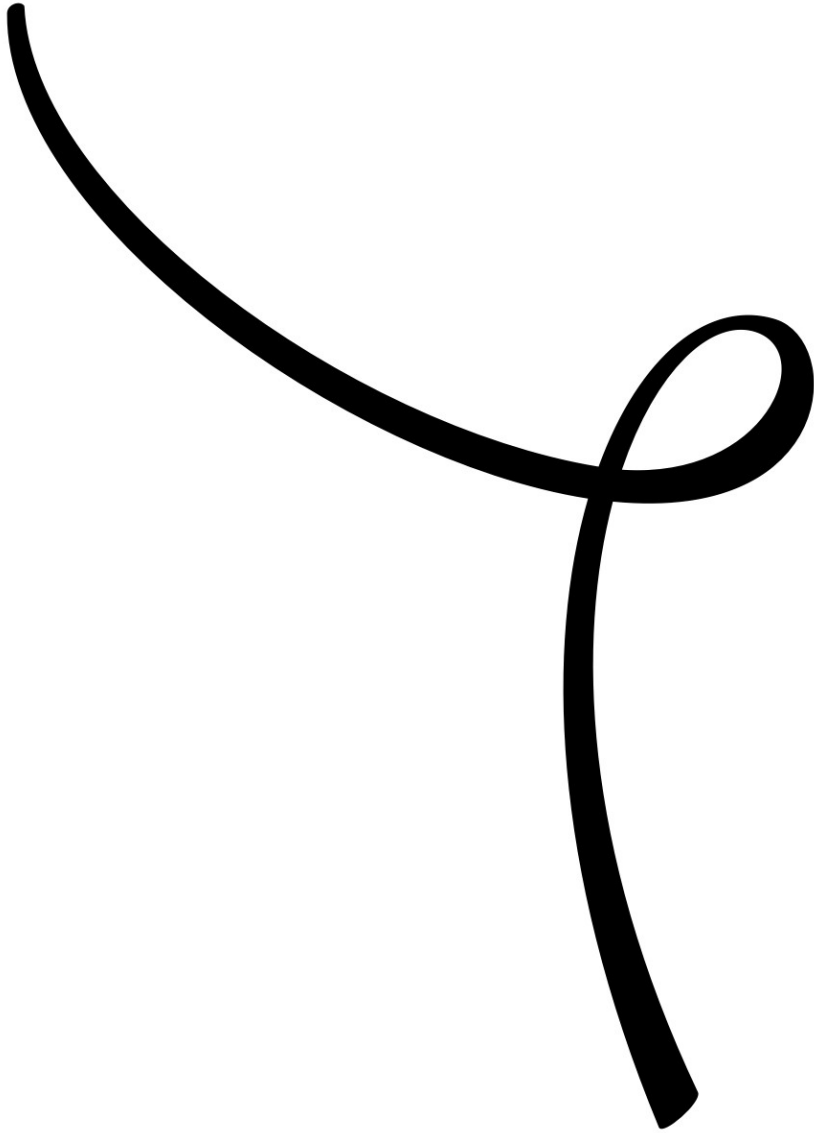
[33](#)

[34](#)

[35](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)



O PAI DE LILA A CHAMAVA de teimosa, mas ela preferia ver pelo lado positivo e dizer que era determinada. Hoje, só uma pessoa determinada sairia de casa e enfrentaria a tempestade. O céu estava cinza-chumbo; a chuva vertia em camadas. O apresentador do noticiário local disse que o vento havia virado árvores e derrubado barcos ancorados na baía de São Francisco.

Esperando na porta de seu prédio, Lila agarrou seu guarda-chuva e se preparou para se molhar. Ela não iria trabalhar hoje, pensou. Podia ficar aconchegada debaixo do cobertor, tomando chá matinal e ouvindo a chuva bater levemente nas janelas. Ela podia escapar por oito longas horas do escritório de relações públicas Weatherby e Associados, o último lugar em que jamais pensara ou quisera trabalhar.

No entanto, revendo sua decisão, Lila afugentou esses pensamentos tentadores. Ela não podia voltar para a cama. Não enquanto estivesse morando em um apartamento que ela chamava de Solar das Baratas. Não enquanto vivesse à base de atum e feijão da quitanda barata e poupasse cada centavo nos últimos seis meses para virar uma artista em tempo integral. Desde que rompeu com seu ex-namorado, Reed, em cuja casa havia morado nos últimos cinco anos, ela teve que colocar as finanças em ordem e preparar sua próxima exposição de arte. Desbravar uma tempestade não era nada comparado a pegar um pincel e fazer seu trabalho de verdade. Na escala de importância de Lila, tomar chuva era um ratinho chiando, e pintar, um elefante trombeteando.

Sua melhor amiga, Cristina, parou sua perua Volvo na calçada em frente à porta. Ela insistiu em levar Lila para o trabalho, para que não tivesse que ir de bicicleta, na chuva. Lila saiu do prédio e abriu o guarda-chuva. Com o vento amarrotando seu poncho de flanela e jogando seu cabelo sobre a boca, ela esparrinhou chuva sobre os degraus. Quando chegou na calçada, já havia água dentro de seu mocassim tamanho quarenta e um ensopando os dedos do pé. Uma van passou roncando, deixando uma trilha de fumaça de exaustor. Um vento frio da baía bateu em seu rosto. Ela tremeu.

“Que bom que consegui chegar. Ninguém deveria estar dirigindo esta manhã”, disse Lila ao abrir a porta.

“Desculpe não ter conseguido chegar mais cedo. Teve um acidente na ponte Golden Gate.” Cristina jogou sua bolsa no banco de trás para dar espaço para Lila.

Ela entrou no carro, colocou sua mochila sobre os pés e pôs o cinto de segurança. Enquanto ajeitava a franja molhada para fora da testa, disse “acho que está na hora de construir uma arca.”

Os olhos italianos escuros de Cristina brilhavam quando ela ria. “Estamos atrasadas.” Ela acelerou rua abaixo. Para chegar ao prédio Crockett, onde ela e Lila trabalhavam em andares diferentes, ela virou à esquerda na rua Geary e atravessou um sinal amarelo. “Eu tenho uma surpresa”, disse. “Olhe dentro de minha bolsa e pegue o envelope de papel pardo no bolso lateral.”

“Eu sei qual é a surpresa.” Cristina fazia o mesmo jogo com Lila há dezoito anos. Relutante, ela buscou o envelope no banco de trás e o colocou no colo.

“Abra”, Cristina insistiu. “Eu fiz um pôster novo.”

“Não preciso ver. O que é desta vez? Um poodle? Um labrador?”

Era outra armadilha. Cristina ia ficar atazanando até que ela adotasse um cachorro.

“O nome dela é Grace. Ela é a melhor de todos. A mais preciosa do mundo.”

Cristina ligou as luzes internas do carro para Lila ver o pôster melhor. Como sempre, no topo estava escrito em letras vermelhas e garrafais “Preciso de um lar!!!”. Porém, o que precisava de um lar, dessa vez, não era nada de mais precioso, e sim um golden retriever que parecia o mais triste do mundo.

Os olhos lúgubres de Grace fixavam Lila e imploravam uma tigela de ração e um abraço reconfortante. A testa de Grace estava franzida, como se estivesse preocupada, e ela estava tão magricela que suas costelas se sobressaíam como um telhado ondulado. Cristina obviamente amarrara uma bandana vermelha em volta do pescoço de Grace para dar um ar alegre e festivo, mas não funcionou. Qualquer um podia ver que esse cachorro tinha passado por maus bocados. Seu hodômetro registrava muitos quilômetros. Ela parecia tão desgastada quanto uma bola de tênis sem feltro.

Era provavelmente por causa disso que o homem ao seu lado, na foto, parecia protetor. Lila não pôde ver sua expressão porque ele olhava para baixo, na direção de Grace; mas sua linguagem corporal dizia que ele a protegia do perigo. Ele abraçava suas costas com seu braço robusto, puxando-a para perto, sua mão segurando o peitoral. A suavidade de sua camisa de lã xadrez deve tê-la reconfortado. Ela parecia pequena, aninhada em seu ombro largo.

Se Lila estivesse procurando um relacionamento — e, depois de Reed, ela decididamente não estava — também não teria problema em se aninhar naqueles ombros. Pareciam dizer: “Vou protegê-la e aquecê-la.” Ela perguntou: “Quem é o cara?”

“Adam Spencer. Meu amigo do parque de cães. Não estou procurando um abrigo para ele. Estou preocupada é com Grace.”

“Não precisa se preocupar. Você sempre acha alguém para seus cães.”

“Por que você não a adota?”

Lá vamos nós. A pergunta inevitável.

Lila tinha perdido a conta de quantas vezes Cristina já havia perguntado isso.

“Vocês até combinam. As duas são loiras arruivadas. Pessoas matariam para ter seus cachos”, continuou Cristina. “Ela poderia protegê-la.”

“Eu não preciso de proteção.”

“Fazer companhia, então.”

“Como sei que ela não vai me atacar?”

“Você tem que superar o que aconteceu há vinte e cinco anos. Tem que perdoar e ir em frente.”

“Sem chance. Tenho medo de cachorros. Não consigo evitar meus sentimentos.”

Toda vez que Lila via um cão — especialmente se fosse grande e desajeitado — ela pensava apenas nos caninos; seu coração disparava como se tentasse sair do peito e correr rua abaixo. Sua mente sempre voltava para o vira-lata preto e marrom que ela encontrara no verão após a quarta série, recostado como um grande alce na frente do supermercado. Sendo, na época, uma fanática por cães, Lila inclinou-se para afagá-lo, como fazia com todos os cachorros que encontrava. Ela esperava que ele lhe desse um sorriso bobo e batesse a cauda na calçada. Talvez babasse nela, mas ela não se importaria.

Contudo, ele abriu os olhos repentinamente, levantou-se num pulo e meteu a cara na dela. Ao rosnar, ela sentiu seu bafo azedo e se encolheu, afastando-se dos caninos amarelos. Ele voou para cima e enterrou os dentes na mesma mão que ela estendeu para acariciá-lo. Lila tinha cicatrizes para provar que cães não eram confiáveis. Se ela tivesse criado o mundo, não haveria um único bigode de cachorro nele.

“Se Grace fosse um gato, eu a adotaria”, disse Lila. “Na verdade, não consigo arcar com um animal de estimação agora.”

“Você adoraria ter um cão se desse uma chance. Grace nunca a machucaria.”

Cristina deu um suspiro exasperado enquanto passava por um caminhão da FedEx. “Não vou desistir enquanto você não arranjar um cachorro. Você não sabe o que está perdendo...”

“Trégua?” Lila deu um tapinha no braço de Cristina, como quem diz *amo você, mas supere isso*.

“Ok, ok.” Cristina parou em um sinal vermelho.

À frente do carro, um homem sem guarda-chuva, com uma boina molhada e uma jaqueta escolar, atravessava o cruzamento empurrando um carrinho de supermercado. Ao seu lado, com uma coleira de corda, andava um cão preto, do tamanho de um lobo, encharcado. O coração de Lila apertou, pronto para entrar no modo aterrorizado — até se lembrar de que o teto e o para-brisa da Volvo a separavam do vil oponente.

“Coitado daquele homem. Ele não tem um guarda-chuva”, ela disse.

“Coitado daquele **cão**. Ele está molhado também.”

“Ahn...” Para mudar o assunto, Lila voltou a falar da tempestade. “Voltando à arca. Onde você acha que conseguiríamos arranjar madeira?”



Armada com quatro cartazes de cachorro, os quais havia aceitado pregar em banheiros, Lila precipitou-se na recepção do escritório Weatherby, vinte minutos atrasada. Era um lugar amplamente iluminado, alegre, no qual a empolgação com trabalho em equipe era praticamente palpável no ar. As fotos de natureza nas paredes faziam alusão às montanhas que seriam escaladas para resolver as coisas para os clientes, e os rios pareciam fluir em direção à fama e fortuna. A promessa de sucesso em relações públicas estava praticamente costurada no estofado do sofá azul-royal.

Lila acenou para Emily, a recepcionista, que estava para se aposentar. “Na hora do almoço trago a begônia que plantei para você”, disse Lila.

Ela parou no escritório de Madeline, a redatora-chefe, cujo enjoo matinal tinha deixado sua cara pálida e cinza-esverdeada. Lila perguntou: “Você está melhor?”

Madeline sorriu. “Biscoito de água e sal para o regaste.”

“Que bom! Até mais.” Com um dia cheio de trabalho pela frente, Lila tinha que começar logo.

Depois de um gole no bebedouro, ela correu para seu escritório, um cubículo minúsculo com luzes fosforescentes, sem portas nem janelas. As paredes, cobertas com feltro cinza como a neblina, mal chegavam à altura de seus ombros, porque ela media um metro e oitenta. A baia tinha uma mesa de madeira falsa, uma cadeira giratória com estofamento cinza e um tapete preto com manchas em fúcsia que a deixavam tonta se ela ficasse olhando muito tempo. Para não se esquecer de sua carreira artística, para a qual havia prometido voltar, custasse o que custasse, pregou na parede sua pintura abstrata mais colorida e audaciosa, com verdes e dourados e vermelhos dançando na tela. Quando ficava entediada ou claustrofóbica em seu cubículo, buscava as cores para se consolar. Elas nunca a deixavam na mão.

Lila colocou os fones de ouvido e ligou para a primeira pessoa da lista de três páginas que lhe fora passada: G. Roger Earling, editor do jornal *Repórter de São Francisco*. Enquanto telefonava, sentiu o cheiro de café, vindo da sala da direção. Os sinos do bonde da rua de baixo ressoaram, como que para encorajá-la para um dia de telefonemas comerciais.

Quando o senhor Earling atendeu, Lila soltou seu lado mais tagarela. “Bom dia! Aqui é Lila Elliot do escritório de Relações Públicas Weatherby e Associados. Gostaria de saber se vocês receberam nosso pacote de imprensa sobre a incrível conferência de ergonomia do Centro Moscone.”

“Não lembro”, respondeu, sem entusiasmo.

Memória ruim. A desculpa de sempre. Lila manteve-se determinada. “Eu mandarei outro!”

“Não precisa. Perda de tempo.”

“Mas pode lhe interessar!”

“Olha, uma conferência sobre ergonomia não entra em nossa pauta.” O senhor Earling soava ranzinza. O mingau matinal deve ter cozinhado demais naquela manhã, e ele estava sem leite. Lila conseguia captar essas coisas depois de três longos meses telefonando a centenas de pessoas.

Ligar para editores e produtores de rádio e TV era como marchar em direção ao inimigo com uma armadura feita de renda. Você estava vulnerável, só tinha sua esperteza e sua garra para fazer o trabalho. Para conseguir cobertura de mídia, precisava implorar e persuadir as pessoas, e frequentemente se deparava com apatia, impaciência ou rejeição. Às vezes, era difícil livrar-se dos sentimentos negativos, mas Lila sempre cerrava os dentes e continuava.

“A conferência vai ser fascinante! Sério mesmo. Seus leitores vão querer saber a respeito.” Para não perder a atenção do senhor Earling, Lila desandou a falar dos produtos que seriam expostos: descascadores de batata para artríticos, cadeiras de escritório para pessoas com problemas nas costas, ferramentas de jardinagem aprovadas pela Associação Nacional dos Aposentados, teclados de computadores que previnem a tendinite...

Ele balbuciou um “aargh” abafado, que soou como um tigre doente. “Tente ligar para nossa seção de negócios.”

“Com quem posso falar lá?”, insistiu Lila.

“Senhorita, não tenho tempo para guiá-la pela mão.”

Não leve para o lado pessoal. Lila retirou a flecha do coração. “Ajudaria muito se eu soubesse o nome da pessoa certa.”

Com esperanças de que o senhor Earling estivesse procurando pelo nome em uma lista de telefones, Lila se forçou a esperar no silêncio que se espalhou entre os dois como um campo de neve. Enquanto observava sua pintura, buscando apoio moral, ela ouviu vozes altas no corredor. Um cara estava gritando, e uma mulher parecia tentar acalmá-lo. Era um comportamento estranho no escritório Weatherby. Lila levantou-se e olhou pela porta aberta. Como não viu ninguém, sentou-se novamente.

“Ok”, disse o senhor Earling. “Aqui vai um nome. Ligue para Charles Saunders.”

A voz da mulher ficou mais alta, mais aguda. Era Emily. “Por favor, por favor.” Parecia que ela estava implorando.

O homem gritou palavras confusas que Lila não conseguia entender. Emily gritou: “Não. Meu Deus... Não faça isso!”

Lila pulou da cadeira para socorrer a amiga. Assim que Lila arrancou seu fone e o jogou na mesa, uma explosão, como um balão explodindo, porém mais alto, estourou na área da recepção. Depois, silêncio.

Lila piscou e tentou entender a origem do barulho — mas logo vieram mais explosões, uma após a outra, chocantes demais para a compreensão. Algo horrível estava acontecendo; mas ela não entendia o que era. *Com certeza ninguém estouraria fogos de artifício no escritório.*

Quando os gritos começaram a vir do canto do corredor, Lila paralisou. Aquilo que ouvia devia ser tiros. Mais tiros estrondearam e assobiaram, como se estivessem ricocheteando nas esquadrias de metal. Vidros estilhaçaram. Tantas pessoas estavam gritando ao mesmo tempo que ela não conseguia distinguir nenhuma em particular. Alguém gritou: “Tranquem as portas!”

Lila se afastou de seu cubículo sem porta. Sentiu o cheiro de fumaça, e seu estômago parecia engolir chumbo. Com os joelhos bambos, ela pegou o telefone, mas suas mãos tremiam muito para ligar para a emergência. Para evitar tombar no chão, ela se apoiou na cadeira.

Será que deveria se jogar debaixo da mesa? Ela não caberia. Correr até o almoxarifado? Seria um alvo fácil no corredor. Se esconder atrás da cadeira? Era um escudo pequeno demais. Sua gola rolê vermelha era chamativa para balas.

Mais gritos e tiros. Baques e batidas de brigas no corredor. Enquanto passadas ressoavam do lado de fora de seu cubículo, ela concentrou sua vontade e se forçou a dar três passos até a parede adjacente à porta. Tremendo, se agachou, dobrou as pernas próximas ao peito e tentou desaparecer.

Um homem agigantou-se em sua porta. Sem olhar para cima, Lila ouviu sua respiração cortada e enlouquecida. Sua sombra titubeou no chão e sua agitação a contagiou, fazendo-a tremer ainda mais. Seu coração parecia socar seu peito.

Ela se abaixou ainda mais, mas sentiu seu olhar sobre ela. Levantou o olhar dos sapatos sociais pretos até o terno esportivo e o rosto contorcido de Yuri Makov, o zelador do Weatherby, que semana passada apenas recolheu seu lixo e sorriu para ela. “Você não!” ela gritou.

Duas gotículas de suor grudavam na testa dele, e veias pulsavam em suas têmporas. Os lábios quebradiços, e um pequeno Band-Aid redondo, cor da pele, estava grudado em seu queixo trêmulo. A cada respiração, seu peito expandia, e a sacola de bordo pendurada em seu ombro batia contra seu quadril. Tudo nele tremia — menos os olhos, que a perfuravam.

Gritando em russo, ele jogou os ombros para trás e apontou o cano de seu revólver compacto em sua direção. Puxou a arma de volta para si e bateu contra a coxa. Levantou a arma na altura da cintura e segurou com as duas mãos, a pele em volta dos olhos parecendo relaxar como se se lembrasse de algo. Em seguida, com olhos resolutos, apontou a arma de novo para ela e enlaçou o gatilho com o dedo.

“Yuri, o que você está fazendo?! Não atire!!” Ela levantou-se, para implorar melhor.

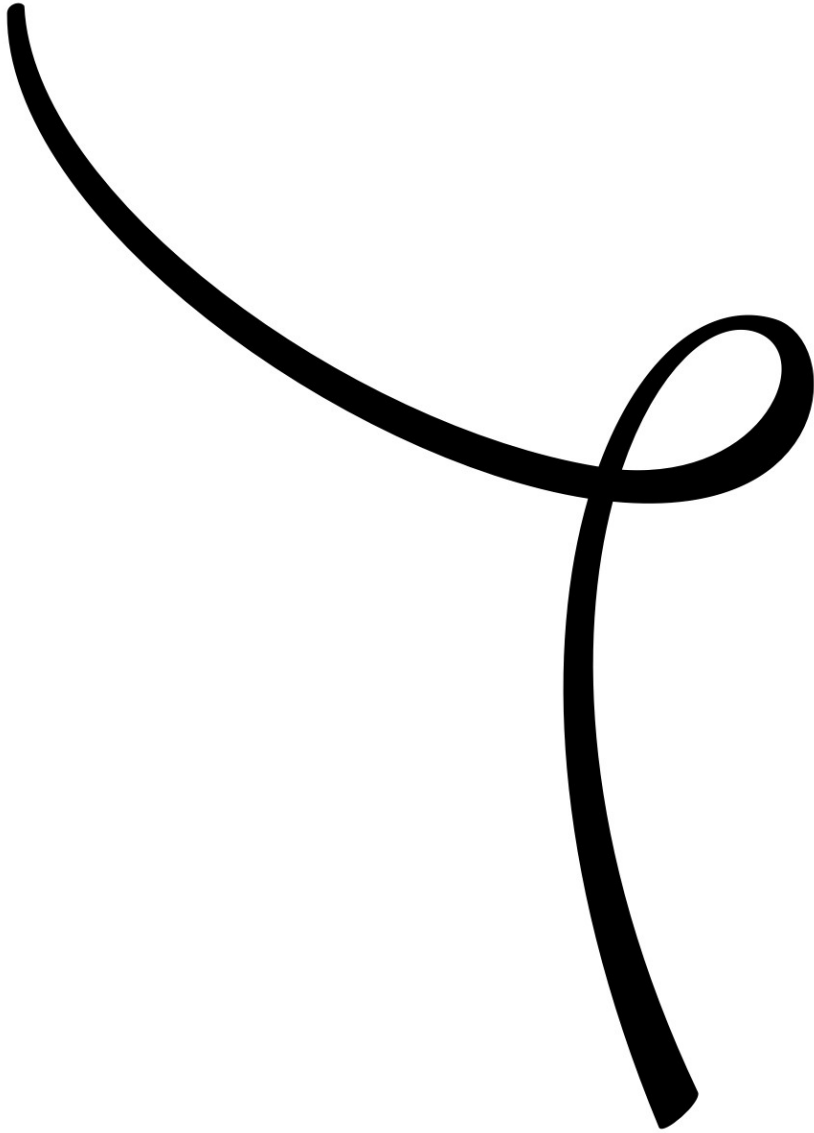
Ele gritou palavras que ela não entendia.

“Por favor... Por favor, não faça isso... Por favor, por favor.”

Assim que Lila pulou atrás de sua cadeira de escritório, o fogo selou um buraco em seu peito. A força a lançou, rodopiando, contra o armário da sala. Ao cair, sua cabeça bateu em um metal, e ela mordeu a língua. A mão varreu a mesa e jogou os pôsteres de Grace ao chão. Lila tombou no chão e arfou por ar.

Um tiro estrondou no corredor.

Por favor, não me deixe morrer. Seu lado esquerdo sentia como se estivesse queimando viva. Enquanto fechava os olhos, a mente ficou nublada. Foi envolta por um lençol de gelo, rolando, subindo e descendo em um território distante, escuro.



QUANDO LILA ACORDOU, seu mundo estava densa e confusamente acinzentado. Ela não sabia por quanto tempo havia subido e descido na gangorra da consciência, mas eventualmente ela seguiu em direção da luz e abriu os olhos em pequenas brechas. Suas pálpebras pareciam ter uma pedra amarrada em cada cílio. Não importava quanto tentasse, nem sua força de vontade, ela não conseguia afastar a sonolência.

De costas, ela não conseguia se mover porque seu braço direito estava amarrado e uma agulha, conectada a um tubo intravenoso, estava enfiada nas costas de sua mão direita, colada com esparadrapo. Seu braço esquerdo estava engessado e algo pressionava o peito. Quando mudou a posição do ombro em meio centímetro, o esparadrapo repuxou sua pele.

Ela olhou as paredes brancas nuas e uma tela de TV sem nada. Através das persianas, o Sol poente brilhava em faixas finas sobre seu cobertor. Uma cortina estava enrolada, parcialmente em casulo, em um dos lados ao pé da cama. Ela ouviu solas de borracha guincharem levemente sobre chão de linóleo e sentiu o cheiro de alvejante e pétalas de flores machucadas.

O que aconteceu? Como vim parar aqui? De repente, ela lembrou que levou um tiro. *Um tiro, meu Deus. Tiro!* Em um momento ela estava sentada em sua mesa, no outro estatelada no chão, morrendo em uma poça do próprio sangue.

Contudo, não estava morta. Estava em um hospital. Ela estava viva!

Ainda assim, ela poderia morrer ou ficar permanentemente desfigurada.

Lila estremeceu e seu remédio para dor entrou em ação, amarrando seu cérebro com cordas douradas que restringiram seu medo. Seu mundo dissipou-se novamente em uma confusão cinzenta.

Duas horas depois, Lila acordou, sentia-se deitada no fundo de um oceano, mergulhada em uma nuvem de tinta de lula. Ao tentar lembrar o que havia acontecido, parecia perseguir lembranças que corriam mais depressa que ela: dor generalizada, esmagadora. Sob sua bochecha o carpete encharcado com seu sangue. Seu estômago trêmulo e doente.

Um paramédico barbudo curvando-se sobre ela vestindo um impermeável amarelo. “Meu nome é Carlos. Qual é seu nome? Consegue me dizer? Não consigo escutá-la.” Carlos estudando seu rosto, franzindo os lábios, se esforçando para ouvir. “Isso, Lila, muito bom.”

O som de uma caixa metálica sendo aberta. Instrumentos chacoalhando. Tesouras cortando a parte da frente de sua gola rolê ensanguentada. Ar frio sobre seu tórax e braços expostos. O cheiro de álcool. Gaze sendo esfregada nas costas de sua mão. Uma picada. Carlos: “Nós vamos injetar fluidos intravenosos e sedá-la para colocar um tubo respiratório.” Sua consciência mergulhou como um cisne nas águas frias e escuras do esquecimento.

Pálpebras tremendo contra a luz. Motores apitando e vibrando. Números digitais brilhando em luz verde. Cristina secando lágrimas que corriam pelas bochechas com um lenço amassado em bola. Suas articulações brancas azuladas.

Cristina: “Lila? Lila?”. Ela buscando o rosto de Lila, como para se certificar de que estava ali mesmo. “Você ficará nova em folha.” As palavras de Cristina, precisas e entrecortadas demais, soando como se devessem tranquilizar a si mesma tanto quanto a Lila.

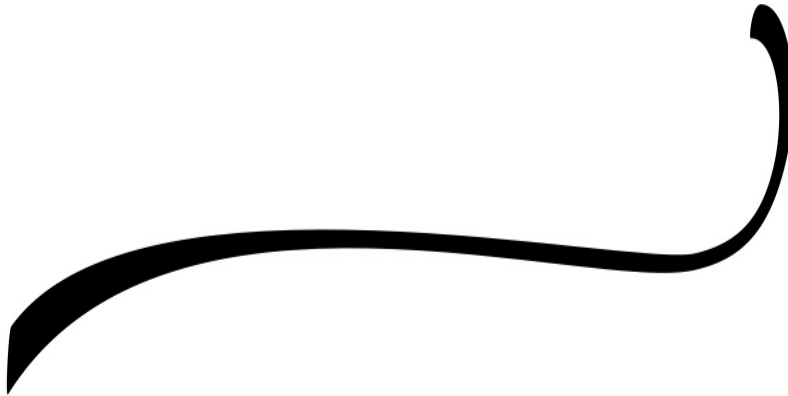
Lila querendo perguntar se outras pessoas do escritório foram feridas, e dizer à Cristina como ela estava agradecida de ter sua amiga mais querida por perto. Não conseguindo elaborar as palavras.

Cristina: “Estamos aqui por você, Lila. Nós a amamos.”

Lila querendo dizer “graças a Deus que você está aqui. Também amo você.”

A mão fria de Cristina alisando o cabelo de Lila para trás de seu rosto, do jeito que sua mãe fazia quando estava doente. Drogas desligando seu cérebro e transportando-a para longe.

Com o cérebro cheio de neblina, contra a qual não tinha coragem de lutar, Lila flutuou de volta ao sono.



Acordou com o luar sobre o cobertor. Uma lâmpada fosforescente de baixa voltagem havia sido ligada sobre sua cabeça. Sua mente havia clareado o suficiente para deixar de sentir que estava tateando, vendada, em uma floresta, mas choque, confusão e medicamentos ainda atormentavam seu cérebro.

A TV de sua colega de quarto piscava com imagens borradas do outro lado da cortina de privacidade, enquanto um apresentador com uma voz grave descrevia uma enchente nas montanhas de Santa Cruz.

“Houve outra tragédia hoje”, ele disse. “Vamos falar agora com Sasha Pinsky, que vai nos contar sobre o tiroteio no prédio Crockett, na rua Post.”

O coração de Lila afundou. Desesperada para ouvir o que Sasha Pinsky diria, ela se esforçou e procurou as cores indistintas da TV de seu leito, em busca de imagens que lhe diriam o que havia acontecido.

“Sim, Mike”, disse Sasha. “Atrás de mim, no quinto andar, fica o escritório Weatherby e Associados, uma das firmas de relações públicas mais antigas e conhecidas de São Francisco. Nesta manhã um homem saiu em matança aqui. Ele atirou e matou sete empregados e feriu mais três.”

Lila engasgou. Seus pulmões pareciam estar esmagados. Ao tentar respirar, seus dentes começaram a bater.

“Os três feridos estão no Hospital Geral de São Francisco”, disse Sasha Pinsky. “Dois estão em condição satisfatória. Um em estado crítico.”

Estou em estado crítico? Meu Deus, quem morreu?

Como se estivesse lendo a mente de Lila, Sasha Pinsky complementou: “Até agora a polícia não divulgou os nomes das vítimas.”

“Alguém tem ideia de como isso aconteceu?” perguntou Mike.

“Ainda não. Yuri Makov, o suposto atirador, atirou e se matou antes da polícia chegar. Disseram apenas que ele era um imigrante russo que trabalhava como zelador para a firma nos últimos oito meses.”

O corpo de Lila tremia. Seu cérebro urrava. *Sete mortos, três feridos*. A ficha não caía. Ela não conseguia entender a magnitude da tragédia. Era muita coisa para captar de uma só vez.

Lágrimas escorreram dos cantos de seus olhos em seu cabelo, se espalhando sobre o travesseiro. Os lençóis, que até então estavam engomados, ficaram moles e úmidos com suor. Nunca, desde a morte de seus pais, ela precisou tanto deles. Nem mesmo as drogas poderiam espantar a tristeza e o medo.

Até uma enfermeira lhe dar um sedativo que a apagou novamente, Lila repassou a cena de Yuri Makov apontando a arma em sua direção e disparando o gatilho. Repetidamente, ela ouvia o estouro e sentia o cheiro de queimado. Ela viu o rosto contorcido, tão real quanto se ele estivesse perto o suficiente para que ouvisse seus batimentos cardíacos. E sobre o pescoço ela sentia o hálito acre do Terror.



Na manhã seguinte, o doutor Lovell, chefe da equipe médica de Lila, deve ter percebido que, psicologicamente, ela estava arrastando uma bola com corrente de ferro sobre o piche. Quando ele puxou uma cadeira perto de sua cama e estudou seu rosto, sua expressão endureceu, como se achasse que ela havia inspirado o

quadro “O Grito”, de Edvard Munch. Ele sentou ao seu lado e olhou em seus olhos azul-marinho que pareciam pretos contra as bochechas pálidas. Ele perguntou: “Então, como estamos? Estamos bem?”

“Já estive melhor.”

“Imagino.” Um homem robusto, com um bigode incompativelmente delicado, como a penugem de um patinho amarelo, o doutor Lovell cruzou uma perna sobre a outra, de modo que a dobra de sua calça despontasse, afiada e limpa como a lâmina de uma faca. “Bem, tenho boas notícias para você. O assassino usou uma arma calibre 38. Ele atirou em você por tal ângulo que a bala atravessou seu peito e se alojou em seu braço.”

“Isso são boas notícias?”

“Com certeza. Se ele tivesse atirado de frente com algo como uma Terminator Magnum, a bala teria rasgado seu coração, ou pulmão, ou ricocheteado em uma costela e parado em Deus sabe onde. Alguém a estava protegendo. Você deveria agradecer suas estrelas guias.”

“Nossa.” Lila estremeceu.

“Você tem apenas ferimentos musculares, um úmero fraturado e danos nos músculos e nervos. Teremos que aguardar e ver como os nervos vão se curar.

Assustada, Lila sentou mais ereta, mesmo que doesse ao se mexer. “Tem que curar. Tenho que voltar a trabalhar e economizar. Quero voltar à minha arte.”

“Você vai voltar, se não tiver complicações.”

Complicações? “Você acha que eu terei?”

“Vamos esperar que não.” Ao juntar as mãos sobre sua prancheta, o jaleco branco e engomado do doutor Lovell crepitou.

Ficar esperando que não houvessem complicações era longe de ser encorajador. Lila queria garantias. Ela estava prestes a perguntar que complicações poderia ter — e se passaria a viver com meio peito — quando o doutor Lovell empurrou, com os dedos, um pedacinho de linha de suas calças imaculadas e perguntou: “Alguém já conversou com você sobre buscar apoio psicológico?”

“Não.”

“Eu não sou especialista, mas você é uma candidata a ter estresse pós-traumático. Você sabe disso, não é? Você parece irritada e deprimida.”

“Eu acabei de levar um tiro”, ela o lembrou. Ela merecia aquela irritação e depressão.

“Entendo, mas algumas pessoas lidam com isso mais facilmente que outras”, disse o doutor Lovell. “Você teve algum *flashback*?”

“Não consigo tirar o que aconteceu da minha cabeça.”

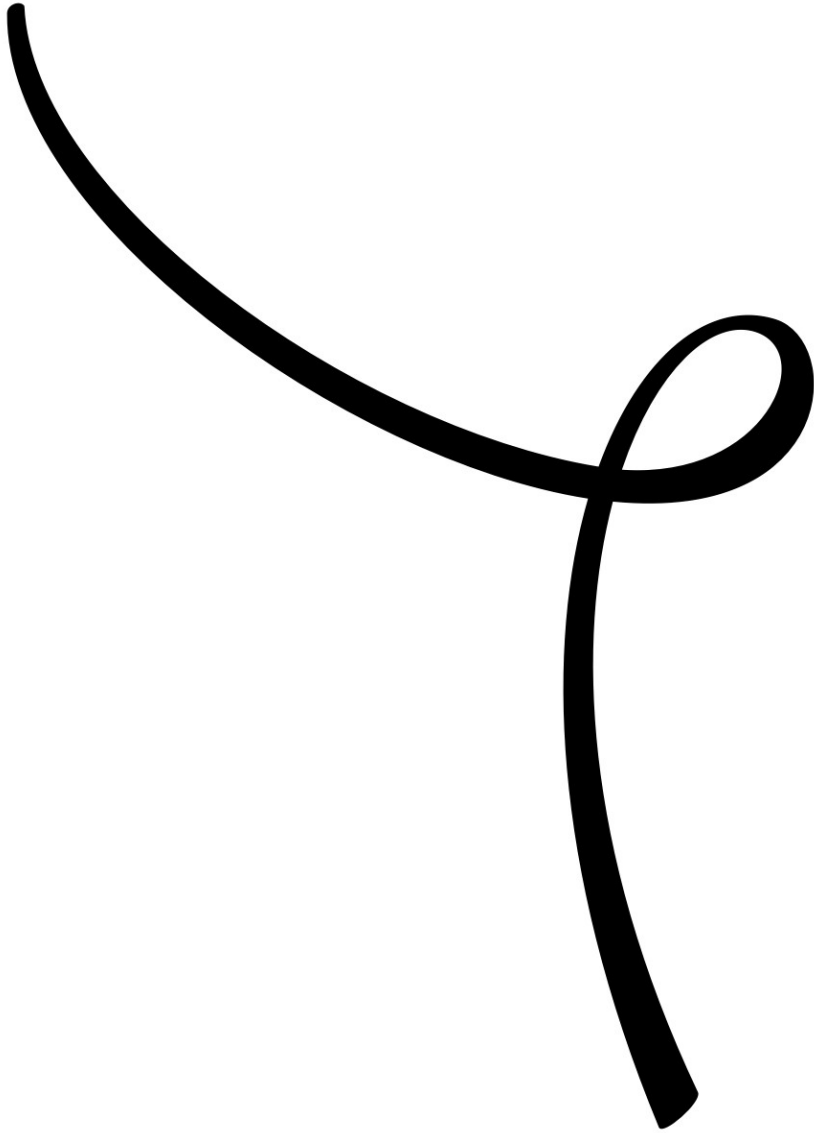
“Um psicólogo poderia ajudar.”

Lila achava que não, não enquanto o Terror estava entranhado nela e sentia que havia sido achatada por um rolo compressor. Ela afundou ainda mais no travesseiro. “Eu agradeço a sugestão, mas prefiro ajeitar as coisas sozinha.”

“Você quem sabe.” Doutor Lovell viu as horas.

Antes de Lila conseguir fazer perguntas, ele se levantou e foi em direção da porta.

Espera! E as complicações? E meu peito? O que vai acontecer agora? Ela estava muito fraca para chamá-lo. Com a educação que sua mãe lhe havia dado, Lila disse “obrigada” para a cabeça virada.



CRISTINA A VISITAVA todos os dias. Quando o colega de quarto foi embora, Cristina passou a dominar o quarto. Ela dispunha cartões de melhoras no parapeito da janela e nas mesas, arrastava as cadeiras do corredor para apoiar as flores, bichos de pelúcia e caixas de doces que pessoas gentis mandavam. Ela amarrava balões nas maçanetas e ao pé da cama e foi à casa de Lila atrás de artigos de higiene pessoal, livros e roupas, que ela deixava sobre a cama vazia.

Cristina trouxe também notícias dos empregados do Weatherby que haviam morrido. Ela contou como a bala atravessou a medalha de São Cristóvão que Emily usava no pescoço, e a cesariana inútil para salvar o bebê de Madeline, a redatora-chefe. Cristina descreveu as marcas que Edmond, o vice-presidente de *marketing*, arranhou no pescoço de Yuri, depois de ter pulado sobre ele, por trás, e a capa de chuva que Max, um designer gráfico, ainda usava quando uma bala o matou.

Lila continuava deitada na cama, ponderando esses detalhes como se tentasse decifrar a pedra de Rosetta. Apesar de sua mente não conseguir processar a tragédia, ela aguardava informações sobre o que havia ocorrido. Trocava os canais da TV a todo instante, procurando notícias.

Uma manhã ela parou em uma repórter segurando um guarda-chuva vermelho e branco em frente ao prédio Crockett. Enquanto pedestres de colarinho branco passavam por trás dela, ela disse: “a polícia divulgou a foto de

Yuri Makov, o suposto atirador”. Quando a foto de Yuri apareceu na tela, Lila, apesar da febre e dores, sobressaltou-se e sentou na cama.

Só de ver a foto ficou com náusea, e mesmo assim não conseguia tirar os olhos dela. Ele parecia dez anos mais jovem — talvez no final de seus vinte anos — e seus olhos brilhantes e bochechas cheias o deixavam quase angelical, como o Cupido que havia crescido e abandonado a vida de arqueiro e nudista. O cabelo, enrolado na altura do colarinho, e um elegante lenço branco saindo do bolso de seu terno. Com uma expressão simpática, não havia nenhum sinal de capacidade para a violência. O que o havia transformado em um assassino?

A repórter enfiou uma mecha desobediente atrás da orelha e disse: “Eu conversei com todos os policiais que encontrei essa manhã. Eles ainda estão tentando entender por que alguém cometeria um crime tão hediondo assim, mas até agora não têm nenhuma resposta.”

Um apresentador com uma gravata cor de berinjelela que não combinava com seu cabelo ruivo interrompeu: “Maria, eles têm alguma teoria?”

“Ainda não. Ainda estão questionando as pessoas, mas até agora ninguém quis especular sobre o que poderia tê-lo levado a sair em matança.”

“Talvez tenhamos algum *insight* por aqui”, disse o apresentador. “Eu estou com o doutor Alan Leibowitz, um psicólogo da universidade da Califórnia, no estúdio. Ele é consultor em prevenção de estresse e violência nos Correios, onde esse tipo de tragédia já aconteceu antes. ‘Síndrome do carteiro’¹, dizem alguns?”

“Sim.” Os olhos do doutor Leibowitz pareciam duas uvas-passas enfiadas no rosto de massa. Ele estava inquieto e olhou timidamente a câmera.

“O que causa essa síndrome? Alguém sabe?” perguntou o apresentador.

Como um cachorro, Lila empinou as orelhas para ouvir.

“Uma das causas principais é pressão no trabalho. Se tem alguém com problemas emocionais e você faz com que trabalhe horas extras em excesso, deixa de promovê-lo ou demite pessoas à sua volta para que se sintam inseguro...”

“Aí isso pode levá-lo a tomar tais atitudes?”

“Possivelmente.”

No entanto, nosso escritório era um lugar amigável e tranquilo, pensou Lila. Sem horas extras ou cortes, e para que cargo Yuri Makov esperava ser promovido?

“Trabalhar com um chefe disfuncional também pode afetar alguém nesse nível”, continuou o doutor Leibowitz. “Se houver ressentimentos em relação a uma atitude autoritária de um supervisor, pode ser como jogar um fósforo aceso em gasolina. Algo trivial pode fazer uma pessoa frustrada explodir de raiva.”

Lila lembrou que ela e Yuri tinham a mesma chefe, Agnes Spitzmeier, a gerente do escritório. Ela não era um carneirinho carinhoso, mas não era uma tirana. Não poderia tê-lo levado a atirar nas pessoas.

“É uma firma de relações públicas? Dá para acreditar que algo ali poderia ter criado esse tipo de explosão emocional?” perguntou o apresentador.

Lila prendeu a respiração para ouvir a opinião do acadêmico.

“Eu não conheço os detalhes daquele lugar em que aquelas pessoas levaram tiros há cinco dias, mas o atirador provavelmente tinha mágoas. Ele deveria estar com raiva de alguma coisa.”

E nossa raiva dele? Não dá para sorrir e perdoar alguém que tentou matá-lo. Lila desligou a TV e se deitou novamente na cama. Virada para a parede, ela ficou refletindo sobre a possível mágoa de Yuri Makov, até que sua raiva começou a ter gosto de molho de pimenta.

Como algo tão ruim poderia ter acontecido com pessoas decentes como nós do Weatherby?, ela se perguntou. Como foi que ela não conseguira ver o que estava para acontecer? Lila normalmente era boa em julgar caracteres, e Yuri não parecia do tipo louco e assassino. Como sua percepção dele poderia ter sido tão diferente da realidade?

E por que ele atirou em todo mundo? Por quê? Mais do que qualquer coisa, era isso que Lila queria saber. Ela precisava dar sentido ao que havia acontecido. Além do horror do tiroteio, a pior parte era não entender o motivo da violência de Yuri.

Cristina tinha dito que ela nunca entenderia. “É inútil perguntar-se por quê. Deixe quieto! Ele era um louco. Nenhuma pessoa sã atiraria em um monte de pessoas.”

“Não pode ser tão simples assim. Deve ter algo por trás disso”, disse Lila.

Com impaciência, Cristina acenou a mão no ar. “Esqueça isso. Ele era pirado. É só o que você precisa saber.”

Contudo, Lila não aceitava uma explicação tão geral assim. As motivações de Yuri Makov tinham que ser específicas, como o que o enlouqueceu e o que o transformou em um assassino.

Tudo que aconteceu deveria ter um motivo, não importa quão pequeno fosse.

Na escola, o senhor Hamilton, professor de Física de Lila, falou um dia sobre o efeito borboleta. Ele balançava uma perna sobre a beirada da mesa e jogava uma caneta marca-texto de uma mão para outra. “Às vezes

a menor das diferenças no começo de algo pode levar a diferenças enormes no final”, ele disse. “Tome como exemplo uma borboleta. Com as condições climáticas corretas, se ela bate as asas no Brasil, pode causar um furacão na Flórida.”

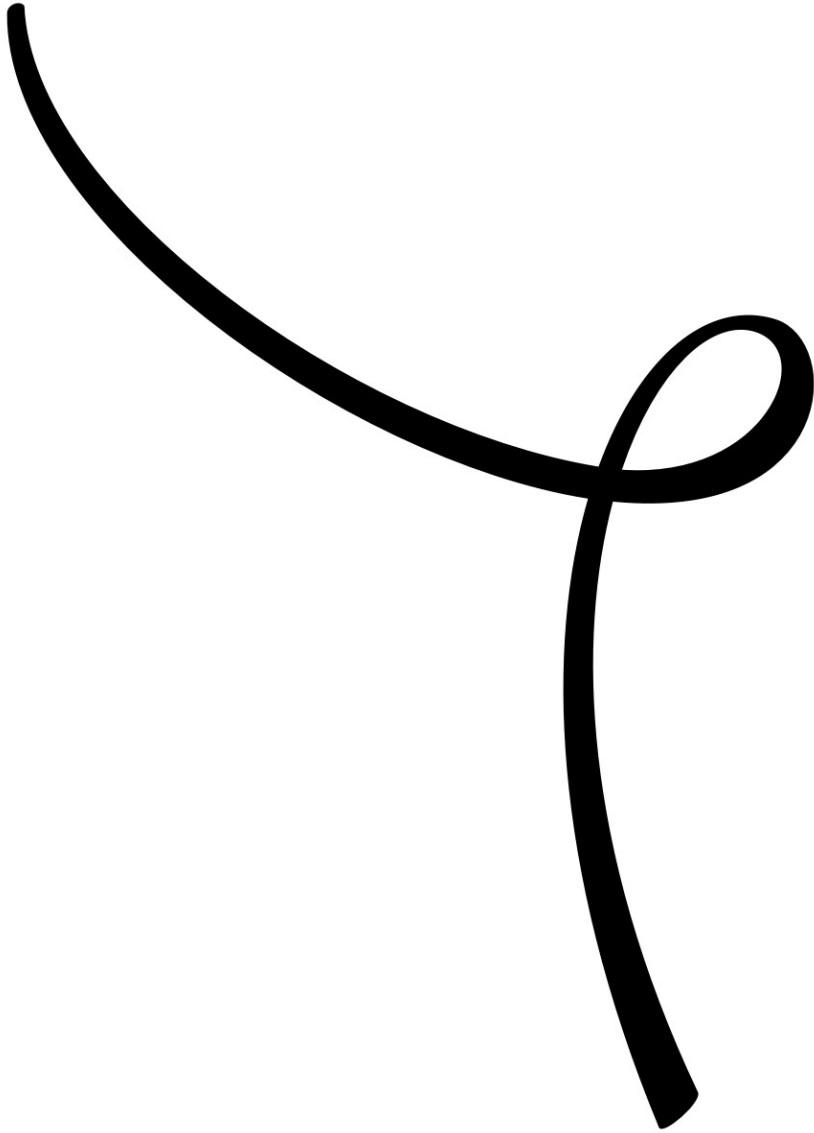
Na sua mesa Lila imaginou todas as pessoas desesperadas em Fort Lauderdale, martelando tábuas de madeira sobre as janelas, gritando para seus filhos entrarem no carro e dirigindo em direção ao Oeste o mais depressa possível. Certamente, nenhuma estaria pensando: “aquela fera Monarca agitando tudo lá para baixo, naquela árvore de mogno perto de São Paulo. Que idiotinha cruel”. E, ainda assim, ela deve ter sido a causa de todos os problemas deles.

A vida funcionava assim. Às vezes um leve sussurro de alguma força poderia ter consequências enormes. Mesmo não conseguindo ver por que algo havia acontecido, de alguma forma, em algum lugar, deveria ter uma explicação.

Lila puxou o lençol até as orelhas e disse a si mesma que, após aquele desastre, não dava simplesmente para passar o resto da vida traumatizada. Ela tinha que superar, tinha que fazer alguma coisa — e ela ia entender por que Yuri atirara em todo mundo. Senão, sentiria para sempre que estava vivendo em uma terra de ninguém, em que tudo era loucura, violência acontecia sem razão nenhuma, e ninguém sabia nada sobre causa e efeito. Em um lugar assim, ela nunca se curaria ou teria paz; não conseguiria sair da cama de manhã. Qualquer pessoa que sofreu o terrorismo conseguiria entender isso.

Ela se desfez das cobertas e passou pelos canais de TV novamente, com esperanças de encontrar algo que a ajudasse a compreender Yuri Makov. Tudo que via, porém, eram programas de esportes e novelas — e o “porquê” continuava incomodando-a. Prometeu a si mesma que continuaria a busca até encontrar uma resposta, a fim de retomar o controle de sua vida. Com sua mão funcional, ela desenhou, determinadamente, círculos sobre a testa.

¹ *Going postal*: expressão popular norte-americana que se refere aos vários casos de trabalhadores dos Correios que cometeram crimes semelhantes ao do personagem Yuri Makov. (N.T.)



QUANDO LILA ESTAVA no último ano da faculdade, ligou para seu pai para anunciar que abandonaria os estudos para se dedicar à pintura em tempo integral. Ele era jornalista investigativo e levava muito a sério a ideia de ver sua única filha com um diploma e uma carreira.

“Pelo amor de Deus!”, ele gritou ao telefone. “Você não pode largar a escolha. Um diploma vai ajudá-la a conseguir um trabalho decente.”

“Eu só quero pintar.”

“Ummmmf”, sua versão resumida de um grunhido. “Lila, escute. Será que uma vez na vida dá para você tentar não ser cabeça-dura?”

Ela imaginou seu rosto, vermelho sempre que alguém o deixava zangado. Seus dentes travavam no cachimbo, que ele deixara de encher com tabaco depois do ataque cardíaco quatro anos antes. Ele estaria balançando a cabeça, exasperado, fazendo sinal para a mãe de Lila pegar o telefone e apoiá-lo.

Antes de Lila ceder e concordar em terminar os estudos, ele disse: “Você tem que conseguir tomar conta de si mesma. Você tem que ser independente.”

Ela ouvia isso do pai desde que tinha três anos e não entendia o que era independência. Os cadarços estavam chicoteando o chão, e ela pediu: “Pai, conserta isso?”.

Forte como um carvalho, ele apoiou as mãos no quadril e olhou para baixo, para ela. “Você já é uma menina grande. Aposto que consegue fazer isso sozinha.”

Sentaram juntos no chão, e ele amarrou e desamarrou várias vezes o cadarço dela. “Agora é sua vez”, ele disse. Ela se esforçou durante meia hora, até que laços de cadarços ficassem encravados em sua mente para o resto de sua vida.

À medida que crescia, seu pai atarraxou independência nela para que estivesse em controle em todas as situações. Em viagens de mochilão, ele a ensinou como sobreviver na selva caso o avião caísse nas montanhas e ela tivesse que esperar por ajuda. Antes de começar a faculdade, ele a pôs em aulas de caratê, para que se protegesse, de noite, no campus, sozinha. Depois, ele ensinou como trocar pneus e como montar um *kit* de primeiros socorros, para seus futuros carros e queimaduras.

Porém, ele não preparou Lila para levar um tiro, ou virar a nova mulher dependente que Cristina estava, agora, empurrando na cadeira de rodas pelas portas de vidro do hospital, segurando como um vaso frágil e ajudando a entrar no carro. O pai de Lila também não a preparou para ter seu cinto afivelado por Cristina. “Prontinho!”, disse Cristina. Lila podia ser sua filha, Rosie, de cinco anos.

“Obrigada, Cris. Você está sendo maravilhosa. Não consigo dizer quanto estou agradecida”, disse Lila.

Contudo, era difícil ser carente — e sair do hospital. Ela se sentia mais segura lá que no mundo afora, onde alguém poderia atirar nela, mesmo que o chutasse e mordesse e socasse com seu gesso. Se Cristina batesse o carro e começasse

um incêndio, Lila também não poderia desfazer o cinto de segurança, abrir a porta e sair do carro. Ela morreria queimada em minutos.

A vulnerabilidade doía, e sua mente racional não conseguia domar sua ansiedade, que gelava as mãos. Ela mordeu seu lábio inferior e sondou a rua, atrás de homens armados, enquanto Cristina, com suas curvas atraentes, dava a volta no Volvo até o lado do motorista.

Ela sentou-se ao volante e entrou na rua. Enquanto atravessava o parque Golden Gate, mencionou a tarde ensolarada e os narcisos floridos à beira do lago. Feliz e contente, disse: “A primavera finalmente chegou!”

“Verdade”, respondeu Lila, tentando parecer entusiasmada. Contudo, o sol brilhante da primavera a tornava um alvo mais fácil para um tiro, e ela gostaria muito de ter janelas com películas escuras.

Ao se aproximar da baía de São Francisco, Cristina saiu apontando desde a floresta de pinhos às velas esvoaçantes dos barcos. “Olhe. Que lindo!” Ela olhou Lila de relance, esperando uma resposta empolgada.

“Verdade”, disse Lila novamente. Ela manteve os olhos na estrada, para avisar Cristina se ela começasse a desviar. Se elas caíssem na água, Lila não conseguiria nadar com os braços no gesso. Ela se afogaria.

Com os dedos, Cristina penteou os cabelos escuros que deixava soltos e sensuais à altura dos ombros. Ela deu um tapinha no joelho de Lila. “Terra chamando Lila. Responda, Lila.”

Era para Lila rir, e ela queria rir. Contudo, uma pequena curva nos cantos da boca foi tudo o que seu mal-estar permitiu. Acostumada a amar andar de bicicleta naquele mesmo lugar, teria preferido passar por ali, hoje, em um tanque anfíbio. Lila e Cristina atravessaram a ponte Golden Gate em silêncio.



Cristina passou por um túnel e entrou na estrada, em direção a Mill Valley, a pequena cidade em que morava — e para onde convidara Lila a ficar durante uma semana, até que conseguisse ficar sozinha em seu apartamento. Ao longe, se elevava o monte Tamalpais, conhecido como a “Senhora Adormecida”, por causa de seu formato humano reclinado contra o céu. Contudo, na mente de Lila ela não estava adormecida; parecia que alguém havia atirado nela, e ela estava deitada, ferida, sobre os montes.

Lila e Cristina desceram a avenida Miller, passando por ameixeiras floridas e comércio agitado: feira, brechós, a loja de arte Óleo e Água, a de chocolates da Elsa, a de molduras, e o restaurante chinês da Jenny. Depois de atravessar a rua principal de Mill Valley, em que cestas com petúnias ficavam penduradas dos postes, Cristina e Lila pegaram a avenida Emerson e seguiram um riacho floresta adentro.

Cristina virou em uma rua sinuosa e estreita e continuou subindo a montanha até chegar em sua casa. Lila sempre a achou charmosa, o tipo de lugar em que João e Maria teriam deixado uma trilha de migalhas de pão para chegar, através da floresta. Hoje, porém, com seu mal-estar, as paredes de pedra cobertas de hera e as portas e janelas cor de chumbo a faziam pensar em um castelo enfeitado por uma bruxa, e as glicínias entrelaçadas à estrutura de ferro da varanda pareciam sufocar.

Ao entrar na garagem, Lila voltou o olhar para a baía de São Francisco que, antes, parecia uma joia brilhando ao longe. Contudo, agora, a cidade tinha perdido a mágica; era um lugar de tiroteios e assassinatos, uma mistura de prédios perturbadores aglomerados sobre morros.



Cristina guiou Lila até a porta da frente, que tinha dez vidraças rajadas antigas. Os dois poodles arranhavam a vidraça de baixo com suas unhas afiadas e uma golden retriever desleixada, com uma bandana vermelha amarrada no pescoço, pressionava o focinho na vidraça perto da maçaneta.

Lila gelou ao ver o retriever. Tinha que ser Grace, e ela parecia muito mais ameaçadora que no pôster. Ela tinha sarna nas costas, que dava para ver na fotografia; sarna poderia deixá-la irritável e, portanto, mais propensa a atacar. Seu rosto inquieto parecia contemplar mordidas. Apesar dos caninos estarem escondidos, com certeza eram afiados.

“Grace não é adorável? Estou tomando conta dela por um tempo”, disse Cristina.

“Eu achava que ela estaria com seu amigo. O da foto.”

“O Adam. Ele não pôde levá-la, então topei.”

“Você não me disse que ela estaria aqui.”

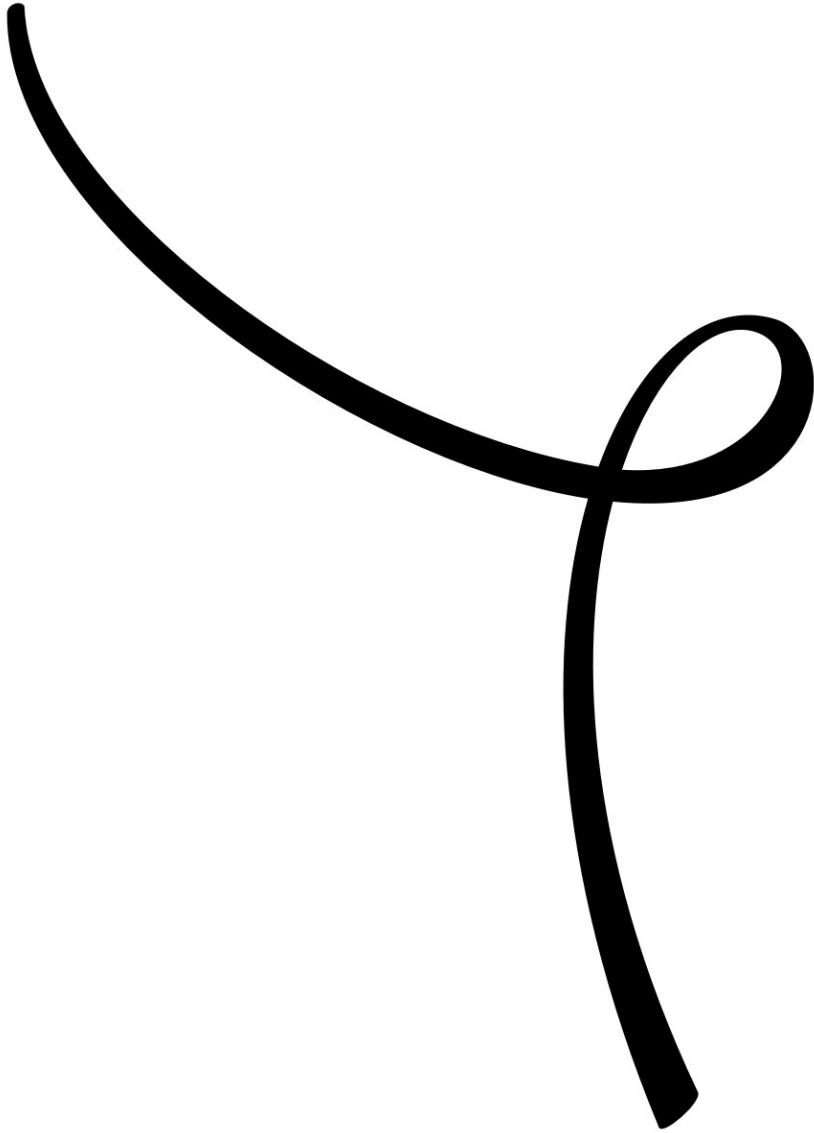
“Se tivesse, você teria insistido em ir para casa. Você esquece quão bem eu a conheço”, Cristina sorriu. “Você vai amar Grace. Ela é um amor.”

“Ameça”, foi a palavra que Lila teria usado. Ela congelou ao perceber que ia dividir uma casa com um animal que a qualquer momento poderia mostrar os dentes e atacar. Não dava para saber o que um cachorro daqueles faria.

Cristina colocou a chave na fechadura. Quando abriu a porta, os poodles latiram e pularam nela. Grace teve a decência de sair da frente, mas havia algo de errado com sua perna esquerda da frente, então ela foi mancando até um canto e se largou no chão. Seu olhar furioso informou Lila que ela havia captado seu medo de cachorros e desaprovava sua invasão da casa. Se cachorros falassem, Lila estava certa de que Grace teria dito: “esta é minha casa, sapo odiável. Por que não vai embora?”

Cristina deve ter percebido a desconfiança no olhar franzido de Lila. “Não se preocupe. Sério mesmo, Grace é muito tímida. Ela não machucaria uma mosca.”

Lila entrou de lado pela porta, para melhor olhar o cachorro nos olhos e desafiá-la a virar selvagem. Lila e Grace se analisaram com desconfiança mútua. Quando Lila entrou, Grace bocejou, expondo seus caninos e duas arcadas de dentes de dar inveja a um tubarão. Depois ela deitou-se novamente. Lila manteve distância.



NOS PRIMEIROS DIAS na casa de Cristina, Lila ficou na cama do quarto de hóspedes querendo a volta de sua força. Contudo, acabou aprendendo que força não era algo que obedece vontade, ordem ou controle. Era um presente, e acontecia no seu tempo, assim como paz, que Lila tinha tão pouco. Durante o dia ela suava ao ter *flashbacks*; de noite acordava gritando por ajuda em um pesadelo repetido em que homens arrombavam a porta de seu apartamento e atravessavam o chão de cascalho para matá-la.

Também preocupante era a partida iminente de Cristina. Um dia depois de Yuri ter atirado em Lila, o marido de Cristina, Greg, um advogado ambiental, começara um trabalho de consultoria junto à Agência de Proteção Ambiental, em Washington. Cristina havia ficado para fazer as malas e cuidar de Lila, mas ela e sua filha Rosie logo se juntariam a ele. Eles eram a coisa mais próxima de uma família para Lila — e ela temia quanto sentiria falta deles.

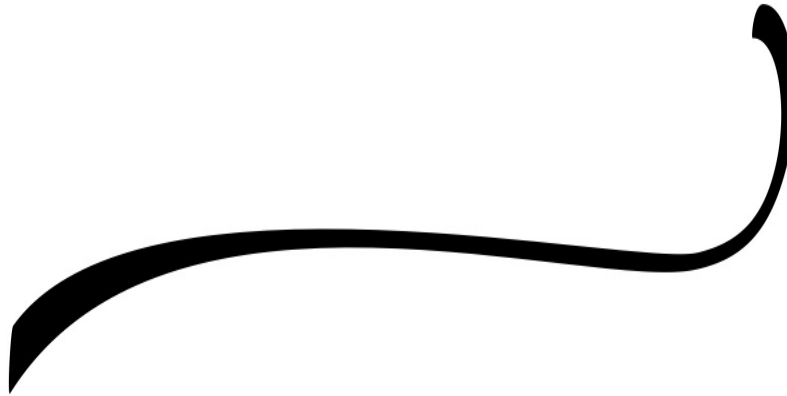
Várias vezes ao dia ela se apoiava sobre o almofadão de veludo cotelê azul e fazia respirações profundas, calmantes. Ela observava as árvores pela janela para receber o que Cristina chamava de “terapia da sequoia”, que supostamente a acalmaria e animaria, e ela cochilava e escutava jazz no iPod.

À tarde, Rosie entrava no quarto de Lila depois de chegar do jardim de infância e elas jogavam cartas. Ou sentavam na cama e “viajavam”, como faziam no Volvo de Cristina; Rosie, usando óculos escuros e um boné de

beisebol, com o rabo de cavalo passando pela parte de trás, dirigia Lila até o Polo Norte para ver o que o Papai Noel estava aprontando e até a Lua, para buscar suco de maçã e biscoitos.

Lila e Rosie também brincavam com Gerald, seu amigo leão imaginário, que tinha bafo de antílope. Elas criavam menus especiais para alimentá-lo: suflê de bico de flamingo com bolinhos de raios de Sol; dedos de avestruz salteados em cama de grama do pântano; rabo de zebra com molho de manteiga de amendoim, acompanhado de salada de tomate e cílios de hipopótamo. Enquanto Lila desenhava Gerald como o orgulho dos companheiros, Rosie desenhava um retrato de Lila, com os dedos pulando para fora do gesso como pernas de aranha eletrocutadas.

Ocasionalmente, enquanto Lila e Rosie estavam juntas, os poodles passavam correndo loucamente de uma ponta à outra do corredor. De vez em quando Grace passava por perto, com os caninos brilhando mais que os de Gerald. Ela estava vindo, ou a caminho, de seu esconderijo preferido, debaixo da cama antiga com dossel de Cristina e Greg. Grace nunca entrava no quarto de Lila. Ela parecia saber que não era bem-vinda. *Ainda bem.*



No final de uma tarde, Cristina estava fazendo o jantar na cozinha e Rosie estava correndo atrás dos poodles no quintal. Lila passeava pelos canais da TV, esperando conseguir mais informações sobre Yuri Makov, como sempre, apesar de nos últimos dias a cobertura sobre o tiroteio ter diminuído para quase nula. De todo modo, a TV fazia companhia, que lhe era bem-vinda, uma vez que o Sol escorregara por trás da montanha e a floresta escurecera.

Inquieta nas sombras, Lila ligou a luz de sua mesa de cabeceira e manteve o volume da TV alto, a ponto de os repórteres parecerem estar dentro do quarto.

Enquanto manuseava o controle, passando de uma mulher do tempo para um apresentador de esportes, passos mais pesados que os de Cristina ressoaram no chão de madeira; no canto do olho de Lila algo se moveu. Ela disparou a cabeça para o lado para ver. Um homem com ombros largos em um suéter verde-musgo estava em pé, sob a soleira da porta. Ele era uns bons dez centímetros mais alto que ela.

Seu estômago deu um salto com vara até a garganta. O senso comum diria que aquele homem não estava ali para matá-la, mas seus nervos fragilizados cancelaram a lógica, e uma imagem de Yuri Makov na entrada de seu escritório lampejou em sua mente. Ela não podia correr atrás de Cristina na cozinha porque o homem estava bloqueando a entrada e encurralando-a tão definitivamente quanto Yuri. Seu coração estava disparado, ela pulou da cama para se defender e congelou, como um cervo iluminado por faróis.

Finalmente, conseguiu dizer um “Quem é você?”

“Eu sou...”

“O que está fazendo aqui?!” Enquanto Lila fechava sua mão boa em punho, as unhas cravaram a palma.

“Cristina me mandou vir aqui conhecê-la. Sou Adam Spencer.”

“Ah.” O sol raiou na paisagem mental de Lila. O cara da foto do pôster do cachorro. Se ele não a tivesse assustado tanto, ela talvez o tivesse reconhecido.

Ela repousou a mão sobre o coração para desacelerá-lo, mas pouco ajudou. Sair de um pico de adrenalina de medo leva um tempo. O cérebro de Lila corria tão depressa quanto seu pulso, então não conseguia encontrar uma resposta adequada para Adam, como “Prazer em conhecer”, ou “Eu sou Lila”. Em tom de acusação, ela soltou: “Você me matou de susto”.

“Não tenho nada de assustador”, ele disse, calmo como um monge. “Sou uma pessoa comum.”

Contudo, ele não era comum. Além de grande, tinha um belo rosto, do tipo que se imagina esculpido em pedra. Um nariz reto aristocrático. Lábios cheios. Olhos inteligentes. Dava para ver que nada os afetava, incluindo Lila em sua camisola de flanela desbotada com o braço cortado por causa do gesso. Hoje ela não tinha lavado o rosto ainda, nem penteado o cabelo.

“Você deveria ter batido na porta ou me avisado que estava vindo”, ela disse.

“Desculpe.” Contudo, seu remorso não pareceu particularmente sincero.

Ele não era sensível o suficiente para entender sua ansiedade, decidiu Lila, então não se preocupou em se explicar. Enquanto vasculhava a mente para saber o que dizer em seguida, Grace entrou mancando, chorando de alegria, e se jogou em Adam.

Ele se inclinou e a abraçou, deixando-a grudada em seus joelhos. Sua baba de alegria salpicava o chão. Ele murmurou “boa menina” e acariciou seus ombros com largos afagos. Ela gania e tremia. Se fosse um cachorro cantante, teria irrompido com “Castelo forte é o nosso Deus”, para mostrar para Adam como se sentia em relação a ele.

Lila agarrou o dossel da cama e se encolheu para longe de Grace, mesmo que isso colocasse apenas um centímetro a mais entre ela e aquele cão. Lila tinha quase se acostumado a estar na mesma casa que ela, mas não no mesmo quarto. E, agora que o humor do cachorro tornara de abatido para radiante, Lila tinha certeza de que Grace era bipolar — e mais imprevisível ainda.

“Não é para Grace ficar aqui. Você poderia levá-la embora, por favor?”, ela pediu.

“Ela não vai fazer mal a ninguém. Ela só está sendo ela mesma. Depois de tudo que passou, é ótimo vê-la feliz”, respondeu Adam.

“Eu não quero ela aqui.”

“Por que não?”

“Não sou fã de cães.”

Adam franziu os olhos, como se ela tivesse acabado de mencionar a lepra que havia contraído enquanto pagava pena na prisão de San Quentin.

“Eu tive uma experiência ruim com um cachorro”, Lila se defendeu.

Sem se importar em perguntar o que havia acontecido, ele disse “Grace consegue ajudá-la a superar isso. Ela é maravilhosa.” Seu tom era de julgamento. Ele estava agindo como se ela fosse tão digna quanto um espanador de pó.

Ele era, claramente, um fanático por cães. Lila o imaginou morando com uma matilha de enormes wolfhounds irlandeses, que lambiam leite derramado das bancadas da cozinha e babavam sobre hambúrgueres em tigelas metálicas. Enormes focinhos úmidos marcavam a janela traseira da camionete que ele usava para transportá-los para o parque todo dia. Para atravessar sua sala de estar, tinha que saltar entre as camas dos cachorros, grandes como barcas. As paredes da cozinha cobertas de faixas de premiação de campeonatos de cães.

Ele bagunçou o pelo da testa de Grace, fazendo parecer uma crista de galo. “Vem, Grace, vamos embora. Você não deveria ficar onde não a querem.” Ele gentilmente passou os dedos por baixo da bandana e a guiou para fora.

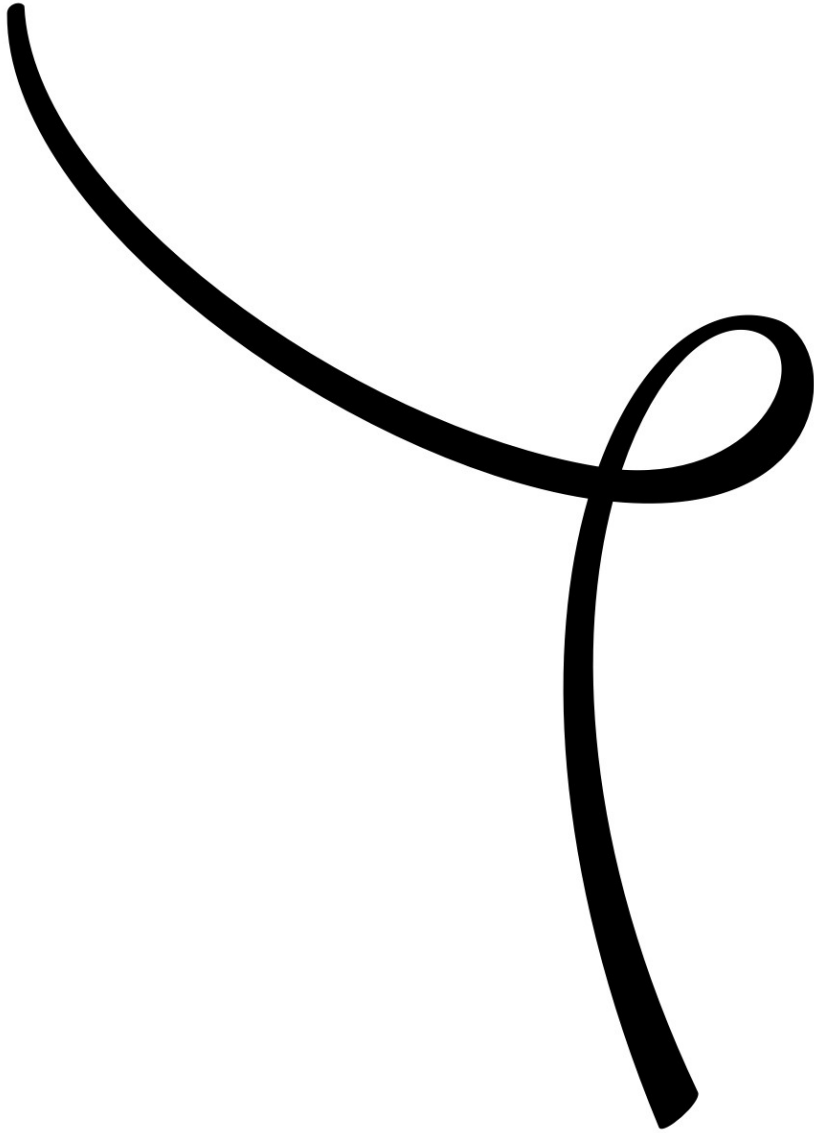


Na manhã seguinte, antes de Cristina levar Rosie para o jardim de infância, ela trouxe o jornal *Repórter* para Lila. Com olhos ávidos, ela leu rapidamente as manchetes da primeira página — a maioria sobre o caos no Oriente Médio e brigas no Congresso — e foi para a seção de notícias.

Ela estava buscando algum artigo sobre Yuri Makov, ou qualquer pessoa que também tivesse surtado e que a ajudaria a entendê-lo. Contudo, a única matéria que chegou perto de violência no trabalho foram dois parágrafos, na última página, sobre um assalto à mão armada em uma quitanda de São Francisco. O dono coreano deu a volta no balcão e agarrou o assaltante — com cerca de um metro e setenta, usando uma máscara de esqui preta e um capuz de flanela azul. Ele atirou na coxa do dono, e até então a polícia não tinha suspeitos. Pelo menos Lila teve a sorte de saber quem atirou nela, mas o artigo não trouxe nada de novo sobre a motivação de Yuri.

Ela sondou as sessões de entretenimento e negócios do *Repórter* e não achou nada relacionado à “síndrome do carteiro” lá. Decepcionada, dobrou o jornal e apertou a dobra do meio com força extra. Quando voltasse para seu apartamento, poderia buscar na internet informações sobre Yuri Makov, não precisaria desviar de Cristina dizendo insistentemente: “Ele era louco! Desencana”. Se Lila mencionasse aquele nome mais de duas vezes ao dia, Cristina fazia um discurso sobre obsessão e dizia para ela ir fazer mais terapia de sequoia.

Exceto pelo carrilhão do avô na sala e o barulho de um caminhão de lixo ao longe, montanha abaixo, a casa estava silenciosa. Desde que Adam Spencer a assustara, Lila passou a escutar os passos. A casa de Cristina estava do outro lado de um vale com uma floresta como vizinho mais próximo, Lila poderia gritar pedindo ajuda até ficar rouca — e ninguém a ouviria. Ela envolveu seu braço bom em volta de si mesma, mas era uma parca proteção. Há duas semanas, ela teria dito que a única coisa que lhe dava medo eram cães grandes e instáveis, mas depois de Yuri Makov, nada mais parecia seguro.



SEM OS TOQUES FEMININOS de Cristina, o recanto de Greg pareceria um escritório de advogado vitoriano. Ele tinha uma mesa antiga, uma parede com livro com capas de couro, uma poltrona e um sofá de couro verde-escuro com abas laterais e um quadro de um barco cortando a espuma de um mar tempestuoso. Cristina adicionou os copos-de-leite, estátuas de poodles, almofadas bordadas e uma manta com uma estampa de caça a patos selvagens sob a qual Lila estava encolhida no sofá. Hoje era a primeira vez que ela saía do quarto de hóspedes e tomava banho, desde que chegara ali. A mudança de ambiente a libertou.

Naquela manhã, Cristina cortou a manga da blusa de flanela mais velha de Greg e enfiou o gesso de Lila pela camisa, depois a abotoou e ajudou-a a vestir uma calça jeans. Apesar de Lila ter resistido à assistência, ela tinha que aceitar até conseguir manusear botões e zíperes com apenas a mão direita. Assim como ela aprendera a amarrar o cadarço quando era criança, ela teria que conquistar tarefas simples — trocar o curativo do peito, espremer pasta de dente na escova, puxar uma camisola pela cabeça, tomar banho com o braço esquerdo em um saco plástico, lavar e secar o cabelo. Às vezes, a lista era assustadora.

Ainda assim, ela se sentia melhor fora da cama. Apesar da camisa e jeans amarrotados, sentar-se, vestida, no escritório de Greg ajudava Lila a se sentir menos como alguém que levou um tiro e mais como uma pessoa normal. A única desvantagem do escritório era Grace, esparramada no chão, sobre um travesseiro. Mesmo fingindo estar dormindo, ocasionalmente ela abria um olho e mirava Lila, que via com certeza uma faísca maliciosa. Lila olhou

de volta para Grace e notou um grande poodle de madeira sobre o parapeito da janela que poderia servir de taco, se precisasse.



Grace estava descansando com o queixo sobre sua horrível bola de tênis, cheia de bactérias. Ela a tinha escavado no quintal, onde, provavelmente, estivera enterrada há duzentos anos. Cristina não parecia se importar com o fato de Grace trazer sua bola para dentro de casa, mas ela pingava baba e, com certeza, contaminava a casa como a sarna dela. Como sempre, porém, mais desconcertante que sarna e germes eram seus dentes, apenas a três metros.

Cristina colocou uma bandeja com guardanapos, xícaras de chá e um prato de pãezinhos doces sobre a mesa com tampo de vidro que, ainda bem, ficava entre Lila e o cachorro. Cristina beijou a ponta dos dedos do jeito que os garçons italianos fazem para dizer que algo está delicioso. “Vamos lá. *Mangia!* Não preparei isso para nada. Não quero que você fique invisível.” Depois de encher o escritório com um cheiro denso de canela, ela pegou um pãezinho e deu uma mordida.

Apesar do apetite de Lila ter desaparecido junto com a utilidade de seu braço esquerdo, para agradar Cristina ela pegou um pãezinho. A cobertura de baunilha derretia em sua boca. “Você é um amor, por fazer isso tudo por mim, Cris, mas não precisa se esforçar tanto. Sério, estou bem.”

“Não está. Você está com olheiras. Parece que alguém deixou você escapar de um calabouço.” Cristina tirou os mocassins e se acomodou na poltrona.

“Eu não pareço tão mal assim”, disse Lila.

“Talvez não tanto quanto na semana passada, mas você tem um longo caminho a percorrer.” Cristina engoliu o pãezinho em quatro mordidas e assoprou o vapor encaracolando sobre a xícara de chá. “Greg e eu decidimos por telefone, ontem à noite, que você não pode voltar pro seu apartamento neste fim de semana. Você não está bem o suficiente.”

“Não se preocupe comigo. Vou ficar bem.”

“Não é verdade. Você não conseguirá nem subir as escadas da porta da frente. Você precisa ficar aqui até Rosie e eu irmos embora, e depois você deveria ficar aqui tomando conta da casa.”

Lila balançou a cabeça. “Não conseguiria chegar a tempo no trabalho.”

“Você não precisaria voltar para o trabalho. Greg e eu vamos pagar suas contas e sua alimentação para que você não tenha nenhuma despesa.”

“Eu nunca vou deixar você fazer isso.”

“A gente quer que alguém fique em casa enquanto estamos fora. Deveria ser você.”

“Você nunca disse que queria alguém para tomar conta da casa antes.”

“Vimos que precisamos de alguém que ague o jardim. Esse verão vai ser supostamente seco.”

“Eu não posso juntar minhas coisas e mudar para cá.”

“Eu consigo fazer isso em um dia. Olha, você estaria nos fazendo um favor. Precisamos da sua ajuda.”

Cristina deu um gole do chá e o colocou na mesa. “Se você ficar aqui, pode pintar o tempo todo. Sei que você quer isso mais que tudo.”

Um golpe direto no coração de Lila. Ela não poderia argumentar contra isso, como Cristina sabia.

Estava subentendido que Lila queria ajudá-la, principalmente depois do que Cristina havia feito por ela nos últimos dezoito anos — e mais que nunca desde que Yuri atirou nela. Foram centenas de pequenas gentilezas, como bolos de aniversário, convites para ceia de Natal e canja quando Lila estava gripada. E foram centenas de momentos em que Cristina deu apoio moral. Depois da morte dos pais de Lila por uma infecção, com dois dias de diferença, no Peru, Cristina foi com ela atrás de vagas no cemitério. Quando a renda de Lila, como artista caiu para além de anêmica, Cristina encomendou um retrato de Rosie; e depois que Lila abandonou Reed, Cristina a convidou para sua casa, até que ela encontrasse um apartamento. Além de dever muito à Cristina, Lila a amava como irmã.

Mesmo assim, tomar conta da casa durante seis meses seria complicado. Uma bandeira dizendo “seja independente” atravessou o céu interno de Lila. Apesar de Cristina dizer que ela e Greg precisavam de ajuda, Lila tinha uma sensação incômoda de que eles queriam ajudá-la. Mesmo com boas intenções, o subsídio era difícil de aceitar. Na casa de Cristina, todo dia Lila teria que convencer seu orgulho a pular de uma janela do décimo andar.

Além disso, anseios secretos faziam Lila hesitar em tomar conta da casa.

Cinco anos antes, ela estava lá com Cristina e Greg quando Rosie se recusou a nascer. Depois de nove horas em trabalho de parto, Cristina se agarrava à barriga de melancia e, apesar da contagem e respiração que eles haviam aprendido em aulas sobre nascimento, ela estava gemendo de dor. De todo modo, enquanto Lila colocava sobre os ombros de Cristina a bandeira italiana que havia lhe dado de presente, Lila teria trocado de lugar com ela num estalar de dedos. Greg estava massageando e beijando seus braços e dizendo que a amava, que ela ia ter o filho dele — e Lila estava morando com Reed, que desprezava bebês. Reed, a quem seu melhor julgamento vinha implorando para que ela terminasse, embora não tivesse, ainda, reunido convicção suficiente para fazê-lo.

Depois de dezessete horas, Rosina Patrizia Harrison se apresentou para a devoção deles. Seus olhos estavam inchados e fechados, suas mãos pareciam pequenas estrelas-do-mar e sua pele um tom bem mais escuro que rosa grená. Quando uivou, ao ser espremida para o mundo, seus lábios curvaram-se, deixando à mostra pequenas gengivas fofinhas. Para Lila, ela era a rainha ungida do universo; ela reinaria sobre céu e vento com apenas um aceno de sua cabeça charmosa. Sendo madrinha, Lila compraria, nos anos seguintes, fantasias de princesa no brechó, convidaria ursinhos de pelúcia para o chá, pintaria seu rosto de gatinho para o Halloween e jogaria cinco mil jogos de carta com ela.

Contudo, Lila não era a mãe de Rosie — nem de ninguém — e ela não tinha marido. Reed estava fora de sua vida por razões que ela não achava que conseguiria perdoar jamais. Ela também não tinha segurança financeira, ou uma linda casa, como Cristina, cuja vida era uma versão sofisticada de um quadro de Norman Rockwell.

Se Lila ficasse na casa de Cristina por seis meses, tudo a sua volta estaria jogando na cara dela aquilo que ansiava mas não possuía. As fotos em cada quarto ressaltariam isso: Cristina e Greg colocando bolo de casamento um na boca do outro e escorregando de trenó morro abaixo com casacos que combinavam. Rosie brincando na sala de estar, ou sentada em uma cadeira de balanço Shaker, num casaco rosa, tão bonitinha que daria para sufocar com um abraço. Rosie estava em todos os lugares — no desenho do dragão na geladeira, no banquinho ao lado da pia do banheiro, nas pequenas galochas verdes com desenhos de sapos, no hall de entrada. Também havia evidências de um casamento feliz pela casa inteira. Não dava para não reparar no conjunto de chá de prata vitoriano que Greg comprara para Cristina só porque ela gostou.

A inveja de Lila vinha à tona apenas quando provocada, como no nascimento de Rosie, ou na tarde em que Cristina mostrou à Lila a concha, do tamanho de uma moeda, que Greg dera a ela.

No interior liso da concha, Greg escrevera com uma caneta “eu amo você”.

Cristina disse: “A gente estava na praia. Ele agiu como se tivesse encontrado a concha ali. Não é um amor?”.

De fato, era. Inveja atingiu o rosto de Lila como uma vespa, mas ela a golpeou.

Apesar dos anseios de Lila por segurança e família, Cristina tinha razão: Lila queria pintar. Era essencial para catar os pedaços da sua vida. Por meses ela havia planejado uma série de portas, portões e janelas; quando uma ideia nova de pintura aparecia, seus dedos doíam para segurar um pincel. Pintar era o que dava ritmo à sua vida, e ela precisava desse ritmo de volta. Cristina estava fazendo uma proposta que Lila não podia recusar.

“Você levaria os poodles?” Ela perguntou.

“Nunca deixaríamos para trás essas preciosidades”, disse Cristina.

“E o golden retriever?” Lila apontou para Grace, que estava deitada de costas, com as pernas jogadas, como se estivesse bronzando a barriga em um salão.

“Ela terá uma casa rapidinho. Adam espalhou pôsteres. Todo mundo ama goldens.”

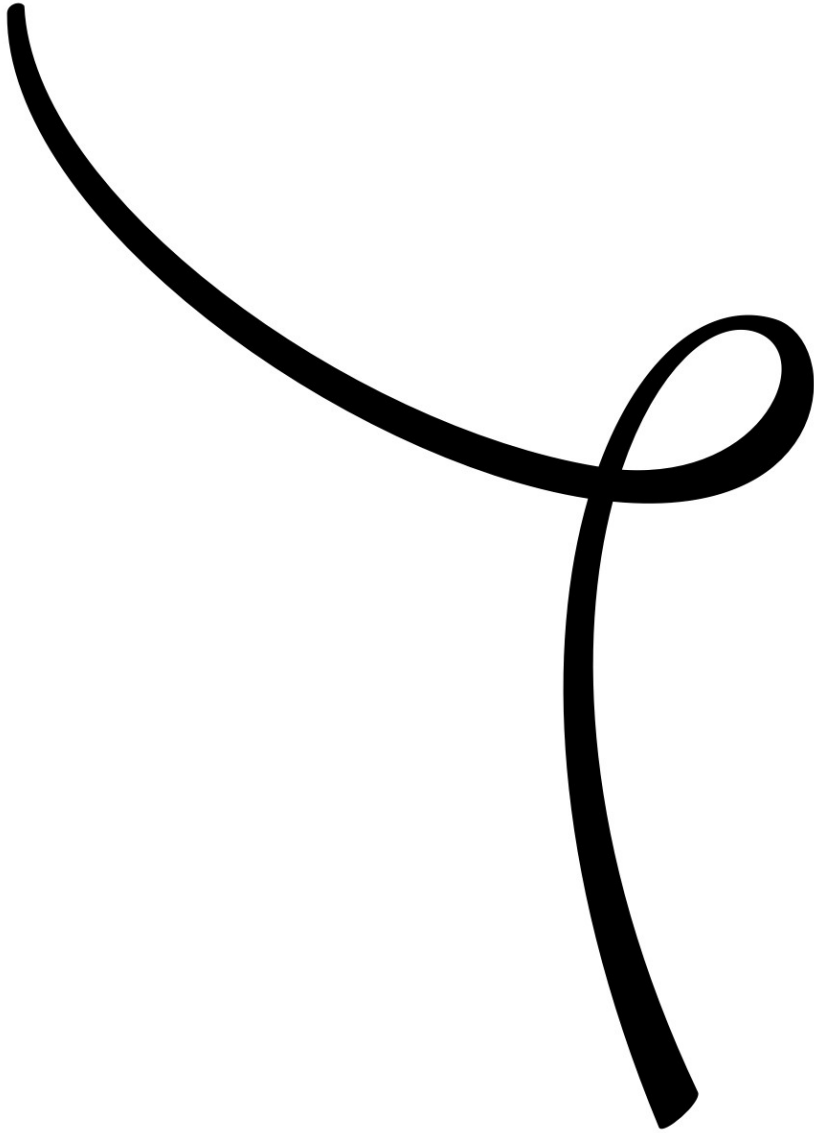
Todo mundo menos eu.

“Então você vai tomar conta da casa?” Perguntou Cristina.

“O que você precisar. Fico feliz em ajudar.”

Cristina juntou as mãos. “Fabuloso!”

Pela primeira vez em meses, o coração de Lila sentiu esperança.



QUANDO DOIS HOMENS estranhos andaram em direção à varanda de Cristina, Lila prendeu a respiração na garganta. Ela se disse que eles vinham vender alguma coisa ou fazer campanha por alguma causa, mas a dose de realidade não neutralizou o medo que era forte porque Cristina havia levado os cães para buscar Rosie na escola. Lila estava sozinha.

Se eles não a tivessem visto pela porta de vidro, ela teria ido para o quarto e fingido que não havia ninguém em casa. Um deles, de terno escuro e gravata verde limão, estava a ponto de bater na porta; quando a viu pela vidraça, abaixou a mão e esperou que ela atendesse. O outro, num blazer amarrotado, franziu a sobrancelha enquanto ela se aproximava. Ela franziu o rosto de volta, porque a última coisa que queria era conversar com homens que não conhecia.

Lila abriu a porta uns dez centímetros ultrassuspeitos, estreito o suficiente para batê-la de volta. Não que bater à porta ajudaria em algo, uma vez que os homens poderiam derrubá-la, como aqueles de seu pesadelo recorrente.

“Lila Elliot?” perguntou o homem do terno abarrotado.

“Sim.” Ela relaxou a garganta. Estava apertada, como se estivesse esmagando um grito de socorro e mantendo-o reservado caso precisasse, apesar de os vizinhos estarem longe demais para ouvir.

O homem da gravata verde limão abriu a pasta de couro e mostrou um distintivo. “Rich Mason. Polícia de São Francisco. Queremos conversar com você sobre Yuri Makov.”

O nome atingiu Lila como uma nuvem de *spray* de pimenta. Ela estudou o distintivo. Tinha ouvido falar de homens que personificavam policiais para, depois, roubarem e matarem pessoas. Contudo, o distintivo parecia real e os homens sabiam seu nome. Resignada, ela abriu a porta.

Rich entrou e estendeu uma mão larga e amigável, como uma pata de cachorro. Sua mão pegajosa fez a dela parecer pegajosa também. Ele disse: “Desculpe incomodar. Você deve estar muito chateada com o que aconteceu”. Ele era alto, magro e angular. Lila o imaginou correndo na praia ou tomando suco de germen de trigo em uma frutaria.

O outro homem era rechonchudo e sério. Ele se apresentou como Joe Arruzzi e balbuciou algo sobre como foi difícil encontrá-la. Suas roupas tinham cheiro de cigarro. Suas sobranceiras eram grossas e peludas, e as olheiras sob os olhos pareciam duas pequenas redes cheias de gente gorda.

Lila levou os homens à sala de estar. Assim como sua mãe havia lhe ensinado, ela ofereceu refrigerante. Eles recusaram. Rich se acomodou em uma das poltronas de Cristina e Lila afundou-se na outra. Joe se apoiou na cornija da lareira, tilintando moedas nos bolsos e analisando as esculturas de poodle de Cristina, sobre as mesas e parapeitos.

Quando Rich se inclinou a ponto de os joelhos quase tocarem os de Lila, seu casaco abriu-se; na cintura, o punho de uma pistola apontou em um coldre de couro. Ela estremeceu — essa era a primeira arma que via desde que levou o tiro — mas Rich pareceu não reparar em seu desconforto. Sorridente, mostrando apoio e alegre, ele tirou a tampa de uma caneta e abriu um bloco de notas. Claramente, ele ia liderar a conversa e Joe ia ficar em pé, assistindo.

“Você era nova no Weatherby, não é?”, disse Rich, nem tanto perguntando quanto afirmando.

“Eu estava trabalhando lá havia três meses”, disse Lila.

“Você conhecia bem o Makov?”, perguntou Rich.

“Não. A gente só conversava de vez em quando.”

“Como você o descreveria? Extrovertido? Reservado? Perturbado?”

“Talvez um pouco estranho. Ele não sabia muito inglês. Ele era quieto.”

“Solitário?”

“Não. Só hesitante em conversar.”

“Então você tentou conversar com ele?”

“Não exatamente. Eu era educada. Acho que ele queria que suas palavras fossem perfeitas.”

“Alguém o maltratava por causa do inglês?”

“Não que eu saiba.”

Rich escreveu algo no bloco de nota sem tirar os olhos de Lila. “Ele era próximo de alguém do escritório?”

“Não faço ideia.” Ela mudou de posição na poltrona.

“O que mais você poderia nos dizer sobre ele?”

Ela pensou por um segundo, querendo ajudar. “Ele se vestia muito bem para um zelador.”

“Então você reparava no que ele vestia?”

“Porque sentia que ele estava tentando parecer próspero. Zeladores normalmente não costumam usar ternos e gravatas.”

Enquanto Rich escrevia outra anotação, um caminhão de entrega acelerou em uma curva da rua da montanha de Cristina. O relógio do avô bateu duas horas.

Joe cruzou os braços sobre a pança. O ombro roçou os castiçais de Cristina sobre a lareira. “Conte-nos sobre suas conversas com Makov”, falou, como se tivesse alfinetando Rich para fazer perguntas mais produtivas.

“Não tem muito o que falar”, disse Lila.

“Você deve ter conversado com ele”, disse Joe.

“Às vezes. Não muito. Quando comecei a trabalhar no Weatherby, eu o considerava mais como um serviço do que uma pessoa.”

“Então, quando foi que você reparou nele como uma pessoa?”, perguntou Rich.

Lila vasculhou a mente por um segundo. Como que ela poderia responder a isso? “Uns dois meses atrás, acho. Ele apareceu em meu escritório depois do trabalho.”

“O que ele disse?”, perguntou Rich.

Ela se inclinou ainda mais na cadeira e abraçou o peito com o braço bom. “Ele perguntou se eu havia gostado do cartão de dia dos namorados.”

O rosto de Rich continuou inalterado, mas as sobranceiras de lagarta de Joe arquearam em direção ao teto de uma catedral, e os lóbulos das orelhas ficaram rosa. “Como assim, dia dos namorados? Você...”

“Conte-nos a respeito”, interrompeu Rich.

Lila contorceu-se e desejou estar em seu cavalete, a quilômetros de distância desses homens. Um avião sobrevoou com um burburinho irritante. “Eu achei o cartão em minha mesa.”

“Makov escreveu alguma coisa?” perguntou Rich.

“Só ‘para sempre seu’, ou algo assim. Sem nome.”

“Você disse que não o conhecia muito, mas ele lhe mandou um cartão de dia dos namorados. Você está se contradizendo”, disse Joe.

“Eu não tinha ideia de quem havia mandado o cartão.”

“Makov deve ter tido motivo para acreditar que você saberia que era ele”, argumentou Joe.

“Eu não sei o que ele pensou.” Contudo, agora, graças a esse interrogatório, Lila sabia como um animal se sentia quando homens o cutucavam com pau.

“Você ainda tem o cartão?”, perguntou Rich.

“Joguei fora.”

“Que pena.” Rich olhou Joe de relance.

“Eu não tinha por que guardá-lo. Não significou nada para mim.”

“Sim, claro.” Rich se aproximou, como se fosse ter uma conversa cochichada e confidencial, acompanhada de uma cerveja. “Makov teria motivos para acreditar que vocês, hum, tinham uma... relação, ou algo?”

A pergunta azedou no estômago de Lila. “Eu mal o conhecia.”

“Ele deve ter achado que você gostaria de receber algo dele. Por qual outra razão ele lhe mandaria um cartão?”, questionou Joe.

Mesmo querendo que a conversa fosse tranquila, Lila não tinha energia para fazer especulações. Ela sentia como se um pé de cabra estivesse lhe arrancando o couro cabeludo, e as perguntas a deixavam tonta. “Eu realmente quero ajudá-los, mas não tem mais nada que posso dizer. Honestamente”, disse, se arrependendo depois de ter dito “honestamente”, como se fosse culpada de algo.

“Você disse que conversou com Makov várias vezes. E as outras vezes?”, perguntou Joe.

Lila puxou a camisa de Greg, apertando-a contra o peito, e olhou pela janela para as sequoias, cujos poderes calmantes haviam acabado. “Não há nada a ser dito sobre as outras vezes. Não foram nada de mais.”

“Quando foi a última vez que conversou com ele?”, perguntou Rich.

“Algumas semanas atrás. Não sei exatamente.”

“Com certeza você consegue se lembrar”, pressionou Joe, como se Lila fosse uma criminosa na qual ele não acreditava.

“Não prestei atenção no dia exato.”

“Você deve se lembrar sobre o que foi a conversa”, insistiu Joe.

“O que quer que seja, não deve ter sido importante”, disse Lila, soando cada vez mais defensiva do que tinha intenção. Importunada enquanto se sentia fraca, ela mal conseguia pensar direito.

Joe apertou um dos castiçais de Cristina como se tentasse tirar o sangue de um nabo. “Você é nova demais para esquecer tanto.”

“Estou dizendo a verdade. Talvez tenhamos conversado sobre reabastecer o porta papel-toalha do banheiro feminino. Não sei.” Quando Lila encolhia os ombros, uma dor despontava do ombro ferido pelo braço. “Eu tenho me concentrado em ficar bem. Yuri Makov não tem sido o centro de minha vida.” Contudo, isso não era exatamente verdade. Cristina a acusara de ficar obcecada sobre ele.

“Você pode nos dizer se ele tinha alguma rixa com alguém?”, perguntou Rich.

“Não.” Lila pressionou as unhas da mão boa ao redor do braço da poltrona.

“Mais alguém, além de você, no escritório, tinha bastante contato com ele?”, questionou Rich.

“Eu não tinha bastante contato. Falei para vocês que eu mal o conhecia.” Lila pausou e respirou. “Que rixa vocês acham que Yuri Makov poderia ter com alguém?”

“Não sabemos ainda”, disse Rich.

“Você já teve um caso assim?”

“Sim, alguns”, contou Rich.

“O que fez as pessoas matarem? Vocês descobriram?”

“Pode ser complicado.” Rich bateu a caneta sobre o joelho, de leve, como se fosse uma pequena bengala. “Tivemos o caso de um cara que saiu atirando na farmácia em que ele trabalhava. Ele tinha um pai abusivo, que o humilhava o tempo todo, como um outro empregado que ficava chamando-o de ‘viado’. Ele surtou, ou pelo menos decidimos isso.”

“Lembra do Michael O’Toole?”, Joe perguntou para o Rich.

“Ele perdeu a cabeça depois de perder um caso grande, aí matou quatro pessoas da firma de advocacia. Um cachorro louco. Com raiva de tudo.” Rich colocou a caneta no bolso e fechou o bloco de notas.

“É difícil dizer com esses psicólogos, mas vamos descobrir o que fez Makov surtar.”

“Ele parecia sensível. Não passava a imagem de um monstro violento”, disse Lila.

“Deve ter sido provocado de alguma forma.” Rich se levantou para ir embora. “Tente pensar em qualquer outra coisa que possa nos ajudar a entender isso.”

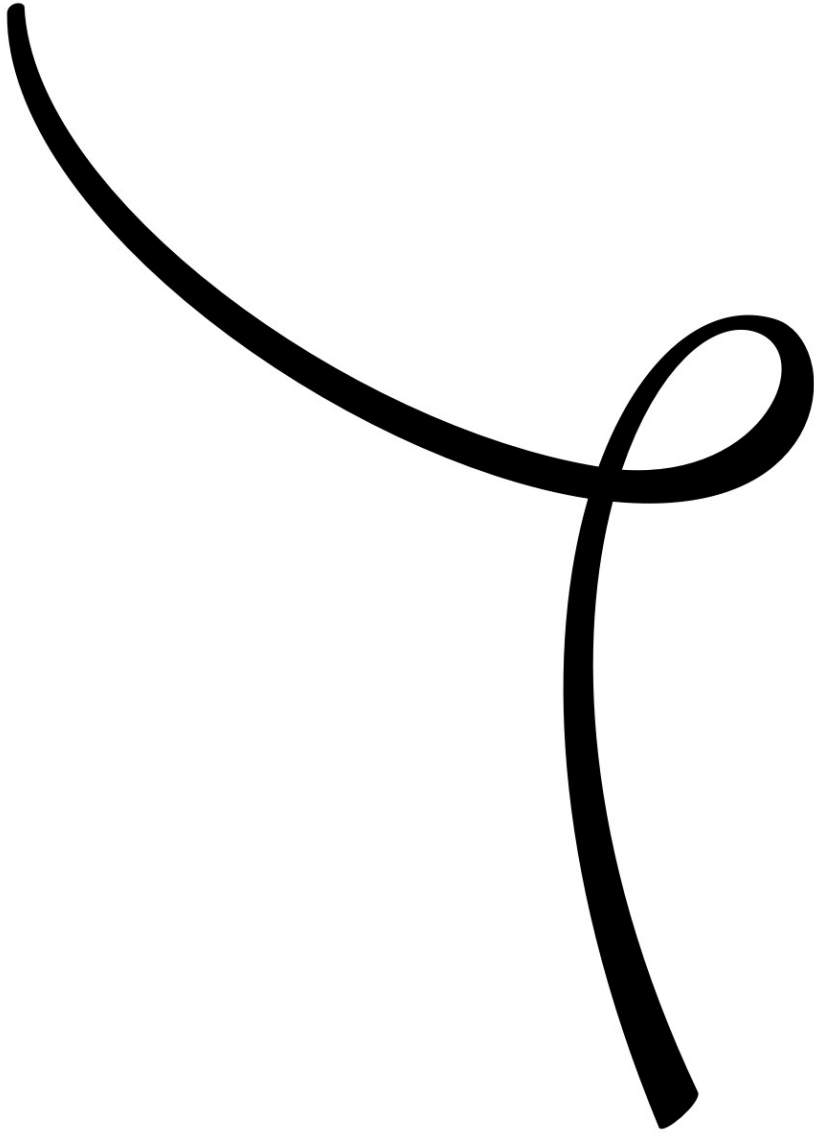
“Não tem mais nada.” Com esforço, Lila se levantou.

“Se precisarmos falar com você novamente, como podemos contatá-la?” perguntou Rich.

Nada feliz com a ideia de vê-los uma segunda vez, Lila respondeu: “Estarei aqui”.

Rich lhe entregou um cartão de visita e saiu em direção à porta. Joe seguiu. Quando chegou à varanda, a luz do sol refletiu sobre sua careca no topo da cabeça. Tilintando moedas nos bolsos, ele virou e murmurou: “Merdas acontecem”.

“Nem me fale”, respondeu Lila.



LILA PASSOU UMA esponja na bancada da cozinha de Cristina, em volta de sacolas e caixas transbordando biscoitos, papel-toalha, brinquedos de cachorro, jogos e CDs. Enquanto espremia a esponja na pia, uma caixa se espatifou no chão de concreto da garagem. Cristina estava lá, enchendo a van e resmungando para si mesma. Amanhã, ela e Rosie iriam de carro até Sacramento para buscar uma prima e viajar com ela para Washington.

No jantar, Cristina enfiou o garfo em uma vagem. “Eu sou uma seguidora de acampamento patética. Se meu chefe não tivesse concordado em me deixar trabalhar de casa, minha carreira estaria arruinada porque o Greg quer fazer política antipetrolífera.”

“Ele nunca teria aceitado o trabalho se você e Rosie não pudessem ir junto. Você está lhe dando um presente”, disse Lila.

“Eu não quero ir para Washington. Não é justo interromper minha vida. A de Rosie também.” Cristina se levantou, rasrou as folhas de alface murchas do prato no lixo e desapareceu na garagem.

Lila achava que Cristina não rejeitava tanto a ideia de ir embora assim. O estresse de fazer as malas é que a deixava zangada. E o mau humor era um bom sinal, na verdade, porque significava que ela achava que Lila estava melhorando. Desde que Lila havia levado o tiro, Cristina guardara para si tudo que pudesse trazer conflito. Vê-la voltar a ser ela mesma, emburrada ou não, era um alívio.

À mesa, Rosie, de macacão azul piscina, murmurava “Sapo Cururu” e amassava o bolo de carne em volta das vagens.

“Gerald gostaria que você terminasse o jantar”, persuadiu Lila. Ela havia colocado um lugar para o leão de Rosie na mesa e lhe serviu barriga de antilope com escamas de crocodilo marinadas e pudim de rabo de girafa.

Rosie franziu o rosto. Uma mecha de cabelo preto, fora do rabo de cavalo, caiu nos olhos. “Não posso dar meu bolo de carne para o Gerald? Ele ainda está com fome.”

“Ele me disse que é alérgico a bolo de carne. Ele fica cheio de brotoeja.”

Rosie pareceu tão desapontada que Lila teria atravessado a cozinha e beijado o topo de sua cabeça, se Grace não estivesse debaixo da mesa esperando algum regalo cair no chão. Embora fosse enfadonha em relação à própria comida, a busca pela de Rosie era implacável. No café da manhã, Grace ficava por perto, esperando os sucrilhos que Rosie deixava cair, e, no almoço, Grace aguardava pedaços de sanduíche. Ciente da localização do cão, Lila usava a ilha da cozinha como barricada. Graças a Deus que alguém ia buscar aquele cachorro naquela noite, aí ela nunca mais precisaria se preocupar com ela.

Quando Rosie descansou a bochecha na mesa, Lila cedeu. “Ok, você pode ir.”

Rosie bateu as mãos e pulou da cadeira no mesmo instante em que bateram na porta. Involuntariamente, Lila recuou — o doutor Lovell tinha razão, ela estava nervosa.

Quando chegou no *hall* de entrada, ela esperava encontrar a alma infeliz que seria a nova dona de Grace. Contudo, atrás das vidraças da porta estava Adam Spencer.

Ao abrir a porta, ele sorriu, como se tivesse esquecido de que ela não gostava de cães. “Oi”, ele disse e entrou, sem ser convidado. Ele claramente se sentia em casa na casa de Cristina.

“Oi”, disse Lila. Ela notou sua calça carvão, o casaco e suéter azul-claro e imaginou que ele estava com os wolfhounds irlandeses em algum café ao ar livre. Ele segurava um saco de celofane cheio do que parecia ser biscoitos de gengibre, amarrado com um laço de ráfia. Provavelmente tinha vindo dar uma guloseima para Rosie, para a longa viagem de carro.

Ela deve ter ouvido a voz dele, porque saiu correndo e jogou seus bracinhos magros em volta de sua cintura.

“Como vai minha garota preferida?” Ele a levantou e a segurou sobre a cabeça. Enquanto ela berrava de alegria, ele a rodou, seu rabo de cavalo dançando. Ele a jogou para o alto e pegou-a no meio da queda, e ela berrou ainda mais alto.

Grace apareceu, gemendo de alegria ao ver Adam, como fizera na semana anterior. Ele colocou Rosie no chão e eles foram brincar com Grace. Lila voltou para a cozinha. Quando Cristina chamou Rosie para tirar a poeira dos bichos de pelúcia para a viagem, ela saiu correndo para a garagem. Infelizmente, Grace ficou na entrada, a um metro de Lila.

“Eu quero conversar com você”, disse Adam.

“Comigo?” disse Lila.

“Eu preciso ter certeza de que você sabe como tomar conta de Grace.”

Um gole travou na garganta de Lila. “Eu pensei que alguém viria buscá-la hoje à noite.”

Os olhos de Adam se estreitaram, como se estivesse confuso. “Cristina não contou?”

“Contou o quê?”

“Eu achava que você havia concordado em ficar com Grace.”

Lila rangeu os dentes. Ela sabia como o General Custer se sentia, tendo um dia perfeitamente aceitável e, de repente, do nada, caindo em uma armadilha.

Seu rosto ia ficando raivoso, enquanto Adam dizia “nós tentamos encontrar alguém para ficar com Grace. Ligamos para todos nossos amigos protetores de cães, mas ninguém tinha espaço.”

“Por que você não pode ficar com ela?” O tom de Lila era de acusação, como se ele tivesse assaltado alguém de cadeira de rodas.

“Eu ainda moro do lado do cara de quem eu a roubei.”

E você rouba bancos no tempo livre? “Você roubou ela?”

“Bem, resgatei. Ela morava com um sádico. Ele a acorrentou a uma árvore.”

Por mais cruel que soasse, não era desculpa para enganar Lila. Ela balançou a cabeça, sem acreditar que sua melhor amiga a manipularia para ficar com o cachorro. Ela, que tinha medo de Grace, como Cristina bem sabia, que tinha apenas uma mão boa para se defender, que estava tentando juntar os pedaços de sua vida e não tinha energia para desperdiçar. Não era de admirar que Cristina tivesse ficado na garagem enquanto Adam revelava a novidade.

Por outro lado, mesmo apressada com a própria mudança, Cristina havia convencido o proprietário do apartamento de Lila a quebrar o contrato e mudara tudo que havia lá para sua casa. Essas horas de trabalho foram mais um exemplo dos dezoito anos de gentileza de Cristina com Lila. Por Cristina, ela deveria estar disposta não

apenas a adotar um golden retriever potencialmente violento, mas até um bode radioativo. Assim como concordou em cuidar da casa, ela decidiu que devia à Cristina.

Enquanto Grace cutucava a mão de Adam com o focinho, pedindo afago, Lila cerrou os lábios e disse a si mesma que não poderia ficar ressentida. Ela precisava ser amigável e prestativa como Cristina vinha sendo nas duas últimas semanas. Lila disse: “Você me pegou de surpresa. Cristina nunca me perguntou se eu podia ficar com esse cachorro.”

“Ela deve ter se esquecido. Ela com certeza está distraída. Tem muito o que fazer antes de ir embora amanhã.” Adam parecia terrivelmente sincero. “Desculpe mesmo. Eu queria ter outra solução. Nós nunca pediríamos para você ficar com Grace se tivéssemos escolha, mas não pudemos fazer nada.”

“Bom... Então...”, disse Lila, sem continuar. Ela sabia reconhecer uma derrota quando estava cercada e sem saída.

“Goldens são adotados rapidamente. Grace vai ficar aqui alguns dias apenas.”

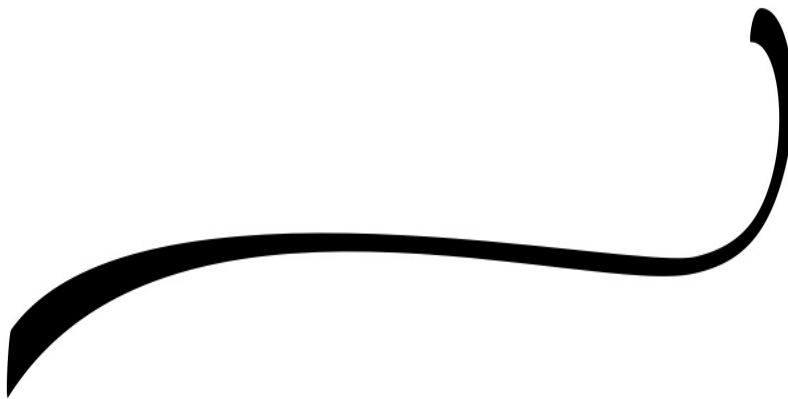
“Foi o que Cristina disse semana passada.”

“Não dá para saber como as pessoas reagem a pôsteres. Ligações vêm em ondas. Alguém vai ficar feliz de adotá-la.”

Adam olhou Lila fixamente com seus olhos penetrantes. Ele era o tipo de homem com o qual você tinha que juntar forças para discutir, e ela não havia recuperado as dela ainda.

“Eu já cuidei dos cães de Cristina aqui no mínimo umas dez vezes. É fácil”, ele disse.

“Pode ser”, disse Lila. Contudo, seu entusiasmo não teria enchido o bolso da blusa de um mosquito. Seus poucos dias cuidando do cachorro se alongavam à sua frente como uma estrada por uma floresta com sucuris e sanguessugas.



Na cozinha, Grace se acomodou, babando intensamente, sobre os pés de Adam. Ele, aparentemente, não tinha opinião sobre a baba de cachorro. Lila estremeceu só de pensar o que seus wolfhounds irlandeses faziam no chão da casa dele. “Gosmento” era um termo caridoso para aquilo.

“Como alguém consegue não amar essa garota maravilhosa”, disse Adam.

“Fácil. Olhe os dentes dela”, respondeu Lila.

“Assustam você?”

“Bom, sim, se você quer saber.”

Mesmo se ele não quisesse saber, ela se sentiu forçada a justificar sua atitude, então contou a história do cachorro que voou em cima dela, quando tinha nove anos. “A pele nas costas dele se eriçaram como se fosse uma faixa de unhas”, ela disse.

“Não me parece tão ruim assim”, disse Adam.

“Foi quando ele me mordeu.”

“Foi uma mordida séria?”

“Cinco pontos. No pronto-socorro.”

“Poderia ter sido bem pior.”

“Foi horrível. Havia sangue por todos os lados. Eu era apenas uma menina.”

Adam arqueou as sobrancelhas e deixou claro de que lado ele estava. “Não foi culpa do cachorro. Ele estava dizendo para deixá-lo em paz. Você o acordou e assustou. Se alguém fizesse isso com você, você ficaria tão incomodada quanto ele.” Adam colocou o saco de celofane sobre a bancada como se o veredito sobre o vira-lata repugnante fosse final, e o assunto encerrado.

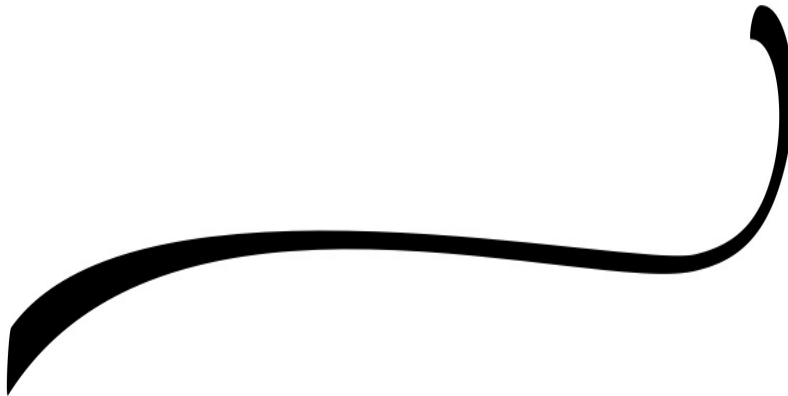
Lila se recusou a ceder. “O cão estava descontrolado. Foi assustador.” Ele tinha sido tão violento quanto o imprevisível Yuri Makov, mas ela não sentiu vontade de explicar aquilo para Adam.

“Não é justo condenar a espécie inteira por causa de um único incidente”, disse Adam.

“Por que não? Cães podem ser perigosos.”

“Não se você tratá-los corretamente.”

Aí, então, parecia que ele era o juiz e Lila a subordinada desobediente. Ela estava desperdiçando fôlego ao se defender.



Adam tirou uma folha de papel amarela do bolso. No alto ele escreveu com caneta de ponta porosa: “Deveres para cuidar do cachorro” e, embaixo, enumerado com números e letras, quais eram esses deveres.

Sem dúvida ele era um engenheiro, nascera com uma calculadora na mão e uma obsessão por eficiência e organização. Ele devia ter dado nomes em ordem alfabética para os wolfhounds irlandeses — Alice, Bruno, Cooper, Daisy — e devia mantê-los em um horário de banho estrito. E ia para o trabalho com uma série de canetas automáticas presas no bolso da camisa...

Adam abriu a despensa de Cristina e apontou o pote de plástico da ração de Grace e latas de frango ao molho. Explicou que Lila deveria dar dois copos de ração e três colheres cheia de frango pela manhã e à noite. Ele encheu parcialmente um copo medidor com água e mostrou para Lila. “Coloque exatamente três quartos de um copo sobre a comida e misture o frango na ração. Ela não gosta de muita água. Fica parecendo sopa.”

Em uma gaveta ao lado da pia, Adam achou uma escova retangular com cerdas de metal, que ele passou pelo peito de Grace, deixando trilhas minúsculas em seu pelo. Ela se inclinou sobre as pernas dele com os olhos semifechados, como se tivesse atingido o topo do monte Everest do prazer. “Você não quer que alguém chegue

aqui para conhecê-la e a encontre malcuidada”, disse Adam, que passou, depois, para o programa de exercícios de Grace, para fortalecer a perna machucada. “Uma caminhada três ou quatro vezes por semana é suficiente.”

“Você disse que encontraria um lar para ela em alguns dias”, disse Lila.

“Vou fazê-lo o mais depressa possível.”

Ela soltou uma respiração cansada, de alguém que estava limpando o chão desde o amanhecer. “Não consigo lidar com esse cachorro em caminhadas. Tenho um braço ferido.” E levantou o gesso, como se fosse uma prova em um julgamento.

Adam levantou os ombros, como se o gesso não fosse impedimento nem para uma competição olímpica de nado de costas.

“Grace não vai lhe dar problemas.”

“Como você pode afirmar que vai ser fácil para mim?”

“Estou afirmando que ela é um cachorro carinhoso. Ela faz qualquer coisa para agradar.”

Talvez a você, não a mim.

Adam olhou a lista. “O mais importante é deixar Grace longe do Marshall. Ele é o louco com quem ela morava, do outro lado do morro, a uns cinco quilômetros daqui. Grace pertencia ao filho dele. A esposa de Marshall o largou e levou o garoto para Santa Barbara.”

“Então por que Marshall se importaria por você ter roubado Grace?”

“Poder. Ele ficou louco porque levei vantagem sobre ele.” Adam desfez o laço de rafia do saco de celofane e deu para Lila um pequeno biscoito em formato de gato. “Quer dar um biscoito para Grace? Ver como ela é dócil?”

A última coisa que Lila queria era colocar as mãos perto dos caninos daquele cão, mas ela era orgulhosa demais para recusar e ficar ali em pé, como uma violeta estremeçada. Pinçando a pata do gato entre o dedão e o indicador, ela segurou o biscoito na direção de Grace, que deve ter sentido que Lila estava recuando. Obviamente ofendida, Grace lançou um olhar de desaprovação, como se Lila estivesse espumando de raiva e não pudesse ser contrariada. Ela virou a cabeça.

“Você tem que agir com entusiasmo.” Adam pegou o biscoito e iluminou o rosto em direção Grace. “Olha só o que eu tenho!”

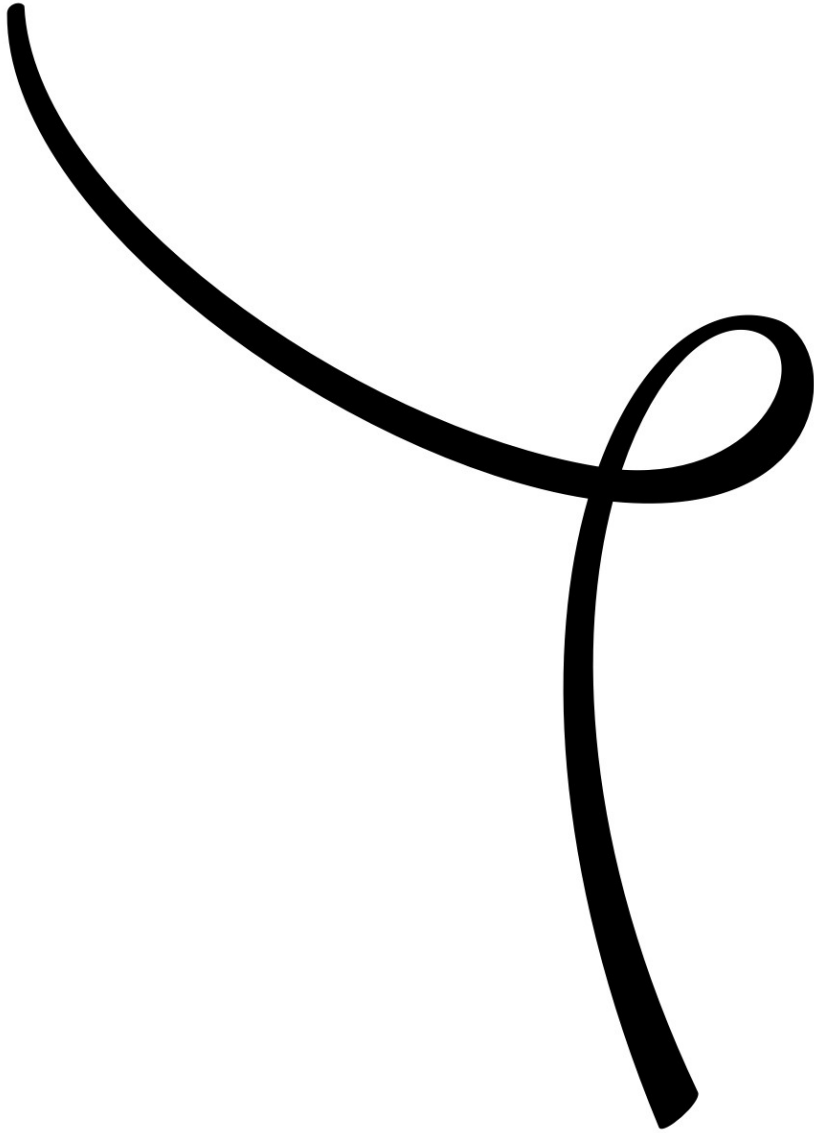
Ela gemeu, e seu rosto se animou. Ela abocanhou o gato, triturou-o e engoliu. Dava para ver que ela estava animada.

Adam acariciou as orelhas. “Tá vendo. Nada a temer.”

“Você nunca vai me transformar em uma pessoa que gosta de cães. Quero que saiba disso”, disse Lila.

“Não posso me impedir de tentar. Você não sabe o que está perdendo.”

“Sim, eu sei.” *Mordidas. Mãos ensanguentadas. Pontos.*



CEDO, PELA MANHÃ, na rua de Cristina, Lila se atrapalhava com os botões da camisa de flanela de Greg, tentando fechar até a altura do queixo. Por dois dias ela vinha praticando com botões, zíperes e botões de pressão a fim de conseguir se vestir quando Cristina fosse embora.

O ar frio e úmido cheirava a loureiros. A neblina subindo o monte Tamalpais parecia com dedos cinzentos se esticando para alcançar os ombros da Senhora Adormecida. Em qualquer outro dia, as festivas bandeiras rosa decorando o céu teriam melhorado o humor de Lila, mas ela estava triste enquanto Cristina saía da garagem. Em minutos, ela e Rosie estariam longe, e a única companhia de Lila seria aquele cachorro.

Enquanto Lila arrumava o almoço para a viagem, Cristina entrou na cozinha e apertou suas mãos se sentindo culpada e preocupada. “Eu sinto muito que você tenha que cuidar de Grace por alguns dias”, ela disse. “A última coisa que eu queria era lhe atrapalhar com ela, juro.”

O pedido de desculpa era surpreendente, porque, na noite anterior, depois que Adam foi embora, Cristina e Lila ficaram pisando em casca de ovo ao redor do assunto, sem mencionar o nome de Grace. Como se partir sem brigar fosse um acordo subentendido. No café da manhã, Lila distorceu a verdade e disse que o cachorro não seria um problema.

Agora, atrás de uma nuvem de fumaça do exaustor, Cristina abaixava a janela da van. O rímel nos cílios de apenas um olho sinalizavam o trapo que estava. “Eu vou sentir saudades. Esse trabalho bobo do Greg... Odeio

deixar você.”

“Você vai ficar feliz assim que pegar a estrada.” O coração de Lila pesou, como se tivesse ganhado meio quilo. Ela se inclinou e acenou para Rosie, afivelada no banco da frente. “Eu vou desenhar mais amigos animais para Gerald.”

“Ele quer uma girafa.” Rosie acenou de volta, amassou biscoitos nas mãos e jogou contra o painel.

“Ai, Deus.” Parecendo estressada, Cristina espanou os biscoitos para o chão. Enquanto trocava as marchas, os poodles, encarcerados em carregadores iguais, no banco de trás, gemiam e apalpavam as portas barradas, procurando uma saída.

“Não se esqueça de que o Adam está em minha lista de contatos. Se precisar de qualquer coisa, ligue para ele”, disse Cristina. “Ele é uma pessoa boa. Você vai gostar dele se chegar a conhecê-lo.”

“É possível”, disse Lila, neutra como a cor bege, “mas ele não gosta muito de mim.” Para conseguir a aprovação dele, ela teria que virar uma fanática por wolfhounds.

“Tenho certeza de que ele gosta de você. Ele acabou de terminar com uma sanguessuga. Ele está a ponto de ser feliz pela primeira vez em anos, mas ainda não sabe disso. Você e Adam podiam ser amigos.”

“Veremos.”

Lila esticou o braço e apertou a mão de Cristina. Enquanto observava as luzes traseiras da van viajarem morro abaixo, virarem pontos vermelhos e desaparecerem, lágrimas escorreram dos cantos de seus olhos. Solidão a submergia. Era assim que havia se sentido durante quatro meses antes de descobrir a verdade sobre Reed.

Ele era alto, loiro e bonito de um jeito rústico e envelhecido. Sua pele era avermelhada; seu nariz, pontudo. Quando um amigo o apresentou a Lila, na quitanda, ela gostou do jeans desbotado, da camisa simples — o mesmo tipo que ela usava para pintar — e do bronzeado de trabalhar como empreiteiro em obras.

Ela queria ter previsto aquilo. Queria ter visto o desastre que a aguardava mais à frente. O trabalho de carpintaria que Reed fazia *pro bono* para o abrigo de St. Anthony, ou os copos de chá que ele trazia para ela, na cama com rubéola, eram apenas um disfarce para a traição futura.

A camiseta que Lila encontrou enrolada atrás do banco do passageiro da *pick-up* Ford no último mês de setembro deveria ter sido o primeiro sinal. Enquanto ela e Reed iam de carro até Berkeley para jantar com amigos, ela segurou a blusa sobre os ombros. “De quem é isso?”

“Deve ser sua.”

“Não é minha.”

“Deveria ser. Você ficaria linda nela.” A carícia na coxa dela era como rum quente numa noite fria de inverno.

Lila disse a si mesma que a blusa deveria ser uma das muitas que ela comprara por vinte e cinco centavos no brechó, para usar como pano com aguarrás para os pincéis. Contudo, não conseguiu explicar a foto da cabine automática.

Ela estava esperando na fila, atrás de uma mulher cujo perfume Chanel Allure exalava em ondas sensuais. A pele da parte de trás do pescoço era branca como porcelana e ela puxara o cabelo castanho do rosto com fivelas douradas, curvadas, no formato de sorrisos satisfeitos. Quando chegou ao balcão, tirou uma foto cinco por sete colorida da bolsa e disse que queria uma oito por dez para colocar em um porta-retratos que havia comprado.

Curiosa, Lila olhou a foto sobre o ombro. A mulher estava sentada atrás de Reed em sua moto nova. Seus braços estavam abraçando-o, e as unhas feitas, em vermelho-carmim, espalhadas sobre o peito dele como dois leques de pontos de exclamação. O carmim das unhas combinava com os lábios úmidos que, como os dele, abriam em um sorriso que poderia ter exaurido os aparelhos de ar-condicionado de Nova York por um verão inteiro.

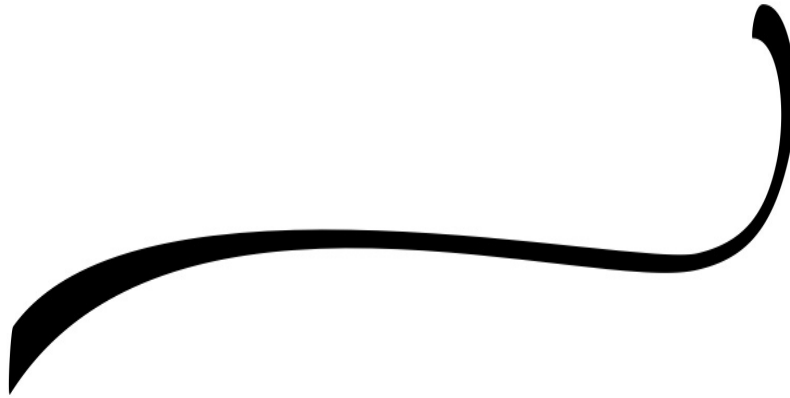
Lila sentia como se alguém tivesse pulado sobre seu estômago com os dois pés. Em dois segundos, a fotografia quebrou sua vida em pedacinhos; ela nunca conseguiria se arrastar no chão, catar todos e colar tudo junto novamente. Mais tarde, porém, ela percebeu que ter a vida com Reed de volta não era o que ela queria. Por anos ela vinha considerando terminar com ele, como se considera acabar com um mau hábito, como fumar.

A incompatibilidade com Reed tinha ido longe demais; a relação deles estava gasta, uma Coca sem gás. Mesmo assim, aquela conclusão racional não eliminava sua raiva e choque ao descobrir que ele tinha outra mulher, sem antes ter terminado com Lila. E Reed havia destruído sua autoestima. Talvez algo nela não fosse o suficiente. Não era bonita o suficiente? Agradável o suficiente? Fácil de se relacionar o suficiente? Será que o pai dela tinha razão ao dizer que ela era muito teimosa?

Cristina disse que o que Reed fez dizia respeito a ele, não a Lila, e que havia sido melhor ela descobrir que ele era um safado antes de se casar com ele e ter um divórcio nas mãos. Contudo, a confiança de Lila estava manchada. Depois de gastar cinco anos com Reed, ela havia chegado aos trinta e cinco sem um companheiro. De seu ponto de vista, ela tinha perdido a chance para sempre.

Sua mãe sempre dizia: “busque caráter em um homem”. Quando o assunto era namorados, seu pai continuava a cruzada pela independência. “Faça com que você não precise de um homem”, ele disse à Lila. “Ninguém pode

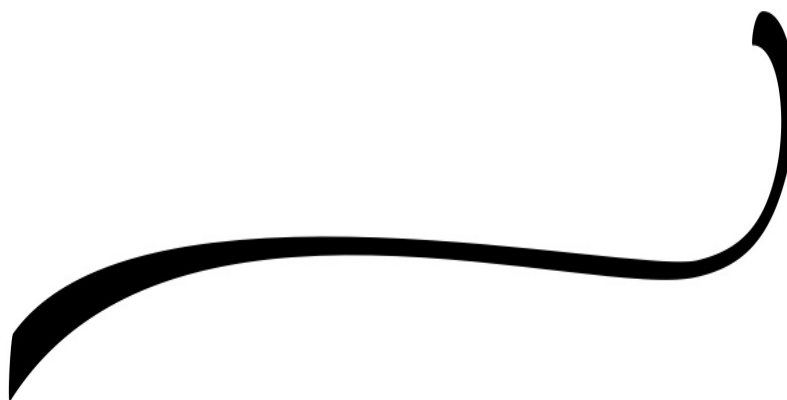
fazê-la feliz a não ser você mesma. Depende de você fazer a vida do jeito que quiser.”



Para levar a vida da maneira que ela queria, Lila foi para o quarto de Cristina e Greg, onde ficaria dormindo. Ela tirou o roupão felpudo azul-marinho de Greg do gancho cromado, atrás da porta do armário, e colocou na gaveta da cômoda dele — um lembrete a menos de que não tinha marido. Foi até o quarto de Rosie, olhou uma última vez o abajur de vitral com formato de tartaruga sobre a mesa de cabeceira e fechou a porta. Agora Lila não passaria por ali e veria a tartaruga, ou a coleção de anjos de Rosie, ou as estrelas e Lua que Cristina havia pintado no teto acima da cama de Rosie — e não se arriscaria a murchar o espírito porque não tinha filhos.

Para se livrar de outros sinais de que não tinha família, Lila desceu até a entrada e tirou os casacos de Rosie, Greg e Cristina das antigas maçanetas de latão presas na parede para servirem de ganchos. Lila dobrou os casacos e jaquetas impermeáveis e os guardou em um armário, em cima da máquina de lavar. Ela pôs as botas e os sapatos de jardinagem alinhados contra a parede, no armário da caldeira.

Aproveitando que estava no andar de baixo, Lila verificou se a porta para o quintal estava com cadeado e se todas as janelas que assassinos poderiam alcançar estavam trancadas. Ela se assegurou de que o cadeado e fechaduras eram robustos e que não havia motivo para ter medo. Contudo, quando Grace empurrou a tigela de água no andar de cima, na cozinha, a apreensão em relação ao cachorro — e a homens com armas — atravessou Lila. Para ter certeza de sua segurança, ela verificou a porta e as janelas de novo.



Grace estava deitada ao lado da porta da frente como um monte abatido, uma batata grande. Ela pressionou o focinho contra uma luminária e agitou as sobancelhas, talvez confusa por ver Lila ali, depois que todos tinham ido embora. Vendo Grace encarar através da vidraça, o corpo de Lila tensionou; ela poderia estar esperando um filé cair em suas patas, como os sucrilhos de Rosie. Com certeza Grace estava esperando Rosie, Adam ou Cristina aparecerem na varanda. Estava esperando alguém de quem ela gostava voltar para casa.

A apreensão de Grace era triste de se ver, mas, agora, com todo mundo longe, ela ia ter que aguentar, assim como Lila estava fazendo. O cão não era o único a se sentir sozinho.

Querendo manter-se o mais longe possível, Lila foi em direção à cozinha. Ao passar por Grace, o cachorro fechou os olhos como se desse um gelo em Lila, que entendeu o recado: uma vez que ela vinha ignorando Grace, o cachorro ia ignorá-la. O jogo daria empate, e a partida seria Cão Invisível *versus* Humano Invisível.

Lila parou na porta da cozinha e olhou para trás para ter certeza de que Grace não havia mudado de ideia e decidido aparecer sorrateiramente atrás dela, brandindo os caninos. Grace estava observando a janela. Ela parecia inocente, aconchegada contra a porta, mas o papel de carneirinho poderia ser um estratagema e a qualquer momento Grace viraria selvagem. A perna manca não era garantia de que ela não atacaria.

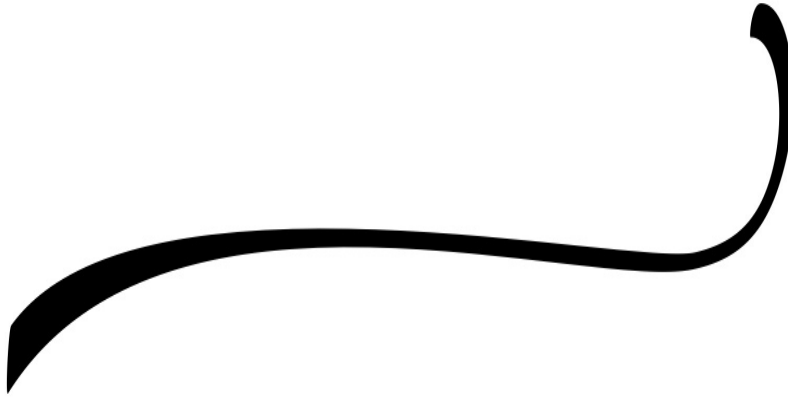
Grace virou a cabeça e olhou para Lila. O pelo ao longo da coluna estava enrugado como pontas ao longo das costas de um estegossauro, e o olhar com brilho cansado de sempre estava em seus olhos. Lila tinha certeza que diziam, claro como um trompete, “eu não sou a única selvagem potencial nessa casa. Você pode virar violenta. Estou de olho em você, sua rata louca desafortada.”

Lila colocou granola e leite em uma tigela de porcelana e a pôs na mesa da cozinha. Enquanto se acomodava na cadeira, seu pé bateu em algo redondo e molengo — a bola de tênis nojenta de Grace.

Lila se levantou e pegou sete folhas de papel-toalha do rolo debaixo do armário da cozinha, para proteger a mão. Com o papel, ela pegou a bola como se hospedasse tifoide. “Vamos deixar um ponto claro, Grace. Sem bolas repugnantes nesta casa.”

Grace fechou os olhos como se Lila não existisse.

Com cuidado, ela jogou a bola para além do quintal, nas samambaias, onde esperava que Grace não achasse nunca. De volta à cozinha, enquanto Lila mastigava a granola, ela teve a sensação de que o cão a estava observando e teve um breve ataque de tremedeira.



Adam ligou no momento em que Lila estava tremendo. Se fosse sensível, ele saberia que ela estava nervosa por causa de Grace e ligara para dissipar seus medos.

“Só queria saber como está nosso cachorro”, ele disse.

Nosso cachorro?! Sem um simpático “Como você está?” ou alguma forma verbal de reconhecimento?

“Grace está bem”, disse Lila.

“Você já deu comida a ela?”

“Cristina fez isso antes de ir embora.”

“Grace comeu bem?”

“A vasilha dela ainda está cheia.”

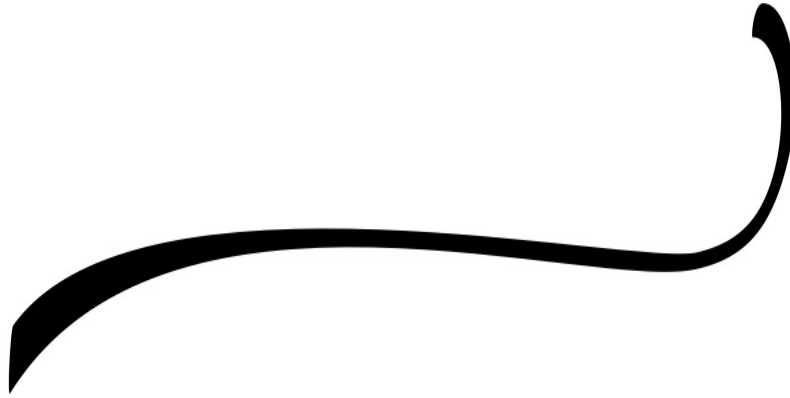
“Você tem que encorajá-la a comer. Ela parece chateada porque Cristina foi embora?”

“Grace está sempre triste, a não ser quando você está aqui.”

Adam riu. “Uma caminhada faria ela se sentir melhor. Ela não deveria ficar confinada.”

Antes de Lila conseguir lembrá-lo de sua inabilidade de caminhar com o cachorro com apenas uma mão, Adam ordenou: “Faça com que ela coma. É o mais importante.” Ele disse que estava atrasado para uma reunião.

Sentindo-se usada, Lila desligou o telefone.



Com o pé, Lila arrastou a tigela de ração pelo chão da cozinha e parou na porta aberta da entrada, onde Grace estava jogada. Quilos a mais a tornariam mais atraente para adotadores e a tirariam mais rapidamente da casa.

“Coma sua ração com frango!” comandou Lila, no tom que os domadores de leões usam para ordenar saltos por bambolês em fogo.

Teria sido o mesmo que falar sobre a Bolsa de Valores para alguém de Urano. Quando Grace bocejou e voltou a olhar a varanda da frente, ela deu a entender que obediência certamente era um conceito estranho e que, além disso, não estava a fim de tomar café da manhã. Ela ficou estudando as ranhuras do carvalho da entrada.

“Grace”, disse Lila.

O cão continuou observando o taco.

“O Adam quer que você coma. Estamos falando de um grande divisor de águas. Ou você engorda um pouco, ou nunca vai encontrar um lar.”

Grace achou esse aviso um tédio. Ela mancou até a sala de estar, se jogou no chão e apontou o focinho para a parede.

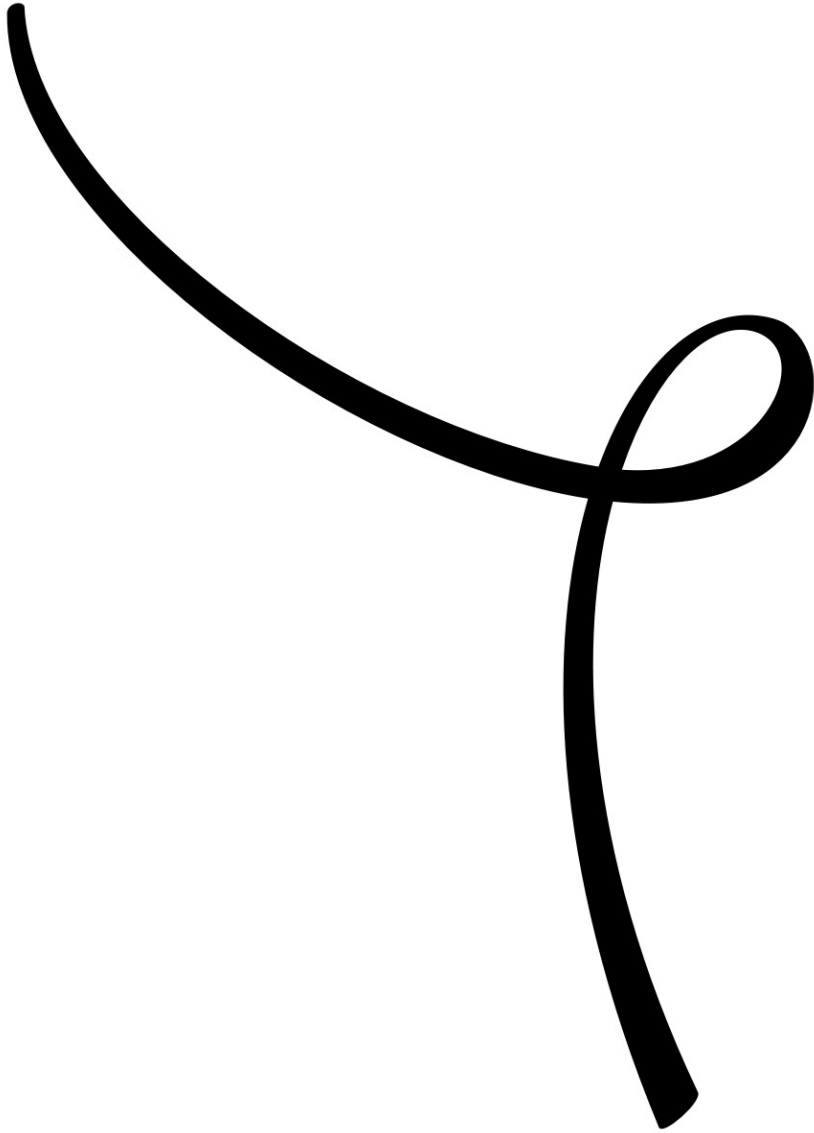
“Se você não comer, ninguém vai adotá-la”, Lila avisou novamente.

Grace manteve a pose como uma uraniana. E olhou para a comida como se fosse uma ofensa pessoal.

Se Grace tivesse sido mais receptiva, Lila talvez a tivesse encorajado a comer lembrando dos cães famintos de Bangladesh e dos perigos da anorexia. Contudo Lila não desperdiçou saliva. “Tudo bem. Como quiser. Eu estava tentando ajudar.” Ela atravessou a sala para pesquisar sobre Yuri Makov no escritório.

Grace evitou seu olhar.

“Faça como quiser,” disse Lila. “Eu também não estou muito empolgada com você.”



COMO LILA TECLAVA apenas com os dedos da mão direita, o punho enrijeceu. Os dedos da mão esquerda coçavam para entrar em ação e ajudar a pesquisar Yuri Makov no Google, mas ficaram imóveis no braço da cadeira, presos pelo gesso. Enquanto caçava e catava informações, ela culpava Yuri por mais esta limitação — até que 347 citações sobre ele apareceram na tela do computador e uma corrente de animação passou por ela.

Ao ler as chamadas, porém, Lila viu que as citações eram dos artigos de jornal que inundaram como um rio depois que Yuri surtou. Eles mencionavam “matança” e “carnificina” e os mesmos fatos que ela já sabia, como o trabalho e origem russa de Yuri. Alguns artigos questionavam por que ele teria saído em “matança”, mas os repórteres não forneciam respostas. Os becós sem saída a frustravam tanto quanto suas limitações de digitação, e ela soltou uma respiração desanimadora.

Aí, uma chamada diferente pulou em sua frente. Yuri havia deixado um recado no NICOclub.com, um site para donos de carros Nissan. Lila clicou no *link* e achou seu nome no fórum: Boavida. Isso sugeria que ele ansiava por uma, assim como qualquer pessoa no planeta.

Em uma janela do lado esquerdo da tela estava a informação que ele havia registrado para o site. Ele morava em São Francisco — nenhuma novidade. Ele tinha trinta e sete anos e seu e-mail era russmansetecinco@gmail.com, provavelmente indicando que ele era um homem russo nascido em setenta e cinco. Lila estava se mordendo para escrever um e-mail e perguntar: “Por que você fez isso?”.

Na parte de interesses, Yuri listou música e arte — mas não disse que tipo de arte — e boxe. *Boxe?* Será que ele assistia ou apostava em lutadores nos ringues? Para Lila, os interesses conflitavam e indicavam uma dissonância interna. No terreno de sua alma as flores da música e arte cresceram junto a cactos espinhosos da destruição, baixos, sujos e domados por testosterona. Como ele conseguiu reconciliar os opostos? Talvez não tivesse conseguido. Talvez este tenha sido o problema, e o boxe estivesse a um passo de um tiroteio... Durante meia hora, Lila ficou observando nada pela janela, pensando.

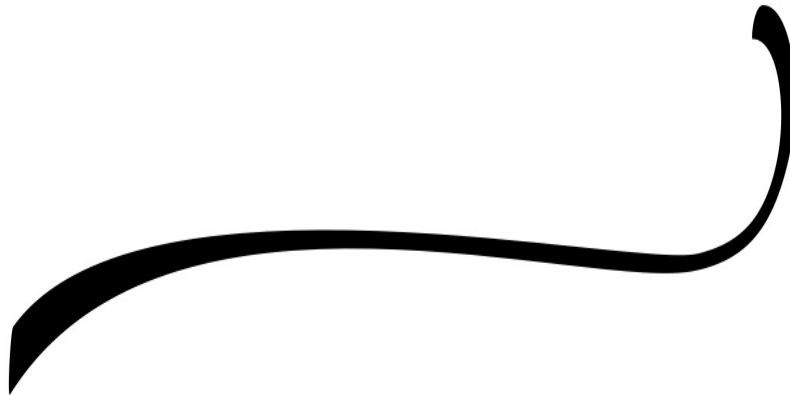
O inglês que ele escrevia era tão enrolado quanto o que ele falava. “Possui Nissan noventa e quatro Maxima. Como ter conversor catalítico barato? Tem que poder na Califórnia. Agradeço muitíssimo qualquer coisa dessa informação.”

Então, para seu Nissan Maxima, Yuri queria encontrar um conversor catalítico em conta que tivesse os padrões da Califórnia. Uma solicitação razoável. Não continha nenhuma alusão a um motivo de assassinato.

Como os carros que as pessoas dirigiam supostamente revelavam suas identidades e valores, Lila buscou fotos de carros Nissan Maxima noventa e quatro. Contudo o carro parecia normal e comum — um para-lama aqui, um para-choque ali. Faróis. Portas. Um para-brisa. O máximo que o carro podia dizer era, “eu o levo lá”.

Apenas uma pessoa no [NICOclub.com](#) tinha respondido à mensagem de Yuri: “Infelizmente, acho que não existe um barato desses para a Califórnia.” Lila fixou o olhar no nome de fórum da pessoa até seus olhos turvarem: Ministro da Ruína.

Uma ironia como Boavida *versus* Ruína tinha que conter alguma mensagem cósmica. O universo estava puxando a manga de Lila para ressaltar opostos, como arte e boxe? Ou estava apontando uma progressão linear na vida de Yuri — de garoto feliz a assassino torturador? Ou será que a mensagem era sobre a própria vida, alterada por uma bala, de uma vida de batalha tolerável e saudável como a de todo mundo a uma sequência de desafios. Qualquer que fosse o significado, uma coisa era certa, e Cristina e Lila haviam conversado muito sobre isso: o universo salpicava sinais tentadores à nossa volta. Era necessário buscar e tentar entendê-los.



Lado a lado no sofá da sala de estar, opostos a Lila, Rich e Joe pareciam um par de urubus, até Rich colocar os cotovelos nos joelhos e lançar um olhar de escoteiro empolgado para Lila. Joe se apoiou nas almofadas, tilintou moedas nos bolsos e semicerrou os olhos em sua direção, como se não estivesse a fim de abri-los para aquilo de que não gostava. Antes, ele parecera querer mais de Lila do que ela podia dar, e dele vinha uma corrente de desaprovação. Aquilo deixava Lila desequilibrada, e talvez aquele fosse o objetivo de Joe.

Ele olhou para Grace no canto do quarto e lançou um olhar acusatório para Lila. “De onde que veio aquele cachorro patético?”

Ela não podia dizer que Grace era roubada. “Ela veio com meu trabalho de tomar conta da casa.”

“Ela precisa de uma comida decente”, disse Joe, como se o corpo magricelo de Grace fosse culpa dela.

“Eu tentei fazer ela comer hoje de manhã. Não estava interessada.”

“Mude a dieta dela.”

“Eu, teoricamente, tenho que dar o que minha amiga deixou de comida”, Lila disse educadamente. Ele se sentou mais atrás na poltrona e cruzou as pernas.

Grace parecia saber que era alvo de discussão e queria extrair mais compaixão do Joe. Mancou até a cozinha e, com um suspiro dolorido, sentou-se no tapete oriental sob a mesa, onde ele poderia vê-la.

Joe balançou a cabeça e murmurou: “Uma pena”.

Rich sorriu para Lila como a luz do sol. “Esqueça o cachorro. Queremos falar com você sobre o caso.”

“Tudo bem”, Lila encostou-se na poltrona ao mesmo tempo que Grace desabava na posição de frango assado, apoiava o queixo nas patas e gemia como se tivesse uma artrite de que Lila também precisasse cuidar.

Rich disse, “Nós conversamos com seus colegas. Parece que havia algo pessoal incomodando Makov.”

“Pode ser”, concordou Lila.

“Como ele lhe mandou um cartão de namorados e você o conhecia bem, achamos que você poderia nos dizer... ele estava bravo com alguém no escritório?” perguntou Rich.

“Eu disse da última vez — eu não o conhecia bem.”

Por que que esse fato simples não entra na cabeça dos policiais?

“Ele estava bravo com alguém?” Joe empurrou Lila de volta à pergunta.

“Não que eu saiba.”

“Ele poderia estar com raiva de você?”, perguntou Rich.

Lila engoliu com a garganta travada. “Eu não sei como. Eu quase nunca conversava com ele.”

Com os olhos, Rich parecia alfinetar suas asinhas no tecido. “Tem alguma coisa que você não nos contou, Lila?”

Ela não gostou do jeito familiar que ele usou o nome dela — ou a implicação de que ela estivesse escondendo algo. “Eu falei para vocês tudo o que sei.”

“Nada mais a dizer sobre sua relação com Makov?”, perguntou Joe.

“Eu já expliquei. Não havia uma relação.”

“Você admitiu que ele lhe mandou um cartão de dia dos namorados”, lembrou Rich.

“Eu não encorajei. Se havia qualquer coisa entre nós, era unilateral.”

As sobranceiras de lagarta de Joe arquearam-se. Ele batia os dedos rechonchudos no braço do sofá.

“Uma das suas colegas disse que Makov passava muito tempo perto de seu escritório. Ela acha que ele estava esperando por você.”

Lila se sentiu enojada de alguém sugerir isso. “Eu não o via passando tempo lá.”

“Nunca?”, questionou Joe.

“Bem, talvez de vez em quando. Eu não dava bola. Ele estava limpando o *hall*”, disse Lila. “Que colega disse isso?”

“Ela pediu para não falarmos o nome dela”, disse Rich.

“Porque ela está errada. Yuri Makov estaria lá apenas para passar o aspirador.” *Com certeza é isso, mas, e se não for?*

Rich se inclinou em direção a Lila, sentando-se na ponta da almofada do sofá. O sol do sorriso havia ido embora. “Nós vamos perguntar diretamente... você e Makov tinham um caso?”

“Não! Honestamente!” A língua de Lila juntou saliva, um começo de náusea. Sua boca tinha gosto de metal. “Como que você consegue me perguntar isso?”

“É uma pergunta lógica”, disse Rich.

“Deixa minha pele arrepiada.” Ela pressionou o braço bom sobre o estômago.

“Um caso não é um crime. Você pode nos contar. Precisamos fechar esse caso”, disse Joe.

“Tenho certeza de que há outra explicação para o que ele fez. Não pode ter tido nada a ver comigo. Eu mal o conhecia.” Quantas vezes ela teria que dizer isso a eles para eles acreditarem?

“Nunca saiu com ele?”, perguntou Joe.

“Não.”

“Nunca se encontrou com ele fora do escritório?”, perguntou Joe.

“Nunca.”

“Nunca paquerou ele?”, perguntou Rich.

“Claro que não.” As palavras de Lila lançavam alfinetadas.

As perguntas dos homens deixavam-na desconfortável, como se fosse culpada de algo que ela insistia para si mesma que não havia feito. Mesmo assim ela não conseguia largar a pergunta excruciante: e se ela tivesse tido um

papel não intencional no tiroteio de Yuri? Seria possível?

Enquanto a pergunta circulava pela mente de Lila, ela desejou que nunca tivesse se perguntado. E estava com raiva de Joe e Rich por acharem que ela poderia ser responsável pelo que Yuri Makov havia feito. Enquanto se convencia de que não tinha culpa, ela apertava o braço da poltrona. O rosto enrubescou, e uma gota de suor escorregou pela espinha.

Rich e Joe a observavam com rostos endurecidos. Por um longo e silencioso momento, eles a deixaram ao vento.

“Ok”, disse Rich finalmente, parecendo tão sombrio e desconfiado quanto Joe. “Não faz sentido perder mais tempo aqui, mas queremos que você pense seriamente sobre o que estava havendo entre você e Makov.”

“Eu continuo dizendo, não havia nada. E se houvesse, teria sido na cabeça dele.” Lila queria que os homens fossem embora. Desesperada por ar frio e puro, ela apertou o braço da cadeira com mais força e disse educadamente, “Eu sinto muito que não possa ajudá-los mais.”

“Você poderia se quisesse.” Os olhos de Joe estavam cobertos de suspeita.

“Tenho certeza de que é um caso difícil para vocês.”

“Você pode colocar dessa forma”, disse Rich. Ele e Joe levantaram-se e saíram em direção à porta. “Talvez voltemos.”

Espero que não. “Tá bom.”

Lila trancou o cadeado atrás deles. Tinha, normalmente, o apetite saudável, e correu para a cozinha atrás dos biscoitos de chocolate que Cristina havia deixado no *freezer*. Enquanto Lila os enfiava na boca, Grace continuou deitada sob a mesa e virou o rosto para a parede, para evitar contato visual. Lila poderia ter oferecido um dos biscoitos do Adam, mas ela estava cansada de tanto tentar ser simpática com todo mundo.



Por mais que quisesse saber sobre Yuri Makov, Lila estava cansada dele por hoje. Em vez de voltar para o computador, ela foi até a varanda e, exausta, desabou na espreguiçadeira de tela.

O vento trouxe nuvens, que cobriram o sol. Em um loureiro ao lado da estrada, gaios azuis berravam, como faziam quando o clima está para mudar. Um vento sacudiu as sequoias e as desarranjou até as raízes. Nada parecia calmo.

Com a cabeça apoiada sobre o travesseiro, e agitada pelas perguntas de Rich e Joe, ela sentiu os membros de sua família mental, as facetas de si mesma que viviam, como parentes, dentro de sua cabeça. Às vezes, eles se apresentavam como personagem de sua imaginação, e a primeira a aparecer naquela tarde conturbada foi sua Tia Louca, que Lila raramente deixava sair do porão mental, porque ela tinha raiva e era descontrolada, exatamente o que a maioria das mulheres é ensinada a não ser.

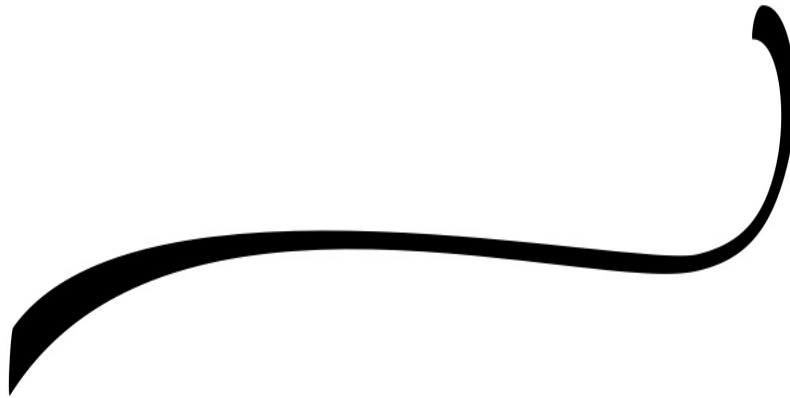
Ela invadiu os pensamentos de Lila em um Ford Explorer arrebitado e mostrou seus dentes manchados de tabaco. Seu cabelo descolorido tinha o corte moicano, um alfinete na orelha furada e a cabeça de um prego despontava do meio da testa.

“Esses policiais são uns idiotas. Você não precisa aceitar o lixo deles”, ela uivou. “Sua vida é uma bagunça ferrada por causa do Yuri Makov, e eles estão tentando fazer você comprar a culpa. É ridículo! Tá na hora de arrancar o coração deles!” A Tia Louca de Lila rosnou como um cachorro louco, e o alfinete na orelha estremeceu.

A sua explosão breve e furiosa na mente de Lila era um sinal de como ela estava cansada de ser civilizada quando não se sentia dessa forma e quanta raiva ela tinha. Ela queria brigar de volta com os homens que lhe causaram dor — Yuri, aqueles policiais, Reed e até Adam Spencer por deixá-la com Grace.

Admitir a raiva forçou Lila a lançar um olhar inabalável a outro membro da família mental, diametralmente oposto à Tia Louca, e impregnado nela pela sua mãe, que valorizava graciosidade. O dito membro da família mental era a Aprozível, o lado de Lila que ficava saltitando de macacão cor-de-rosa e tênis cor de lavanda, assoprando bolas de sabão e distribuindo flores nas esquinas. Sem querer atrapalhar o ânimo de ninguém, e resolvendo situações estranhas, ela controlava relações sociais lubrificando os sentimentos enferrujados dos outros e se assegurando de que todo mundo estava contente. Ela havia ficado com Grace sem protestar e fora educada com Rich e Joe. Ela acalmava e mimava as pessoas para que se sentissem confortáveis e gostassem dela — uma maneira de desviar do conflito e manter as relações equilibradas.

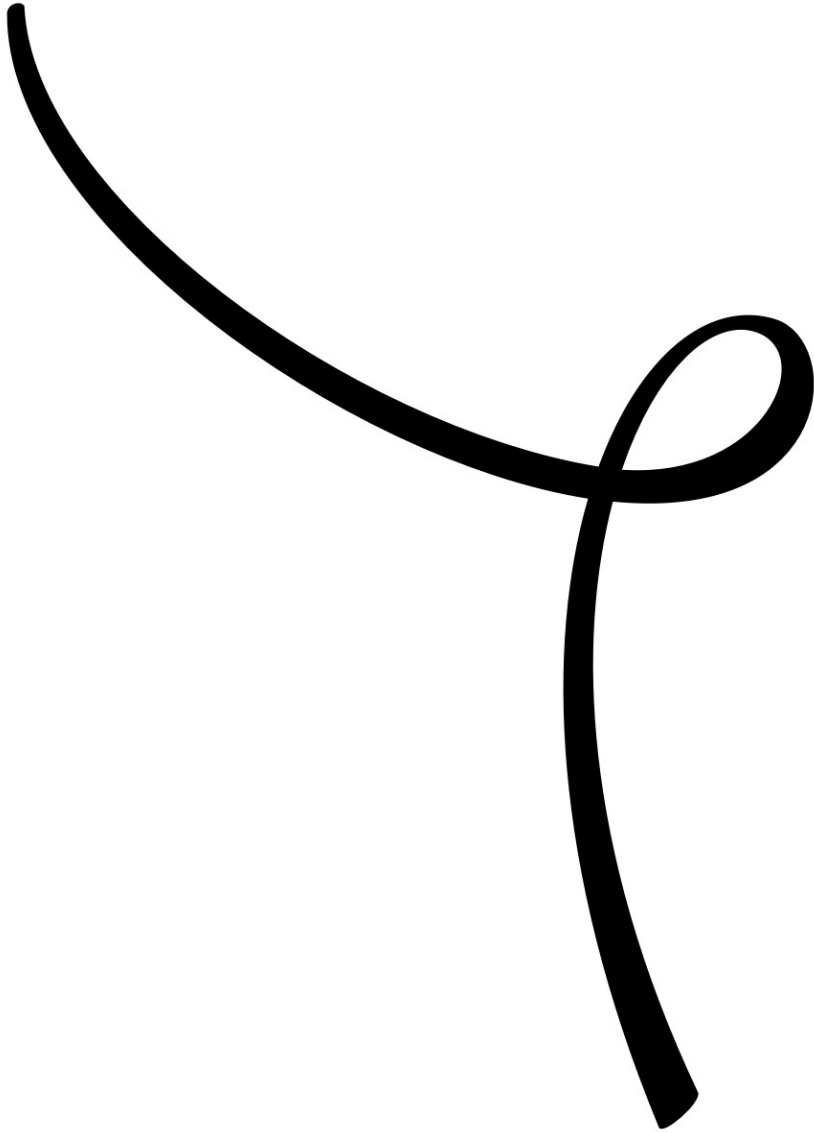
Talvez ela tivesse acalmado e mimado Yuri Makov. Encolhendo na espreguiçadeira, Lila disse a si mesma que não era possível. *Mas talvez fosse.*



Lila se refugiou no quarto, onde Grace estava escondida embaixo da cama. Se ela decidisse se arrastar para fora e morder Lila, ela poderia correr até o banheiro e trancar a porta.

A perna de Grace aparecia debaixo da saia da cama como uma baqueta errante que caiu do teto. O pé estava num ângulo estranho, e a parte acolchoada da pata parecia o feltro de um chapéu Fedora cinza. As unhas se curvavam como vírgulas escritas com uma caneta de ponta porosa preta; tufo de pelo dourado saíam entre os dedos. Se Lila tivesse achado a perna de Grace exposta em uma galeria de arte, teria se interessado e não se sentiria ameaçada.

Lila passou por cima do pé de Grace, e, no meio do dia, ela subiu na cama e puxou as cobertas até as orelhas. Agora, ela e Grace estavam uma sobre a outra, com um colchão entre elas, como dois andares de refugiados do mundo.



“VAMOS LÁ, GRACE.” Em pé, ao lado da porta dos fundos aberta, Lila apontou o quintal.

Sob a mesa com pés de garra da cozinha, onde passara a manhã inteira mantendo distância, Grace piscou para Lila, como se tivesse falando com ela em copta.

“Você precisa sair.” Lila apontou novamente. Contudo, depois de ordenar a Grace que comesse, sem resposta, Lila não esperava que o cachorro fosse fazer o que desejava. “Olha, quero pintar. Vou me sentar naquela mesa. Nada pessoal, mas eu me recuso a ficar tão perto de seus dentes.”

Grace apoiou o queixo nas patas, fechou os olhos e anunciou que não tinha intenção de interromper o descanso da manhã.

Recusando-se a deixar a Aprazível ceder a um cão, Lila estalou os dedos. “Fora.”

Provavelmente cansada de ser incomodada, Grace mancou pela cozinha, saiu pela porta e desceu as escadas em direção às samambaias. Lila estava pronta para começar um estudo em aquarela do primeiro quadro de “Aberturas”, a série de quadros de janelas, portões e portas. Ela puxou a cadeira para perto da mesa e se concentrou, de uma maneira que nunca conseguiria ter feito com os dentes de Grace embaixo da mesa.

O quadro de hoje era das nuvens pela janela da cozinha de Cristina. Contudo, diferentemente das nuvens brancas fofas de René Magritte, as do céu naquela manhã eram tempestuosas e escuras. Thor estava lá, balançando

o martelo, sedento por uma briga, através dos raios e trovões que se expressavam. Talvez Lila se atraísse pelas nuvens porque elas refletiam o ressentimento escuro e hostil que ela tinha em relação a Yuri Makov.

Ela manejou um rolo de fita adesiva e selou os cantos do papel na prancheta de aquarela de pinho. Depois esboçou o retângulo da janela com um lápis macio, que fazia um som de rabisco confortante. Abriu tampas de tubos de tinta carmesim, preto e azul-da-prússia e espremeu massinhas do tamanho de uma ervilha na paleta — e a cozinha se encheu de cheiro terroso de esperança. Quando mergulhou o pincel em um pote-d'água, o cabo tilintou contra o vidro, alegre como um sino. Ela colocou água na paleta, empurrou pequenas quantidades de tinta e misturou até chegar a redemoinhos interessantes de cor.

Ao passear as cerdas do pincel sobre o papel de aquarela áspero e pintar uma delicada trilha em roxo aguado, ela adentrou o vasto e único mundo da criatividade, e ouviu as vontades que lhe diziam onde colocar cor e no que não mexer. Seu guia interno a induziu a colocar mais uma camada de roxo e mostrar o humor sinistro das nuvens, mas deixando áreas contrastantes de papel branco, para definir as formas. Finalmente, depois de mergulhar e pincelar mais uma vez, ela borrifou água, para dar um ar nebuloso às beiradas das nuvens, e gotas frias sopraram em seu rosto.

Para conseguir uma imagem mais turva, borrifou novamente — mas ela molhou demais e as nuvens empoçaram. Colocou o borrifador sobre a mesa, querendo que não tivesse perdido o controle.

A pintura era um lugar seguro para se soltar e nada horrível acontecer; mesmo assim, era necessário segurar a liberdade com rédeas, sob risco de destruir o próprio trabalho — como bem mostraram as poças.

Tantas coisas poderiam estragar a pintura. Como artista, a resistência fora uma companheira constante de Lila. No começo, seu pai tinha sido contra e tentou impedir sua mãe de registrá-la em um programa de artes depois das aulas no segundo grau. Ele comprou um *software* de enciclopédia, um bastão de lacrosse e insistiu: “Vá pesquisar o ciclo de Krebs e a República de Weimar. Você está desenhando muito em seu quarto. Saia mais de casa.”

Lila pesquisou sobre o ciclo de Krebs e a República de Weimar, e jogou lacrosse. Contudo, pintava e desenhava, e seu pai resmungava e ficava em seu caminho. Ele explicou: artistas morriam de fome, e ele queria protegê-la de ter que voltar para casa se arrastando, empobrecida, com um prato vazio nas mãos. Mesmo assim, determinada a virar pintora, ela concluiu um diploma de artes na faculdade — e no final das contas ele tinha razão porque a pobreza se tornou outro obstáculo.

Nos apartamentos de aluguel barato em que morou, camundongos eram seus parceiros de quarto, e ela comia salsicha diariamente — cozidas, fritas, requentadas com chili ou repolho, enterradas em molho agridoce, assadas e enroladas em *croissants*. Aquecedor para o inverno era um sonho distante; seguro de saúde, uma miragem. Ela se acostumou à privação porque amava o que fazia. Ainda assim, seu pai desaprovava.

Quando Lila começou a namorar Reed, ela pintou uma série levemente surreal, “Justaposições Estranhas”, que juntava incongruências na tela. Pintou um Thunderbird de sessenta e oito sobre um nenúfar; uma fatia de melancia atravessando a Via Láctea; um dragão chinês do tamanho de um diamante enrolado em uma cesta de roupa suja. Depois, ela ilustrou flores e, fazendo jus às justaposições estranhas, pintou flores de cerejeiras boiando numa taça de chá gigante.

Àquela altura as pinturas de Lila eram vendidas em galerias, mas não o suficiente para continuar vivendo, então, numa tarde quente de verão, ela levou o trabalho para a feira de Palo Alto. Abriu uma colcha azul no chão e posicionou a pintura da flor de cerejeira junto às outras da série. Mosquitos zumbiam em volta de seus olhos e o sol batia, enchendo sua cabeça com visões de limonada, que ela não conseguia pagar. No bolso ela tinha dezoito dólares, todo o dinheiro que havia no mundo.

Uma mulher de jeans e sandálias com pontas vermelhas olhou o trabalho de Lila, escurecido por sua sombra. “Tem como fazer com flores alaranjadas?”

“Alaranjada?” Lila inclinou a cabeça para trás para olhar a face em forma de torta da mulher.

“É, como a fruta.”

Ninguém nunca havia pedido para Lila comprometer seu trabalho. “Por que alaranjadas?”

“Eu tenho cadeiras alaranjadas em minha sala de jantar.”

“São flores de cerejeiras. São rosa.”

“Tem como pintar por cima. Se não tiver que recomeçar do zero, dá para manter o preço baixo, não é?”

Lila entendeu como os pneus furados se sentiam. Ela ouviu o pai sussurrar em seu ouvido: “Alaranjada? Rosa? Que diferença faz a cor, quando seu aluguel está com duas semanas de atraso?” Contudo, a intenção era que as pétalas fossem de um rosa gritante de beleza, antes que o chá as encharcasse de marrom. Ela queria captar a visão da graciosidade vulnerável e tão facilmente estragada. Só o rosa passava essa mensagem; alaranjado seria agressivo demais. Ela não conseguiria mudar a cor.

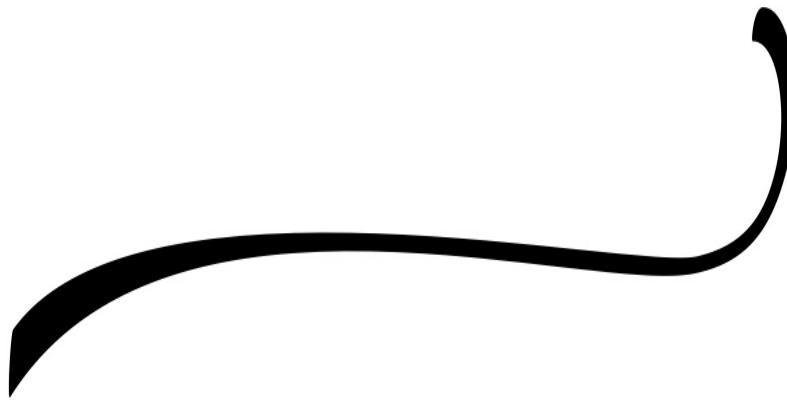
Lila visualizou a sala de jantar da mulher, um ponto de encontro da loja de departamento Sears e Alhambra: estofado de veludo alaranjado em volta de uma mesa estilo moura. No centro, sobre o verniz castanho, uma

cornucópia de vime jorrando abóboras murchas que sobraram do dia de Ação de Graças — debaixo de um candelabro que parecia fazer pingar gotas de plástico.

Lila levantou em seu quase um metro e oitenta, amordaçou sua Aprazível e franziu a cara para a mulher, um pigmeu moral que estava jogando uma isca para que ela baixasse seu nível e que não entendia a importância da integridade da arte. Em sua cabeça, Lila ouviu seu pai implorar seu usual: “Não seja teimosa! Ceda!”. De todo modo, ela disse com um quê de determinação: “Talvez você pudesse combinar suas cadeiras com uma pintura de pôr do sol. Esse aqui não é sobre flores alaranjadas.”

Enquanto a mulher virava as costas, Lila sacudiu as mãos em destituição. Os passos da mulher soltavam lufadas de poeira, mas Lila se recusou a deixá-los encobrir seu espírito. A mulher virou e lançou um “Deixa pra lá.” Contudo, Lila não deixou. Ela disse a si mesma que resistiria mais ferozmente para continuar fazendo o que amava, e ela usaria a briga como um distintivo de coragem. Ela nunca seria derrotada.

Agora, na mesa de Cristina, Lila pegava uma esponja e secava resolutamente as poças, para salvar suas nuvens.



Absorvida pela pintura, Lila mal notou as gotas de chuva pingando no céu. Ela foi até a janela ver Grace sentada ao lado das samambaias. Aparentemente, a chuva estava caindo nela há um tempo porque seu pelo opaco havia escurecido para um cinza sujo e encharcado. A bandana vermelha, agora um castanho avermelhado, havia caído do pescoço.

Grace devia saber que Lila estava na janela, porque ela virou e olhou para ela. Apesar de encharcada, seus olhos tinham o brilho orgulhoso dos spaniels nos quadros do século dezoito, sentados em almofadas de veludo, ao lado de reis vestidos com pele de arminho. *Você pode achar que pareço um moleque de rua, mas aguento todo o frio e a chuva que o mundo tem a dar. Longe de mim pedir para entrar.*

Lila não poderia nunca deixar Grace tremendo no quintal. Se ela foi acorrentada a uma árvore, ela deve ter levado chuva e frio; e, apesar dos dentes afiados e da bipolaridade, ela não merecia sofrer mais. Ela foi até a porta e chamou. Grace escalou as escadas devagar, como para mostrar que entrar agradecida em casa estava abaixo dela. Ao passar pela porta, ela roçou nas pernas de Lila e deixou pelo molhado vermelho no jeans de sarja preta, então atravessou a cozinha e foi para seu posto na sala — deixando marcas de pata lamacentas, como cartões de visita, pelo chão.

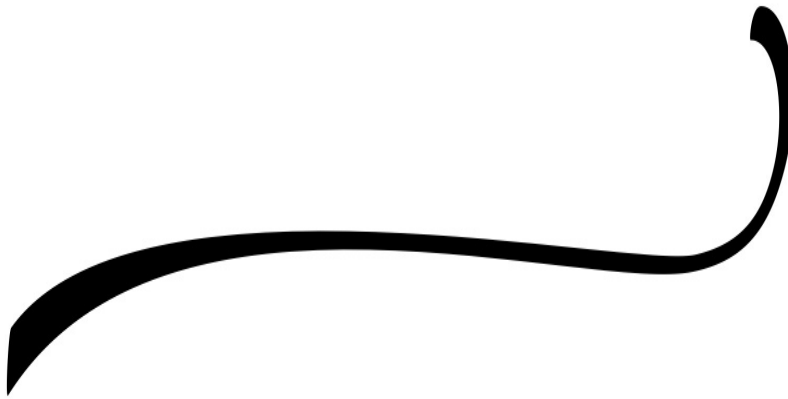
“Como que as pessoas moram com um cachorro?” Lila queixou-se enquanto limpava as pegadas com um papel-toalha.

Grace não parecia apologética. Ela foi rude, isso sim. Uma fera sem modos, como os wolfhounds irlandeses de Adam Spencer.

Ignorando Lila, enrolou-se em um tapete oriental ao lado do sofá e fechou os olhos. As cortinas abriram-se e ela deu início à produção de um ato, performance solo: “Cão cochilando”. Ela começou a roncar. Em minutos estava realmente engajada, totalmente comprometida a emitir uma série sucessiva de adenoides problemáticas. Inspirando, soava como um maquinário enferrujado triturando uma escultura de Jean Tinguely. Expirando, os lábios expandiam, com uma rajada de ar.

Grace muitas vezes mudava de posição enquanto dormia, a cada vez mostrava que sofrer era sua arte. Primeiro, ela se enrolava como uma bola e pressionava o nariz contra o rabo, como se tentasse se disfarçar de abóbora rejeitada. Depois, ela deitava de lado, com as pernas esticadas à frente, deixando o corpo no formato de um largo “U” desanimado, quase um “O” de “oprimido melancólico”. Por último, ela rolava de barriga para cima e fechava os olhos, parecendo contemplar as mágoas da vida. Não importa como se jogasse, seu corpo sempre parecia dizer “estou triste.”

Apesar de ter sujado o chão e o jeans, Lila desejou que Grace tivesse uma vida melhor. Entretanto, quando voltou a pintar, os roncoss a distraíram; Lila percebeu então que estava respirando em sincronia com Grace, como se estivessem conectadas, duas partes de um todo. Não querendo deixar Grace interferir não só em sua arte, mas também em sua respiração, Lila segurou a dela para alterar o ritmo e respirar na própria cadência.



Lila poderia ter usado um secador de cabelo para secar as nuvens e voltar a pintar, mas ela não queria que o barulho alto e metálico assustasse e acordasse Grace, que entraria em “modo mordida” como o vira-lata do Walmart. Enquanto Lila esperava o papel secar, ela foi para o escritório cercado de copos de leite. Com dedos da mão direita determinados, ela digitou “surto nos correios” no Google.

Um artigo começou com o caso de Patrick Sherrill, que, em mil novecentos e oitenta e seis, atirou e matou quatorze empregados, feriu mais seis e se matou em uma agência do correio, em Edmond, Oklahoma. Apesar de algumas pessoas já terem matado em agências do correio antes, Sherrill foi o primeiro assassino a matar em grande escala. A expressão “surto nos correios” foi cunhada por causa do que ele fez.

Lila se inclinou na tela do computador e olhou fixamente a foto dele com uma camisa xadrez e sobrelhas levantadas na ponta externa, como um vilão que enrola o bigode com os dedos. Contudo, assim como a foto de Yuri Makov na TV, essa foto não dava indícios do que Patrick Sherrill se tornaria.

Segundo o artigo, quando ele estava crescendo, crianças da vizinhança o chamavam de “Pat Louco”, e ele começou a ficar careca no ensino médio. Ele vivera sozinho com a mãe até a morte dela, depois da qual foi pego bisbilhotando janelas dos vizinhos e fazendo ligações telefônicas obscenas. Conhecidos o rotulavam de “esquisito” e acreditavam que ele era solitário, mas tímido e gentil, a última pessoa a matar alguém. Era exatamente isso que Lila teria dito de Yuri Makov antes de ele ter atirado em dez pessoas.

O chefe de Sherrill o reprimiu por borrifar *spray* de pimenta num cão que latia atrás de uma grade trancada, e depois o suspendeu por deixar pacotes e correspondência sem vigiar e entregar quinhentas cartas atrasadas. Um dia antes de Sherrill surtar, os supervisores também o criticaram, e ele sentiu que eles estavam documentando seus erros para montar um caso para demiti-lo.

Sherrill era um exemplo clássico do que o professor Leibowitz havia descrito no jornal da TV. Será que era o caso de Yuri também? Se ele estivesse chateado com o trabalho, no entanto, Rich e Joe teriam descoberto e não ido atrás de Lila para ter explicações.

Com um ressentimento amargo, ela fitou o rosto de roedor de Patrick Sherrill. *O que você estava pensando? Como conseguiu fazer algo tão horrível?* Se Sherrill não tivesse existido, talvez Yuri não tivesse considerado matar pessoas.

De acordo com o artigo, logo depois de Sherrill atirar nos colegas de Oklahoma, outros trabalhadores do correio americano o imitaram. Um trabalhador hostil roubou um avião de pequeno porte em Boston e saiu atirando em seu local de trabalho com uma AK-47. Outro trabalhador feriu três e matou duas pessoas, incluindo ele mesmo, nos correios em Dearborn, Michigan, no mesmo dia em que outro empregado dos correios matou a mãe e dois colegas em Dana, Califórnia. O artigo defendia a teoria de que todos esses assassinatos se resumiam, no fim das contas, em raiva.

Poderia a raiva ter levado Yuri a fazer o que fez? Mais uma vez, Lila se perguntou do que ele tinha tanta raiva? E a raiva dela de ter levado um tiro dele? Se ele estivesse na frente dela, teria raiva o suficiente para matá-lo? Provavelmente não, mas não sentiria pena se alguma outra pessoa o fizesse.

Ela voltou a apoiar-se na cadeira para colocar distância entre ela e a foto do “Pat Louco”. O que se deveria fazer com a raiva? Não dava para queimá-la porque já era fogo. Enterrar não adiantaria porque cavaria o caminho de volta e iria atrás de você, mais forte que nunca. Se você tentasse afogar, ela o sugaria para baixo d’água também. Parece que não havia como se livrar da raiva. Para o resto de sua vida, você teria que viver com aquilo, ou trabalhar em volta daquilo, ou fingir que não estava lá.

Naquele instante, algo explodiu como um canhão no deque atrás da casa. Lila pulou num susto. *Um tiro. Tinha que ser.* Num clarão, Yuri Makov estava correndo pelo corredor para matá-la, e ela tremia como uma folha ao vento.

Lila começou a suar. Seu coração batia como se fosse quebrar as costelas. A cabeça estava tocando um alarme. Portas bateram no corredor de cima a baixo. Pessoas gritavam do lado de fora de seu cubículo. Ela sentiu o cheiro de fumaça de arma. Ela precisava correr para se proteger.

Procurando um lugar para se esconder, ela viu o escritório de Greg. Seus livros de Direito. Os copos-de-leite. A colcha com cena de caça ao ganso selvagem. A poltrona com laterais.

Lila mentalmente se agarrou pela nuca e sacudiu-se para trazer de volta a razão: *Controle-se. Foi um flashback. Você está segura. A explosão foi um trovão. Os gritos são de Grace.*

Arrancada do sono, Grace dava ganidos angustiados, em pânico. Ela correu para a sala, se agachou e enterrou a cara nas patas. Aparentemente não encontrando segurança, ela se levantou, mas não sabia em que direção corria — então, confusão, ela mancou em círculos pelo quarto. Depois uivou e chorou, com a perna aleijada travada embaixo dela, ela ziguezagueou no corredor até o quarto de Greg e Cristina.

Lila sabia por experiência como o terror podia pulverizar alguém. Grace estava tão assustada quanto Lila. Ver Grace se despedaçando de pavor aumentava a aflição de Lila, mas também a deixava com pena.

Como o cachorro não podia ser uma ameaça com tanto medo, Lila correu para o quarto. Grace estava escondida debaixo da cama. Lila se ajoelhou e levantou a saia da cama. No escuro, os olhos assustados de Grace brilhavam como carvão quente. Tremores de dentro dela surgiam em ondas. Sua respiração estava cortada.

“Grace, tá tudo bem. Foi um trovão. Não vai machucá-la.”

Quando outro trovão ressoou na distância, o corpo de Grace vibrou. Os gemidos pareciam mais que sons; eles roçavam o rosto de Lila como teia de aranha.

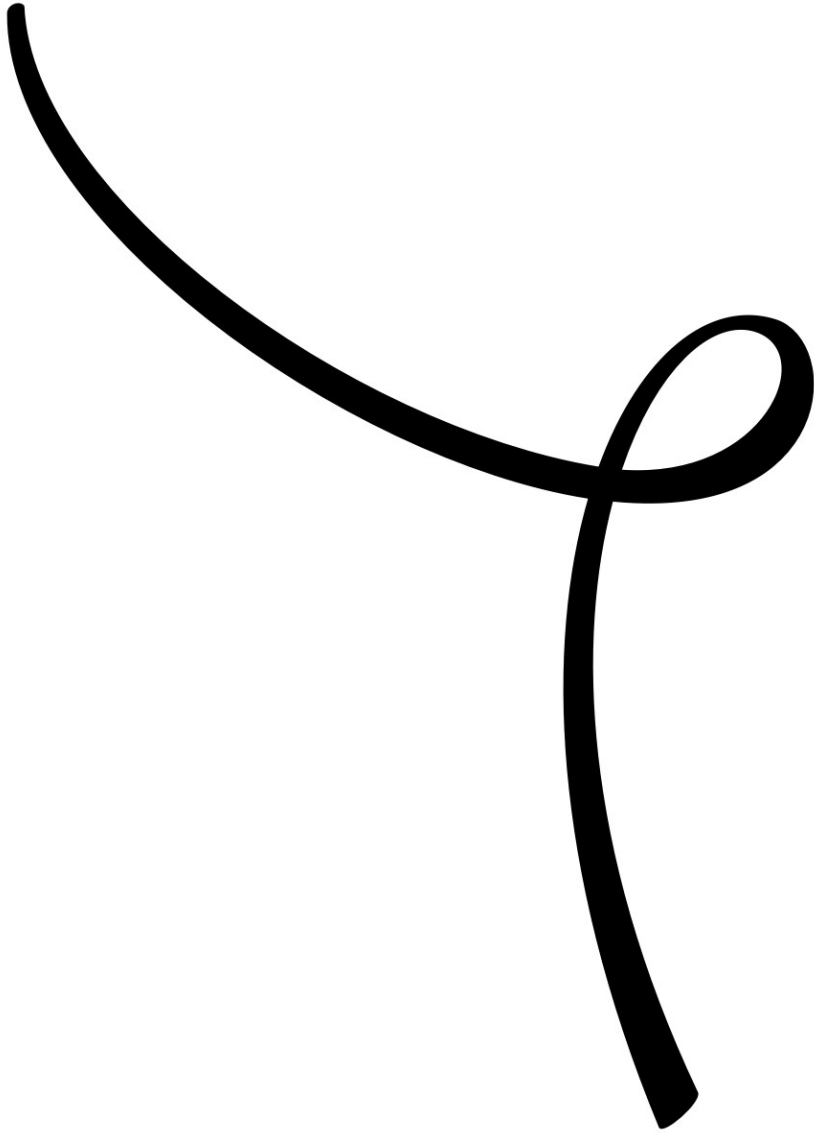
Ela continuou repetindo o nome de Grace. “Você já ouviu trovão antes, não é?” Claro que sim — acorrentada a uma árvore. Tempestades deviam apavorá-la. Lila não sabia que cães podiam ter sentimentos primais tão intensos.

Entretanto, confortar Grace era exaustivo. Ela mesma, tão recentemente assustada, tinha pouca força para ajudar o cão. Lila baixou a saia da cama, apoiou-se contra uma parede e fechou os olhos. A carência nos gemidos de Grace a emocionavam, e Lila se identificou com a vulnerabilidade e angústia.

Grace e Lila ficaram no quarto até a trovoadá parar. Depois, Grace engatinhou para fora de debaixo da cama e olhou para Lila com olhos envernizados que perguntavam: “Quem é você? O que está fazendo aqui?”.

“Tadinha. Sinto muito. Vai ficar tudo bem”, Lila sussurrou.

Ela, a ex-desconfiada de cães, afagou o ombro de Grace.



LILA COMEÇOU A descer a estrada da montanha em direção à cidade. A floresta tinha cheiro de sequoias frondosas e loureiros. Raios desfocados da luz do Sol da manhã brilhavam através das árvores em trevos, samambaias e beldroegas de inverno, salpicando como camuflagem. Depois de uma curva, a estrada passava por um trecho de Sol mais claro e arbustos de amoras e giestas, atrás dos quais podiam se esconder assassinos. Lila procurava em cada monte de vegetação. Ela espiou dentro de um carro que passava.

Há três anos, quando ela e Cristina estavam fazendo uma trilha na floresta de Mill Valley, um homem com um rifle saiu de trás de um tronco de sequoia. Vestia um macacão sujo, tinha *dreadlocks* encerrados na altura dos ombros e uma lente dos óculos estava rachada. Ele apontou o rifle na direção delas e parecia a um sopro de mirar e atirar. Cristina gritou. Ela e Lila saíram correndo para o riacho abaixo e depois para casa.

Foi quando Cristina contou sobre David Carpenter, o Matador das Trilhas. Há quase trinta anos, ele havia pegado três mulheres de surpresa e esfaqueado ou atirado nelas no monte Tamalpais, praticamente no quintal de Cristina. Eventualmente ele foi pego e condenado por sete assassinatos, e Lila nunca se esqueceria dele porque ele implorou para a polícia que o prendeu: “Por favor, não me machuque!”. Depois do que tinha feito, quem poderia esquecer tamanha audácia e covardia?

Por causa dele, Lila teve que se convencer, naquela manhã, a caminhar até a loja. Se não fosse por iogurte, tofu e grampos, e se tivesse duas mãos boas para dirigir um carro, ela nunca teria ido sozinha numa estrada em que

outro ser humano poderia aparecer de tempos em tempos — e o ser humano poderia atirar nela.

Depois do café da manhã, ela pesquisou sobre David Carpenter, para ter certeza de que não estava mais espreitando mulheres. Mesmo sendo um assassino em série, e não um atirador em série, ela esperava ter algum *insight* sobre Yuri Makov — uma vez que um brutamente sádico poderia ter algo em comum com outro.

Grace roncava na cozinha enquanto Lila lia um artigo *on-line* sobre Carpenter, que trabalhou como vendedor, comissário de navio e impressor. Apesar de ter sido condenado à morte, ele estava vivo, e bem, em San Quentin, depois da autoestrada, apenas a alguns quilômetros ao norte de onde Lila estava sentada, percebeu com medo.

Na foto da prisão, Carpenter, com um casaco e gravata, parecia que estava indo dançar, e não indo para a prisão. O nariz era largo como o de um gorila e um olho parecia maior que o outro, dando um ar de desequilibrado e problemático. Era bem careca e, provavelmente para compensar, deixara crescer costeletas que curvavam em direção da boca. Era uma ênfase infeliz, pois na acusação ele gaguejava tanto que mal conseguia responder “sim” quando o juiz perguntou se o nome dele era David Carpenter.

Ele era gago desde os sete anos, talvez porque o pai alcoólatra batesse muito nele e sua mãe tirana e quase cega o obrigara a fazer *ballet*. O artigo deu a entender que a crueldade dos pais também fora responsável pela incontinência urinária à noite, tortura de animais, surtos de raiva e refúgio atrás de uma carapaça de timidez. Aos dezessete, ele molestara duas primas. Mais tarde, ele levou uma mulher até a floresta, de carro, montou em cima dela e disse que tinha uma “fantasia estranha” que ele precisava satisfazer e a atacou com um martelo. Com a intenção de estuprar outra mulher, ele jogou seu carro contra o dela para fazê-la sair — e a esfaqueou quando ela se defendeu.

Ele matou seis pessoas que encontrou isoladas em lugares como o monte Tamalpais, mas atraiu a última vítima prometendo vender um carro usado. Ele a ensinou a usar as máquinas de composição tipográfica para computador da Impressão EconoRápida, em que trabalhava, e o rumor era que ele tinha lhe dado carona várias vezes e tentado sair com ela.

Lila imaginou os olhares furtivos, a vítima sentada com as pernas cruzadas no banco do passageiro e sentindo desconforto que ainda não conseguia entender totalmente. Ele radiaria um desejo violento, planejando torná-la uma presa, e gaguejaria, vermelho de vergonha, um convite para jantar. Talvez ela sentisse pena dele, vivendo com uma limitação vocal daquele jeito, mesmo assim, se afastaria dos lábios gordos, que talvez se jogassem nela, caso ela aceitasse. O “não, obrigada” o faria ferver por dentro. Aquelas duas palavras simples significariam a morte para ela, uma consequência não intencional como o bater das asas de uma borboleta no Brasil e o começo de um furacão.

Estudando a foto de Carpenter, a tela parecia escurecer, como se o próprio computador sentisse repulsa de conter aquela lesma. Ela se perguntou se Yuri Makov havia molestado, estuprado ou atacado alguém antes de atirar nela e em seus colegas, e se havia sido uma criança problemática de quem pais haviam abusado.

Que tipo de pais criariam um assassino? Que erros teriam cometido? De todo modo, quanto dava para culpar os pais pelo que as crianças faziam? Escolha e livre-arbítrio não entravam na equação?

Não importava o que os pais de Yuri fizeram com ele, Lila não conseguia creditar a violência como apenas culpa deles. Ainda assim, ela visualizou um pai severo, insensível — com um chapéu de pele de castor e grandes botas pretas — que talvez tivesse aprendido métodos de tortura com a KGB. Talvez ele arrastasse Yuri até o porão do prédio, onde ninguém o ouviria berrar; deslizesse o cinto das alças da calça e chicoteasse Yuri até sangrar. Talvez declarasse que a insolência de Yuri não dava escolha a não ser a porrada. Talvez, ao estalar o couro na pele de Yuri, o pai sorrisse.

Talvez a mãe de Yuri fosse tão sádica quanto o pai, ou muito submissa para intervir. Ela talvez encorajasse a violência para disciplinar Yuri. Lila a imaginou com um lenço de boneca russa, esperando na fila por pão com Yuri, com seis anos. Ao se aproximar do balcão do padeiro, ela o obrigaria a ficar rígido como um soldado a postos, podendo apenas bater os pés de frio. Só mais tarde ele saberia que crianças podiam ser livres e felizes; mas aí seria tarde demais, o estrago estava feito. Ele assassinaria para acalmar a raiva, como o Matador das Trilhas. Mesmo assim, não era desculpa.



A biblioteca de Mill Valley era uma estrutura de madeira e vidro com um teto de telhas que parecia uma asa gentilmente inclinada. Como Cristina havia cancelado a assinatura do *Repórter*, Lila parou ali e leu rapidamente os jornais da última semana atrás de histórias de “surto de correio”. Não encontrando nada de interesse, ela voltou para a rua. Passou por uma igreja com janelas arqueadas e por casas atrás de grades altas, uma das quais tinha sapos de madeira pregados no topo de suas colunas.

Na rua principal de Mill Valley, cerejeiras delineavam as calçadas e sequoias cresciam em moitas em volta da praça central. Os para-brisas dos carros, estacionados em ângulo, refletiam o sol. Um ônibus passou perto. Mais importante para Lila: pessoas passeavam.

Apesar de saber que não dava para identificar psicopatas que pudessem estar dividindo a rua com você, nem para contar com a segurança nas multidões, pelo menos encontrava conforto nelas. Se alguém atirasse nela, não morreria sozinha, como seria o caso na descida da montanha. Ela relaxou a respiração.

Lila passou por *nerds* em um *cyber café*, *hippies* envelhecidos em tabacarias e mulheres com penteados tricotando ao redor de uma mesa, numa loja de lã. Um homem de terno e sapato social saiu de um Jaguar, enquanto um monge budista de robe magenta e Reeboks caminhava batucando um tambor. À sua frente, um missionário distribuía panfletos sobre Darfur, e uma mulher grisalha com saia de tênis empilhava sacos de areia para gato em uma Kombi cuja placa dizia “Cat Power.”

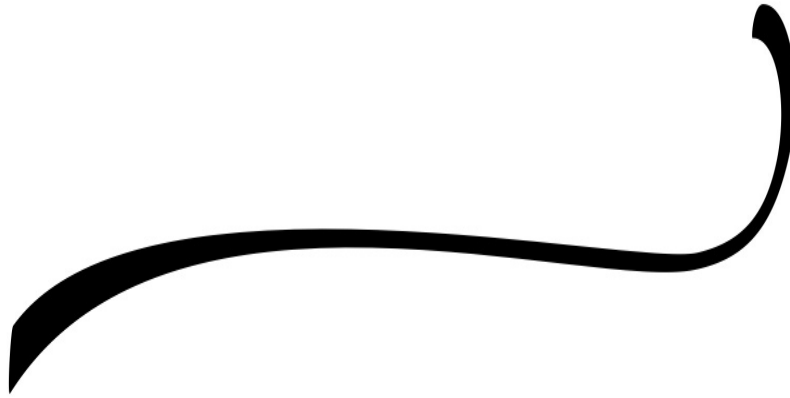
No mercado Wayfarer, lotado de gente, Lila comprou iogurte e tofu e, para comemorar a vitória de se aventurar sozinha, um molho de feijão preto *gourmet* — tudo que conseguia carregar para casa, com apenas uma mão. Depois foi dar uma olhada nas novidades da loja de móveis de segunda mão.

Tinha cheiro de verniz de móvel envelhecido, papel em decomposição e leite que alguém usara para mergulhar pratos de porcelana para esconder as fissuras. A luz era fraca e partículas de poeira viajavam pelo ar. O gerente estava almoçando atrás de uma velha cortina de veludo vermelho. Ele tiniu o garfo na porcelana e sintonizou o rádio na estação NPR.

Na seção de artigos para a casa, a esperança era sempre abundante porque ela nunca sabia o que poderia encontrar. A respiração acelerou com a alegria da busca, como um caçador galopando em cima de um cavalo, atrás de uma matilha de beagles. Uma vez, ela comprou uma colher por um dólar, poliu e encontrou “prata autêntica” gravado na parte de trás. Ela pagara dezenove dólares por uma pequena gravura do grego Pythius galopando um cavalo; em casa, com uma lupa, ela lera que era do famoso artista William Turner.

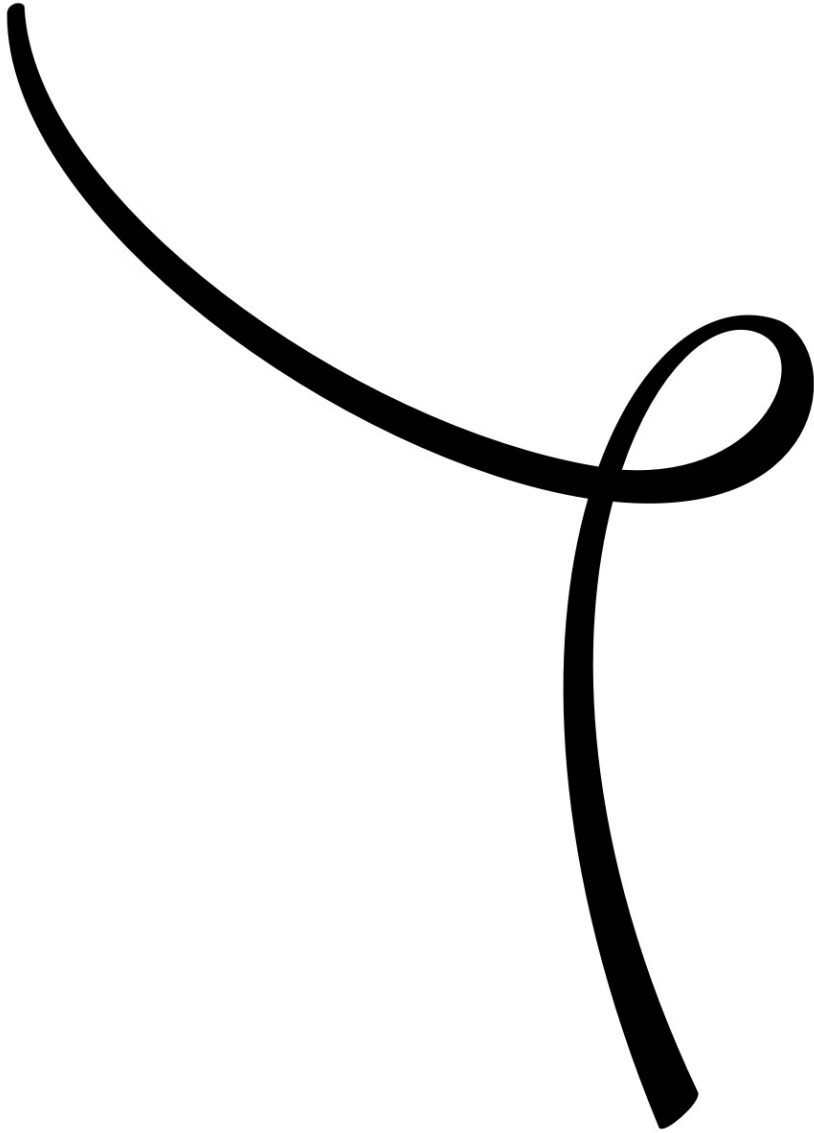
A loja de móveis de segunda mão tinha um brechó com as cestas de sempre, cheias de pratos e copos descombinados, um dos quais era rosa escuro e vermelho e daria um belo vaso, mas estava lascado. A única “pintura” era uma impressão de paisagem, sobre a qual alguém pincelara verniz para tentar enganar o comprador, fingindo que as pinceladas eram de óleo, e a pintura, original. Lila encontrou máquinas para fazer pão e iogurte enferrujadas; um jogo de lençol e fronhas, amarrados com fita-crepe; e uma placa de madeira com “Cozinha da Vovó” entalhado.

Nada incitou uma compra. Como um caçador de raposa frustrado, ela virou o cavalo e chamou os beagles para casa.



Quando chegou na metade da subida do morro, sentou no meio-fio e descansou. O cansaço a lembrou de quanto ainda faltava para fortalecer o corpo; e seu medo crônico de ataques deixou claro que o estresse pós-traumático ia de vento em popa. Contudo, depois de raramente sair da casa de Cristina por semanas, estar do lado de fora, entre pessoas, inflou seu espírito, e o gesso parecia mais leve. O sol parecia brilhar diretamente sobre o cérebro e clarear os cantos escuros e ameaçados. E estar longe de Grace por algumas horas era como se desfazer de um fardo.

Quando se levantou e retomou o caminho, os passos estavam mais leves. Entretanto, quanto mais perto chegava de casa, e de Grace, mais seus pés se atrapalhavam. Grace estava com Lila há quase duas semanas, e Adam não havia retornado uma única vez sobre sua busca por um lar. Na opinião de Lila, ele não estava procurando nada, e mesmo sua Aprazível diria que ele estava sendo indelicado. Lila observou as rachaduras da pavimentação. Se fossem manchas de Rorschach, ela teria visto problemas.



GRACE PRESSIONAVA O focinho na lateral de vidro da porta, com a madeira em volta da janela emoldurando seu rosto, transformando a cena em um retrato da tristeza. Ela poderia estar esperando em uma fila da farmácia pela receita de antidepressivo. Um xale de luto faria mais sentido em volta de seu pescoço que uma bandana vermelha.

Contudo, quando Lila começou a descer o caminho em direção da porta, Grace viu e se animou. Levantou como se fosse presidente do comitê de boas-vindas e a respiração embaçou a vidraça ao lado a maçaneta. Lila destrancou a porta e Grace se moveu apenas o suficiente para deixá-la entrar. Como ela havia confortado Grace em seu ataque de pânico por causa do trovão, Lila certamente havia ganhado pontos com Grace, e ela não mantinha mais a distância.

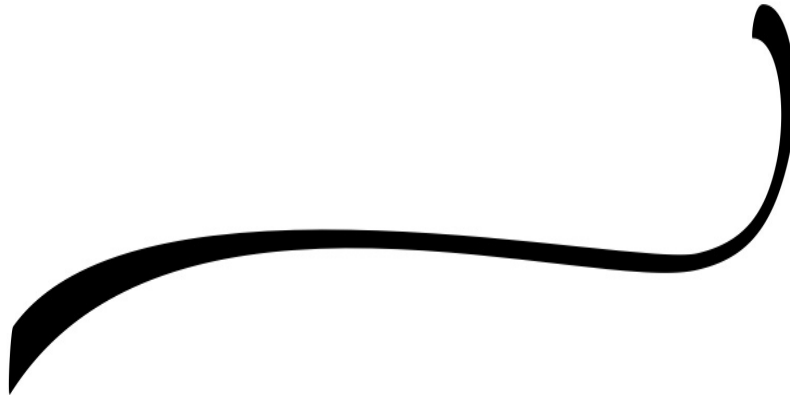
“E aí, Grace, tudo bem?” Lila também não mantinha mais uma distância, agora ela e Grace se davam bem o suficiente para passar o tempo lado a lado.

Seu arquejo dizia: “Eu tô bem!!”. Os olhos brilhavam tão claramente quanto quando corria para o Adam. Ela seguiu Lila até a cozinha e olhou-a guardar as compras.

Lila poderia jurar que a moleza de Grace estava menos desanimada que antes. As costas e ombros pareciam mais retos, parecia que tinham amarrado uma corda invisível no meio de sua cintura, puxado e eliminado a curva.

Ela também segurava o rabo emplumado reto e balançava de um lado para o outro, como se fosse uma escrava abanando um sultão imaginário.

Lila não tinha certeza, mas o balanço lento do rabo poderia ser de prazer de vê-la em casa. Mesmo feliz que Grace estivesse melhorando, ela sentiu mais uma vez um pesar porque Grace talvez quisesse algo a mais do que ela poderia dar.



Quando Lila foi para o quarto, Grace seguiu-a e sentou-se ao lado da cômoda, seu traseiro e pernas da frente formando um pequeno tripé que refletia na tela da TV, a língua pendurada abaixo de seu nariz de bolinha de chumbo. Ela arfava levemente, como se estivesse perguntando sobre a visita de Lila à loja. Se Lila fosse um cachorro, Grace teria esperado que ela arfasse em resposta.

Se contorcendo para sair do casaco fúcsia, uma punhalada de dor percorreu seu braço ferido. “Ai!!”

Grace se encolheu, como se sentisse a dor também.

“Não posso fazer nada. Esse homem horrível atirou em mim, e meu braço ainda dói.” Por que ela estava contando seus problemas para um cachorro?

Grace piscou e inclinou a cabeça, olhando com atenção hipnotizada; parecia ouvir com todo o coração. Se fosse uma pessoa, Lila teria achado que estava preocupada. Contudo, certamente, cães não sentiam empatia ou captavam sentimentos humanos.



Depois do almoço, os olhos de Grace assistiram Lila puxar os lençóis da cama com a mão direita. Ela desdobrou um lençol com elástico limpo e o abriu sobre a cama da melhor maneira que conseguiu, depois se debateu, com uma mão só, com a ponta inferior direita. Quando conseguiu colocar no lugar, ela atacou o canto esquerdo, mas o da direita logo soltou. Não importava quanto se esforçasse, o ferimento não deixava Lila prender as duas pontas de baixo ao mesmo tempo.

Finalmente, se debulhando até ficar com a testa suada, ela conseguiu atravessar um alfinete pelo lençol e colchão, para segurar a ponta esquerda; deu um puxão na outra ponta e a alfinetou. Ela puxou a ponta superior esquerda até a mão direita tremer de cansaço, mas não conseguiu prender o lençol na ponta esquerda superior — e teve que admitir que prender a ponta direita também seria impossível. Por enquanto ela teria que dormir em uma cama amassada, sem lençol.

Pulando em cima da cama, ela se convenceu de que não morreria por causa de um lençol, mesmo sendo uma lembrança de quão gravemente ela havia sido ferida e quão limitada estava. Frustração tinha virado uma acompanhante, como se planejasse ser uma convidada permanente na mesa de jantar, sem deixar espaço para mais ninguém. Com a mão boa, Lila apertou parte do lençol em uma bola frustrada.

Grace mancou para perto e pressionou o corpo contra o colchão, e Lila estava a ponto de mandá-la embora, para não ficar com pelo na cama. Ela pressionou a bochecha contra a mão de Lila, e os tufo de pelos sedosos em cima da orelha roçaram o punho de Lila. Para sua surpresa, a maciez era calmante; ela soltou o lençol e acariciou o pelo de Grace com a parte de trás dos dedos.

Talvez tivesse se enganando em relação à empatia dos cães. Grace tinha vindo consolá-la, assim como Lila fizera durante a tempestade. Como não podia abraçar ou falar, ela confortou Lila da melhor maneira que conseguia, mostrando uma parte dela para Lila segurar. Impressionada que Grace estivesse oferecendo consolo, Lila acariciou a orelha de Grace novamente.

Ela apoiou o queixo no colchão e olhou Lila com olhos que diziam: “Eu me importo! Eu realmente, realmente me importo!”. Contudo, logo adquiriram um tom perturbado, como se lembrasse de algo que pudesse machucá-la.

Os olhos de Grace fizeram um discurso de cortar os pulsos, que ninguém precisaria de palavras para entender. Grace disse que simpatizava com a situação de Lila. E, mesmo passando a imagem de indiferença ultimamente, no fundo ela estava também aflita, e precisava de alguém tanto quanto Lila, para encorajá-la a sair da tristeza. Grace passou por um período horrível com seu dono cruel e doente, e ela estava desesperada para estar com alguém que a amasse.

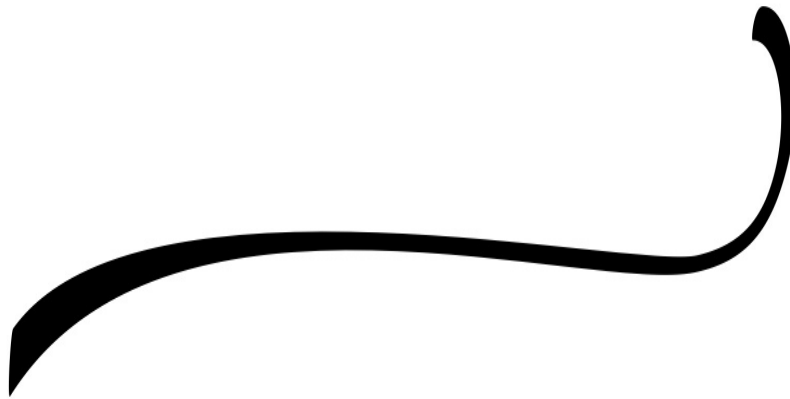
“Você não pode ser essa pessoa? Não vai me dar uma casa, que é o que mais quero no mundo?” Imploravam os olhos de Grace. “Por favor, por favor, faço qualquer coisa para você deixar eu ser seu cachorro. Por favor, me ame.”

Seus olhos ficaram úmidos com pesar. Poderia se passar por um menino de rua, observando a janela de uma loja de doces e segurando um centavo que não poderia comprar uma única cereja coberta de chocolate, enrolada

em papel dourado. Lila fechou os olhos para bloquear as emoções que jorravam de Grace, mas a carência era muito opressora para conseguir escapar.

A empatia de Lila a empurrava para ajudar Grace. Não era tão ruim assim; Lila não se incomodava nem a metade do que achava que se incomodaria em ficar com Grace. No entanto, não havia como mantê-la se ela não conseguia nem trocar os lençóis. Lila tinha ainda meses pela frente até a poeira baixar e se sentir segura de si novamente. Ela não tinha tempo ou força para Grace, que era uma distração constante, enquanto precisava concentrar-se na cura.

Para o bem de ambas, Grace e Lila precisavam cada uma tomar seu rumo e seguir caminhos diferentes. Quanto mais rápido Adam levar Grace a pessoas que a amarão, melhor. Lila removeu a mão do ombro de Grace e sentou na cama amarrotada. Suspirou. “Eu me importo com você, mas tenho algo a fazer.”



“Adam?” A lista de contatos de Cristina estava na mesa, ao lado do telefone. Grace estava a seus pés. “É a Lila Elliot.”

“Reconheci sua voz.”

Parecia receptivo. Uma artimanha para persuadir Lila a ficar com Grace por mais um mês?

“Como você e Grace estão indo?” perguntou.

“Ela está ficando ligada demais.”

Adam ignorou a negatividade implícita no “demais” e disse, “eu falei que ela era carinhosa.”

“Ela é”, Lila concedeu e colocou a mão sobre a cabeça de Grace, um lugar natural de descanso. “Não está na hora de você vir buscá-la?”

A pausa de Adam deixou claro que seu cérebro de engenheiro estava maquinando maneiras de desviar o pedido. “Eu não posso buscá-la agora.”

“Você desistiu de encontrar uma casa para ela?!”

“Não. Estou procurando, o tempo todo.”

A Aprazível de Lila implorava, *Não seja insistente!*

“Não precisa ficar chateada”, disse Adam.

“Você me disse que Grace iria embora em alguns dias, e já faz quase duas semanas. Não acha que está sendo insensível?”

A Aprazível pulava em volta, aos berros, *Não fale assim, pelo amor de Deus. Sua mãe lhe ensinou a ser graciososa.*

Se Lila desse ouvidos à Aprazível, teria tapado a boca com a mão e dito a Adam que havia reagido mal, que ela nunca tinha sido tão brusca. Contudo, a Tia Louca pulou do Ford Explorer e rosou, “Você tem direito de falar

o que pensa! Vou cortá-la em pedacinhos se pedir desculpas.”

“Não deve ser tão difícil alimentar um cão gentil”, disse Adam. De novo, em suas palavras, o julgamento.

“Alimentar Grace é apenas uma parte. Tê-la por perto é difícil”, disse Lila. “Eu tenho medo de tropeçar nela. Levei um tiro. Não consigo fazer metade do que fazia.”

“Eu lembro. O braço quebrado.”

O braço quebrado? “Não é simplesmente um braço quebrado.” *Você poderia ser mais compreensivo.*

“Eu sei que você passou por maus bocados”, disse Adam.

Lila não ia deixar uma concessão fazê-la vacilar. “Antes de deixar Grace comigo, você nem perguntou se eu conseguia cuidar de um cachorro.”

“Eu achei que seu ferimento era pessoal demais para mencionar. Eu não quis ser bisbilhoteiro.”

“Poderia ter perguntado. Poderia ter certeza de que Grace não seria demais para mim.”

Adam suspirou alto o suficiente para Lila ouvir. “Na verdade, achei que Grace poderia ajudá-la a se curar.”

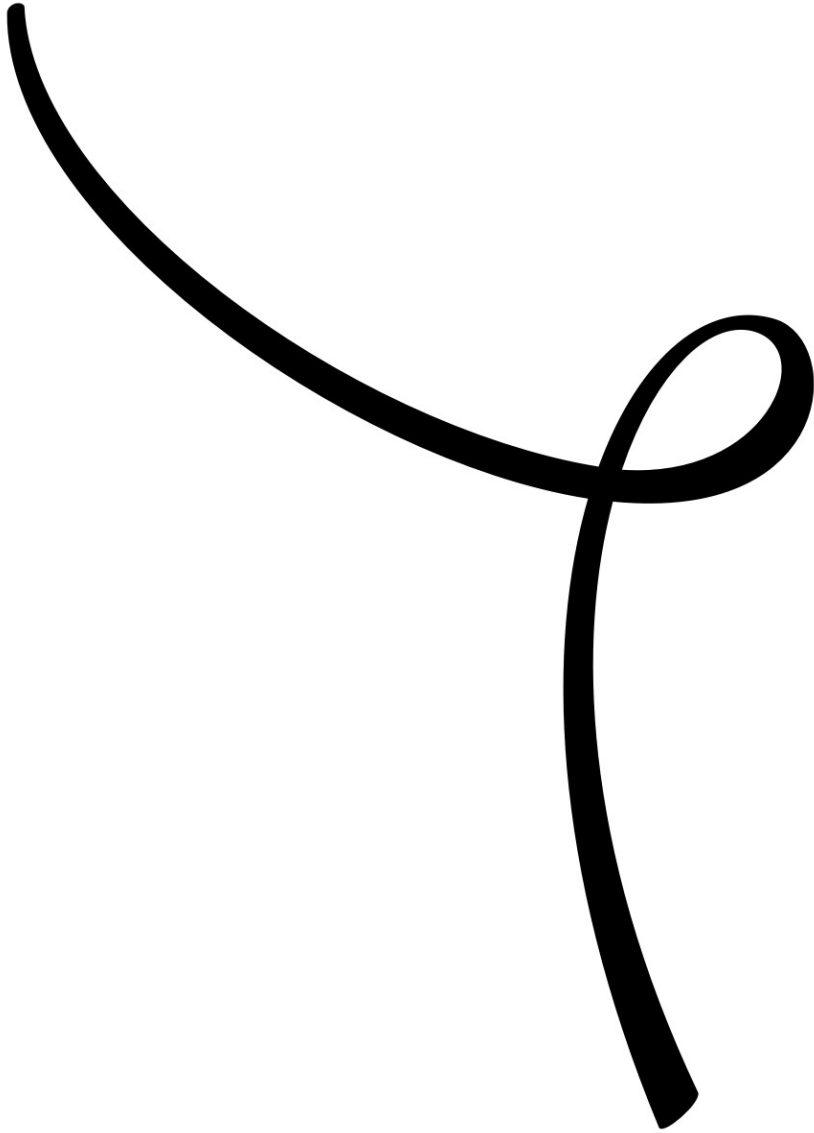
“Curar?!”

“Fazendo companhia. Estando aí com você.”

“É o contrário”, disse Lila.

Entretanto, ela não estava sendo honesta, porque Grace havia acabado de confortá-la, enquanto estava aflita por causa dos lençóis. E Grace fazia companhia e melhorava sua desconfiança sobre cães. Lila não sabia mais o que dizer, e, de repente, se sentiu cansada demais para discutir. A caminhada até a cidade, de manhã, havia esgotado suas forças. Ela queria desligar.

O queixo de Grace se apoiava sobre os dedos dos pés de Lila, como se mostrasse que era sua. Os olhos fechados de Grace davam um ar de propriedade, notificando a todos que quisessem ter Lila que Grace havia chegado primeiro, e não havia negociação.



A NOVA FISIOTERAPEUTA de Lila, Betsy McKibbon, tinha um jeito encorajador e gentil; seu sorriso deixava à mostra um pequeno vão entre os dentes da frente. Seus olhos eram de um azul de um céu sem nuvens de outono. Golfinhos prateados pinoteavam os lóbulos das orelhas debaixo dos cachos grisalhos que se acomodavam suavemente sobre as bochechas redondas.

No consultório, Betsy sentou num banco de metal na frente de Lila, sentada sobre uma mesa acolchoada, e os joelhos de Betsy sobressaíam sob a saia roxa comprida. Um par de óculos com armação lilás estava pendurado em uma corrente prateada no pescoço. O quadril largo e os seios fartos davam a impressão de que tinha dado à luz oito crianças.

“Eu tenho que dizer. Você é a primeira pessoa que trato que levou um tiro”, disse Betsy. “Deve ter sido traumático. Não dá para estalar os dedos e superar algo assim.”

A empatia continha um abraço carinhoso que fez Lila relaxar. “Tem sido difícil”, ela admitiu.

“Eu imagino.”

Betsy pôs os óculos e folheou os relatórios do doutor Lovell, que havia retirado o gesso de Lila no dia anterior. Ele a encaminhou para Betsy e disse que ela era um pouco não convencional, mas boa com pacientes afligidos — a categoria de Lila, ela inferiu.

Enquanto Betsy lia as anotações do doutor Lovell, Lila observava o quarto em volta. O carpete, as paredes e as cortinas eram violeta; numa fonte sobre a mesa, água saía da boca de um peixe de cobre para dentro de uma drusa de ametista. Penas e cachimbos indígenas pendurados na parede, ao lado de anjos de papel machê com sobranceiras grossas de Frida Kahlo. Sobre uma cômoda, no canto, uma foto com meninos loirinhos pulando de um trampolim — provavelmente os netos de Betsy.

Da mesa ela puxou um formulário com o contorno de um corpo, com braços e pernas estendidos como o Homem Vitruviano de Da Vinci. Destampou a caneta-tinteiro roxa. “OK, então me diga... o que aconteceu? Como a bala atingiu você?”

Quando Lila explicou o caminho do peito até o braço, Betsy marcou um “x” em cada ferimento. “E a dor?”

“Ainda dói.”

“Onde exatamente?”

Lila apontou os lugares no ombro e braço, e Betsy anotou no desenho do corpo, também.

“De que tipo? Arde? Dói? Lateja?” perguntou.

“Dor. Vai e volta.”

“Tem algum movimento específico que causa dor?”

“Em geral quando tento alcançar algo, ou para frente.”

“Em uma escala de um a dez, como você classificaria a dor hoje, sendo dez a pior?”

Lila pensou um instante. “Talvez sete. Normalmente quando mexo o braço.”

Enquanto escrevia o número sete debaixo do pé esquerdo do desenho do corpo, ela disse: “Nós vamos diminuir este número para zero”.

Lila queria acreditar nela, mas a fé parecia mais uma ilusão, especialmente quando Betsy examinou seu braço pálido e enrugado. Contudo, ao mexer o braço para frente e para trás, ela agia como se tivesse visto vários braços feridos antes e como se o de Lila não fosse incomum. Betsy se abaixou e observou o ferimento de perto; curado, assim como um dos seios de Lila, a cicatriz parecia uma centopeia de sangue zangada.

Betsy passou a ponta do dedo sobre a centopeia em que havia pontos. “Você tem quelóide. É este inchaço da cicatriz.”

“Talvez esteja inchada e vermelha de raiva da bala.”

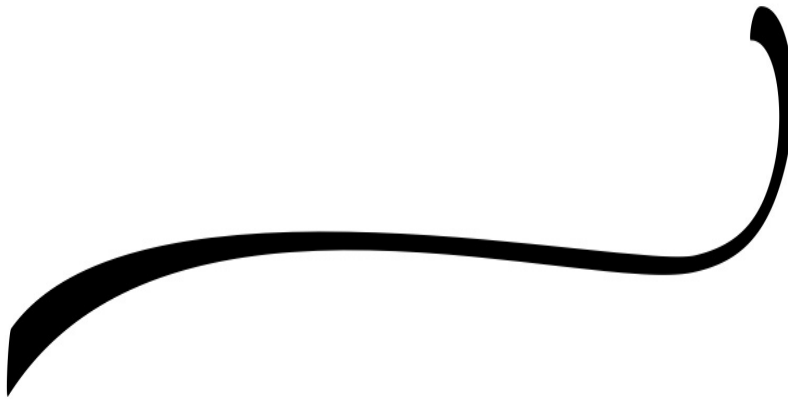
Betsy riu. “E você ainda está com raiva do homem que atirou em você?”

“Eu o odeio. Não posso impedir.”

“Mas isso não ajuda seu espírito. A única pessoa que sua raiva machuca é você mesma.”

Betsy sorriu, deixando à mostra o espaço entre os dentes de novo. “Você pode acalmar as cicatrizes com óleo com vitamina E. A pele sempre perdoa.”

Assim como ela queria, Lila deduziu da insinuação de Betsy, mas era impossível. Não dava para esquecer e perdoar alguém que tentou matá-la. Lila se inquietava, e os anjos de papel machê pareciam franzir o olhar na parede.



Betsy saiu do quarto, Lila tirou a blusa e o sutiã e se colocou sob os lençóis listrados de branco e lavanda da mesa acolchoada. Quando voltou, Betsy acomodou um travesseiro de sementes quentes em volta do pescoço de Lila — deliciosamente confortável. Depois, passou gel no braço ferido e massageou com uma superfície metálica de um aparelho de ultrassom sobre os músculos doloridos e tensos, para reduzir a dor, e Lila deduziu que ela quis dizer que a dor sumiria a longo prazo, uma vez que não sentiu diferença. Finalmente, Betsy esfregou creme nas mãos; o cheiro de lavanda preencheu o quarto, ela massageou gentilmente o músculo de Lila, do ombro ao cotovelo, para reduzir o inchaço.

A massagem a deixou leve como uma pluma. Há meses não se sentia tão relaxada, fechou os olhos e escutou a água cair da boca do peixe na drusa. Do lado de fora, uma moto estrondou na rua principal de Mill Valley, mas Lila ignorou, porque estava absorvendo a paz do consultório de Betsy.

Ao estender-se o máximo que pôde, seu braço permaneceu duro e parcialmente curvado. Entretanto, coçava, como se Betsy tivesse aberto uma barragem em suas veias e persuadido a entrada de sangue novo. Betsy colocou mais creme nas mãos e, segurando abaixo dos ombros de Lila, massageou com movimentos pesados. Certamente, ao longo dos anos Betsy havia aliviado a dor de legiões de pessoas carentes.

Lila a imaginou chicoteando as rédeas em bois, atravessando planícies em uma carroça coberta. Forte e robusta, ela não hesitaria frente a cobras, nem piscaria com a poeira; cozinaria tortas de amoras negras nas fogueiras de um acampamento. Seu toque também transmitia estabilidade e desde que levava o tiro Lila nunca se sentira tão segura. Betsy era como uma matrona confortando Lila, uma de suas muitas crianças.

Betsy pressionou os dedos sobre as escápulas. “Tem muita tensão aqui. Seus ombros ainda estão travados pelo terror.”

“Não posso fazer nada.”

“É involuntário.” Betsy empurrou os ombros, como se estivesse convencendo-os a seguir uma linha mais reta, mais segura. “Nossos corpos mostram o que estamos sentindo hoje, mas também seguram emoções do passado. Eu diria que você está carregando muito estresse.”

“Não consigo me livrar disso.”

“Às vezes é difícil.” Betsy apalpou os ombros de Lila novamente. “Quando meu marido morreu, eu andava corcunda, de tristeza. Levou alguns anos para levantar meus ombros para trás e andar com a postura reta novamente.”

“Como você conseguiu?”

“Pensando sobre as coisas. Vendo que a vida ainda era boa. Mesmo sozinha, eu tinha muito que agradecer.”

“Eu tenho coisas a agradecer, mas também tenho razão para estar com raiva”, respondeu Lila.

Enquanto vozes surdas eram filtradas pela janela, ela contou a Betsy sobre os *flashbacks* e pesadelos. Para ela ter uma ideia melhor, falou ainda de Reed, Adam e Grace.

“Às vezes desafios vêm em grupos”, disse Betsy.

Lila não via desafios. Apenas violência, deslealdade e desconsideração. “Eu só quero retomar o controle de minha vida.”

Betsy riu com a barriga. “Você acha que controlamos nossa vida?”

“Podemos limpar a bagunça. Podemos colocar as coisas nos eixos.”

“Ah, querida. Me parece que é mais importante aceitá-las. Ai elas costumam se endireitar sozinhas.” Betsy pressionou novamente seus ombros e os colocou no lugar. “A melhor maneira de consertar sua vida é ir atrás do que a faz feliz. Esqueça o resto. Falo para todo mundo que passa por aqui que a felicidade é o maior curador.”

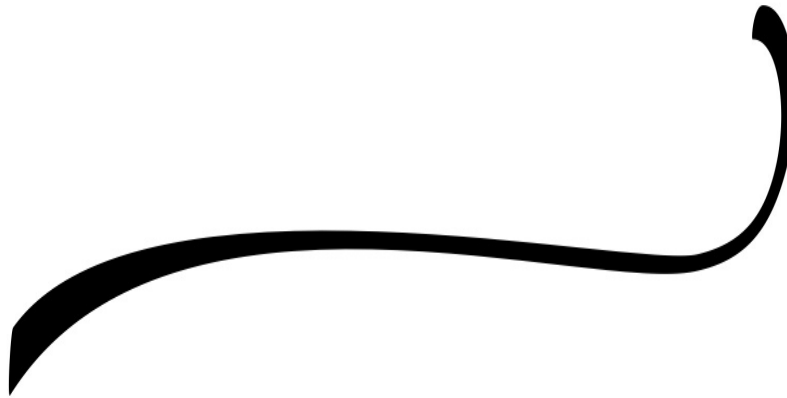
“Aham”, disse Lila. Entretanto, onde encontrar a felicidade depois que se leva um tiro de um maniaco?

Betsy foi para a lateral da mesa, massagear novamente o braço de Lila, e o puxou para o alto. “Olha! Seu ângulo de abertura já está melhorando.”

Lila teve que admitir que ela tinha razão.

“Sua vida também vai melhorar. Esse ferimento vai ser a melhor coisa que aconteceu com você.”

Antes de conseguir dizer “Isso é loucura!”, sua Aprazível deu um pulo e a silenciou.



Betsy cobriu Lila com um cobertor navajo, com listras de cores fortes, árvores triangulares, águias estilizadas e zigzagues de relâmpagos. Ela explicou que representavam os valores dos indígenas norte-americanos: as árvores simbolizavam o crescimento; as águias, independências; o raio, poder. A lã pesava sobre Lila e cheirava a ovelhas misteriosas.

“Eu queria que você ficasse aqui deitada por alguns minutos e pensasse sobre seus ferimentos. Quando seu corpo se machucou, sua mente e espírito também foram afetados”, disse Betsy. “Essas três partes estão ligadas, e uma influencia a outra. Posso ajudá-la a deixar seu corpo como era, mas apenas você pode curar o resto de si mesma.”

“Como vou conseguir fazer isto?”

“Você pode começar a não se ver como vítima.”

“Sou uma vítima. É um fato. Levei um tiro.”

“Existe mais de uma forma de olhar as coisas. Seu trabalho agora é retomar seu poder.”

Poder, como o raio do cobertor, deduziu Lila.

Betsy ajustou as persianas, para que o quarto ficasse sombreado como uma igreja, saiu e fechou a porta. Lila fechou os olhos, lá fora a bandeira americana se agitava ao vento na praça de Mill Valley, e fazia barulho de poste de metal trincando. Ela se perguntou: Como alguém para de se ver como vítima quando é uma?

Um filme começou a passar sob suas pálpebras. Havia a presença da senhora Podolsky, sua professora de inglês preferida da escola, que era toda ângulos, sem curvas; nem seu coque, preso com varetas, parecia redondo. A turma tinha acabado de ler *O diário de Anne Frank*, e ela perguntou o que acharam.

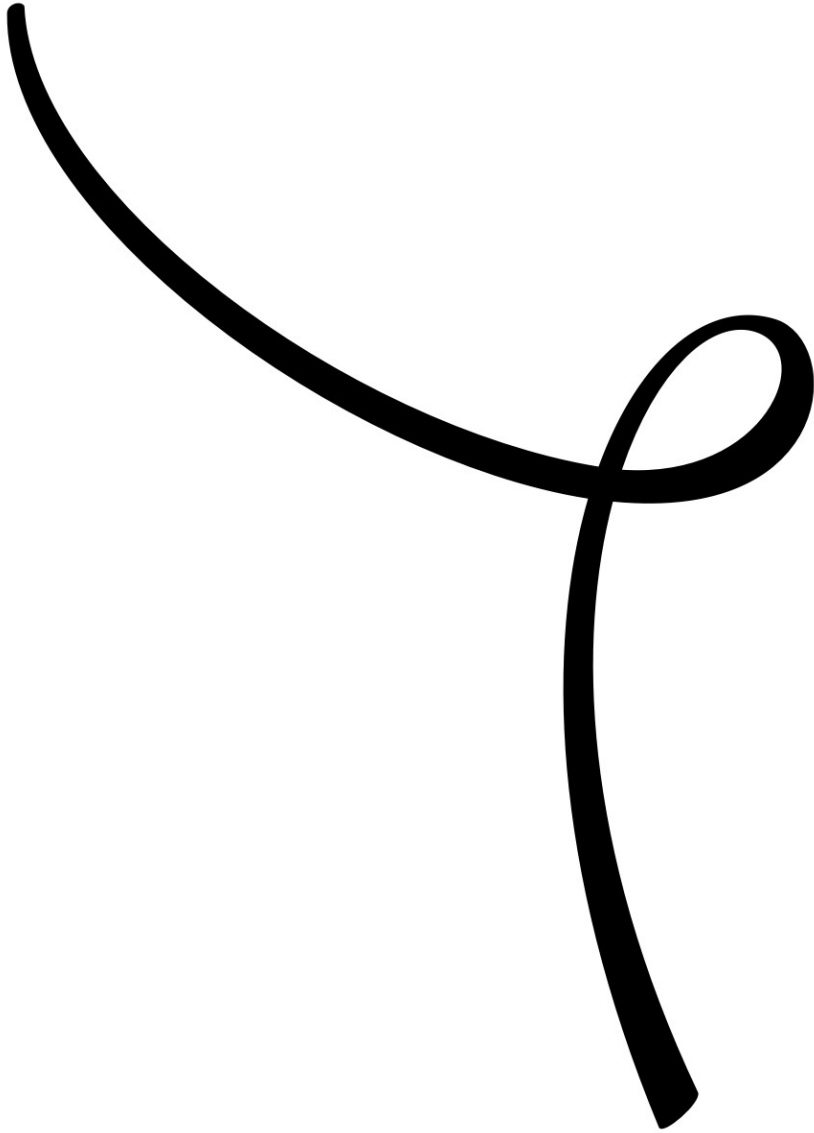
Billy Axelrod, que sempre agia como se fosse muito inteligente, falou: “Anne parece tão boazinha”.

A senhora Podolsky cerrou os olhos em sua direção, como se ele fosse o garoto mais estúpido do colégio de Santa Fé. Ela pôs as palmas das mãos sobre a mesa como se fosse dar um pulo e esmagar Billy até achatá-lo. “Anne foi uma heroína. Ela podia simplesmente ter sorrido com afetação e odiado aquele sótão de Amsterdã, mas ela escolheu ser corajosa e generosa”, declarou.

Betsy teria dito a Lila para levantar a mão e concordar com a senhora Podolsky. Betsy teria insistido para que Lila se lembrasse também que o estômago de Anne Frank havia roncado de fome e que o medo estivera infiltrado em seus pensamentos. Contudo, mesmo com os nazistas atormentando seu corpo e seu espírito, ela se recusara a deixar que vitimassem seu espírito ou diminuíssem o poder calado de sua coragem.

Lila viu que todo mundo poderia fazer essa escolha para manter o poder para si mesmo. Em último caso, nem Yuri Makov poderia tirar sua força interior. Mesmo assim, a única maneira de conseguir senti-la de volta era enfrentá-lo — mas não podia exigir uma desculpa de um homem morto.

De alguma maneira Lila teria que enfrentá-lo em sua mente. No entanto, para isso, precisava de respostas. Como a busca na internet não rendera muitos frutos, ela decidiu ir direto à fonte.



A FONTE NO caso era Agnes Spitzmeier, a gerente severa e atarracada do escritório Weatherby, uma ex-oficial da Marinha de dentes longos e aparência equina. Lila ofereceu-se para pegar o ônibus até São Francisco, mas ela insistiu em ir até a casa de Cristina na mesma tarde. “É o mínimo que posso fazer”, disse Agnes várias vezes ao telefone. Ela parecia querer compensar o fato de que Lila havia levado um tiro enquanto ela não havia sido ferida.

Lila ficou aliviada de não ter que ir ao escritório. Antes, aquele era um lugar animado, mas agora representava tragédia. As marcas das balas foram remendadas; as janelas quebradas, substituídas; as marcas de sangue, lavadas do carpete. Contudo, o cheiro de desastre estaria no ar, e o carma seria negro. Lila não queria voltar nunca. Indo até a casa de Cristina, Agnes estava lhe fazendo um favor.

Agnes chegou de terno azul-marinho, uma camisa branca com um colarinho abotoado e sapatilhas combinando, com solas de borracha e um brilho envernizado. O laquê em excesso deixava seu cabelo parecendo um capacete de motocicleta. Ela carregava uma pasta quadrada, com travas que estalavam quando abriam. Era provavelmente sua bolsa.

Quando Grace viu Agnes pelo vidro da porta, ela latiu, os primeiros latidos que Lila tinha ouvido dela — protestos ferozes e determinados a espantar Agnes. Lila acalmou Grace, mas quando Agnes pisou na entrada, Grace se recusou a continuar em seu papel de saudador de supermercado. O pelo nas costas se eriçou, como o de um gambá agitado, e ela endureceu as pernas, mirando Agnes nos olhos.

“Seja educada, Grace.” Lila lançou um olhar de desculpas. “Estou cuidando da cadela. Não é minha. Ela nunca foi protetora assim antes.”

“Parece um cachorro legal.” A voz de Agnes parecia mais estourar que conversar. Sem medo, ela estendeu a mão gordinha para Grace cheirar.

Grace queria mais cheirar as coxas e bumbum de Agnes, como se fosse um hidrante. Grace estava talvez examinando Agnes, para ver se ela poderia pilotar um avião contra a casa.

Lila tentou empurrá-la, mas Grace não se mexia. “Desculpe.”

“Sem problemas. Cresci em uma fazenda com quatro cães muito mais agressivos do que ela jamais será.” Agnes inclinou-se e deu um afago carinhoso no queixo de Grace.

Grace não queria saber dos afagos de Agnes. Sentindo repulsa, deu um passo para trás, não querendo mais aquilo, e olhou sombriamente enquanto Agnes seguia Lila até a cozinha e colocou água fervente sobre dois saquinhos de chá em canecas brancas.

Enquanto Lila esperava Agnes dar um gole do chá, elas falaram sobre o trânsito da estrada e o clima de primavera. Agnes contou como estavam as pessoas do escritório. Grace permaneceu sentada debaixo da mesa da cozinha e transparecia mau humor, com olhos que diziam, sem deixar margem para dúvidas, “Eu não vou deixar você ser todo o foco da tarde de Lila, sua lesma indesejada. Não esqueça por um minuto de que ela é minha.”

Ignorando Grace, Lila colocou leite e açúcar no chá de Agnes e lhe passou a caneca. Ambas levaram as canecas para a sala e as colocaram sobre a mesa de café, sob a qual Grace se espremeu rapidamente. Através do vidro do tampo, ela franziu os olhos para Agnes, ressentida, e observou ela acomodar seu peso sobre um sofá ao lado da poltrona de Lila.

“Ela é um doce”, disse Agnes.

Foi a deixa de Grace, que soltou seu rosnado mais alto e desdenhoso, e fechou os olhos.

Agnes colocou a pasta no colo, abriu as travas e tirou uma lapiseira e um bloco de notas amarelo. Aparentemente, ela ia fazer anotações.

“Ok, você queria conversar sobre o Makov.”

“Eu queria saber se você tem alguma ideia de por que ele saiu atirando em todo mundo.”

“Por que você se importa?”

“Eu quero dar algum sentido ao que aconteceu. Preciso superar.”

“Por que me procurar?”

“Você o contratou. Achei que saberia um pouco mais sobre ele que qualquer um no escritório.”

“Não é verdade. Ninguém o conhecia muito bem, pelo menos não que eu saiba.”

Agnes parecia não querer conversar sobre Yuri, apesar de ter ido até a casa de Cristina para fazer justamente aquilo. Algo não estava certo. Lila perguntou, “Tem algum motivo pelo qual não possamos falar sobre o tiroteio?”

“Não. A não ser que você esteja planejando nos processar.”

“Eu não estou.” As bochechas de Lila queimavam. Ela se sentiu tão insultada quanto Grace, quando Agnes fez um afago. “Eu não quero dinheiro, se é o que você está pensando. Era a última coisa na minha cabeça.”

Agnes lançou-lhe um olhar longo e duro, e aparentemente chegou à conclusão de que ela estava dizendo a verdade. Seu sorriso conciliatório deixou à mostra os dentes de cavalo. Deu um gole do chá e bateu a caneca na mesa. O barulho acordou Grace, e suas pálpebras abriram de sobressalto.

Ela engatinhou para fora, se posicionou em frente à Lila e deu um tapa com a pata em seu joelho; ela claramente queria que Agnes soubesse que Lila era dela e não seria compartilhada. Quando Lila retirou sua pata, ela a colocou de volta e, choramingando, encravou as unhas na pele de Lila. Seus olhos perderam a sombra anti-Agnes e imploravam: “Me ame! Por favor, por favor! Me dê atenção!”.

Quando será que o Adam Spencer virá buscá-la? O ressentimento de Lila em relação a ele preencheu sua mente. Não importa quão justificadamente carente ela era, Grace estava irritando e fora de controle. “Vou levá-la embora, senão não conseguiremos conversar”, disse Lila.

Quando agarrou a bandana de Grace, ela choramingou, mas Lila a levou até a cozinha do mesmo jeito. Fechou a porta, atrás da qual Grace resmungou, como se estivesse em audição para o melodrama *Os perigos de um cão miserável*.

Ignorar Grace exigia esforço e concentração, mas Lila voltou à sua poltrona. “Desculpe.”

Agnes deu um gole no chá como se Grace não tivesse interrompido nada. “O senhor Weatherby se sente horrível em relação ao que o Makov fez”, ela disse. “O que aconteceu não foi culpa do senhor Weatherby. Nem minha. Nós tratamos Makov melhor do que ele merecia. Está tudo documentado. Não podemos ser responsabilizados pela loucura de alguém.”

“Por que ele enlouqueceu? É só isso que quero saber. Alguém deu alguma resposta oficial?”

“O relatório policial foi inconclusivo. Talvez um psicólogo tivesse alguma ideia, mas não sei o que seria.”

“E você? O que você acha?”

“Ele era louco. Simples assim.”

“Como?” Lila perguntou, enquanto Grace chorava atrás da porta da cozinha — e Lila queria amarrar seu focinho com arame.

Ao cruzar um joelho sobre o outro, a meia-calça de Agnes apertou-se contra a perna. Ela balançou a cabeça com a lembrança nítida de Yuri Makov, e a papada estremeceu. “Vou lhe falar, ele tinha ótimas referências. Quando o entrevistei, ele foi educado. Ele parecia, bem... meio fresco, ou algo assim. Achei que ele ia fazer um bom trabalho no escritório.”

Com os dedos robustos, Agnes enumerou exemplos de mudanças sutis e educadas no escritório nas primeiras semanas de trabalho: ele endireitou fotografias nas paredes, colocou as latas de lixo fora de vista, atrás das mesas, deixou uma tigela de *pot-pourri* de pêssego no banheiro das mulheres, fertilizou o ficus do corredor para parar de soltar folhas...

“Achei que ia dar muito certo, mas um ou dois meses depois que você começou a trabalhar conosco, ele passou a ser negligente”, ela disse. “Ele deixou pasta de dente nos espelhos do banheiro e restos de presunto na sala da diretoria. A ideia dele de passar aspirador era limpar um caminho no meio do corredor, deixando sujeira no rodapé. Na manhã que encontrei a lata de lixo do senhor Weatherby transbordando, percebi que Makov estava sendo um preguiçoso propositalmente. Com raiva de alguma coisa. Passivo-agressivo. Entende?”

Lila acenou com a cabeça, mostrando que entendia. “Você acha que ele queria uma promoção? Ou um aumento?”

“Não, o problema era maior. Depois da lata de lixo, o senhor Weatherby me disse para dar mais uma chance, então eu dei.” O rosto franzido deixava claro que ela fez o que o senhor Weatherby pediu, mas ao mesmo tempo que ela achava que o caráter de Yuri não era confiável.

“Ele chegou um dia e declarou — todo cheio de frescura — ‘eu não lavar banheiro’. Ele era bom demais para banheiros e pias. Você acredita nisso?” Ela explodiu. “Eu ofereci luvas de borracha e um avental de plástico, mas não era bom o suficiente. Eu disse a ele que não estávamos na União Soviética e que ele não ia dar uma de malandro aqui.”

“Ele ficou bravo?”

“Ele já estava bravo. Algo o incomodava.”

“O que era?”

“Quem sabe dizer?” Agnes deu com os ombros. “Você provavelmente reparou como as coisas estavam ruins, mais para o final. Os banheiros pareciam banheiros químicos em obra de construção. Nunca tinha visto tamanha confusão num escritório.”

Agnes explicou que, na tarde em que ela contratou um zelador para substituir Yuri, ela esperou ele chegar no trabalho para poder demiti-lo. Em vez de chegar às três da tarde, como estipulava o contrato, ele desceu do elevador quase seis horas usando um terno escuro e gravata com estampa de folhas vermelhas de outono, e uma abotoadura rosa — “de tudo que se imaginaria”. Agnes virou os olhos e riu dele. “Ele estava segurando um programa de uma orquestra sinfônica. Tinha ido a uma *matiné*.”

“Ainda bem que ele não fez cena quando eu o demiti. Ele voltou para o elevador e foi embora”, ela disse. “No dia seguinte, eu disse ao senhor Weatherby que havia enviado o último cheque de Makov, e ele nunca mais apareceria no escritório. Aquele babaca sem vergonha. Ele se achava melhor que todos nós e que o mundo lhe devia um ganha-pão.”

“Se ele não queria trabalhar ali, ser demitido não o teria feito sair atirando em um monte de gente, não é?” Perguntou Lila.

“Ele vivia com raiva. Se você o conhecesse, teria reparado.”

“Eu o conhecia. Mais ou menos.” O estômago de Lila chiou levemente, como se tivesse peixes dourados nadando e machucando-a com suas nadadeiras.

“Você o conheceu bem?”, perguntou Agnes.

“Ah, da mesma maneira que todo mundo. Eu o via pelo escritório.”

“O que achava dele?”

“Ele parecia carente e tímido.”

Agnes cerrou os olhos, parecia suspeita. “Como você chegou a essa conclusão?”

Lila balbuciou, procurando uma resposta.

Logo depois de deixar o cartão de dia dos namorados, Yuri tinha visitado a mesa dela usando um terno de *tweed* com veludo preto nos cotovelos. Ele estava sorrindo, como se estivesse gostando do que estava vendo, e isso animou um pouquinho a confiança dela, a confiança que Reed e sua namorada haviam destruído.

Yuri cavou papel de anotações na lata de lixo de Lila. “Bonita... ahm... camisa”, ele disse, acenando para sua velha gola rolê verde-ervilha da Land’s End.

“Valeu”, ela disse.

Ele apontou para a pintura abstrata, apoiada contra a parede. “Você fez?”

“Sim, há alguns anos.”

“Lindo.” Ele catou o último papel da lata como se estivesse colhendo um narciso. “Eu.” Ele apontou o peito com orgulho. “Universidade Moscou... arquitetura... estudo.”

“Que legal! Que bom para você!” Lila sentiu pena do discurso aos trancos e barrancos. Ele estava claramente envergonhado de seu inglês. Querendo tomar o controle da situação, sua Aprazível interna entrou em cena. “Talvez você possa estudar e ser um arquiteto aqui.”

Ele acenou como se precisasse de tempo para digerir as palavras. “Sim”, disse finalmente.

“Tenho certeza de que há bons programas de arquitetura aqui em São Francisco.” Lila falou bem devagar, para que ele entendesse.

“Eu... ahm, espero.” Ele pronunciou “espiro”. E voltou-se em direção à porta. Os papéis da lata dobrados em seus dedos longos e sensíveis.

“Obrigada por levar o lixo”, Lila disse, como se ele tivesse feito um grande favor. *Será que a Aprazível vai calar a boca?*

“Eu... aqui... limpo?”

“Não precisa. Tá limpo.”

“Hoje à noite... Eu bom chão... para você.”

“Ah, só passar o aspirador de sempre tá bom.” A Aprazível sorria largamente.

“Moça legal... você.” Ele acenou formalmente e pisou para trás na lata de lixo, que ressoou contra a parede. O rosto se encheu de vergonha.

Lila foi ao resgate. “Muito obrigada! Você está fazendo um bom trabalho.” Ela disse bem alto e cheia de gratidão.

Como que ela ia descrever a simpatia inicial por Yuri para Agnes? O que ela poderia dizer sobre sua insegurança e vontade de se relacionar? O encontro deles não significara nada para ele, ou pelo menos era o que ela se dizia. *Não deve ter feito diferença, deve?* Ela só queria ser educada.

Lila apertou o punho da camisa, como se, pelo menos a manga, ela pudesse controlar. “Não sei por que eu tinha a impressão de que Yuri era tímido. Acho que era só quieto então. Eu nunca teria adivinhado que ele mataria alguém.”

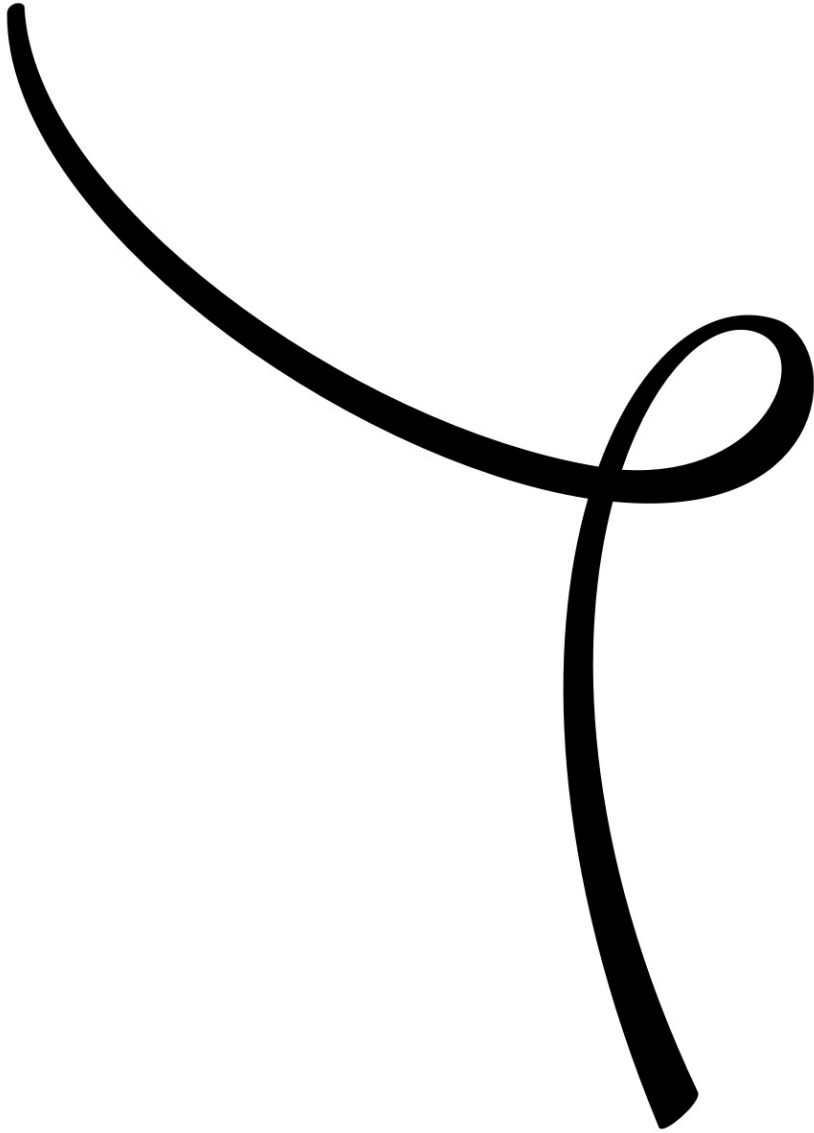
“Nenhum de nós. Ninguém viu isso. A polícia disse que especialistas consideram os sinais de avisos quase impossíveis de serem notados.” Agnes deu outro gole do chá. “Você não sabe quantas noites fiquei na cama me perguntando o que teria acontecido se eu nunca o tivesse contratado. Ou demitido.”

Afundando na poltrona, Lila fazia o próprio jogo secreto de “E se”. E se a Aprazível estivesse viajando pelo Caribe quando Yuri foi até a baía dela naquele dia? E se ela nunca tivesse sido legal com ele? E se ela fosse um gnomo corcunda e com joelhos tortos, em quem ele não tivesse reparado?

“Se Yuri estava com raiva de ter sido demitido, ele teria ido só atrás de você ou do senhor Weatherby, não do resto”, disse Lila.

“Ele podia estar com raiva de mim e de Weatherby e saído atrás de vocês para se vingar de nós.” Agnes pressionou as juntas dos dedos nas sobrancelhas, tentando empurrar toda a tragédia para fora da cabeça. “Eu fico lembrando todas as vezes que conversei com ele, procurando algo que eu devia ter reparado. Ser demitido deve ter sido a cereja no bolo, mas não sabemos se foi isso que o fez surtar. Ninguém sabe o que foi.”

Lila engoliu seco, os músculos da garganta tensos. O pacote de respostas que ela esperava conseguir de Agnes sumiu na distância, fora de alcance.



LILA ESQUENTOU O resto da sopa de feijão para jantar e colocou a ração com frango de Grace no chão. Como ela não atravessou a cozinha para comer, Lila achou talvez que ela estivesse sem fome. Empurrou as tintas para o lado na mesa da cozinha e sentou-se para tomar a sopa, mas ela também não estava com fome, porque sua mente estava em Yuri Makov.

Agnes levantou duas perguntas importantes, sem dar respostas: Por que Yuri atirou em pessoas depois de ter sido demitido de um trabalho de que não gostava? E o que o estava atormentando antes de ser demitido por Agnes? Lila queria tanto as respostas, e não conseguiu-las era difícil. Uma neblina de desconhecimento escureceu seus pensamentos enquanto ela rodava a colher de sopa entre o polegar e o indicador.

Ela tomou um pouco de sopa e notou que Grace estava olhando fixamente o escape do aquecedor do chão da cozinha, como se aguardasse um gato de rua pular dali. Estranho. Lila levantou-se e deu uma olhada pela grelha de metal, para ver o que havia lá de tão hipnotizante, mas só viu escuridão. Grace deu-lhe uma olhada, depois voltou a focar nas profundezas abaixo do chão.

Lila havia quase perdoado seu comportamento de peste com Agnes. Grace provavelmente não conseguia controlar a posse por nunca ter tido um lar decente. Se alguém a viesse visitar novamente, antes de Adam vir buscá-la, Lila a trancaria no quarto. Contudo, era melhor que viesse logo, porque cada dia Grace parecia menos um cão adotado temporariamente e mais uma residente permanente.

Ela continuou fixando o escape do aquecedor enquanto Lila terminava a sopa e levava a tigela até a pia, aliviada que Grace estava dando um tempo de sua personificação de trepadeira carente e encontrando outra coisa para se interessar. Ela passou água e sabão na tigela de sopa e raspou a crosta do fundo com uma colher. Enquanto limpava a pia com uma esponja, Grace levantou e saiu da cozinha.

O pincel que ela colocara para secar sobre papel-toalha, no escorredor, tinha sumido. Havia só uma mancha cinza pálido no papel, em que as cerdas tinham repousado. Precisando de um pincel para pintar naquela noite, Lila procurou pelo balcão. Nada. Talvez tivesse deixado cair no chão enquanto preparava o jantar, pensou. Ajoelhou-se e buscou perto da pia, mas o pincel não estava lá — aí ela começou a se preocupar.

Na formatura da escola, sua mãe tinha lhe dado aquele pincel em uma caixa chinesa antiga. O pincel era francês, feito com cerdas naturais russas pregadas num cabo de carvalho tão macio que parecia a mão de um amigo querido. Quando Lila sacudia a água do pincel, as cerdas voltavam à posição perfeita, levando-a à precisão premiada em “Canção do Vento”, uma de suas pinturas na faculdade. Para Lila, o pincel era uma ferramenta para a vida toda, um símbolo de que sua mãe acreditava nela — o que era mais significativo ainda depois de sua morte.

Foi por isso que Lila se contorceu quando engatinhou debaixo da mesa da cozinha e achou lascas de carvalho, espalhadas como fósforos, ao lado do anel dourado que mantinha as cerdas no lugar. Agora o anel era apenas um resto de metal curvado, arranhado e marcado por dentes caninos. As cerdas desaparecidas certamente haviam descido pela goela de Grace.

Um bloco de tristeza subiu pela garganta de Lila. Não conseguir as respostas que esperava de Agnes era decepcionante, mas Grace destruir seu bem precioso era pior. Talvez fosse apenas um objeto material, mas perdê-lo era como perder a mãe uma segunda vez. Lila catou o metal e lascas e se levantou. “Grace! Maldita! Grace!” Lila correu corredor abaixo.

Não encontrando-a no escritório, Lila foi até o quarto e levantou a saia da cama. Colada contra a parede, Grace estava com o queixo sobre as patas. Ela piscou e abaixou as sobrancelhas. Até Lila, que nunca tinha sido próxima de um cão, conseguiu ler a emoção por trás da expressão de Grace e reconheceu culpa em sua testa.

Mesmo assim, Lila não conseguiu abafar sua raiva. Grace merecia. “Você fez isso enquanto eu estava falando com Agnes, não é? Estava querendo se vingar porque a coloquei na cozinha.”

Grace se espremeu contra a parede. Seus olhos imploravam: “Por favor, não fique brava! Não consegui me conter. Quando você me expulsou da sala para a cozinha, fiquei muito chateada”.

“Eu estava chateada também. Você estava sendo grossa com Agnes.”

“Eu não fiz por maldade”, diziam os olhos de Grace.

Se cães pudessem falar, Lila estava certa de que Grace diria que ela achava que o pincel era um pedaço de pau, e todos os cães roem pedaços de pau, especialmente quando estão estressados. O que ela podia fazer quando um pedaço de pau tentador estava sobre a bancada, buscando por dentes?

A pessoa que deixou o pau ao alcance de um cachorro não poderia ser culpada também, só um pouquinho?

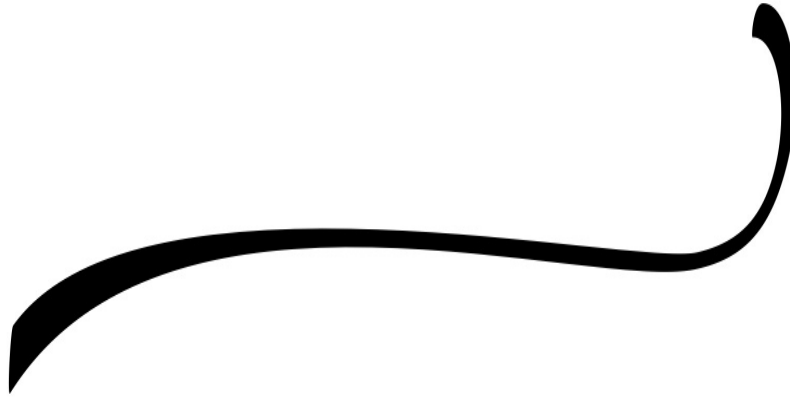
“Por favor, por favor, me ame?” Imploravam os olhos de Grace.

Lila soltou a saia da cama. Ela não achava que tinha culpa; o pincel destruído era culpa de Grace. Lila vinha sendo responsável ao tomar conta dela, e olha como ela retribuía a paciência e boa vontade. Não era justo que um cão com quem Lila estava forçada a cuidar causasse tanto problema.

“Eu tentei me dar bem com você, mas não está funcionando”, disse Lila.

Deixou Grace meditando sobre a transgressão e voltou para a cozinha. Ela se disse que tinha direito de não ser a mãezona de todos os cães órfãos do mundo. Adam estava sendo terrivelmente não confiável e Lila tinha muito caminho a percorrer até voltar a ser saudável e forte. Não tinha tempo para Grace, estava tentando colocar o trabalho e a vida em ordem.

Precisava arranjar um jeito de se ver livre de cachorros. Se a Aprazível tinha algo contra isso, Lila chamaria a Tia Louca, que empurraria a Aprazível para fora do barco com as mãos amarradas atrás das costas, e a baniria para Tokelau, ou a estrangularia com a bandana vermelha de Grace.



Quando Lila acordou na manhã seguinte, Grace havia engatinhado para fora de debaixo da cama, mas não estava esperando Lila na cozinha como sempre. Lila não se preocupou em procurar por ela porque ainda estava chateada por causa do pincel, apesar de a raiva ter sido acalmada durante a noite. Seus sentimentos agora eram mais para ressentimento, pela traição da amizade temporária que elas tinham, e pela vantagem que Adam estava levando.

Armando-se de determinação, Lila achou a lista de contato de Cristina na gaveta da cozinha e ligou para a casa de Adam.

Depois de quatro chamadas, caiu na secretária eletrônica. “Você ligou para Adam Spencer”, disse a gravação, como se ela não soubesse. “Deixe um recado e eu ligarei de volta. Ou tente ligar em meu celular.” Mais solícito que havia sido com ela, ele passou o número.

Ao sinal, ela disse, “Aqui é a Lila Elliot”, e completou, caso ele tivesse esquecido, “amiga de Cristina... a que está com Grace.” A Aprazível a fez adoçar o tom de ressentimento com uma voz mais amigável. “Você poderia me ligar? É meio urgente, na verdade. Preciso que você comece a levar a sério a busca por uma casa para Grace.” Ela deu o número da casa, caso Adam não tivesse por perto. Para ter certeza, Lila ligou para o celular e deixou o mesmo recado.

Ela esperava ter notícias dele até meio-dia, o mais tardar. Se Cristina tivesse razão de que ele era uma boa pessoa, ele ligaria para ela o mais depressa possível e mostraria seu lado bom. Tentando ser positiva, ela o imaginou passando ali no final da tarde, querendo ajudar, levando Grace na *pick-up*, onde os wolfhounds irlandeses estariam esperando. Eles iriam embora juntos, babando e contentes.

Quando Lila desligou o telefone, Grace entrou de mansinho na cozinha, como uma vândala que volta ao local do crime. Ela cheirou o chão de azulejo, sentou ao lado da mesa, sob a qual cometeu a atrocidade, e ficou observando o quintal pela porta francesa, como se estivesse meditando sobre a macieira Gravenstein. Ela devia estar esperando que a irritação de Lila tivesse diminuído, e que elas pudessem fazer as pazes e fazer companhia uma à outra, um reino pacífico para duas pessoas. Pela sua presença silenciosa, deixou claro que estava esperando reconectar.

Contudo, Lila não estava afim. Ela gelou. Era hora de Grace ir embora.



O pincel destruído era como um dente arrancado que a língua volta sempre para buscar. A manhã inteira, enquanto pintava, ela tentava alcançar o pincel e lembrava com tristeza que não existia mais. Trabalhava numa porta retirada da revista *Architectural Digest*, com uma maçaneta em formato de golfinho e uma janela emoldurada por conchas em ondas. O telefone não tocava, e ela se levantava constantemente para ter certeza de que estava seguro no gancho. A frustração de não ter notícias de Adam aos poucos fermentou em mágoa. A manhã não estava indo bem.

Ao meio-dia, ela deixou novos recados nas caixas de Adam para lembrar da importância de retornar a ligação, sem se importar em parecer desesperada. Quando ele não retornou até às duas horas, ela teve certeza de que ele era arrogante demais para responder aos recados. Às quatro, ela imaginou que ele poderia estar morto em uma cama de hospital depois de um acidente de carro — sem conseguir mexer os braços e as pernas, com traumatismo craniano, incapaz de falar — e a mágoa se transformou em desespero. Às cinco, ela ligou novamente e caiu na caixa de mensagem e, mais uma vez, deixou recados, agora com uma ponta de hostilidade.



Cristina só usava o celular em momentos de crise porque, segundo ela, poderia causar câncer de cérebro, e ela queria viver para ver Rosie se casar. Normalmente, Lila não ligaria para o celular de Cristina porque ela acharia que havia alguma emergência e ficaria assustada. Contudo, ela não havia atendido no apartamento em Washington, e era indiretamente culpada pela atrocidade do pincel; isso justificou uma ligação no celular, com ou sem alarme.

“O que aconteceu?!”, perguntou Cristina. Ela deve ter achado que Lila ia dizer que a casa estava deslizando morro abaixo.

“Está tudo bem. Não se preocupe. Só preciso conversar com você”

“Você está bem?”

Lila suspirou para introduzir o desânimo. “Adam não encontrou uma casa para Grace. Deixei recados o dia inteiro, ele não se importou em retornar.”

“Ele deve estar ocupado.”

Lila duvidava disso. “O que devo fazer com Grace?”

“Como anda essa fofurinha?”

Rangendo os dentes, Lila contou sobre o ato criminoso.

“Ela não quis dar problema. Está simplesmente sendo um cachorro”, disse Cristina. “Eu lhe compro um pincel novo.”

“Não dá para substituir. Foi presente de minha mãe. Eu o amava.” Então Lila cavou mais fundo, até chegar à raiz do problema. “Eu não consigo me preocupar com meu braço e tentar pintar novamente enquanto estou sendo forçada a tomar conta de Grace. Eu queria ajudar, mas não está funcionando. Você tem que fazer algo. Eu não sei como você a deixou aqui comigo.” A voz de Lila saia trêmula.

“Eu não quis deixá-la com você. Juro que tentamos encontrar um lugar. Eu lhe disse.”

“Eu sei, mas entre as zilhões de pessoas no mundo, não acredito que fui a única a ter que ficar com ela.”

“A gente pediu a zilhões de pessoas. Adam pode dizer como tentamos muito.”

“Talvez ele pudesse, se tivesse a decência de retornar minhas ligações.”

“Ligue de novo.”

“Tem um limite de quanto posso implorar para as pessoas.” Lila viu um pica-pau atacar uma sequoia lá fora, pela janela da cozinha.

“Não fique brava com o Adam. Ele deve estar fora, ou ocupado. Ele é atencioso.”

“Não pelo que vi.”

“Você veria se o conhecesse melhor. Sério mesmo...”

Como se Lila estivesse interessada — não estava —, Cristina descreveu o cuidado que ele teve quando terminou com a última namorada. Ganhando um salário irregular de escritora *freelancer*, ela acumulara dívidas enormes com iPad, Blackberry e roupas caras.

Adam pagou as dívidas, mas ela não parava de gastar. “Era totalmente irresponsável. Não se importava”, disse Cristina. “Adam estava chateado quando terminou, mas não pressionou para que saísse de casa até encontrar um bom lugar para morar. Ele é prestativo...”

“Não está sendo comigo, e está sendo tão irresponsável quanto a namorada.” Lila pressionou os olhos com as mãos, para se esconder em algum lugar escuro de si mesma, longe de Adam e de Grace.

Pelo menos Lila agora sabia que ele também julgara outra pessoa além dela. Se a ex-namorada contasse a versão dela, ela explicaria que achava que conseguiria pagar as coisas que comprava, mas que ficara sem dinheiro. Nenhuma pessoa sem compaixão terminaria uma relação por causa de um erro humano assim. Como pão-duro, Adam provavelmente passava dias comparando preços das rações de seus wolfhounds.

“Posso fazer algo para lhe ajudar a aguentar aí até o Adam resolver as coisas?”, perguntou Cristina.

“Isso pode levar ano. Preciso que você me ajude a encontrar um lugar para Grace agora.”

Novamente, Cristina insistiu para que ela ligasse para Adam, mas quantos recados ela queria que Lila deixasse? Finalmente, cedendo, o que Lila jurou para si mesma ser apenas uma derrota momentânea, ela perguntou: “Onde você está, afinal?”

“Indo para a quitanda com a Rosie. O que eu não faria para ter alguma fruta da Califórnia agora. Quero voltar para casa.”

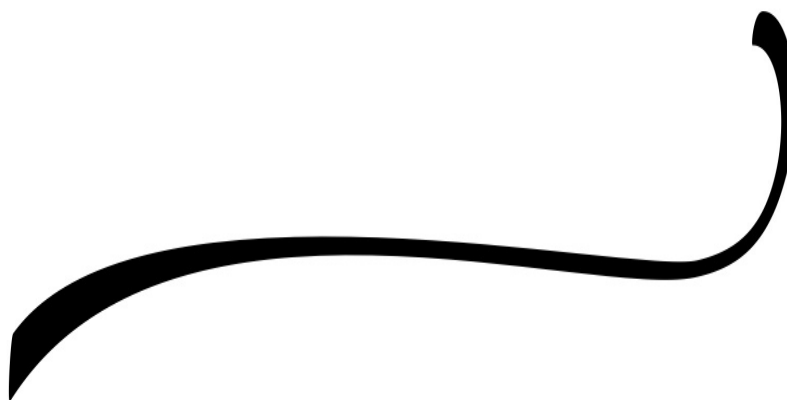
“Você vai voltar logo, logo”, disse Lila. “A Rosie está bem?”

“O Play Station dela quebrou um tempo atrás. Estou mantendo ela ocupada com o jogo do alfabeto.”

“Fala para a Lila sobre as cobras”, a voz de Rosie vibrou.

“Ah, é... Fomos ao zoológico. Tinha um cara demonstrando como extrair veneno. Deu medo”, disse Cristina. “Espera aí, Lila... Olha, tem um ‘p’ ali Rosie! No cartaz. Na lata de Pepsi...”

Cristina parecia tão longe em pensamento quanto em quilômetros. O “p” de Pepsi enfatizava que Grace era o problema de Lila.



Depois de desligar o telefone, Grace voltou da macieira e lhe lançou um olhar triste, de derreter o coração. Ela mancou até Lila, balançando a cauda, e sentou-se em frente dela. Mudou o olhar para um de saudades, com um brilho nos olhos de adoração. Mesmo trancando-a na cozinha ontem, Grace a via como um potentado pessoal; Lila havia pendurado a lua com as próprias mãos, inventado pele de frango e molho de carne.

“Como que você pode continuar me amando enquanto estou irritada com você?” Lila falava como se tivesse esquecido o comportamento ilícito de Grace, apesar de se lembrar de cada lasca embaixo da mesa da cozinha.

Grace respondeu com uma batida de cauda no chão de azulejo. Ela levantou e apoiou a cabeça sobre o colo de Lila.

Sem dúvida Grace estava tentando abraçá-la de novo e fazer as pazes. Estava implorando para que Lila mostrasse que não estava chateada, e deixava claro que ela nunca deixaria de amá-la continuamente. Perdão, como adoração, era uma expressão da natureza de Grace; Lila poderia brigar com ela, mas ela nunca guardaria rancor.

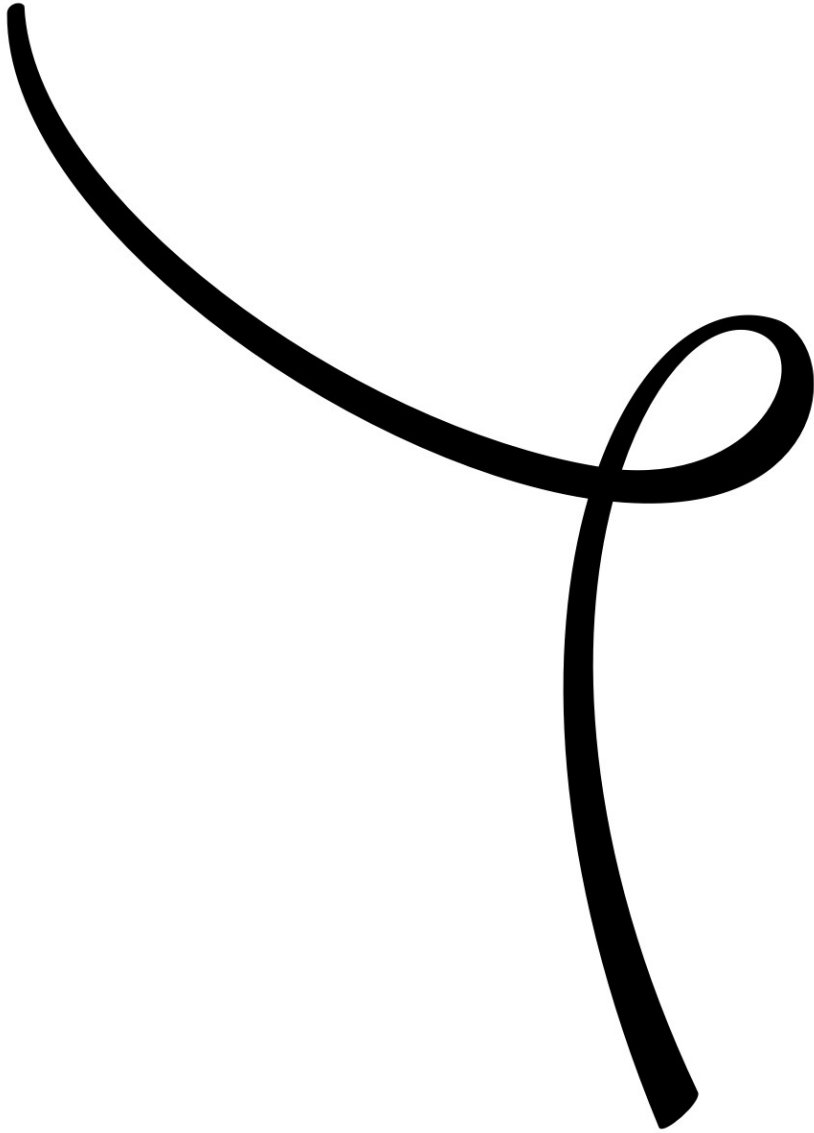
Betsy teria dito para aprender a lição sobre perdão com Grace, imaginou Lila quando Grace aninhou o focinho molhado em suas mãos, pedindo carinho. Apesar de não querer, ela se rendeu e cedeu. Depois se perguntou se o comportamento de Grace de picado-pelo-inseto-do-amor era uma armadilha para ela se sentir mal por querer que fosse embora. A Tia Louca de Lila deu um pulo e cortou o sentimento com uma bicada na garganta da culpa.

Ela torceu o nariz e gritou: “Esquece o papel da boa samaritana. A sociedade humana está pegando a estrada, livre!”

“Não é tão simples assim”, Lila respondeu mentalmente. “Grace é carente. Ela não deveria ser abandonada.”

“É, claro. Você é uma covarde ou **o quê?**”, rosnou a Tia Louca. “Quem vem antes? Você ou Grace? Você tem que acabar com este papel com o cão que veio para o jantar.”

“Você tem razão”, concedeu Lila. Ela tinha. Realmente.



A MÃE DE Lila sempre dizia que da necessidade vinha a invenção, e ela estava misturando uma sopa de macarrão e missô no fogão quando veio a inspiração para a invenção. Seria uma campanha promocional, como as que ela ajudou a criar na Weatherby para conseguir publicidade para os produtos. Seu objetivo, porém, seria uma casa, e o produto, Grace.

Considerando que Cristina e Adam não estavam ajudando, ela encontraria alguém que precisasse de um golden retriever. Não havia por que não ser proativa. Ela não entregaria Grace a qualquer pessoa; teria que ser alguém decente e respeitável. E Lila não seria mais explorada e pegaria de volta algum poder.

Apesar de ter jurado nunca pentear Grace, ela pegou a escova e começou a passar no pelo, arrepiado como se tivesse sido engomado. Lila penteou a cabeça de Grace; pulou o pescoço, coberto com a bandana, e continuou pelo quadril e pelas costas. Enquanto penteava, a língua de Grace estava pendurada, como uma pétala molhada de camélia. Ela semifechou os olhos, com um olhar de êxtase, como se estivesse saindo de uma boca de ópio. Quando chegou à parte de trás, ela teve que catar o rabo balançando e Grace, acidentalmente, lhe deu um sopapo na boca. Sentindo repulsa, Lila tirou o pelo dos lábios mais violentamente do que se tirasse seu jeans preto, e adicionou a batida à lista de transgressões de Grace, como a vil bola de tênis e o pincel destruído.

Lila arrumou a ponta da bandana, para dar uma dose extra de brilho e elegância ao *look*. Com os dedos, empurrou o pelo de Grace sobre as áreas calvas acima do rabo e escondeu parcialmente o problema de pele. Se

Lila pegasse o ângulo certo, Grace pareceria bem cuidada e seu pelo longo e ondulado convidaria a afagos.

“Você não está pronta para o horário nobre, mas está apresentável”, disse Lila.

Grace balançou o rabo rapidamente, poderia mandar para longe o turbante do sultão imaginário que abanava.

O balanço do rabo deixou claro que ela não sabia que Lila mudaria de time em sua segunda e terceira etapa do jogo: levar Grace para passear e persuadir algum transeunte insuspeito e aceitável a adotá-la.



Quando Lila arrebanhou Grace em direção à porta da frente, e não à dos fundos, de onde ela normalmente saía, ela olhou para o alto e levantou as sobrancelhas, confusa. Elas perguntavam: “Por que você está alterando minha rotina, que estava funcionando tão bem? Para onde estamos indo?”

“Vamos passear!” Lila cantarolou animada no “passear”, como se ela e Grace estivessem indo brincar em um quintal em que biscoitos caninos crescessem na grama como tulipas.

Entretanto, Grace rapidamente a ensinou que cães leem mentes.

Mesmo sem Lila ter mencionado a campanha, Grace pareceu captar que havia algo traiçoeiro no ar, e não gostou nada disso. Ela fitou Lila com um olhar suspeito. Quando Lila abriu a porta, Grace se recusou a sair para a varanda. Ela agiu como se nunca tivesse passeado e desdenhou da ideia de fazê-lo agora, especialmente com alguém que ela começava a achar que não era de confiança.

“Venha! Vamos nessa!”

Lila empurrou a traseira de Grace pela porta. Esperava que ela pulasse para fora e explorasse a floresta, mas Grace colou-se contra as pernas de Lila. Ela não sabia dizer se Grace estava sendo insegura ou protetora, mas a incentivou a sair da varanda e elas seguiram o caminho até a estrada.

Os galhos de sequoia filtravam o sol, que iluminava sombriamente a floresta. O ar cheirava a acácias. Mais à frente, corvos sentavam-se como ornamentos de Natal num loureiro, mas voaram, grasnando, quando cão e humano ultrapassaram sua zona de conforto.

Cautelosa, Lila averiguou os arbustos de amora atrás de outro Assassino da Trilha. Contudo, surpreendentemente, com Grace a seu lado, o medo a dominava menos que nas outras viagens até a loja. Mesmo se outro assassino pudesse atirar em Lila tão facilmente quanto Yuri, a companhia de Grace elevava sua confiança e anestesiava levemente a ansiedade de estar na rua.

Entretanto, sabendo que esses pontos positivos não iriam persuadi-la a adotar Grace, Lila parou na frente da casa vizinha, onde Virginia, tão loira e grandalhona quanto uma viking, estava varrendo a calçada. Ela estava usando um sári, bordado com pequenas flores douradas, e cantarolando uma melodia que se ouvia de uma cítara, em um café.

“Seu quintal está ótimo.” Lila puxou Grace para perto de Virginia, para que ela pudesse ver o olhar de cortar o coração, implorando amor, que Grace sempre tinha.

Virginia parou no meio da varredura, mas não deu muita atenção. “Malditas folhas de sequoia. Tenho que ficar sempre de olho, senão elas entopem o ralo.” Ela se inclinou e derramou o conteúdo da pá de lixo dentro de um saco de lixo verde.

“Eu preciso encontrar um lar para este cão”, disse Lila.

Virginia avaliou Grace com os olhos. “Eu a vi na janela. Ela fica de olho na rua.”

“Ela sempre me espera voltar para casa.”

“Coitadinha.” Virginia se aproximou e afagou a cabeça de Grace.

Agindo cada vez mais com a certeza de que algo desvantajoso para ela estava acontecendo, Grace piscou os olhos, desconfiada, e lançou sua expressão mais deprimida e antissocial para Virginia.

Virginia não perdeu o rosto fechado e áreas sem pelo. “Pode ser difícil encontrar alguém que fique com ela. Deixa a gente triste.”

Lila disse tchau e foi embora sem perguntar se Virginia ficaria com ela, porque sabia o que ela diria. Grace e Lila continuaram descendo a rua.

Elas cruzaram com um homem com camisa de flanela e botas de trilhas descartando a garrafa de Gatorade na lata de lixo reciclável. A barba de Papai Noel dava-lhe um ar carinhoso e amigável, qualidades que atrairiam Grace. Lila fez ela parar de andar, para que ele não a visse mancando, e sentar virada para um lado, para que ele não visse as áreas sem pelos.

“Olá”, disse Lila.

Quando viu ela e Grace, abriu os lábios em um sorriso.

“Bom dia.”

“Teria interesse em adotar um cachorro maravilhoso?”

Ele baixou o olhar para Grace, e ela lançou uma expressão zangada pior que aquela que havia feito para Agnes Spitzmeier. Ainda assim, ele esticou a mão para ela sentir seu cheiro e conhecê-lo, mas ela se levantou e escapuliu dali. Estava sendo perversa, isso sim.

“Por que está doando ela?”, ele perguntou.

“Estou tomando conta da casa de uma amiga, que a resgatou. Ela deixou Grace comigo até encontrarmos um lar para ela.”

“Ela podia ficar com você.”

“Estou muito ocupada. Também não sei muito sobre cães. Nunca tive um.”

“Você deveria. São muito legais.”

“Exato!” Disse Lila, para dar a entender que talvez Grace fosse divertida para ele.

Contudo, ele não mordeu a isca. “Eu tenho uma yorkie histórica. Ela nunca toleraria outro cão na casa.”

A frustração de Lila tinha gosto de suco de limão, sem açúcar, tomado com um canudo de carvão. “Você conhece alguém que poderia ficar com ela?”

“Não assim de cara.”

Ela passou um cartão em que havia escrito seu número de telefone, caso ele se lembrasse de alguém. Enquanto se afastavam, ela disse: “Ela é maravilhosa!”. Queria deixá-lo com uma impressão final positiva, para dar um empurrãozinho em sua busca de um novo lar para Grace — mas não achava que ele faria algo a respeito.

Lentamente, elas continuaram rua abaixo. Tristonha, Grace sentou sobre os pés de Lila enquanto ela conversava com uma senhora que plantava violetas no vaso da janela, um homem corcunda que esvaziava o lixo e uma mulher de terninho que tirava as compras de supermercado de seu Alpha Romeo alaranjado-queimado. Lila interrompeu um casal de corredores suados, que corriam no mesmo lugar enquanto ela perguntava se queriam levar Grace, e uma entregadora da UPS que breou a van na curva com um som metálico dos freios.

A oferta de Lila era sempre a mesma, feita com o máximo de entusiasmo que conseguia puxar de seu coração abusado. Contudo, Grace continuava emburrada e fechada, como se precisasse de antidepressivos. E todos tinham uma desculpa educada para não ficar com a misantropa:

“Tenho alergia a cães.”

“Eu gosto mais de gatos.”

“Nunca estou em casa. Não seria justo com um cachorro.”

“Minha esposa está grávida. Um bebê é o máximo que a gente consegue tomar conta.”

A campanha de Lila foi um fracasso. À noite, todos os cartões que havia distribuído estavam amassados junto a potes de creme de leite e folhas de espinafre murchas, no fundo da lata de lixo de todo mundo.



Voltando para casa, Lila lutou contra o desânimo, piorado pelo fato de saber que poderia ter passado a tarde pintando ou pesquisando na internet sobre mais casos de pessoas que surtaram no trabalho. E a mudança de atitude repentina de Grace só aumentou a frustração. Em vez de agir como uma chata, ela aparentemente chegara à conclusão de que Lila tinha desistido da busca por alguém que a adotasse e estava segura. Ela saiu mancando feliz, agindo como uma beatificada, lançando olhares de adoração para Lila, curvando as pontas da boca no que parecia ser um sorriso. Seria possível que cachorros sorrissem?

Em sua cabeça, Lila repassou as tentativas fracassadas. Ela queria ter conquistado todos com seu zelo especial. Podia ter começado com um: “Estou tentando encontrar um lar para esta golden retriever maravilhosa, linda e amigável!”. Quando perguntaram por que Grace precisava de um lar, Lila podia, talvez, ter maquiado um pouco a verdade e ter dito algo mais dramático, como: “O dono caiu da escada no quintal e teve que ir para um retiro, pobre coitado. Está fora de si porque não pode ficar com seu cachorro amado.”

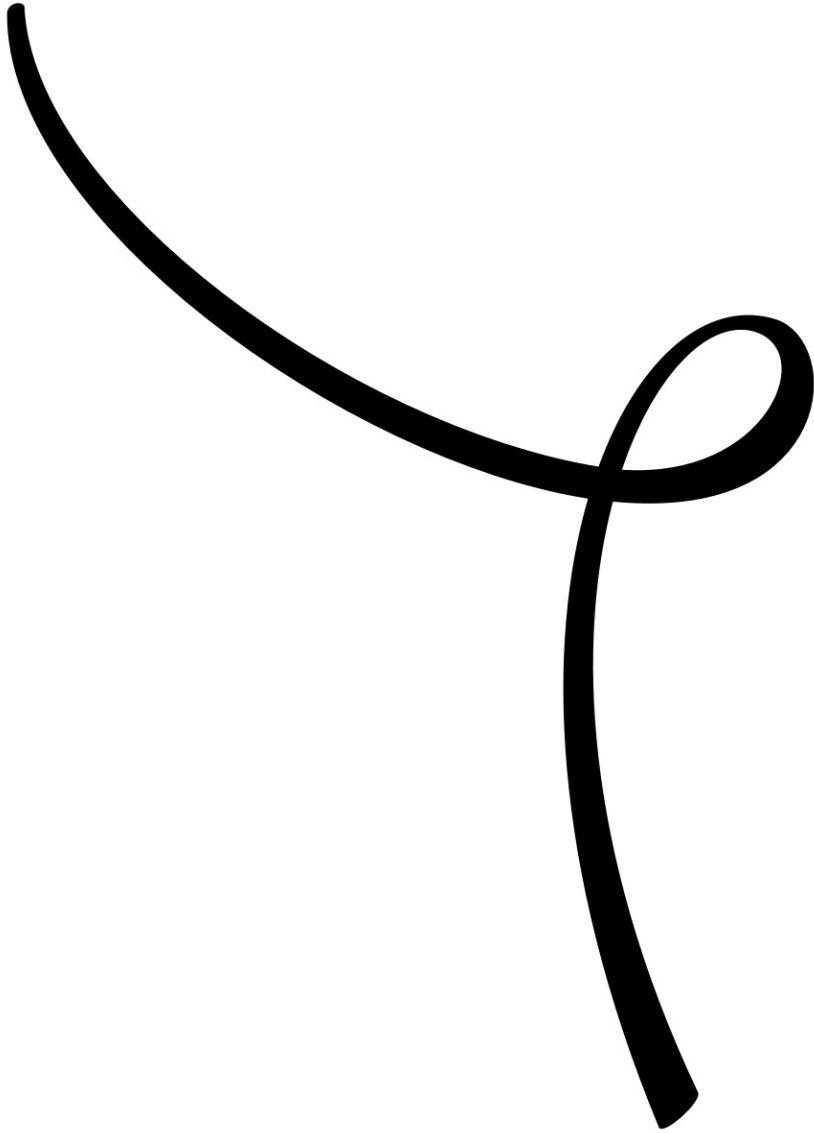
Quando mostraram resistência, Lila podia ter injetado ainda mais drama na cobertura do bolo de sua ladainha com o conto da heroica Grace. “Grace enlouqueceu completamente quando viu o dono cair da escada”, podia ter dito. “Ela uivou até que um vizinho fosse ver que comoção era aquela, e chamou uma ambulância. Essa cadela inteligente, sensível e leal salvou a vida do dono. Não é incrível? É mais que o pelo dourado, ela é de ouro.”

Cristina e Lila costumavam fazer competição de mentiras quando ficavam entediadas com os estudos para as provas finais. Por exemplo, uma vez descreveram viagens a lugares a que nunca tinham ido. Lila rapidamente mencionou uma viagem de ônibus no Cazaquistão e um acampamento no Mali; mas Cristina falou sem parar na sua vez. Ela relatou imagens assustadoras do iaque que quase a chifrou em uma trilha no Nepal — os chifres ferozes, os músculos de ferro nas patas, o bafo que podia murchar cactos. Quando Cristina descreveu a queimadura de sol que deixou sua pele cor de tomate na Costa Brava — e a esposa do dono do hotel que esfregou vinagre em suas costas e braços para acalmar a dor — a pele de Lila até doeu. Cristina mentia bem desse tanto.

“Se você quer que alguém acredite no que está falando, tem que dar uma sensação e mais detalhes”, disse Cristina. Brincando, ela embelezou a história do acampamento de Lila no Mali, com bandidos de dentes amarelos e lanças com pontas metálicas — a ponto de Lila não querer viajar para lá de verdade.

Lila podia ter contado histórias comoventes, como as de Cristina, mas, talvez, tão eficiente quanto as mentiras, ela poderia ter usado a verdade de derreter corações: Grace estava desesperada para encontrar alguém em quem derramar sua devoção. Ela grudava na pessoa que amava, como se tivesse cola nos genes. Mesmo sendo uma delinquente mastigadora de pincel, não era justo que ficasse triste, tendo tanto amor para dar.

De todo modo, não eram motivos para Lila ficar com ela.



COMO LILA ACHAVA que Adam Spencer estava evitando-a de propósito, ela hesitou em entrar em contato novamente. Porém, mesmo não querendo falar com ela, ele era responsável por Grace e continuava devendo ajuda. Lila engoliu o orgulho uma última vez e ligou para ele, apesar de não achar que ele atenderia. Ela chamou sua determinação, como se estivesse assobiando para um cachorro.

Repetiu para si mesma que, se Adam chegara a se importar o suficiente para resgatar Grace, ele iria querer certificar-se de que ela estaria em um bom lar. Lila faria apelo à sua preocupação com Grace, contaria com sua Aprazível para ser cordial e com a Tia Louca para ajudá-la a ser firme. Porém, como estava irritada porque Adam estava tirando vantagem, ela mencionaria, por alto, virtudes que ele claramente não possuía como confiabilidade, compromisso e compaixão. Ele provavelmente não captaria a indireta, mas ela falaria do mesmo jeito, só para enfatizar seu respeito próprio e retomar o controle.

Quando Lila tirou o telefone do gancho, no escritório, Grace inclinou-se sobre as canelas e começou a arfar, como se estivesse falando consigo mesma. Lila ligou para o número da casa de Adam. Ele não atendeu, quem diria? Ela desligou, imaginando-o se escondendo pelas ruas de Tombuctu para que ela não o encontrasse para pedir ajuda. Então tentou o celular.

“Alô?”

Depois de tantas tentativas malsucedidas, ela ficou chocada ao ouvir sua voz. O barulho ao fundo indicava que ele estava em um lugar público; ela logo desejou que fosse um *hall*, cujos tacos do chão cedessem sob o peso de adotadores de cachorros.

“Aaahm...”, começou bem. Identificou-se: “Eu lhe deixei seis recados.” *Como você gosta mais de cães que de pessoas, talvez tivesse retornado se eu fosse um dachshund.*

“Desculpa. Ainda não liguei para minha caixa de mensagens. Estava em uma conferência em Chicago. Estou no aeroporto de O’Hare, pegando um voo para casa”, ele disse.

O que parecia ser a voz de um apresentador da CNN balbuciou prego de ações ao fundo. A respiração úmida de Grace esquentou o pé de Lila.

“Tenho certeza de que está feliz em voltar para casa. O clima está ótimo aqui”, a Aprazível forçou essa.

“Aconteceu alguma coisa com Grace?”, Adam perguntou.

“Na verdade...” Lila limpou a garganta. “Eu preciso que você venha buscá-la. Já fiquei tempo demais com ela.”

“Já conversamos sobre isso.” Ele estava irritável e cansado. “Não consegue ficar com ela mais um pouco?”

“Já estou com ela há seis semanas. Não está certo. Acabei de dar uma volta na vizinhança com ela, perguntando se alguém queria ficar com ela, e...”

“Você fez o quê?”

Lila arrepiou-se. “Eu dei uma volta no bairro com ela...”

“Isso foi totalmente irresponsável.”

“Eu odeio dizer isso, mas acho que o irresponsável aqui é você. Como você não estava ajudando, tive que fazer alguma coisa. Alguém tem que encontrar um lar para Grace.”

“Você podia ter entregado ela a um torturador de cães”, ele disse. “Eu disse que Marshall não mora longe. Se ele descobrir que você está com ela, será um pesadelo.”

“Ok, então você quer que eu coloque um anúncio no jornal? ‘Cão grátis para casa decente?’”

“Isso seria pior ainda.” Adam soltou o ar, a respiração cheia de desprezo. “Gente louca fica procurando anúncio de cães todo dia. Você não saberia selecionar os interessados.”

Lila irritou-se com o comentário ofensivo. “Eu sei identificar um louco de pedra.” Contudo, mesmo assim, ela não havia reconhecido quão deturpado Yuri Makov era.

“Você tem que proteger Grace. Ela já passou por muita coisa que cachorro nenhum deveria passar. Seria criminoso se algo ruim acontecesse com ela de novo.” Sem dar tempo de piscar os olhos, Adam fez os mesmos apelos emocionais que Lila queria ter usado com os vizinhos: Marshall se vangloriava de ter prendido Grace durante meses em uma garagem escura quando era filhote, para ensinar que ele era seu dono”, Adam contou. Uma noite, ele viu da janela do quarto, Marshall arrastou Grace até um carvalho no quintal, amarrou uma corrente de três metros em volta do tronco, e a outra ponta no pescoço dela. Em uma semana ela havia cavado um círculo de terra em volta da árvore, sob a qual, nas noites geladas, choviam bolotas em cima dela, enquanto se enrolava para se proteger ou ficava em pé, por horas, para não deixar o corpo em contato com o chão gélido e lamacento. E Marshall a fazia passar fome. Ela teria morrido se Adam não tivesse jogado comida pela cerca, quando Marshall estava no trabalho. Além disso, ele batia em Grace, e foi aí que Adam invadiu o quintal de Marshall e a sequestrou.

“Imagine uma cadela maravilhosa como ela tendo uma vida tão horrível. Às vezes ela chorava a tarde inteira porque estava sozinha. Olha como ela é carinhosa, apesar daquele babaca”, disse Adam. “Grace não mereceu nada disso. Ela não teve culpa de cair nas mãos de um sádico. Igual a você. Vocês duas sofreram de um incidente do destino.”

“Bom, eu...” Até então, Lila não sabia ao certo se o tiro que levava de Yuri tinha penetrado na mente de Adam. “Não sabia sobre a vida de Grace. É horrível. No entanto, não é justo que você não tenha vindo buscá-la ainda. Você disse que viria.”

“Você deve entender, mais que qualquer outra pessoa, que Grace precisa ser protegida. Já imaginou que horrível seria se alguma pessoa cruel a levasse novamente? É isso que você quer?”

“Claro que não. Seria terrível...”

“Voo United número cento e noventa e sete, embarque imediato pelo portão nove.” No alto-falante, a voz da mulher saiu distorcida.

“Eu tenho que ir,” disse Adam. “Se você tiver paciência por mais um mês, eu mesmo levo Grace.”

“Não posso ficar com Grace mais um mês!”

Assim que ouviu seu nome, mesmo na voz estridente de Lila, Grace levantou o olhar para ela com expectativa e disse com os olhos: “Eu amo você!”

“Um mês não é muito”, Adam retrucou.

“São vinte e nove dias além de meu limite. Tenho que retomar minha vida. Grace está sugando minhas energias. Preciso melhorar...”

“Olha, presta atenção, tá?”, Adam interrompeu. “Eu comprei uma casa. Tá para ser aprovado. Vou me mudar logo. A casa não tem cerca no quintal, então preciso de um tempo ainda para prepará-la para Grace, mas vou fazer o mais depressa possível.”

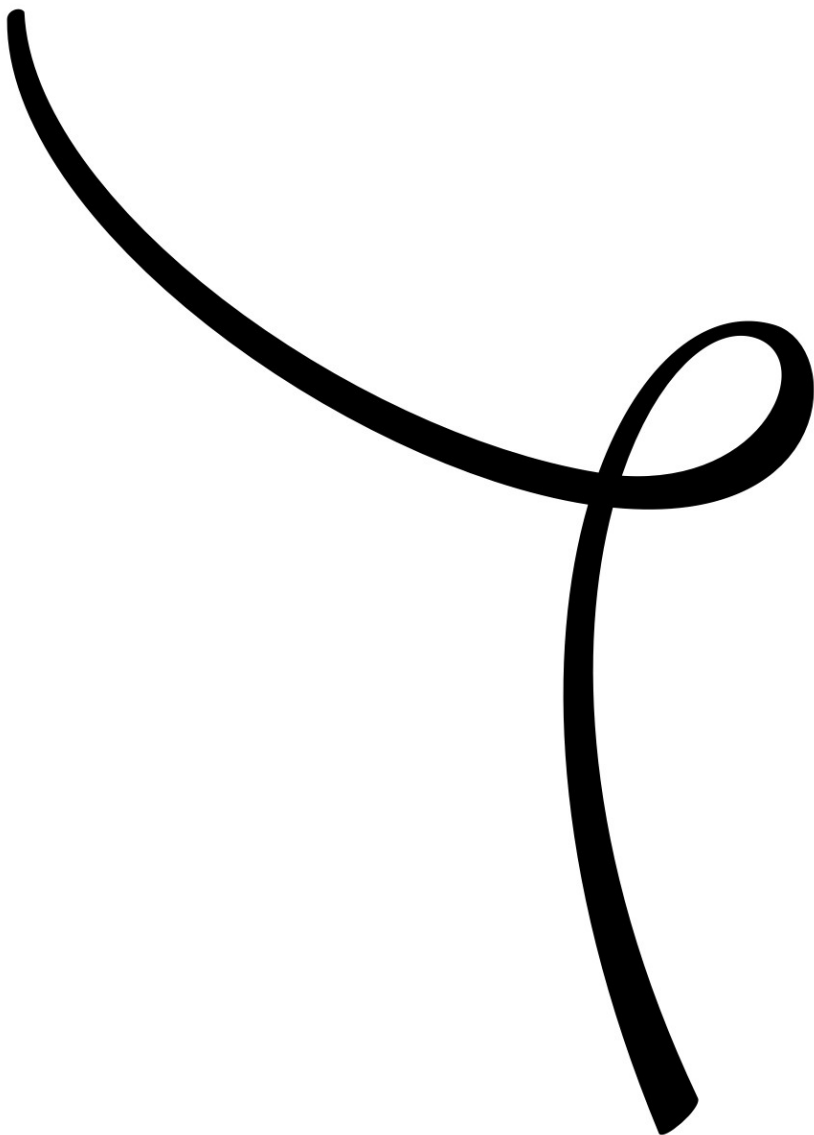
Lila estava a ponto de ceder e concordar a ficar com Grace por mais um tempo, mas sua Tia Louca, que havia acabado de pintar o cabelo de verde, chutou a porta da mente de Lila. “Feche essa sua matraca, ela rosnou. Esse bundão pode ter feito você ficar com pena desse cão, mas ele a está levando na conversa. Você não é a única cuidadora de cães do mundo. Não deixe que ele faça o que bem entender.”

“Se você esperar eu levar Grace embora, você nunca mais vai ter que vê-la de novo”, Adam pressionou. “Estou contando com você para ficar com ela só mais um pouquinho. Estou lhe pedindo para ter coração.”

Do ponto de vista de Lila, ele tinha dado o coração dele de café da manhã para seus wolfhounds. O dela estava bem. Havia deixado-o bem à mostra quando ficou tomando conta de um cachorro que lhe foi imposto por um cara tão insensível quanto Reed.

Ao desligar o telefone, Adam pareceu não se dar conta de que ela não tinha concordado com nada. A cerca era mais um truque para continuar enrolando — e ela nunca mais teria notícias dele. Se entrasse em contato, seria para dizer que conseguiu uma consultoria na Antártida e que, depois que terminasse o trabalho, teria que visitar a prima tuberculosa por alguns meses no rio Yang-Tsé. E, aliás, era possível ela ficar com Grace só um pouquinho mais, como, um ano? Até lá ele estaria de volta e a levaria embora feliz.

Grace apoiava o queixo sobre as patas e suspirou com contentamento. Não sentindo, aparentemente, mudança potencial em seu esquema de moradia, ela fechou os olhos e começou a roncar.



LILA CLICOU NO ícone do Safari, no canto da tela do computador, e buscou a lista telefônica no Google. Prendendo a respiração, ela digitou “Yuri Makov, São Francisco, Califórnia”. Ela queria o telefone para ligar para o cara que morava com ele, que havia aparecido na TV há dois meses e poderia ajudá-la a entender a raiva de Yuri. Contudo, o nome de Yuri não estava registrado. Uma porta fechou na cara de Lila, seu coração arrefeceu, como se não estivesse afim de seguir batendo mais.

Certamente não estava com tanta raiva quanto Yuri, mas estava zangada. O ressentimento se aninhava em sua alma desde que encontrara a amante de Reed no PhotoMat; e, quando Yuri lhe deu um tiro, o ressentimento se multiplicou, como células cancerígenas, e se tornou raiva. A última conversa com Adam complementou, ainda, com a prima da raiva, o aborrecimento. Fixada na tela do computador, Lila ficou cismando que ele estava levando vantagem sem se importar que Grace fosse uma interrupção em sua vida. O que ela podia fazer? Ficar com um cão que não queria, até morrer por causas naturais? Quanto mais lembrava da conversa por telefone com Adam, mais hostil ela se sentia.

Qualquer pessoa compreenderia que, às vezes, as emoções acumulam e nos dominam. Enquanto a mente de Lila se enchia de raiva, a decência, compaixão e pena de Grace foram empurradas para fora. A Tia Louca explodiu em sua cabeça, pulando em cima dos pés da Aprazível, e dominou tudo. “Pelo Amor de Deus, corta essa de ficar choramingando. Livre-se desse cachorro. Faça o que tem que fazer.” A Tia Louca torceu os lábios.

Lila bebeu chá verde de romã, olhou pela janela, observou os galhos chanfrados de um loureiro morto. E disse para si mesma, *eu não vou ser usada. Nem por mais um minuto.*

Levantou, ligou para a Sociedade Humanitária e anotou as direções para o abrigo. Ela dobrou o papel e colocou no bolso. A direção vetava a entrada de pessoas desconhecidas que quisessem adotar animais. Grace estaria protegida. Eles encontrariam um bom lar. Deixariam outra pessoa, que não fosse Lila, resolver o problema.



Lila chamou Grace. Novamente, ela provou que cachorros liam mentes e se recusou a aparecer. Talvez não soubesse do plano de Lila, mas deve ter sentido um novo ímpeto em sua determinação para se livrar de cães e reconhecido que algo desagradável estava para acontecer com ela.

Lila foi até a cozinha e tilintou as chaves da van de Cristina, lembrando das alegrias das viagens de carro. Grace não se moveu. Ao lado da porta, Lila sacudiu a caixa de biscoitos caninos para seduzi-la até a garagem. Finalmente, ela se ergueu e se largou de novo no chão, fechando os olhos, que diziam: “Que porre. Carro não é minha praia. Quero ficar aqui.”

Ignorando o aborrecimento, Lila disse, com entusiasmo dissimulado: “Grace! Vamos nessa!”

A caminhada-atrás-de-um-lar pelo bairro deve ter alertado Grace de que Lila podia agir como se algo legal fosse acontecer, quando não era verdade, e Grace estava com o radar da desonestidade afiado. Ela se levantou, cambaleou até a almofada na sala de estar e se enrolou em sua posição de abóbora, como se fosse a qualquer momento lançar uma nova edição de *Snoopy*.

Lila continuou. “Vamos, Grace! Vamos nos divertir!” Blim. Blim, blim.

O olhar de Grace estava tão sombrio quanto o de um cão ianque, tentando a vida em Andersonville. O sorriso que levantava, ultimamente, os cantos da boca caíam agora em uma linha neutra, de você-não-me-engana.

“Você não quer ir passear?” Lila subiu o tom em “passear”, como se fosse o ápice dos sonhos de todos os cães em programas de TV que atendiam a pedidos.

Grace disse diretamente e sem espaço para dúvidas que ela não queria ir passear: levantou-se e foi mancando até seu esconderijo, debaixo da cama. Ao passar por Lila, a carranca deixou claro que suspeitava de suas motivações. A carranca desta, por sua vez, disse a Grace que a paciência estava se esgotando e que ela queria passar logo por essa viagem difícil.

Se Lila não conseguisse persuadir Grace a ir voluntariamente, ela a arrastaria até o carro. “Vamos lá.” Lila a bloqueou no corredor, forçou a meia-volta e a empurrou por trás, pela porta. “Você não pode me culpar. Isso é culpa do Adam Spencer, não minha.”

Grace não parecia interessada em saber de quem era a culpa. Lila teve que insistir para ela entrar na garagem. Quando abriu a porta de trás da van, Grace ficou fixando a placa do carro, sem se mover para pular para dentro.

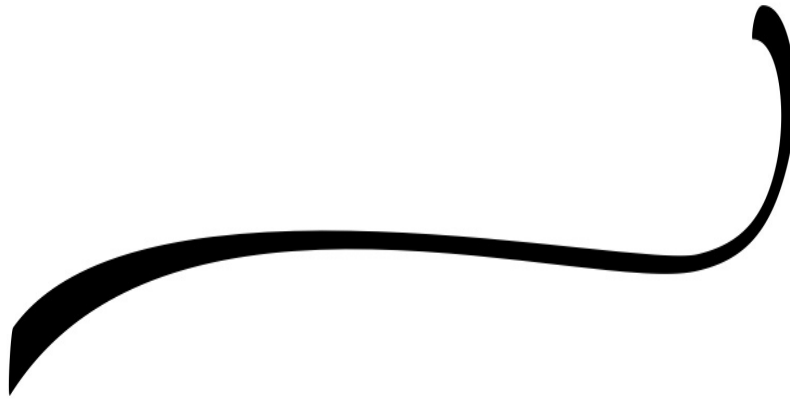
Lila deu um tapinha no carpete para encorajá-la. “Aqui, Grace.”

Desperdício de respiração. Surdez.

Imaginando que talvez a perna machucada de Grace a impedisse de pular, Lila a levou até a porta do assento do motorista, onde ela poderia subir sem pular. “Entre.”

Grace não se moveu. Ela parecia impregnada pelo espírito de Gandhi, com “resistência pacífica” escrito entre os dedos das patas intransigentes. Quando Lila a puxou pela bandana em direção ao banco traseiro, ela deve ter concluído que não havia alternativa a não ser consentir. Em todo caso, deixou claro que não estava gostando da coerção. Lançando um olhar frio e firme de uma rainha tomando um peão, Grace subiu no banco de trás. Com dignidade real, ela poderia muito bem ter repousado o cetro no colo e acariciado o colar de pérolas com a pata.

Quando Lila subiu atrás do volante e olhou para Grace pelo retrovisor, ela estava fitando a parede da garagem. Dava para ver que Grace sentia a desgraça iminente. A culpa deu um tapinha no ombro de Lila e disse “cof, cof”, mas a raiva acumulada — e a Tia Louca — a levantaram do chão da garagem. Lila começou a descer a montanha.

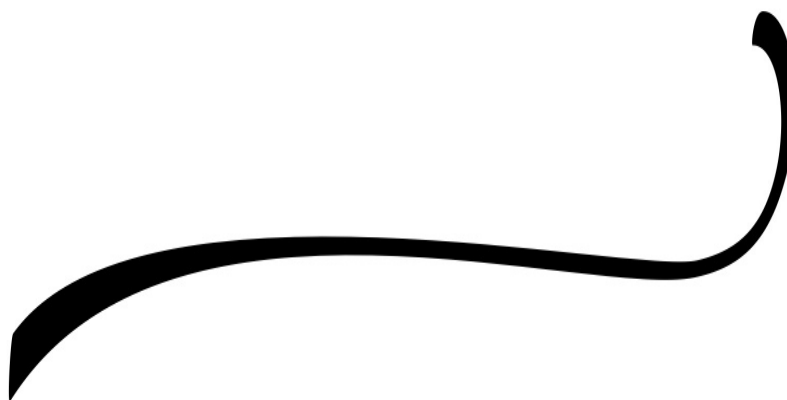


Lila não havia dirigido depois de terminar com Reed, porque não tinha carro, nem depois de ter ido para a casa de Cristina, por causa do gesso. Agora ela podia usar o braço esquerdo o suficiente para dirigir, mas não havia considerado o estresse que seria fazer isso pela primeira vez em tantos meses. Na estrada, a testa estava úmida e o suor escorria entre os seios.

Concentrada em um ônibus pintado como um pacote de pão, Grace ignorava Lila. Deixava claro que, até que suas suspeitas se mostrassem sem fundamento, ela recolheria a ponte levadiça e se retiraria para a sala do trono.

Se Lila não estivesse impaciente para entregar Grace à Sociedade Humanitária, ela não teria se esforçado para dirigir tão cedo. Ela devia à Grace, indiretamente, tê-la incentivado a entrar no carro e pular outra barreira em direção a uma vida normal. Sendo honesta, Grace havia ajudado algumas vezes, pensou Lila, com uma angústia inesperada de arrependimento em relação ao que ia fazer. Contudo, a Tia Louca chutou o remorso para fora do carro. “Continue dirigindo”, rosnou.

Grace agia como se sua existência inteira dependesse do caminhão de mudança da faixa ao lado.



A Sociedade Humanitária, um conjunto de prédios de concreto a meia hora ao norte de Mill Valley, parecia um *campus* em que lições importantes eram ensinadas. Entrando no estacionamento, uma escultura de bronze de uma mãe urso e seus dois filhotes cumprimentavam Lila e Grace. Ao longo da parede frontal do prédio principal, um mosaico com cervos, guaxinins e coelhos marchavam de perfil, como uma frisa egípcia. Atrás das janelas do prédio menor, ao lado, gatos adormecidos em cestas transmitiam paz. No entanto, de algum lugar dentro do prédio, latidos e uivos frenéticos pareciam zigzaguear pelo teto.

Grace deve ter ouvido. Descartando sua postura de realeza, ela começou a arfar e mudar o peso do corpo de sua perna saudável para a ferida, como se sua parte dianteira marchasse sem sair do lugar. Ela franziu os olhos em direção do prédio, como se tivesse certeza de que cachorros enlouquecidos estavam se jogando contra as paredes do canil para escapar do encarceramento — e ela definitivamente não queria se juntar a eles. Chorava e colocava a pata sobre o banco de Lila para informar a preferência. Seu comportamento implorava: “Por favor! Vamos sair daqui!”.

Mesmo querendo retomar o controle, fazer frente a Adam e se livrar de Grace, Lila hesitou. Ela afirmou para si mesma que tinha feito mais do que o necessário para tomar conta de Grace e encontrar uma casa para ela, e nem a Aprazível poderia esperar que fizesse mais. Ela não queria se sentir mal por deixar Grace ali, mas se sentia. Muito.

Lila se virou no banco. Grace estava encolhida contra a porta. “Olha, vamos fazer o seguinte. Se ninguém adotá-la em uma semana, eu volto e busco você. De qualquer jeito, vai dar certo”, ela disse. “Talvez apareçam várias pessoas legais. Você talvez encontre uma família com crianças. Seria ótimo! Vai ser muito mais feliz morando com eles do que comigo.”

Grace não estava impressionada. Seu rosto estava sombrio.

Lila saiu do carro e abriu a porta para ela. Quando ela chamou Grace para fora, esta plantou as pernas na frente dela como barras de ferro e fincou as unhas no estofado. “Grace, vamos entrar.” Lila estalou os dedos para fazer Grace se mexer.

Ela afundou sobre o estômago e esticou as patas da frente, fazendo sua imitação de esfinge. A baba de ansiedade melava o banco. Olhando para Lila, ao alto, o branco dos olhos sob as pupilas pareciam vírgulas deitadas, suplicando. “Por favor, por favor, não me faça entrar lá.”

“Vai dar tudo certo”, Lila disse, para si mesma tanto quanto para Grace.

“Em frente”, ordenou a Tia Louca.

Enquanto Lila puxava Grace em pé, uivos saíram do prédio. Ela se encolheu novamente no banco. Finalmente, desceu do carro e deu alguns passos de chumbo no estacionamento, em direção ao aviso “Centro de Adoção”, apontando para o prédio em que os gatos dormiam. Contudo, ela deve ter mudado de ideia, pois deu meia-volta e cambaleou de volta para o carro. Lila puxou a bandana de Grace. Ela deu um puxão de volta.

Os puxões imploravam a reconsideração de Lila. “Fiz o melhor que pude para me dar bem com você e enchê-la de amor. Faça qualquer coisa se você ficar comigo. Tudo que quero no mundo é estar com você. Ah, por favor.”

Puxão. Puxão.

Lila se sentia um lixo. Lembrou que foi Adam que a tinha colocado nessa situação terrível, mas ainda assim se sentia um lixo. Ela desgostava dele mais do que nunca.

“Chega de choramingar”, gritou a Tia Louca.

Enquanto Lila se forçava para levar Grace para dentro do prédio, a culpa, que já tinha se recuperado do soco na garagem, as seguiu pela porta e cutucou o bumbum de Lila com a bengala. Disse: “Tsc, tsc. Você está descontando sua raiva num cachorro inocente”. Ela lembrou-lhe que nas últimas duas semanas Lila não havia tido trabalho com Grace; algumas vezes a companhia fora até agradável. “Se for honesta consigo mesma, você sabe que vai sentir falta dela.”

“Quem se importa com a verdade?”, surtou a Tia Louca.

Lila agarrou a alça da bolsa e guiou Grace por uma recepção cheia, até chegar em um rapaz moreno com costeletas e sobrancelhas desgrenhadas. Ele estava arrumando um balcão coberto de panfletos. Dos ombros para cima, ele parecia um Minotauro, mas os braços e pernas magrelas eram pura sátira. Ele podia estar dando cambalhotas sobre pequenos cascos numa urna grega.

“Oi! Meu nome é Tony” estava escrito no crachá alfinetado na camiseta marrom avermelhada. “Posso ajudar?”, perguntou.

“Eu não posso ficar com este cachorro.” Lila apontou Grace com a cabeça.

Tony saiu de trás do balcão para olhar melhor, e rugas de desaprovação fincaram sua testa. Dava para ver que ele achava que a péssima aparência de Grace era culpa de Lila. Para reforçar essa impressão, Grace lhe lançou um olhar desesperado e se curvou, mais abatida que nunca.

“O nome dela é Grace”, disse Lila.

“Está há quanto tempo com ela?”

“Umas seis semanas.”

“Onde a encontrou?”

Uma mulher passava com um shetland numa coleira vermelha enquanto Lila explicava que haviam deixado Grace com ela — mas discretamente omitiu o roubo de Adam.

Tony se ajoelhou e acariciou os ombros de Grace, que arfou como se fosse desmaiar de tanta carência e ele fosse sua última esperança. Com todo seu coração, Grace implorou amor e proteção, uma vez que Lila tinha se tornado o Judas do hemisfério oeste.

“Você é um amor de cachorro.” Tony acariciou a pelugem acima das orelhas de Grace.

“Você vai encontrar um bom lar para ela?” Lila praticamente implorou.

“Vamos arrumá-la e deixá-la disponível para adoção”, disse Tony.

“Se ninguém adotar, eu volto para buscá-la.”

“Claro. Muita gente diz isso. Depois nunca mais temos notícia.”

“Eu juro que volto.”

Tony não respondeu, manuseava o nó da bandana de Grace. Quando tirou, Lila levou um susto, assim como metade das pessoas na recepção.

Em volta do pescoço de Grace havia uma faixa de pele salpicada com tufo dourados. Certamente não fazia muito tempo que o pescoço havia sido raspado e o pelo voltava a crescer — sobre uma linha grossa, preto-avermelhada, para a qual Lila mal conseguia olhar. Vergões violentos davam a volta no pescoço de Grace e, pela lembrança das marcas vermelhas em seu seio e braço, Lila reconheceu as cicatrizes. Grace dizia que algo horrível a tinha cortado, ela passara por dores que Lila não poderia imaginar.

Tony voltou atrás e balançou a cabeça, como se tentasse se livrar da visão daqueles vergões abomináveis. Ele deixou a bandana cair no chão. “Um minuto.” Ele alcançou o telefone sobre o balcão e golpeou três dígitos. “Mande o Bill para cá urgente.”

Enquanto esperavam Bill, que Lila achava ser um veterinário prestativo, Tony explicou em palavras entrecortadas e duras que uma corrente muito apertada havia infligido os vergões no pescoço de Grace. Talvez a corrente servisse nela no começo, mas ela havia crescido muito. Ou talvez alguém tivesse deliberadamente forçado a corrente no pescoço para torturá-la. Quando Grace latia ou puxava a corrente, os elos cortavam mais fundo, até encrustarem na pele. Foi necessário cirurgia para removê-los. “Em oito anos, nunca vi um cão em uma situação tão assustadora”, disse Tony.

Lila estava piscando contra as lágrimas quando Bill chegou e se ajoelhou na frente de Grace para analisar mais de perto. “Meu Deus.” Sua voz era sombria, de um roxo violento.

Ele se levantou e disse que Grace devia conviver com larvas. Os óculos de armação dourada estavam escorregando sobre o nariz, e manchas de suor rodeavam as axilas do uniforme. “Eu sou policial do controle de animais. Você me diga como o pescoço desse cão virou um maldito hambúrguer”, ele demandou.

“Eu não sabia que estava assim.”

“A gente ouviu isso muito.” Bill e Tony trocaram olhares.

“É verdade. Grace usa essa bandana desde que a deixaram comigo. Nunca tirei.” Por trás de suas costas chegavam murmúrios zangados das pessoas da recepção.

“Se é sua cadela, então quem você alega que abusou dela assim?” perguntou Bill.

“Ela não é minha cadela. Não sei quem a machucou. Estou tomando conta dela há pouco tempo.”

“Você fez um péssimo trabalho.”

Lila enrubesceu com vergonha que não merecia. “Ela veio assim.”

“Achei que tinha dito que não sabia que estava machucada.”

“Não sabia.” Era difícil dizer as palavras com os dentes travados.

No chão de linóleo, a bandana de Grace parecia uma medalha vermelha de coragem do exército. Contudo, em pé, ao lado, certamente acreditando que estava a minutos de ser abandonada, Grace parecia desolada. Ela se encolheu e pareceu desabar, como se pedaços estremecidos de seu corpo estivessem espalhados pelo chão e logo não sobraria mais nada dela. Grace se recusava a olhar para Lila, mas era o mesmo que gritar que, se dependesse dela, a ligação entre elas estava rompida, e que estava juntando forças para enfrentar o que vinha pela frente. Parecia se esconder em seus refúgios mais profundos e sombrios.

Grace havia sido vitimada cruelmente, mas também fora corajosa ao se permitir confiar em Lila; a tinha amado e progredido muito. Os vergões diziam mais sobre sua miséria do que o que Adam jamais poderia ter contado a Lila. Não importava o que dizia sua Tia Louca, a resolução de deixar Grace tinha agora fissuras gigantes. Seu estômago doía por ela, essa corajosa cadela Anne Frank.

Tony entregou uma prancheta com um relatório e uma caneta Bic e ficou encarando como se houvesse sangue escorrendo pelos seus caninos. Claramente, ele havia sido treinado para ficar calmo enquanto socorria animais de sádicos. “Preencha isto. Bill pode levar Grace até o canil.”

Lila não conseguia pensar direito. Dormente, ela pegou a prancheta enquanto Bill fazia uma volta com a ponta de uma coleira, para fazer um laço folgado, que ele gentilmente passou pelo pescoço de Grace. Lila fitou o formulário. Depois do espaço para o nome, endereço e telefone havia perguntas: Por que ela estava doando o cão? Estava em dia com as vacinas? Tinha algum problema físico?

Lila parou de ler. Que diferença faziam essas perguntas, se ela sentia lutadores de sumô lutando dentro de seu coração?

“Vamos”, Bill chamou Grace, indo em direção às portas rotativas do canil.

“Espere!” Lila seguiu. “Eu vou ficar com ela.”

O olhar de Bill podia derreter gelo polar. “Você teve sua chance. Esse cão ficará melhor aqui.”

“Não.” Lila mostraria seu poder. Ela mentalmente enxotou a Tia Louca e disse ao Bill, “Grace vem comigo. Ela é minha. Vou tomar conta dela.”

“Não confiamos em você”, disse Bill.

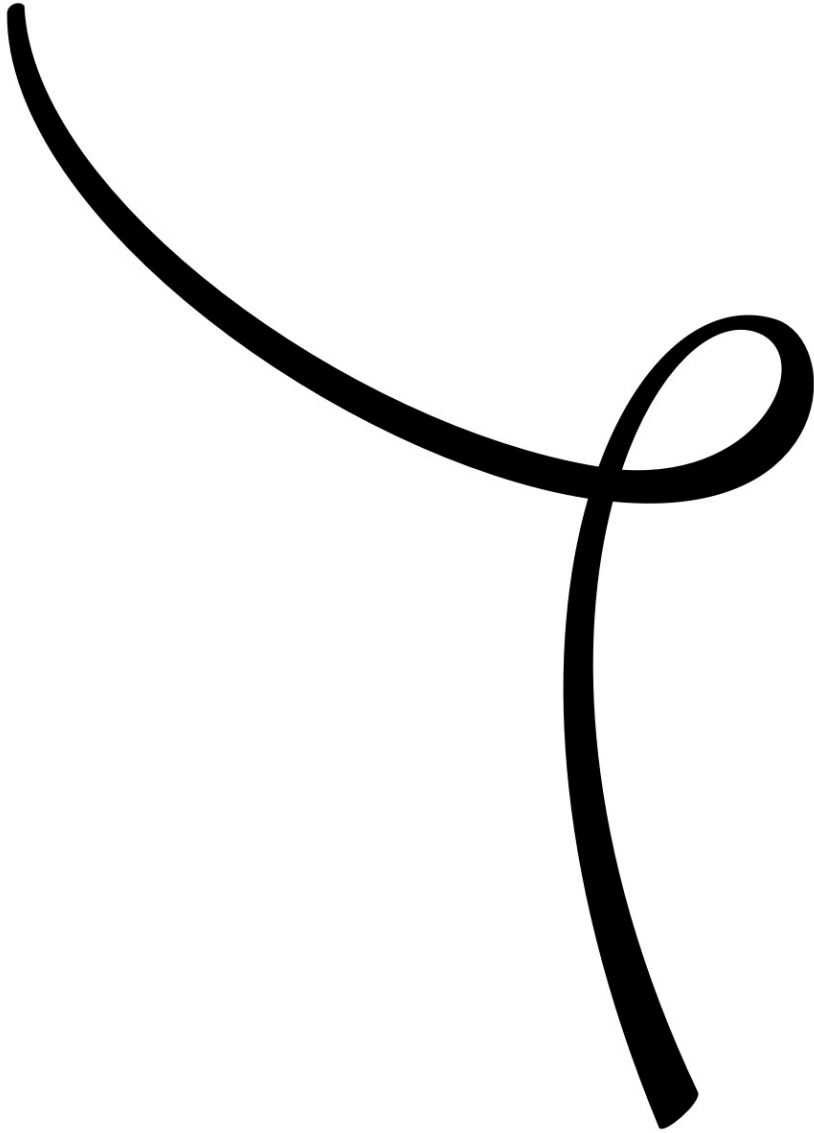
Lila não quis saber. “Eu vou ligar para o moço que a deixou comigo. Ele pode explicar como o pescoço dela ficou assim.”

“Ah tá, claro”, disse Bill.

“Você tem uma lista telefônica?” Lila perguntou ao Tony.

Ele a encarou enquanto tirava um catálogo de trás do balcão.

Com as mãos suadas, Lila procurou o nome de Adam Spencer e, aliviada, encontrou o número. Se pelo menos ele tivesse a decência de atender...



LEVANDO GRACE DE volta para casa, de volta da Sociedade Humanitária, ninguém diria que ela havia passado a manhã tremendo de estresse. No banco da frente, ela sorria e arfava, com a ponta da língua de Camélia pendurada. Lila tinha amarrado novamente a bandana em volta do pescoço de Grace para cobrir as cicatrizes, e sua expressão se enchera de confiança. “Eba! Vamos passear de carro!” gritava sua expressão. Grace parecia ter esquecido que Lila quase a deixara no abrigo.

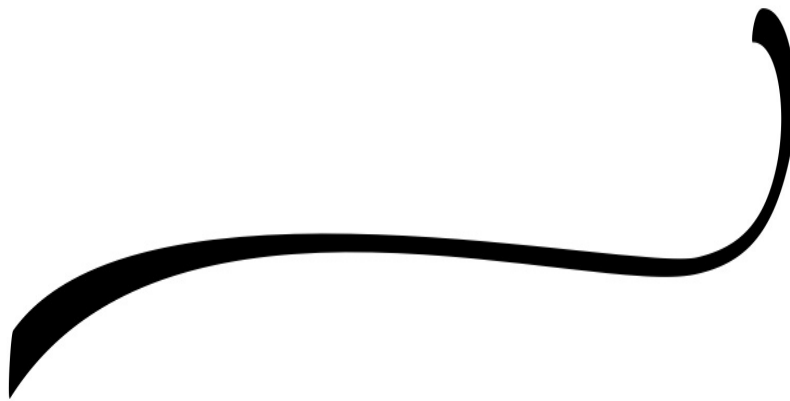
Lila não estava tão despreocupada quanto Grace, pois a conversa por telefone entre Bill e Adam grudava nela como sabão de tanque. Em pé, ao lado de Bill, ela ouviu Adam explicar com uma voz firme que ele havia sido voluntário no departamento educacional da Sociedade Humanitária e que a diretoria poderia atestar por ele. Ele afirmou que encontrara Grace na rua, com a corrente encravada no pescoço, e a levava correndo para o veterinário. Adam implorou para que Bill deixasse Lila ficar com Grace até que ele pudesse levá-la para casa, porque um canil seria traumático depois de tudo que ela havia sofrido.

Com palavras que soavam como mordidas em metal, Adam chamou Lila de “irresponsável”, “insensível” e “falsa maldita”. Lila bufou de raiva com esses termos que se aplicavam mais a ele que a ela. A Tia Louca insistia que ela arrancasse o telefone de Bill e gritasse com Adam. Mas, pelo bem-estar de Grace — e o próprio —, ela permaneceu quieta, dócil, esperando até poderem ir embora juntas.

Agora, ela e Grace seguiam atrás de um jipe preto, pegando a saída para Mill Valley e a estrada para a cidade. Passando por ranchos e um centro de compras, Grace se inclinou, até seus ombros tocarem os de Lila. Grace parecia querer dizer que, para ela, elas eram um time, as duas contra o resto do mundo. Do ponto de vista de Lila, as duas podiam ser companheiras de uma estrada chamada cura. Contudo, ela nunca achou que teria um cachorro.

Ela acariciou o ombro de Grace. Era diferente agora, que ela pertencia a Lila, não era só um cachorro a quem ela estava tomando conta para Adam. Grace não parecia mais ser um estorvo tão grande ou tão estranha quanto antes, e o hálito de carne também não era tão repulsivo. Lila não conseguia explicar.

O importante é que algo havia mudado. Chegando em casa, Lila daria um biscoito de recompensa, a levaria para dar uma volta e a deixaria ir aonde quisesse. Lila lavaria as capas das camas de cachorro. Esfregaria pomada de vitamina E nos vergões de Grace, torcendo para que sua pele fosse tão bondosa quanto ela.



O *pet shop* tinha cheiro de casco de porcos, comida de peixe e serragem de cedro para *hamsters*. Um periquito berrava do poleiro na janela. Metade das luzes fosforescentes estavam queimadas, a loja era obscura e as alas lotadas pareciam lares de toupeiras.

Grace andava mancando ao lado de Lila, enquanto ela procurava comida para cães, que encontraram na parte de trás da loja. Empilhados até o alto, contra a parede, pacotes de ração com tarjas misteriosas para “manutenção”, “fundação” e “*premium*”. Só os arco-íris de cores saturadas faziam sentido para Lila.

O dono do *pet shop*, Albert Wu, chegou e se apresentou. Poeira dos sacos de areia para gatos, que estava empilhando, manchavam sua blusa havaiana e topete, que mais parecia um castor subnutrido descansando sobre sua cabeça. Quando Albert sorria, o rosto inteiro enrugava, e olhos se fechavam em frestas. Ele se inclinou e acariciou o peito de Grace.

“Posso ajudá-la?”, perguntou.

“Eu preciso de ração para ela”, Lila respondeu, enquanto Grace dava uma de bobona, com cara de chapada.

“O que ela anda comendo?”, ele perguntou.

“Uma coisa com textura de cascalho que meu amigo comprou para ela.”

“Isso não ajuda muito.” O rosto de Albert enrugou de novo, e o castor do topete se mexeu.

Ele explicou a diferença entre “manutenção” e “*premium*”. Apontou um saco azul com os dedos pálidos. “Esse é para o cão normal. Voá das prateleiras.” O indicador deu um tapinha no vermelho-cádmio. “Eu levaria este. Tem mais gordura. Acho que seu cão tá precisando de umas calorias extras.”

Foi o que Lila escolheu. Sob a insistência de Albert, ela escolheu também uma coleira verde floresta, que ficava lindo ressaltando o pelo avermelhado, além de identificações, grampeadas num quadrado de papelão. Grace podia ter uma de plástico ou de metal, em forma de rato, osso de cachorro, hidrante, círculo ou coração.

Lila encomendou o de coração, em metal, no tamanho menor, como um cartão de dia dos namorados de um gnomo. Impresso estariam, em letras capitais, o nome de Grace e o telefone de Lila.

Enquanto Grace examinava os recados deixados por outros cães no azulejos de pedra da loja, Albert ligou para a central de compras e entregou um recibo com um valor maior do que esperava. Ela assinou um cheque que comia um pedaço grandinho de sua conta bancária. No entanto, não se importou, porque queria fazer o certo para Grace. Adam Spencer teria que admitir que Lila estava sendo responsável.



Adam ligou, como fazia agora a cada dois dias, quando Grace e Lila estavam jantando.

Antes de mais nada, ele perguntou: “Como vai Grace?”.

Em outras palavras, Grace ainda está aí? Você não a deu para alguém? Ou levou de volta para a Sociedade Humanitária? Não está sendo uma falsa, negligente?

“Tá bem”, respondeu Lila.

“Ela está se alimentando?”

“Está engordando.”

“Não está dando restos de comida, não é?”

“Não.”

“Cães não podem comer chocolate. É veneno para eles.”

Eu não sabia. “Eu sei.”

“Levou ela para caminhar hoje?”

“Todo dia.”

“Só verificando.”

Como sempre, Lila se sentiu uma ameba na lâmina do microscópio dele.

Ela não disse a Adam que não daria Grace de volta. Ela queria evitar outra briga. Ele descobriria com o tempo que Grace era dela. Não valia a pena comprar a briga.



Torcendo para ver alguma simulação de alguém surtando e matando pessoas, Lila estava assistindo *Crimes verdadeiros*, na TV, com Grace. Contudo, a história da noite era sobre um desses loucos por estratégias de sobrevivência¹, com dentes podres, que havia sequestrado uma adolescente. A polícia estava fazendo pente-fino nas montanhas com cães farejadores. Por trás de uma floresta de microfones, os pais, com as expressões acinzentadas, imploravam por pistas. Todos tinham esperança de que estivesse viva, mas a palavra estupro pairava sobre a expressão do suspeito, uma sugestão lúgubre do que encontrariam.

David Carpenter raptara uma mulher assim também, quando começou seu caminho para se tornar o Assassino da Trilha. Será que Yuri Makov havia estuprado alguém? Lila o imaginou aparecendo de surpresa atrás dela, depois do trabalho, e tapando sua boca com fita adesiva. Enquanto dava chutes e arranhava, ele amarraria seus punhos, a jogaria dentro do porta-malas do Nissan e bateria a porta. Enquanto ia embora de carro, a fumaça do exaustor a dominaria...

Entretanto, Lila não conseguia terminar de visualizar essa história macabra. Yuri parecia refinado demais para estuprar alguém, ou acabar com sêmen em suas calças sociais sempre tão bem passadas. Sair atirando com certeza era o maior nível de intimidade que ele queria ter com suas vítimas. O que isso dizia sobre ele?

Provavelmente ele era mais afastado, e não buscava ter poder sobre mulheres, ou catar uma a uma, sozinhas. Ele queria mais violência. Mais impacto. Mais drama. Uma dose maior de crueldade, para uma afirmação pública maior. Contudo, o que Yuri queria afirmar quando atirou em todo mundo?

Inclinada no sofá, Lila ponderou sobre a pergunta, ela quase poderia ouvi-lo dizer “Eu odeio você. Sou melhor que você. Vou me matar, e você vem comigo.”

Quem ele odiava? E por quê?

As perguntas a atormentavam. Para se reconfortar, ela esticou o braço e acariciou Grace, que estava deitada sobre seus pés. Antes, tocar Grace requeria esforço concentrado. Agora Lila mal percebia o que estava fazendo.



Nas três semanas que se seguiram à viagem à Sociedade Humanitária, Grace parecia sempre se apoiar em Lila, ou colocar o queixo sobre seus pés. Eram suas duas posições favoritas; e, se não pudesse tocar Lila, ficava o mais perto possível. Quando Lila tomava banho, Grace se enrolava sobre o tapete do banheiro. Quando dormia, Grace se colava na saia da cama. Ela parecia ter entendido que Lila era oficialmente dela, e nunca a deixaria fora de vista. Se Lila saía de casa sem levar Grace, ela esperava na porta da frente com algum presente — um pano de prato, uma almofada, uma das pantufa rosa de Lila, uma meia.

Com Grace sempre por perto, Lila conheceu-a melhor; notou, por exemplo, como seu pelo parecia ser um mostruário de tinta de cabelo. O pelo no rosto era loiro-champanhe. No meio da testa tinha um “bico de viúva” loiro-avermelhado e, sobre as orelhas, tufo de pelagem loiro-bronze. Os ombros e o peito eram delicadamente listrados, como se tivessem luzes de loiro-platinado. O rabo, que parecia um gêiser soltando pelos, era castanho-claro, mas a ponta era novamente loiro-avermelhada. Se alguém pintasse Grace, suas matizes sutis seriam difíceis de acertar.

Lila também aprendeu as preferências alimentares de Grace, que a floravam quando limpava o saco de ração vermelho-cádmio transformando-se em uma gulosa. Toda vez que Lila ia até a cozinha, Grace a encurralava e a fixava com um olhar desesperado, que insistia que o escorbuto estava prestes a atacar e que precisava de comida. Querendo que ganhasse peso, Lila concedia, e Grace virou uma *connoisseur* de lanchinhos. Além dos biscoitos para cães, ela devorava — quase sem mastigar — queijo, melão, banana, ervilha, cenoura e abobrinha. Ela agia como se pudesse se vender para a escravidão por uma torrada de pasta de amendoim e geleia.

No começo, Lila dava as guloseimas somente em sua tigela, mas passou a dar na mão, e Grace gentilmente pegava os pedaços e fatias sem triscar um dente em seus dedos. Quando Lila terminava um iogurte, ela dava o pote para Grace lambar, e mesmo então ela tomava cuidado para não passar a língua na mão de Lila.

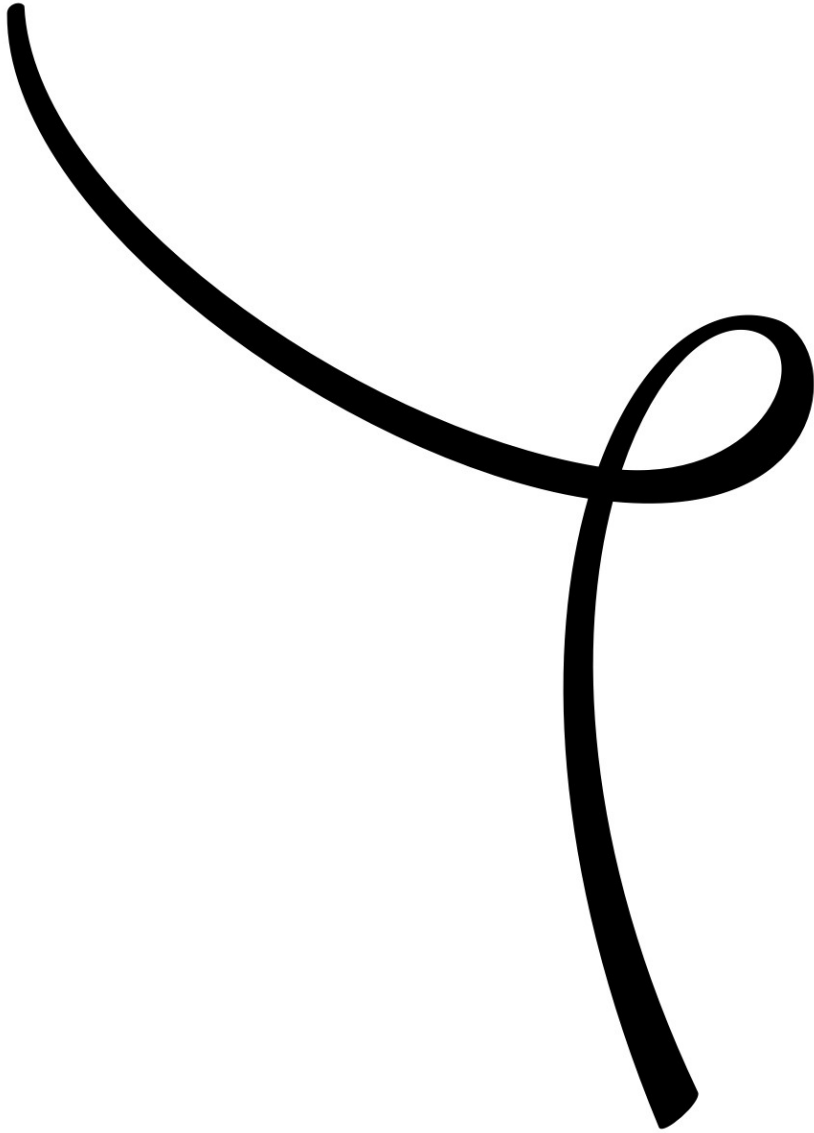
Lila admitiu que estava errada quando chamou Grace de selvagem. Ela era educada. Até com insetos. Ela adorava besouros e os estudava na varanda, ao lado de seus queixo deitado na madeira, tão perto dos besouros que seus olhos ficavam vesgos. Era seu *hobby* preferido, depois da bola de tênis nojenta.

Na primeira semana que Grace pertenceu, de fato, a Lila, elas brigaram por causa da bola. Repetidamente, Grace a trazia para dentro de casa, e Lila gritava um “Não!” severo. Ela pegava a bola com papel-toalha e jogava fora de casa, até que, mais uma vez, Grace a trazia de volta, tantas vezes que Lila desistiu e deixou que a ficasse mordendo na sala.

Não deve ter sido uma concessão grande o suficiente, porque Grace deixava a bola a seus pés na cozinha e no escritório. Depois de muitos rolos de papel-toalha, para salvar árvores, Lila cedeu e tocou a bola peluda, gosmenta e nojenta, com os dedos. Daí para sair jogando a bola para Grace buscar foi um pequeno passo.

Ela pegava a bola com uma bocada e parecia tão feliz que Lila era obrigada a jogar novamente. A retriever dentro de Grace brilhava. Ela estava em sua melhor forma quando corria atrás da bola e trazia de volta para Lila. Se alguém dissesse que a saliva de cão não dava ânsias, Lila nunca teria acreditado.

¹ *Survavilist*: que pratica o *Survavilism*, movimento norte-americano de pessoas que se preparam para sobreviver em emergências, desde ataques atômicos até eventos geológicos e cataclismos políticos. (N.T.)



EUFÓRICA, GRACE PULOU do Volvo e puxou Lila para a calçada. Suas narinas se abriram ao examinar com o nariz uma lata de Coca vazia, um chiclete e um cuspe velho. Ela certamente nunca havia passeado pela rua e estava animadíssima. “Yupiiiiii!!! Que êxtase!!” Exclamavam suas narinas tremulantes.

Eca, retrucou o estômago tremulante de Lila. Elas estavam na rua Spring, estreita e deserta. A neblina da tarde acinzentava os prédios caindo aos pedaços que pareciam fechar ainda mais a calçada. Sem Grace, Lila talvez não tivesse feito a viagem até essa parte deprimente de São Francisco. Ela foi atrás do apartamento de Yuri Makov sem saber direito onde ficava.

Na TV ela viu qual era o prédio — uma caixa de dois andares coberta de estuque marrom claro, cor de meia-calça barata. Três portas pretas levavam a entradas diferentes. Na parede da frente, três caixas de correios amassadas estavam penduradas acima dos registros de água; jornal enrolado e amarelado enchia as escadas.

Alberto Hernandez, o repórter da TV, conseguiu não tropeçar ao subir até a porta do meio, na unidade dois. Ignorando a chuva fina que desajeitava seu corte de cabelo *pompadour* e escurecia sua jaqueta cáqui, ele bateu na porta. “Esse era o apartamento de Yuri Makov?”, perguntou quando a porta abriu.

“*Dá*”, disse um homem, que Lila assumiu ser o colega de apartamento de Yuri.

Um verdadeiro brontossauro, gigante perto de Alberto. Seu cabelo estava penteado para trás desde a testa, no estilo europeu, e as papadas pareciam presunto. As mãos enormes poderiam ter estrangulado ursos russos.

“Eu sou da KROS-TV. Posso fazer algumas perguntas?”

O colega de Yuri fitou a câmera de TV. “Eu não ter tempo.”

Se Alberto não tivesse tutano, ele teria dado meia-volta e fugido dali, mas enrijeceu as pernas finas e insistiu: “Quanto tempo você morou com Makov?”.

“Eu não falar.”

“Ele estava chateado quando saiu para o trabalho ontem?”

“Eu disse que não falar.”

“Você tinha ideia dos planos dele?”

O colega torceu o lábio carnudo e resmungou grunhidos eslavos ranzinzas. Deu um passo para trás e bateu a porta.

Alberto virou para a câmera. “Infelizmente, o colega de Makov não pôde nos fornecer nenhuma informação. Alberto Hernandez, direto do apartamento de Makov na rua Spring.”

Quando ouviu “rua Spring”, a respiração de Lila prendeu na garganta. Inúmeras vezes, indo para o trabalho, ela havia tomado o atalho naquela rua para evitar o trânsito da manhã na avenida Van Ness. Talvez Yuri tivesse visto ela pedalando de bicicleta pela janela. Se quisesse, podia ter atirado nela ali. Contudo, obviamente, tinha planos maiores. Matar apenas uma pessoa não era o suficiente.

Lila apressou Grace até o fim do bloco e atravessou a interseção. À frente estava um prédio medonho com três entradas; mas não havia registro de água, e as portas eram verde limão. O vento carregou um envelope em papel-pardo até o pneu de um Ford enferrujado estacionado na frente. Ao lado, a lixeira estava transbordando.

Grace e Lila atravessaram outra interseção, mas o prédio de Yuri não estava à vista. Talvez ela não tivesse ouvido Alberto Hernandez direito, talvez ele tivesse dito rua Spruce ou Ming. Sentia o desânimo se infiltrando enquanto chegavam na curva do último bloco da rua Spring. Entretanto, do outro lado da rua, na metade do caminho, havia um prédio que parecia o de Yuri. Elas marcharam apressadas até as três portas pretas e três caixas de correios amassadas.

Ao se aproximarem, ela hesitou. O colega de Yuri podia bater a porta na cara dela, como havia feito com Alberto, ou até mesmo atacá-la. Homens bestiais, como os que arrombavam a porta em seu pesadelo recorrente, poderiam estar escondidos no apartamento de Yuri, e ela não dissera a ninguém aonde estava indo. Agarrou um punhado de cachos reconfortantes de Grace. Mesmo nunca a tendo ouvido latir para ninguém, a não ser Agnes Spitzmeier, Lila estava feliz que Grace estivesse lá.

Passando ao lado dos jornais, na escada, elas subiram até a porta do meio e Lila bateu. Ninguém respondeu. Ela ia bater de novo quando ouviu uma trava sendo destrancada e os anéis de uma corrente de segurança ressoando na madeira. A porta abriu e, de seus quase um metro e oitenta, ela teve que se inclinar para trás para ver o rosto vermelho do colega de Yuri. Ele devia lançar hormônios do crescimento. Podia ser um dos gigantes das fotos de Diane Arbus.

Ele usava um conjunto esportivo de veludo cinza cujo zíper da jaqueta estava aberto até a cintura, deixando à mostra o peitoral de chapa de granito. Abaixo do pescoço, uma corrente de ouro atravessava o que parecia ser o pelo de um mamute peludo. Havia algo de opressor nele; talvez fosse daqueles que rasgassem listas telefônicas ao meio com as mãos, para se exibir nas festas. Parecia ter nascido para intimidar pessoas.

Quando Lila se apresentou, um balanço da cabeça confirmou sua existência. Contudo, ele franziu o olhar para Grace, como se fosse uma barata que estivesse prestes a esmagar com o pé e eliminar de sua vista. Grace retribuiu com o olhar sombrio mais misantropo que pôde, e o pelo ao longo da coluna se eriçou como um moicano. Dobrou as orelhas para trás e deixou bem claro que proteger Lila era mais importante para ela que oxigênio.

“Posso conversar com você um minuto?”, perguntou Lila.

Ela interpretou o balanço afirmativo da cabeça como uma permissão com má vontade, e o olhar para o relógio como um sinal de que era melhor ser rápida. Ela ficou feliz que ele não a convidou para entrar; mesmo com Grace, não queria ficar com ele atrás de uma porta fechada.

“Eu sou uma das pessoas em quem Yuri Makov atirou. Queria saber se você pode me ajudar.”

“Eu não sei nada.” A voz era anasalada e desagradável.

“Não pode me contar alguma coisa sobre ele?”

Dois ombros montanhosos se encolheram.

“Como ele era?”

“Inteligente. Estudou Universidade de Moscou.”

“Ele tentou trabalhar como arquiteto lá?”

“Ninguém querer. Tinha que ser zelador.”

“Isso o incomodava?”

Mais um sinal de indiferença com os ombros.

“Eu ouvi dizer que ele havia sido demitido”, disse Lila.

“Não falar nada.”

“Estava com raiva de alguma coisa?”

A mão do homem alcançou a maçaneta.

“Por favor”, implorou Lila. “Estou tentando descobrir por que Yuri estava chateado. Você não tem nenhuma ideia de por que ele atirou em todo mundo? Estava com raiva de quê?”

“Vocês pessoas. Pergunta, pergunta, pergunta. É muito.” Ele abanou a mão impacientemente, querendo mandar Lila para fora da varanda.

“Eu preciso saber. É muito importante.”

“Ele falar nada. Polícia eu falo. Mãe dele eu falo. Todo mundo...”

A mãe dele? O coração de Lila se jogou contra as costelas. “Como posso encontrá-la? Você sabe?”

“*Nyet.*” Cruzou os braços sobre o peito e enfiou as mãos sob as axilas.

“Você não sabe aonde ela mora?”

“Aqui ela telefonar.”

“Eu preciso conversar com a família dele. Por favor, não pode me ajudar?”

O bocejo deixou à mostra a úvula gigante e dentes prateados. “Prima. Monterrey. Bancar Yuri.”

“Você sabe o nome da prima dele?”

“*Nyet.*”

“A mãe dele está em Monterrey também?”

“Não saber nada.”

“E os amigos de Yuri?”

“Não ter amigo.”

“Mas ele morava com você.”

“Alugar quarto.”

“Ele recebia visitas?”

“Chega. Chega. Pergunta, pergunta, pergunta. Ok, adeus.” Com o olhar mal-humorado, voltou para dentro do *hall* de entrada.

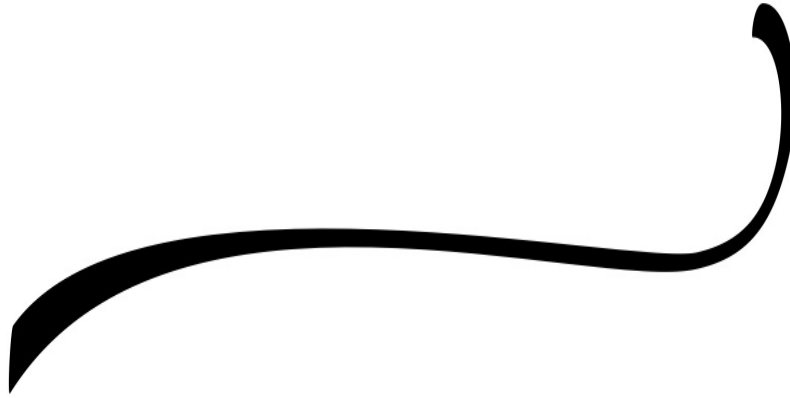
Enquanto fechava a porta, Lila perguntou, “Como que ele entrou nos Estados Unidos?”

“Passaporte loteria. Moscou.” Uma fechadura foi passada arranhando.

Um casal passou andando tagarelando em espanhol. Grace deve ter sentido a frustração de Lila, porque se apoiou em sua perna.

“Aquele imbecil tem a compaixão de um nabo”, resmungou, enquanto dava a volta nos jornais enrolados, voltando para a calçada.

Lila observou uma boneca russa no parapeito da janela do locador de Yuri. Um lenço e um avental pintados no corpo redondo e camponês. Bolas vermelhas representavam as bochechas rosadas. Era uma matriosca, que se abria e abria de novo, achando bonecas menores dentro. A sensação era de que as bonecas se abriam eternamente, que nunca haveria um fim. Talvez fosse um sinal do universo.



No caminho de volta, no carro, Grace se apoiou com mais força no ombro de Lila, tentando animá-la.

“Aposto que Yuri esperava encontrar estradas pavimentadas com ouro aqui, que ele seria o Frank Lloyd Wright da Califórnia”, Lila disse. “Aposto que tinha raiva de trabalhar como zelador.”

Grace estudou uma mosca zanzando no canto do para-brisa, tentando encontrar uma saída.

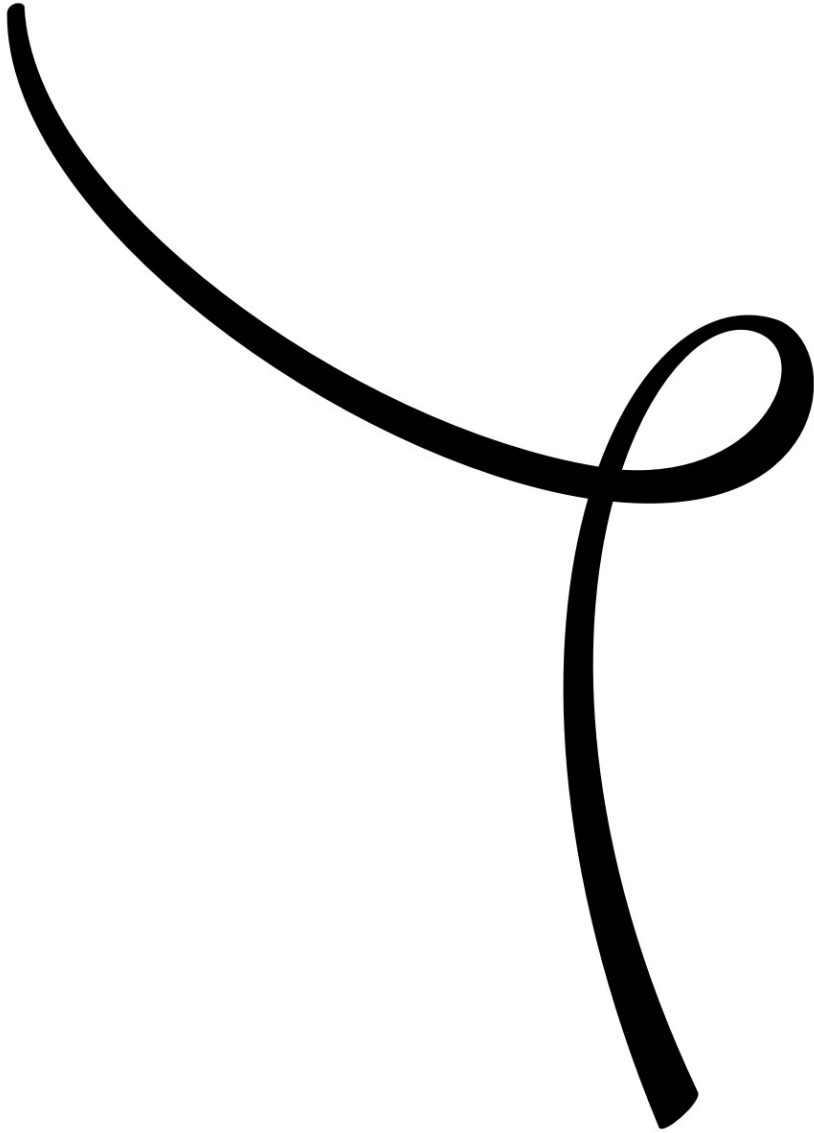
“Se Yuri quisesse, ele poderia ter voltado a estudar à noite e aprendido arquitetura aqui. Eu até sugeri isso. Alguém o teria contratado eventualmente. Por que não fez isso? *Por quê? Por quê? Por quê?*”

Lila lembrou do: “Pergunta, pergunta, pergunta” daquele locador idiota. Estremeceu.

“Frustração com a carreira não leva ninguém a sair atirando num monte de gente, Grace. Simplesmente não leva.”

Grace observava a mosca, que tinha pousado no visor.

“Eu tenho que conversar com a família dele.” Lila entrou na rampa que levaria à curva em volta da ponte Golden Gate. “Eu vou encontrar a família dele, ou morrer.”



CANSADA DA VIAGEM para o apartamento de Yuri, Lila jantou e foi para a cama. Como sempre, Grace se enrolou no tapete, o mais perto possível de Lila. A Lua prateava o chão e o parapeito da janela. Lila fechou os olhos, o vento agitando as sequoias, os cones estalando no deque, do outro lado da porta francesa.

No exato momento em que os pensamentos conscientes estavam girando a chave para a escuridão do subconsciente, alguma coisa rangeu do lado de fora. Assustada, abriu os olhos num estalo, se ergueu instantaneamente na cama e virou para a janela. Forçou os ouvidos no quarto escuro. A dobradiça do portão, ou uma pisada no deque, poderiam ter causado o barulho. Ela não sabia dizer de quão longe ou de que direção o barulho tinha vindo.

Outro rangido. Os ombros tensionaram. O esforço para entender o que havia feito aquele barulho era o mesmo que sentira para entender o que havia explodido no *lobby* do Weatherby. Só Deus sabia que ameaça estava lá fora.

“Grace?” murmurou, espinhos de medo subindo dentro dela.

Grace se levantou e se apoiou no colchão. Lila apoiou a mão no pescoço de Grace e lembrou-se de que não estava sozinha. Timpanos alertas, ouvia atentamente. Algo deu uma pancada no metal. Ou na madeira? Lila pensou nos bandidos dos pesadelos e nos psicopatas soltos do mundo. Da mesma forma que ficou paralisada no cubículo do Weatherby, ela se engessou contra a cabeceira da cama.

Algo quebrou no deque, e Grace voou em cima da porta francesa e começou a latir como uma pessoa gritando, vermelha, num megafone. Ela se apoiou sobre as patas traseiras e arranhou as vidraças da porta com as unhas, rosnando como se um tigre raivoso tivesse pulado a cerca. Lila apertava o travesseiro contra o peito, enquanto Grace investia contra a janela, agarrava o parapeito com as patas e se levantava, para olhar o lado de fora. O que viu deve ter irritado ainda mais, pois ela berrou como se fosse quebrar o vidro e pular para o quintal.

Um grito ficou entalado na garganta de Lila. Ninguém a ouviria. Ela não podia lutar contra ninguém com o braço ferido. Se alguém quisesse matá-la, ela não tinha defesa. Grace era sua única proteção.

Grace estava determinada a botar qualquer assassino para correr. Pulava de um lado para o outro na frente da porta francesa, os latidos crescendo e terminando com exclamações.

Aos poucos, porém, a pontuação mudou para pontos cheios de raiva, e ela arfava entre um latido e outro. Depois foram diminuindo, os protestos se acalmando em rosnados e choros, que pareciam balas assobiando. Grace deve ter sentido que o inimigo havia batido em retirada, pois sua ferocidade se abrandou e agora ela patrulhava silenciosamente a porta, indo de um lado para o outro. Quando finalmente se acalmou, o quarto também parecia calmo, como se as paredes e o chão tivessem entrado na confusão e estivessem se aquietando, vitoriosos.

Lila voltou para debaixo das cobertas e tentou acalmar a respiração. Buscando na mente o motivo dos rangidos e pancadas, a adrenalina demorou para se dissolver no sangue. A ansiedade permanecia, ainda.

Grace olhou pela janela. Foi silenciosamente até a cama e apoiou o queixo sobre o colchão, ao lado do travesseiro de Lila. Sob a luz da lua, as sobrancelhas de Grace se erguiam, como fazia quando estava preocupada, e Lila sabia que ela era o motivo da preocupação.

As sobrancelhas de Grace claramente indicavam que a responsabilidade entre Lila e ela era uma via de duas mãos. “Eu sempre vou protegê-la. Amo você! Pode contar comigo.”

Lila tirou o braço de debaixo das cobertas e acariciou seu “bico de viúva” e orelhas caídas. “Que boa menina você é. A melhor.”

Grace se sentou e, sobre o colchão, pôs as patas dianteiras, que perguntavam diretamente: “Tenho que ficar no chão, no lugar de sempre? Você me deixa subir na cama?”

Lila deu um tapinha no colchão para encorajá-la a subir na cama. Grace deitou atrás de suas costas. Gentilmente, colocou uma pata sobre o braço ferido de Lila e apoiou o queixo sobre seu ombro.

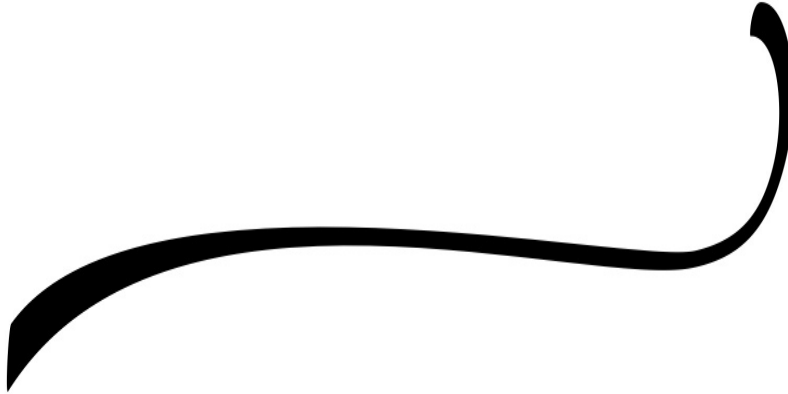
Ouvindo a respiração calma e leve de Grace, Lila não tinha dúvida de que ela tomaria conta dela. Sentindo-se mais segura desde que levou o tiro, ela fechou os olhos e, devagar, sincronizou a respiração com a de Grace. Em seu abraço, Lila adormeceu.



Na manhã seguinte, o colchão afundava atrás de Lila, e algo estava pesando sobre seu ombro. Grace manteve a vigília a noite inteira, sem se mover um centímetro. Mesmo na luz do dia, ainda estava protegendo Lila. A respiração de Grace esquentava seu pescoço.

Ela pegou a pata de Grace e segurou-a em sua mão, passando os dedos pela parte fofa e áspera, e pelas unhas curvadas. O corpo de Grace emanava calor. Suas células pareciam embebidas de gentileza.

“Ah, obrigada, Grace. Obrigada.”



A manhã foi de sol, e o céu azul ostentava generosidade, como se fosse promover um baile de caridade. No ar puro e límpido, os corvos soltavam grasnidos altos e agudos, como violinistas de jazz. Ninguém acreditaria que a noite anterior trouxera medo consigo.

Grace pavoneou cozinha adentro da melhor forma possível, com sua perna defeituosa. Como sempre, o rabo emplumado estava levantado ao alto, com expectativa em relação ao novo dia. Lila preparou o café da manhã de sempre, com ração rica em gordura e pedaços de frango enlatado, mas hoje também servia gratidão e amor.

Ela preparou um chá de romã e sentou-se à mesa. Grace sentou à sua frente e deu um tapinha em seu joelho com a pata: “Estou aqui! Preste atenção! Olhe para mim!”.

“Estou vendo, Grace.” Lila emaranhou o pelo sobre a testa de Grace e deu um gole do chá.

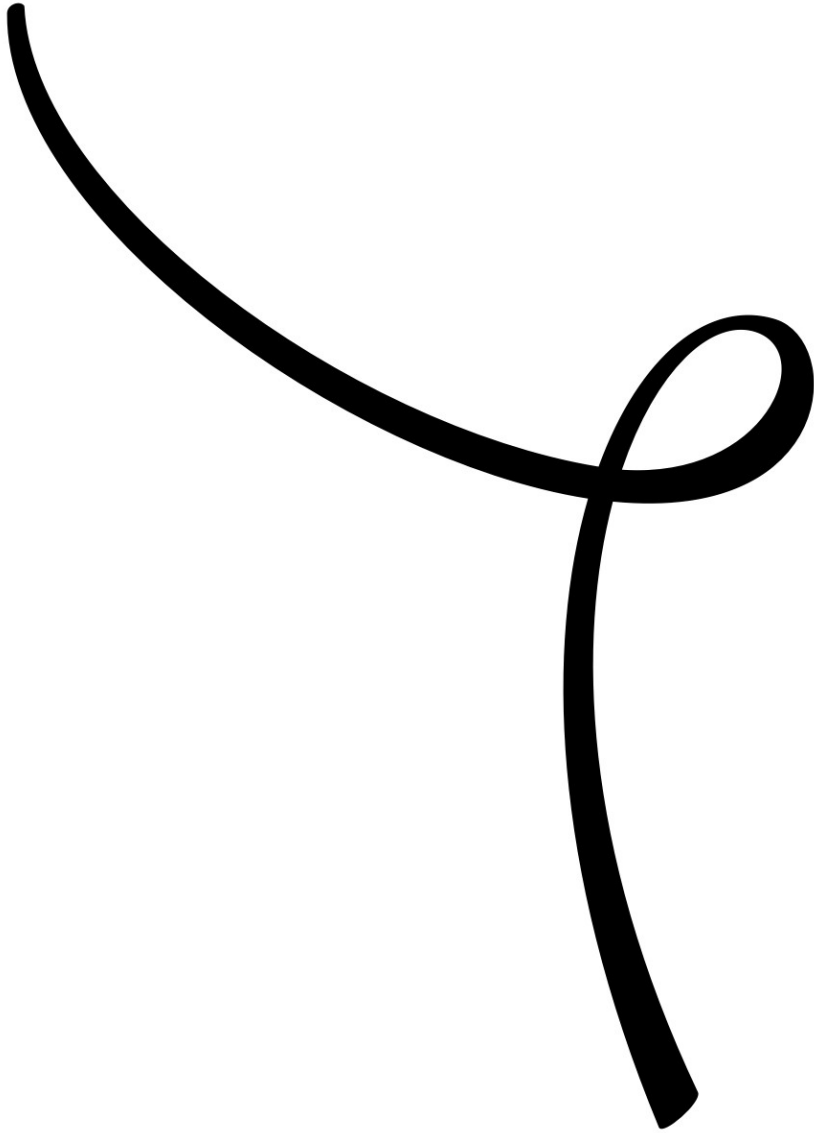
A pata impaciente bateu no braço de Lila. O chá derramou sobre o tapete, no mesmo lugar em que Grace havia mastigado o pincel.

Não adianta se preocupar com chá derramado. Lila pegou um papel-toalha e secou o local. “Ah, acontece.”



A identificação de Grace chegou pelo correio. Depois de lhe dar um cachorro-quente de comemoração, ela passou o pequeno anel de metal de coração pela coleira e gentilmente a afivelou em volta do círculo de cicatrizes, que o pelo quase cobria agora. Ela deve ter gostado do coração, porque arfou e sorriu. Quando trocava o peso do corpo de uma pata a outra, o coração tilintava agradavelmente na fivela da coleira.

A partir daí, o tinido lembrava Lila da conexão que tinham. Adam ou Marshall não podiam nem pensar em reivindicar Grace, agora que o nome de Lila estava na identificação. Era o anúncio formal de que elas eram uma família, e que ninguém podia mudar aquilo. O compromisso de uma com a outra estava oficialmente registrado no livro da vida.



LILA BUSCOU A lista telefônica no computador e digitou “Makov” e “Monterrey, Califórnia”. Quando apareceu uma janela mostrando “zero resultados”, ela sentiu um rolo compressor esmagar seu coração. “Saco”, ela disse a Grace. “A prima do Yuri deve ter um nome diferente, ou a mãe dele não está registrada. Talvez não tenha um telefone.”

Grace estava deitada de bruços, o queixo apoiado no chão. Os olhos estavam fixos em formigas que desfilavam em fila indiana pelo rodapé de madeira. Para ela, eram como um filme tão empolgante que se esquecia da pipoca e se assistia sentada na beira da poltrona. Grace daria o Oscar àquelas formigas, ou seria uma entomologista, se pudesse.

Perdendo a esperança de encontrar a mãe de Yuri, Lila voltou para a página inicial da lista e digitou “Makov” e “Califórnia”, sem especificar a cidade. Quando viu seis Makov aparecerem na tela, deu um grito. Dois dos Makov ficavam em Los Angeles, mas quatro moravam na região da baía, não longe de Monterrey, nem dela mesma. Rabiscou rapidamente os nomes, telefones e endereços em São Francisco, Vallejo, Carmel e Daly City. Pegou o telefone e ligou para Vladimir Makov, da rua Pine, em Carmel, que era na mesma estrada de Monterrey.

Quando uma mulher atendeu, Lila gaguejou; havia ligado por impulso e não tinha pensado o que iria dizer. Ela considerou desligar o telefone, para montar a melhor abordagem, e ligar de novo. Entretanto, estava tão animada com a perspectiva de respostas que deixou escapar um “Você é parente de Yuri Makov?”.

“Oi?” A mulher não tinha sotaque russo. Soava americana, nascida e crescida.

“Estou procurando os parentes de Yuri Makov. Quería saber se você é algum deles.”

“Não sou.”

“Você o conhece?”

“Não. Talvez meu marido conheça.”

“Conhecia”, corrigiu Lila. “Yuri Makov morreu há alguns meses.”

“Você está organizando o testamento, ou algo assim?”

“Não. É difícil explicar.” Lila queria ter desligado quando a mulher atendeu. Ela se arrependeu de ter se tornado espontânea como Grace. “Você poderia perguntar se seu marido conhecia Yuri?”

“Ele não está aqui”, ela disse. “Você é de alguma agência coletora? Não somos responsáveis pelas dívidas de ninguém.”

“Yuri Makov me deu um tiro.”

“Meu Deus.” Pelo tom da mulher, parecia que um dedo do pé havia encontrado uma piranha.

“Ele surtou e saiu atirando em meu trabalho.”

“Não sabemos de nada a respeito, querida. Boa sorte.”

Click.

“Poxa, Grace! Que saco!”

Grace tirou os olhos das formigas, olhou para Lila e voltou a observar o desfile. Insetos eram a única coisa que a impedia de correr até Lila quando ela parecia aflita. Formigas eram os insetos preferidos de Grace, depois dos besouros.

Lila apertou os lábios, frustrada. *Pense, Lila, pense. Use o cérebro.*

Ansiosa para ligar para os outros Makov, ela montou uma estratégia: logo de cara anunciaria que era uma das pessoas em quem Yuri havia atirado; com certeza chegaram a ler as notícias no jornal sobre o ataque, complementar. Ela contaria como havia sido difícil e o caminho que precisava percorrer para se curar. “Estou tentando descobrir mais sobre Yuri. Compreender o que aconteceu vai me ajudar na recuperação”, diria. Aí eles jorrariam informações.

Lila ligou para Janet Makov, em Daly City, depois para R.S. Makov, em São Francisco. Nenhum dos dois atendeu, e Lila não deixou recado. Ela tentou Boris Makov, em Vallejo. Seu “alô” parecia ressoar de um barril, como se tivesse os pulmões de Luciano Pavarotti. Ela derramou ali rapidamente sua história, para chegar logo ao motivo da ligação.

Boris interrompeu: “Então, o que você quer de mim?”

“Estou tentando encontrar os parentes de Yuri Makov. Quero conversar com eles sobre o que aconteceu.”

“Nunca ouvi falar.”

“Alguém de sua família poderia talvez conhecer?”

“Não tenho família. Só tem eu.”

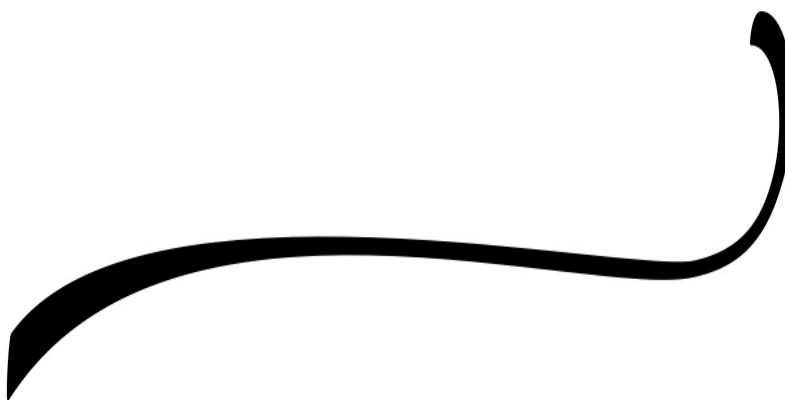
“Você conhece algum outro Makov?”

“Não.”

“Ah, bem, ahm... obrigada.”

Lila colocou o telefone no gancho e disse a Grace: “Isso não está dando muito certo”.

Seu coração foi praticamente arrastado atrás dela quando foi para a cozinha, onde estava pintando a porta de um celeiro africano a partir de uma foto da *National Geographic*. Entalhado na porta havia o rosto de um *desperado* apoplético, com lábios grossos vermelho escarlate e olhos pululantes em ocre. Teria assustado o mais corajoso dos ratos ladrões de grãos e tinha a expressão irritada, quase cuspidor. Lila entendeu como se sentia. Sentou-se à mesa e pegou o pincel.



Alguém bateu à porta, Grace pulou dos pés de Lila e, latindo, disparou na direção da entrada. No entanto, logo seus latidos viraram soluços alegres, e ela começou a dançar em volta da porta. Além de Lila, Adam era a única pessoa que conseguia arrancar boas-vindas assim dela. Tremendo, Lila se levantou da mesa.

Pelas janelas, Adam sorria para Grace. O cabelo castanho claro, meio caído nos ombros, sugeria que estava ocupado demais para um corte de cabelo; a postura confiante afirmava que não se importava com esses detalhes. Bateu as palmas e Grace deu um pulo e girou, com os olhos brilhantes. “Olá, garota! Estava com saudades!”, falou pelo vidro.

Lila, a “falsa maldita”, abriu a porta.

“Olá, Lila”, disse, educado e formal.

Pelo menos não falou seu nome como se fosse contaminado por uma doença tropical rara. “Olá, Adam”, ela disse, educada e formal.

Grace se apoiou nas patas traseiras, se jogou sobre Adam e pôs as patas dianteiras sobre o peito, tentando abraçá-lo. Ele esfregava suas orelhas enquanto ela lambia seu rosto e chorava alto, para que todos na montanha inteira soubessem que estava entusiasmada com algo. Juntando as mãos, Lila se sentiu excluída e com ciúme.

“Se você veio para ter certeza de que eu não doe Grace, pode ver que ela está aqui”, disse Lila.

“Não vim para isso. Vim buscá-la.”

Um pardal ameaçado estremeceu dentro do peito de Lila. Apesar de esperar que Adam viesse reivindicar Grace de volta, ela estava tão despreparada para isso quanto para os parentes de Vladimir Makov. Mais uma vez, Lila rapidamente buscou no cérebro uma maneira de lidar com uma situação inesperada. “Você veio buscá-la?”, enrolou, neutra como arroz.

“Eu terminei a cerca. Comprei comida orgânica para cães e uma cama nova maravilhosa para ela.” Adam ajudou Grace a aterrissar nas quatro patas do abraço, e ela se inclinou sobre suas pernas. “Você vai amar morar comigo, meninona. Tem uns lugares ao sol muito bons na grama. Você pode olhar as pessoas passarem pelo portão e ficar um tempo com os esquilos.”

Lila cobriu os olhos e eriçou os espinhos de porco-espinho. Empurrando a Aprazível para fora da varanda, ela disse com indiferença e todo o controle que tinha, “Inacreditável. Quando eu queria que viesse levar Grace embora, você não veio. Agora, que eu não a largaria nem em um milhão de anos, você aparece.”

“Do que você está falando... Não vai deixá-la comigo?”

“Ela é minha.”

Adam olhou para Lila como se ela precisasse de uma mordada. “Você me disse que não queria Grace. Disse que não gostava de cachorros. Deus sabe que tentou dá-la para qualquer um que encontrasse...”

“Desculpe. Mudei de ideia.”

Ele virou os olhos para o teto da varanda. “Eu não mudei de ideia. Por sua causa, corri para construir a cerca. Nem tirei minhas coisas das caixas. Não foi fácil fazer as coisas correndo assim. Eu fiz por sua causa.”

“Não quis lhe dar trabalho.”

“Mas deu.”

“Desculpe.” Lila se armou de suas defesas. “Você consegue outro cachorro.”

“Você também.” Falava como se tivesse direito à Grace.

“Grace está feliz comigo. Eu cuido bem dela.” Para provar, Lila levantou a coleira de Grace e abriu um espaço no pelo para que Adam visse que a pomada de vitamina E havia acalmado as cicatrizes. Ressaltou que Grace tinha engordado, graças à ração especial *premium*, e que não andava mais corcunda. Mostrou que as crostas nas costas dela estavam sarando.

“É tudo bacana, mas Grace precisa de um banho.” Adam puxou um cacho solto de pelos do quadril e mostrou a Lila. “Você também não está escovando ela. Não sabe tomar conta de um cachorro.”

“Escovar não é tudo. Amor também conta demais.” Lila virou o coraçõzinho de metal da coleira de Grace para ele ver. “A identificação dela tem meu telefone, e quem tem posse conta com noventa e nove por cento da lei a seu favor.”

As extremidades dos olhos de Adam curvaram-se para baixo, intensamente. “Eu me preocupo com Grace.”

“Eu também.”

Soltando uma respiração alta e hostil, ele enfiou as mãos nos bolsos do jeans e olhou em direção da floresta, decidindo como lidar com Lila. Balançou a cabeça de um lado para o outro, indicando a vontade que tinha de jogá-la aos crocodilos. Na rua, o carteiro bateu a caixa metálica, raspando o metal agressivamente. Na macieira, um corvo grasniou como se um tentilhão insignificante tivesse roubado a semente que ele planejava comer no almoço, e ela estava com raiva.

“Olha, o importante é Grace”, disse Lila.

“Concordo.”

Então pelo menos concordamos com algo. “Eu tentei fazer o melhor para ela. Ela está feliz aqui. Você com certeza percebeu.”

“Tirando o fato que você não deu banho nem escovou ela.”

“Também não virou nenhum cachorro de rua.”

“Ela precisa de um banho. Tem que mantê-la limpa, para a pele continuar sarando”, ele disse.

“Eu vou dar banho nela, ok?”

“E seu braço?”

“Eu levo ela para o *pet shop*.” *Mesmo não tendo dinheiro para isso.*

Adam balançou a cabeça, sem acreditar nela. “Eu volto daqui uns dias. Se não estiver limpa, ela volta comigo. Entendeu?”

“Não precisa falar comigo como se eu tivesse três anos”, Lila retrucou, juntando suas forças.

A Aprazível pôs as costas da mão sobre a testa e desmaiou.



Enquanto Betsy fazia mágica em seu braço, Lila contou sobre Adam.

“Não vai ajudar em nada ficar agitada assim”, disse Betsy.

“Não consigo controlar. Tenho medo de que ele a roube. Foi assim que ele a pegou, da primeira vez.”

“Você sabe aonde ir para tomá-la de volta.” Betsy puxou o braço de Lila o mais reto desde que Yuri atirou nela.

Antes de cobri-la com o cobertor indiano e deixá-la meditando, como de costume, ela tirou os tamancos de camurça pretos e sentou-se, com as pernas cruzadas, no chão, ao lado de Grace. A saia roxa estampada a rodeava, como uma mandala. Enquanto massageava a cabeça de Grace, pequenas baleias douradas balançavam dos lóbulos de Betsy.

Depois da última sessão de Lila, Betsy havia trabalhado a perna de Grace, para que voltasse a andar como um cão normal. Agora Betsy gentilmente massageava o ombro ferido de Grace, que descansou a cabeça no colo de Betsy, se rendendo aos prazeres da massagem. O olhar de êxtase era o anúncio de que Betsy tinha entrado para seu panteão pessoal. Grace era uma hedonista.

“Eu fico com raiva toda vez que penso naquele homem terrível machucando Grace”, Lila disse. “A crueldade está em todo lugar. O mundo é um lugar horrível.”

“Não é verdade!” A testa de Betsy se encheu de sulcos, como pequenas ondas do oceano, onde as baleias dos brincos podiam nadar. “Claro, existe crueldade, mas o mundo não é horrível. É sagrado.”

“A árvore onde Grace foi presa não é sagrada. Nem o escritório onde levei o tiro.” Para completar a visão de como a vida poderia ser terrível, Lila voltou à ameaça de Adam levar Grace embora, para sua casa não sagrada.

“Lila.” Betsy dizia seu nome antes de fazer um pronunciamento. “Você sabe, mais que todo mundo, que a vida não é justa. Todos nós temos nossos momentos de injustiça. Não dá para controlar. No entanto, tudo evolui para o bem no final, e o Grande Espírito está do nosso lado quando passamos por coisas difíceis.”

“Não sei se tudo evolui para o bem”, disse Lila, teimosa.

Os dedos de Betsy brincavam suavemente na perna de Grace, como se fosse uma flauta angelical. “Evolui sim, se você esperar tempo suficiente. Aposto que algo bom deve ter acontecido depois que levou o tiro.”

“Sem chance”, disse Lila. “Não posso negar o que meu cérebro me diz.”

Betsy sorriu, mostrando a brecha entre os dentes da frente. Ao esticar a perna ferida de Grace, as baleias brilharam. “Lila, seu cérebro só a ajuda até certo ponto. Não é o único lugar para encontrar respostas. Você tem que se soltar e pensar com o coração.”



Depois que Betsy saiu do quarto, Grace e Lila ficaram deitadas no silêncio por um tempo, até Grace se levantar, se inclinar e alongar. Ela foi até Lila e procurou sua mão com o focinho, pedindo carinho, e Lila

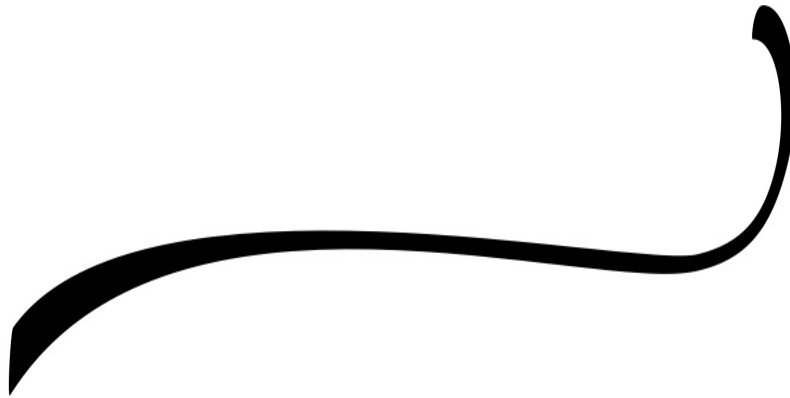
concedeu. Então abanou o rabo emplumado, como se estivesse chamando uma limusine, para ir buscar seu prêmio de vinte milhões na loteria.

Dando voltas no quarto, sorrindo, a perna parecia mancar menos gravemente que antes, mal cambaleava. Se tivesse um público, estaria chutando uma saia canção e piscando para homens na primeira fileira. “Uuuuu!” Vibrava a cada abanada de seu rabo.

As brincadeiras de Grace mostravam que tudo que queria no mundo, além de Adam e Lila, era se livrar de suas aflições. E, como o tratamento de Betsy deve ter trazido um novo alívio da rigidez e da dor, Grace tinha certeza, agora, de que a saúde plena estava logo ali, no próximo morro, e que o Grande Espírito nunca a abandonaria.

Em pé, sobre as patas traseiras, ela descansou as patas dianteiras na mesa de tratamento e encorajou Lila a sair de debaixo do cobertor e aproveitar aquela tarde gloriosa. Campeã mundial de “pensar com o coração”, Grace agia como se o abandono fosse história antiga e se jogava na direção da exuberância.

Lila concluiu que Grace queria que ela fosse exuberante também. Disse: “Ok, vou levantar.”



Lila prendeu a coleira no pescoço e a levou para fora do escritório de Betsy. Na rua, Lila olhou em volta, atrás de maníacos armados e do brutamente que imaginava que Marshall era. Mais à frente, um casal de velhinhas segurava as mãos e tomava casquinhas de sorvete, e um turista japonês apontou a câmera para uma mulher sentada numa esquina, estudando um mapa. Do lado de fora do café da estação de ônibus, um rabequista destrinchava o instrumento ao lado da caixa aberta para moedas. Sua música planava pela praça da cidade.

Lila apressou Grace ao atravessar a rua e desceu por uma rua estreita, onde duvidava que Marshall passasse. Quatro meninos construíam um forte de papelão às margens de um riacho, enquanto um cocker spaniel brincava na água em volta. Grace parou para olhar, depois cheirou o caminho; ela chorou, como se esperasse ver o Bambi pulando da floresta. Lila lentamente subiu um lance de escadas com ela. Desde que Grace afastara o que quer que fosse batendo no deque, há duas semanas, Lila se sentia segura. Grace era sua protetora ferrenha.

No meio do lance de escadas, elas passaram por um portão de ferro, guardado por dois patos de pedra, talhados no concreto e usando bandanas, chapéus molengas e óculos escuros bregas, encravados de cristais. Lila riu da extravagância. “Olha Grace!”

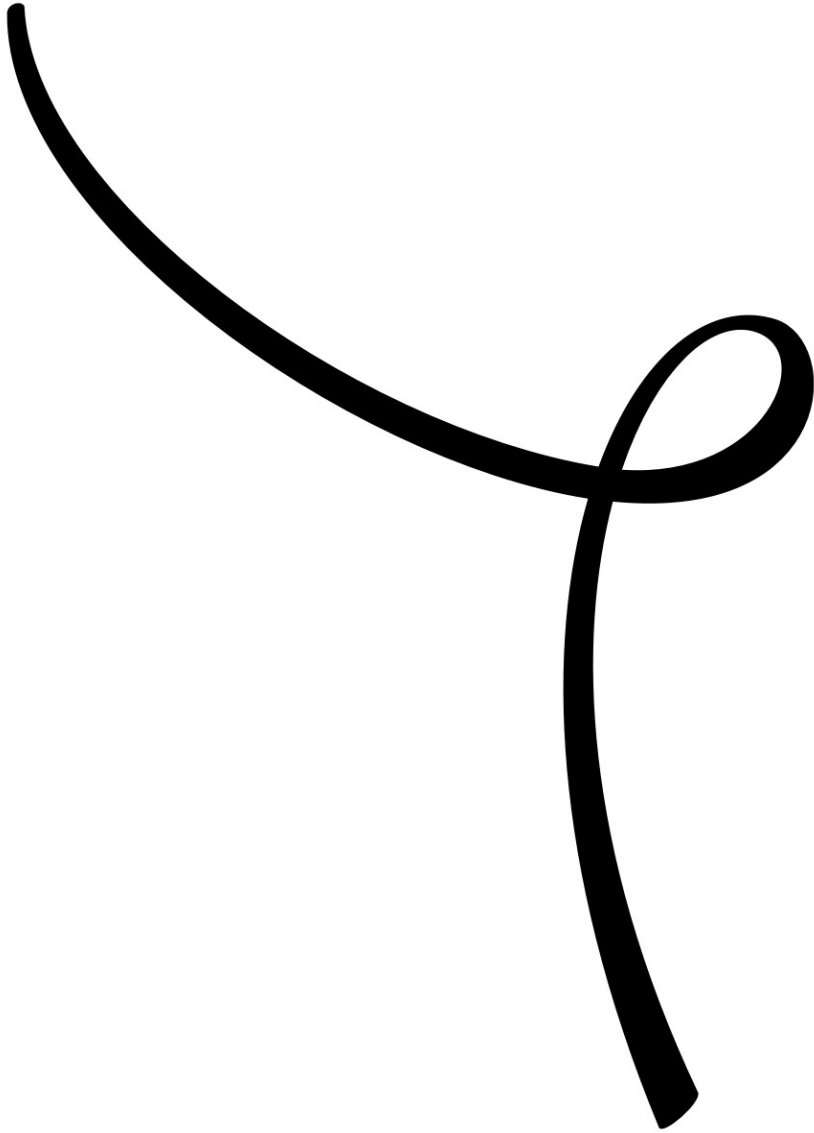
O calor da tarde deve ter trazido coceira, porque ela estava interessada apenas em roer a pata.

“Vou pintar esse portão.”

Concentrada na coceira, Grace arranhou a pele com as unhas da pata traseira, como se quisesse arrancar um pedaço. A expressão tristonha berrava que queria sair do próprio corpo e correr para o *pet shop* atrás de xampu para pulgas e de um coçador de costas.

Lila não podia negar um banho por mais nem um minuto. Não importava o desdenho que tinha por Adam Spencer, precisava passar um pano nos atritos entre eles e pedir ajuda. Tinha que agir por amor a Grace e pensar com o coração.

Lila se inclinou, abraçou Grace e passou a mão levemente ao seu lado, para mostrar que coçar de leve era tão bom quanto usar a força. Lila prometeu: “Você vai ficar bem.”



“**PRONTA PARA OS** rituais matinais, garota?” Adam perguntou.

Grace balançou o rabo com vigor que teria arrebetado a cabeça do sultão imaginário que ela abanava com suas plumas.

“Bom dia para você também”, disse Adam para Lila. Ele entrou no *hall* de jeans e um suéter azul-marinho. Carregava, pendurada nos ombros, uma sacola de sarja verde-oliva.

Olhou as portas dos outros cômodos da casa. “Então, onde você quer que eu dê banho em Grace?”

“No banheiro principal”, disse Lila.

“Tudo bem.” Ele deu largas passadas até a cozinha e parou na frente das últimas quatro pinturas de Lila, apoiadas contra o lambris. “Cristina disse que você era pintora.”

“Estou fazendo uma série de portões e portas.”

Ele se agachou e estudou a pintura de Lila de um portão de jardim, com um *découpage* da imagem de Nossa Senhora de Guadalupe pregado na madeira. Passou rapidamente pela porta de celeiro com o *desesperado* apoplético e pela porta com o batente de golfinho e parou para examinar a porta que Lila tinha acabado de pintar. Tinha uma maçaneta de ferro forjado curvada, graciosa como o pescoço de um cisne, embaixo de uma palma de uma mão de latão, de frente, como a de um policial sinalizando para parar.

“A mão supostamente mantém os espíritos malignos fora”, disse Lila.

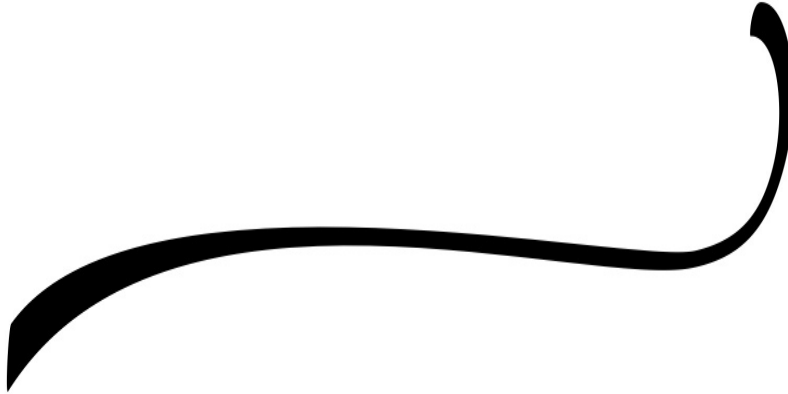
“Se você abrisse a porta e mostrasse o que tem dentro, a pintura seria mais interessante.”

Crítica espertinha de Adam.

Ele se ajoelhou para ver mais de perto as outras três pinturas. “Mesma coisa para essas daqui. As pessoas querem saber o que acontece atrás da porta.”

Quem pediu sua opinião? “Eu quero a barreira, não a abertura.”

“Que pena.”



Lila levou Adam pelo corredor até o banheiro principal, que tinha um chão de mármore brilhante. Um camelo poderia tomar banho de mangueira no chuveiro gigante do Greg, e *hamsters* podiam se aninhar na pilha grossa de toalhas com monogramas de Cristina.

Adam abriu a porta de vidro, tirou o chuveiro do gancho e estendeu o cabo flexível. “Isso aqui dá”, disse ele.

Colocou a sacola na pia como se fosse uma pasta de trabalho e fosse discutir um plano de negócios com Lila. Contudo, enquanto Grace cheirava seu mocassim, ele desabotoou os jeans e abriu o zíper da calça.

Lila ficou pálida, e paralisada. Adam deve ter reparado, mas ignorou. Tirou os sapatos, as meias marrons e, com um movimento rápido, saiu de dentro das calças jeans. A borda do calção de banho samba-canção xadrez batia nas coxas.

Lila se sentiu em um acampamento nudista tentando manter contato visual. Apoiou-se na pia e sua Trombadinha Tarada, prima da Aprazível e da Tia Louca, não conseguiu não reparar nas pernas nuas e viris de Adam. Quando ele tirou o suéter e o jogou na cesta ao lado de Lila, a Trombadinha Tarada também não conseguiu não reparar na força dos braços e na área de pelos castanhos no lindo peitoral. Ela gritou: “Epa! Gostosão na área!”

Lila forçou os olhos a fixarem o rosto de Adam. Disse a si mesma que depois de Yuri e Reed, ela, talvez, não confiasse em homens, mas não estava cega; e não podia esperar caminhar pesadamente pela vida sem achar um cara como Adam atraente. Em todo caso, prometeu a si mesma que se sentir fisicamente atraída por ele não significava que estava vulnerável e que, afinal, ele só estava lá para ajudar Grace — e, no máximo, Lila e ele seriam apenas conhecidos. Ela repetia isso para si mesma enquanto Adam abria a sacola e tirava um secador, xampu para cães, escova com cerdas metálicas e, finalmente, quatro toalhas, cada uma dobrada em três partes.

“Era a Martha Stewart que lavava sua roupa?” Lila perguntou.

Ele lançou um olhar confuso. “Quê?”

“Suas toalhas. A maneira como uma pessoa dobra as toalhas diz muito sobre ela.”

“Ah, isso.” Ele se inclinou e ligou a torneira do chuveiro. “Meu pai me ensinou a dobrá-las assim. Ele aprendeu com a avó dele.”

“Achava que você tivesse crescido em um hotel cinco estrelas.”

“Não. Numa fazenda de frutas na Pensilvânia. Sem estrelas, só maçãs.”

“Carregar caixas de maçãs deve ter fortalecido esses músculos!” A Trombadinha Tarada piscou para Lila e deu uma gargalhada.

Adam passou água pelas mãos, para testar a temperatura. “Você é sempre sarcástica assim? Toalhas, hotéis?”

“Você sempre julga as pessoas assim?”

“Nem sempre.” Sorrindo, Adam posicionou os punhos na cintura. Deu uma olhada pelo banheiro e disse, “Não dá para dar banho sem cachorro.”

Só então Lila percebeu que Grace havia saído de mansinho.

Adam ajustava a água enquanto Lila ia buscá-la no esconderijo debaixo da cama, onde nunca mais tinha entrado. Quando levantou a saia da cama, Grace olhou desconfiada, informando que quaisquer que fossem os planos dela e de Adam, ela não queria saber. No entanto, ao mesmo tempo, bateu a cauda no chão.

“Vamos, Grace. Melhor ceder sem brigar.”

Desviou o olhar como se não entendesse o que Lila estava pedindo e, ainda por cima, falando com outro cachorro ao seu lado, debaixo da cama.

Não queria puxar a coleira de Grace por causa das cicatrizes. Então Lila a seduziu com a possibilidade de uma recompensa de pele de frango até que Grace finalmente engatinhou para fora e se deixou levar até o banheiro. Ao desafivelar e colocar a coleira de Grace sobre a pia, a Trombadinha Tarada reparou novamente no peitoral nu de Adam.

“Vamos lá.” Pausa. “Ahm, vamos dar banho em Grace”, disse Lila.

“Pronta, garota?” Adam perguntou enquanto Grace arfava e olhava desconfiada novamente.

Ele baixou e deu um empurrãozinho para ela entrar no chuveiro, as unhas ressoando no azulejo. Ele entrou com ela, e Lila enrolou o jeans até os joelhos e entrou também.

Enquanto ele passava o chuveiro pelo peito de Grace, Lila fazia carinho em seu quadril castanho-claro. Depois de encharcar a parte da frente, Adam e Lila trocaram de lugar, e ele molhou a parte traseira enquanto Lila reconfortava seus ombros. Ele derramou xampu nas mãos e gentilmente o massageou para dentro dos pelos. Lila ensaboava da melhor maneira possível com a mão funcional. Depois que Grace virou um bolo com cobertura de baunilha, Adam a enxaguou; uma espuma cinzenta suja entrou pelo ralo. Então Lila e ele ensaboaram e enxaguaram de novo — Grace ficou lá, obedecendo à lei, mas dava para ver em seu rosto que ela não estava nada animada.

Enquanto trabalhavam juntos, Adam e Lila ficaram quietos. No começo parecia um silêncio levemente hostil, mas se tornou companheirismo, como se dessem banho em cachorros há muito tempo. Lila não se importava de ficar trabalhando na água com ele e, depois que enxaguaram Grace pela segunda vez, ela gostou da forma como ele foi solícito ao ajudar Grace a sair do chuveiro com gentileza.

Imediatamente, ela sacudiu o pelo, esparramando água pelos armários e paredes. “É isso aí, Grace”, brincou Adam, jogando uma toalha sobre suas costas, de forma que ela ficou parecida com um pequeno pônei.

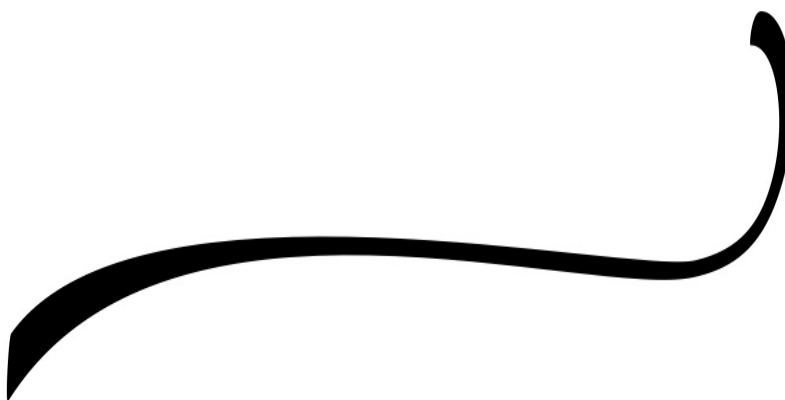
Ele passou outra toalha para Lila e, juntos, esfregaram Grace. Depois, lado a lado, ele secou o pelo com o secador e Lila passou a escova de pentear. No final, os argonautas teriam virado a nau para coletar o pelo de Grace. Ela praticamente cintilava.

“Valeu por ter vindo”, disse Lila. *Você não é tão mau quanto eu pensava.*

Adam sorriu, colocando a tampa de volta no xampu. “Eu agradeço a ajuda. Não estava contando com isso.”

Depois da gentileza daquela manhã, algo tinha que ser dito sobre a cerca. Lila disse: “Foi errado eu não ter lhe falado antes que eu ia ficar com Grace. Desculpe. Eu sei que causei transtorno.”

“Causou mesmo”, ele respondeu sem ceder um centímetro e jogou o xampu na sacola. “Mas eu ia construir a cerca, eventualmente.”



Enquanto Lila secava a água das paredes e dos armários e tirava pelo do ralo do chuveiro, Adam se secou com a última toalha limpa, colocou o jeans por cima do calção e puxou seu suéter.

“Se seu braço não melhorar em duas semanas, teremos que dar banho em Grace novamente”, ele disse.

“Já vou ter força o suficiente para dar banho sozinha.”

Ele se apoiou na pia e calçou as meias e os sapatos. “Você não gosta de ficar sozinha na mesma casa que eu, não é?”

“Ahm...” Glup. “Não sei...”

“Você tem medo de mim ou algo assim?”

“Um pouco.”

“Eu não sou o Charles Manson.”

“Você é um homem. Homens atiram em pessoas.”

“Mulheres também. Se eu quisesse, podia ter medo de você.”

“Eu nunca machucaria ninguém.”

“Nem eu”, disse Adam. “Você tem medo de levar outro tiro?”

“Claro. Você não teria, se alguém tentasse matá-lo?”

“Talvez.” Adam entulhou os utensílios de cuidados caninos e toalhas molhadas na sacola. “Você sabe qual é a probabilidade de dois homens aleatórios tentarem matá-la em sua vida?”

“Não.” Lila balançou a cabeça.

“Ok. Imagine nove freiras peruanas canhotas. Cavalgando hipopótamos pela Sibéria. Tá acompanhando?”

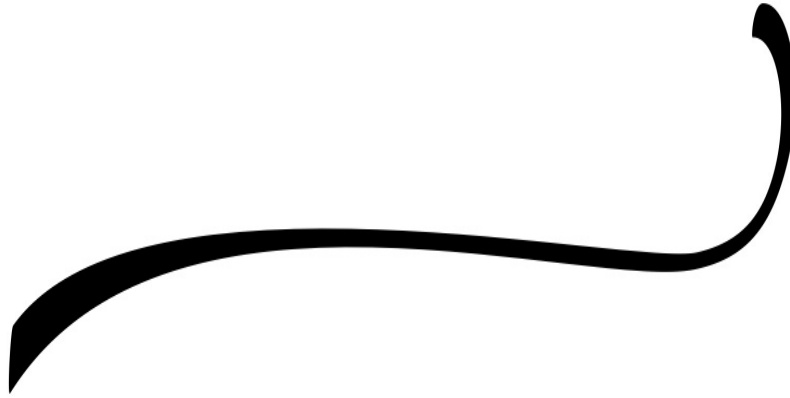
“Ah-ham.”

“As chances de outro cara lhe dar um tiro de novo é menor que a dessas freiras a atropelarem na sala de estar às nove e sete da noite de amanhã.”

Lila imaginou freiras de batas e véus, chicoteando hipopótamos, cujos cascos afundavam na neve. Ela riu. Muito. Algo no tórax quebrou e deixou entrar o sol. Adam riu também. Grace, sentada nos pés de Lila, olhou para o alto, assustada.

“Acho que Grace nunca me viu rindo antes”, Lila disse.

“Já estava na hora de ver.” Adam pendurou a sacola no ombro.



Adam e Lila foram até a cozinha, Grace seguindo atrás, como se não quisesse que ele fosse embora. No final do corredor, ele se virou. “Se você vier comigo, eu mostro onde fica o parque para cães.”

Lila limpou a garganta. O Adam gostoso-a-distância era uma coisa; Adam como homem de confiança era outra. “Eu não levo Grace até a cidade”, mentiu.

Adam franziu. “Você tem que levá-la para o parque. Ela precisa de exercício.”

“A gente corre o risco de encontrar o Marshall.”

“Ele odeia cães. Nunca estaria no parque. Além disso, ele trabalha aos domingos. Hoje ele está a quilômetros de Mill Valley.”

“Eu não quero arriscar.”

As extremidades dos olhos de Adam se dobraram, suspeitando que não estavam conversando sobre a segurança de Grace. “Podemos deixar Grace aqui e irmos os dois.”

“Eu tenho que trabalhar.”

“E ela tem que fortalecer a perna.”

“Eu vou fortalecê-la.”

Adam deu um afago de despedida em Grace e abriu a porta de entrada. “Você não pode ter medo para sempre.”



Lila recompensou a cooperação de Grace no banho com queijo e pele de frango, numa fatia de pão integral. Ela engoliu em duas mordidas e lançou um olhar de armênio faminto, pedindo mais.

“Talvez mais tarde.” Lila passou as mãos nos pelos macios e dourados de Grace.

Preparou uma taça de chá de limão com gengibre, sentou para pintar, mas decidiu que na verdade não queria pintar; foi até a geladeira pegar uma maçã, mudou de ideia, colocou a maçã de volta na geladeira, voltou para a mesa. Ela apoiou o queixo nas mãos e ficou observando um avião atravessar o céu como uma truta que perdeu o rumo no riacho. Levantou e ligou o rádio na estação de notícias, mas concluiu que não queria saber as cotações de ações, então desligou o rádio.

“Não posso deixar qualquer cara mexer comigo assim, Grace.”



Vinte minutos depois, Adam estava de volta na porta da frente. Ele havia colocado um jeans seco e uma camisa *oxford*, aberta em cima — e qualquer mulher em sã consciência teria se animado com aquele pescoço, um pilar de alabastro. Ele carregava um saco de papel, no qual Grace deu uma fungada completa.

“Resolvi seu problema com Grace”, disse, entrando pela porta antes de Lila convidar. “Vira de costas e fecha os olhos.”

Ela não podia fazer isso. Não com um cara que roubava cães, e Grace estava ao lado da entrada. “Por que virar as costas?”

“Eu tenho uma surpresa. Confie em mim. Você vai gostar.”

Eu não confio em você. Esse é o ponto. Contudo, Lila estava curiosa demais e acabou virando. Ela podia sair correndo e agarrar Grace, caso ouvisse Adam levando ela embora.

O saco de compras fez um barulho e Grace deu um gritinho. Mais dobras de papelão. Patas se mexendo.

Lila sentia que estava esperando na fila, em pé, pelo último sundae com calda de chocolate do país. “O que você tá fazendo?”

“Algo muito legal. Você vai ver.”

Lila suspirou impacientemente. “Ai, ai...”

Finalmente, Adam disse, “Ok, pode olhar.”

Lila se virou e viu Grace vestindo uma roupa folgada branca malhada de preto, presa com um elástico na cintura e outro no pescoço. Tinha chifres de pelúcia brancos sobre as orelhas, amarrados com um elástico no queixo. Penduradas sobre as patas dianteiras, duas faixas de tecido com cascos pretos pintados na ponta, segurados por barbantes amarrados nas patas.

Grace não sabia que era agora uma vaquinha holstein malhada; mas deve ter captado a magia da fantasia, porque se endireitou, em sua melhor postura, e jogou a cabeça para trás, como uma modelo na capa da *Vogue*.

“Grace pode ir até a cidade agora. Marshall não vai reconhecer”, disse Adam.

“Sim, ele vai. Mesmo cobrindo ela com um lençol, ele vai suspeitar de qualquer cachorro andando com você.”

“Talvez, mas, como falei, ele está longe de Mill Valley hoje.”

“Então por que a fantasia de vaca?”

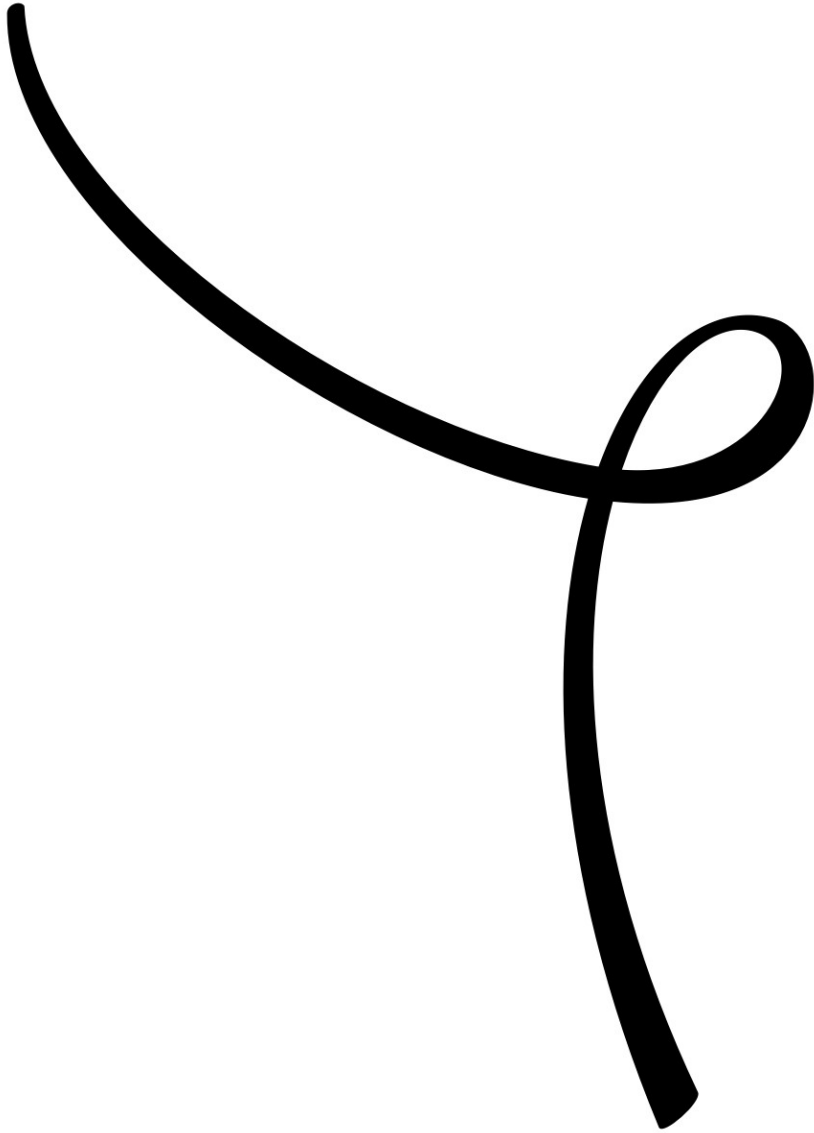
“Para fazê-la rir.”

Lila sorriu. “Onde conseguiu isso?”

“Num brechó. Comprei para o cachorro de minha sobrinha no Halloween.”

“Você faz compras em brechós?”

“Sempre.”



CERCADO POR UMA grade metálica, o parque de cães era um gramado grande o suficiente para jogar futebol e marcado por áreas de terra, ensopadas de urina. Um retângulo de lírios crescia atrás de uma torneira e bebedouro de concreto. Ao lado, uma mulher lia o jornal num banco de madeira envelhecido, ignorando o labrador preto, provavelmente seu, que galopava pela grama em direção à Grace.

“Ei! Você é uma gatinha!” Ele arfou, chorou e empurrou a cabeça em sua direção. A língua, com manchas pretas, balançava de um lado para o outro da boca; dava para ver que ele estava prestes a lambar alguma parte dela. Grace poderia ter reagido com raiva, mas apenas achatou as orelhas.

Quando ele fungou seu traseiro rudemente, ela virou e lançou um olhar que dizia “Ah, fala sério!”. Sentou-se e se apoiou na perna de Lila.

Lila balançou os braços. “Xô! Xô!”

Sem pensar em desistir, o labrador praticamente inalou as axilas de Grace.

“Não fique com raiva. Ele está tentando conhecê-la”, disse Adam. “Ela precisa fazer amigos.

“Não com um cão insistente e insensível. Ele tá chegando muito em cima dela.”

Querendo chegar mais ainda nela, o labrador babou nas manchas da fantasia de vaquinha. “Uaaaaau! Que delícia!”

Grace olhou para o outro lado do gramado, como se tivesse deixado o corpo ali e ficasse longe até esse bandido ir embora.

Adam continuou observando com um sorriso indulgente. “Grace não está com medo. Ela é tímida. Isso tudo é novo para ela. Você está sendo superprotetora.”

“Mas, depois de tudo que passou, ela precisa de proteção. Não vê que ela não gosta dele?”

“Vai gostar, se você deixar ela se acostumar.”

“Eu acho que ela não gostou do parque.”

Ignorando as preocupações de Lila, Adam tirou os chifres de Grace e soltou a coleira. “Vem menina!” Ele começou a correr pelo gramado.

O labrador saiu correndo atrás dele, e Grace trotou atrás dos dois até alcançá-los. Grace mancava, mas não tanto quanto antes de Betsy trabalhar a perna dela — e, quanto mais corria, mais forte parecia. Aos olhos de Lila, Grace parecia ficar cada vez mais ágil.

Em pouco tempo estava dando a volta no parque com Adam e o labrador. O sol brilhava na cabeça dourada e no rabo balançante, ela radiava energia e saúde. Mesmo com a fantasia boba, Lila nunca a tinha visto tão linda.

E Grace sorria. “Yuuupiiiiiii! Olha eu! Nunca pude correr livremente antes!”

Adam gritou, “Não disse? Ela amou esse lugar. Você precisava tê-la trazido todos os dias.”

“Eu sei.” Arrependida de estar tão errada, Lila enfiou um garfo na torta da humildade, recém-tirada do forno. Comeu um pedaço, feliz, e engoliu.



Agradecida a Adam por ter mostrado o parque a Grace, Lila aceitou almoçar com ele, sem parar para considerar as consequências. Só quando chegaram ao La Luna Café percebeu que estava praticamente num encontro a dois com um homem que mal conhecia. *Ah, meu Deus. Enfim...*

Cansada da corrida no parque, Grace se enrolou sob a mesa externa de metal, como quem testa um colchão ortopédico. Enquanto pessoas passavam amontoadas com sacos de compras na rua, um garçom, com um terno branco apertado demais no tórax, apareceu na mesa para anotar os pedidos de Adam e Lila.

“Peru defumado com pão integral. Maionese, mostarda. O que tiver aí, pode colocar. E uma garrafa d’água. Tudo para levar”, disse Adam.

O garçom rabiscou no bloquinho e virou para Lila. “E?”

“Eu vou querer o *camembert* no pão integral, com abacate e brotos. Não, espera. É muito gorduroso.”

“Deixa pra lá. É sábado”, disse Adam.

“A salada de atum é orgânica?”

“Tenho que perguntar.” O garçom olhou com uma expressão indicando que “perguntar” era um esforço.

“Esqueça. Quero o frango fatiado. Tanto faz.”

“Bebida?” Perguntou o garçom.

“Tem chá de garrafa? Ah, esqueça. Vou tomar água, como a dele.”

O garçom desapareceu antes de ela mudar de ideia novamente.

“Você obviamente tem dificuldade com decisões”, disse Adam.

Só quando estou nervosa. “É que tem tanta escolha.”

Adam jogou o cardápio na mesa e inclinou a cadeira para trás, apoiada sobre dois pés. “Vamos passar logo por esse lance de se-conhecer-melhor, tudo bem?”

“Você é tipo A?”

“Não quero perder tempo falando besteira. Posso fazer algumas perguntas?”

“Depende da pergunta.”

Adam espantou uma vespa amarela que havia pousado no pulso. “Então, onde você cresceu?”

“Santa Fé.”

“Irmãos?”

“Quisera.”

“Foi difícil ser filha única?”

“Nem tanto. Meus pais faziam festas de aniversário fantásticas. Teve um ano que meu pai construiu uma cabana para minha festa do pijama.”

“Então você foi mimada.”

“Que nada. E você está sendo crítico de novo.”

Adam riu. “Desculpe.”

Lila sorriu. Com o dedão e o indicador, girava a colher de chá no jogo americano. “Algum irmão na fazenda de frutas da Pensilvânia?”

“Dois irmãos. Ainda bem que éramos três, porque minha mãe nos obrigava a tomar conta do jardim. Ela cultivava verdura suficiente para alimentar os vinte filhos de Bach.”

“Imagina ter que dobrar todas as toalhas deles.”

“Não quero nem pensar nisso.”

“Você é músico?”

“Não. Ensino Astronomia na universidade estadual de Sonoma.” Adam cruzou os braços sobre o peito, enquanto um ajudante jogava pratos numa lata de metal. “A primeira vez que olhei por um telescópio, tive que ficar mudando o foco, porque Marte estava viajando pelo céu depressa demais. Eu não conseguia superar a ideia desse movimento todo, e do silêncio lá no alto. Fiquei aturdido.”

Aí estava o engenheiro certinho com lapiseiras alinhadas no bolso da camisa. “Eu nunca olhei por um telescópio realmente poderoso.”

“Eu posso lhe mostrar um dia.”

A cena dela e Adam apertando os olhos numa lente, próximos, no escuro, passou pela cabeça de Lila, e a Trombadinha Tarada pulou na mesa e começou a dançar tango. O salto agulha estalava nos jogos americanos e o boá de plumas flutuava no ar. Lila implorou: *Controle-se*. Balançando os peitos, a Trombadinha Tarada jogou a cabeça para trás e se rendeu às gargalhadas.

“Você tá saindo com alguém?”, perguntou Adam.

“Não.” Lila colocou as palmas das mãos no assento da cadeira, mudou o peso do corpo de lugar e decidiu ir em frente e colocar sua relação com Reed na mesa, expondo logo a ferida, com todo o sangue e os coágulos. “Morei com um cara por muito tempo. A gente terminou seis meses atrás.”

“O que aconteceu?”

Ai, meu Deus! “Eu descobri que ele tinha outra namorada.”

“Parece o cara perfeito.”

“Eu estava pensando em terminar com ele há muito tempo. Ela só forçou o problema”, Lila disse. “Odeio dizer isso, mas todos os homens são babacas. Se não traem, lhe dão um tiro.”

“Peraí! Já ouviu falar de ‘generalização maciça?’” perguntou Adam.

“Mas tenho razão.”

“Aposto que numa ilha distante, no meio do nada, você conseguiria encontrar um cara decente.”

“Talvez.”

“Mulheres não são perfeitas também. Morei com uma compradora compulsiva por cinco anos. Terminei com ela porque não queria passar o resto da vida endividado.”

“Muito sábio de sua parte.”

“Foi o que pensei.”

“Mas alguma coisa nela deve ter atraído você.”

“Ela era bonita, divertida, inteligente. Estava sempre entrevistando pessoas interessantes. Se não fosse tão irresponsável, teria sido ótimo.”

Lila já havia pensado em como Adam falaria da namorada para ela. Pelo menos, tinham tirado os passados do caminho.

O garçom pôs os almoços sobre a mesa, num saco de papel limpo e puramente branco.

Adam pegou o saco. “Vamos nessa.”



No *pet shop*, Albert Wu limpava a janela da frente com uma esponja, daquelas que se encontram em postos de gasolina, esponja de um lado e rodo do outro. Ele mergulhava a esponja no balde com água cinzenta ensaboada e molhava o vidro. Do lado de fora, no sol, o topete de castor parecia exausto como se tivesse construído barragens demais. Albert limpou o suor da testa com a manga da camisa.

“Estamos atrás de uma guloseima para uma vaca”, disse Adam.

Quando Albert viu Grace usando chifres sorriu, enrugando o rosto. “Desculpe, não consigo carregar capim.”

“Acho que conseguimos convencê-la a provar algo diferente”, disse Lila.

“Deem uma olhada na lata ao lado do balcão. Temos cascos de vaca, courinhos, tudo que um cão pode querer.” Albert passou a esponja no vidro de novo.

Dentro da loja, Adam segurou uma orelha de porco dissecada, grotesca, e apontou para Grace. Ela cheirou extasiada.

Lila torceu o rosto. “Você não pode dar isso a ela.”

“Por que não?”

“É nojento.”

“E daí? Olha como ela ama isso. Você precisa aprender do que os cachorros gostam.”

Normalmente, Lila teria discutido com Adam, mas ele estava tão certo em relação ao parque que ela cedeu sobre a orelha de porco, apenas encolhendo os ombros levemente.

Magnólia, o periquito de Albert, soltou um grasnido estridente.

Adam foi até o poleiro e acariciou seu peito. Ele inclinou a cabeça, observando-o de lado. “Dia ruim, passarinho?”

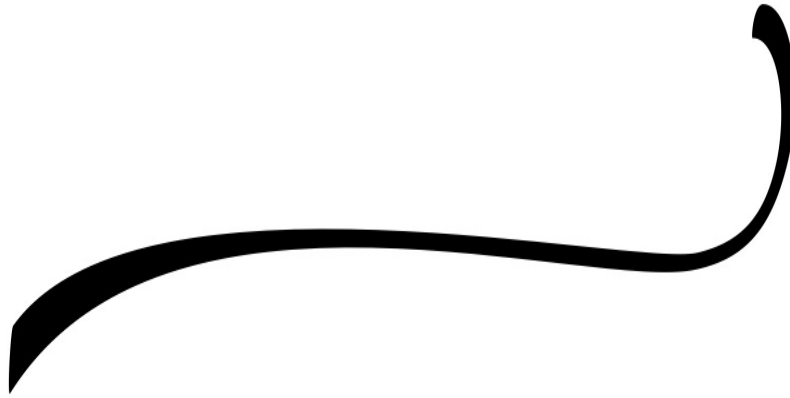
Lila sorriu.

“Você é mais bonita quando faz isso”, ele disse.

“Faz o quê?”

“Quando sorri. Parece mais aberta.”

“Valeu.” Lila não sabia quão aberta queria ser. Se seu coração fosse um pedaço de papel, teria algo bobinho escrito nele, tipo “iiicchh!”.



A Igreja Unitária Universal parecia um barco a remo gigante, de cabeça para baixo. Em volta da popa havia uma parede de tijolo que Adam olhara por cima, por acaso, uma vez, ele contou, e descobriu o jardim, cuja entrada era um portão com voltas de ferro e arabescos que dariam uma pintura interessante.

Ele guiou Lila e Grace por um caminho de cascalho até um banco de madeira, sob uma macieira. O jardim parecia o Éden, sem a cobra. Figueiras e pereiras começavam a dar fruto ao lado da parede, lavandas e rosas cresciam em camadas. Em um canto havia um relógio solar sobre um pedestal de pedra; no outro, uma fonte com colunas jônicas jorrando água do topo até uma piscina com musgo. Dentro da igreja, alguém ensaiava o hino nacional — “a terra dos livres” ressoava forte pelo ar.

Lila desenganchou a coleira de Grace, que saiu pulando pelo caminho de cascalho. Adam lhe deu a orelha de porco, que ela abocanhou com entusiasmo. Certamente, ela podia pular na lua, fantasiada de vaquinha, e ir até o cosmos por ele. Ela mastigou a orelha de porco com tanto barulho que poderia fazer parte de uma banda de rock.

Lila e Adam desembulharam os sanduíches no mesmo silêncio de companheirismo do banho de Grace.

“Por que não tem um cachorro?”, perguntou Lila.

“Eu tinha. Um labrador loiro, parecido com aquele do parque. Chamado Hubble. Ele morreu alguns anos atrás.”

“Por que não arranjou outro cão?”

“Eu queria Grace, lembra?”

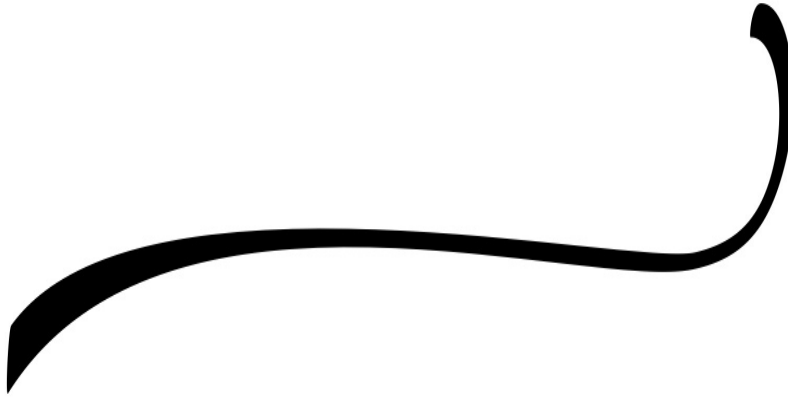
“Você não vai nunca me perdoar?”

“O júri ainda não decidiu.”

“Eu pedi desculpas.”

“Eu quero ver você rastejando”, Adam sorriu.

Lila sorriu também, mesmo que isso fizesse ela parecer mais aberta.



Depois que terminaram os sanduíches, juntaram os papéis e colocaram no saco, junto com as garrafas vazias.

Adam jogou tudo numa lata de lixo atrás de um arbusto de camélia. “Sabe como funciona esse relógio solar?”

“Não muito.”

“Ok, quando a Terra gira em torno do eixo, o sol parece se mover ao longo do céu.”

“Certo.”

“Então o sol lança uma sombra nesse bastão de metal. A sombra mostra a hora.”

Adam apoiou o dedo entre os números romanos I e II, entalhados na pedra. “Para a hora ser exata, você tem que acertar o relógio solar em relação a sua latitude e apontá-lo em direção ao Norte. Contudo, não é difícil. Fiz um desses quando era escoteiro.”

“Você foi um escoteiro?”

“Sempre alerta.” Adam sentou de volta no banco e apoiou os cotovelos nos joelhos. “Quando dou aula sobre relógios solares, distribuo uma página com máximas.”

“Tipo qual?”

“Tempo e maré não esperam por ninguém.”

“Já ouvi essa.”

“Ok, que tal ‘Tempo é uma costureira especialista em alterações?’”

Lila se inclinou e afagou a traseira de Grace. “Tempo pode mudar coisas, com certeza.”



Lila e Adam voltaram caminhando devagar, porque Grace estava exausta. Arfando e com a expressão murcha, ela andava penosamente, arrastando as patas, e ocasionalmente raspava as unhas no asfalto. Apesar de não estar mais usando a fantasia, Adam a encorajava gentilmente, “Força, cachorrinho”; disse a ela que podia casar com Touro, o touro no céu, e ter estrelas douradas. E contou a Lila sobre as híades, que formavam a cabeça de Touro, e as plêiades, que brilhavam em seu ombro.

Na entrada de casa, as áreas de sol na varanda pareciam-se com as manchas da fantasia de Grace. Ao girar a chave na fechadura, Lila disse: “Eu posso lavar a fantasia de vaca antes de devolver.”

“Não se preocupe. Está só um pouco amassada. Fica com ela, caso precise disfarçá-la de novo.”

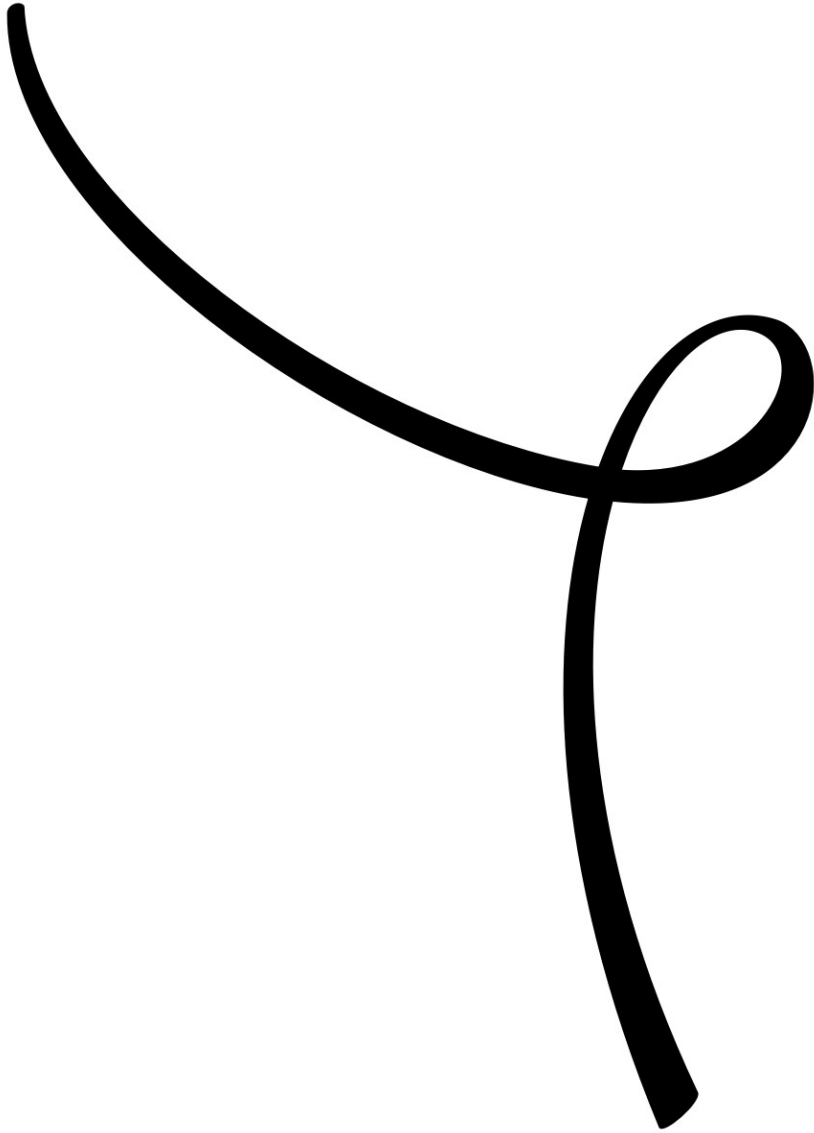
Ele tinha um futuro em mente, pensou Lila sentindo um formigamento. Um carro passou com o rádio alto demais, e a música tinha uma batida como a do coração.

“Eu gostei do almoço”, ela disse.

“Eu também”, respondeu Adam. “Eu a chamei para sair hoje. Agora é sua vez. Me liga se quiser fazer alguma coisa.”

Aarrgh. Ligar?! Me arriscar desse tanto? Ligar era bem diferente de aceitar um convite.

Grace passou o resto da tarde sentada em frente à porta, olhando pelo vidro, como se quisesse que Adam voltasse. Lila não sabia mais o que queria.



NA MESA DA cozinha, depois do café da manhã, Lila virou a página do livro *Columbine: a história de um massacre*. Grace, fazendo sua patrulha matinal, sacudia as samambaias e dava bronca em gaios-azuis atrás da casa. Desde que Adam a levara até o parque de cães, ela queria investigar o quintal e explorar os arbustos de amoras, o leito do riacho e qualquer coisa que fizesse sombra ou quebrasse um galho. Adam ficaria contente com a nova confiança e espírito de aventura.

No último mês, Lila pensava muito nele. Ela se lembrou das freiras peruanas, da fantasia de vaca, da gentileza ao ajudá-la a sair do chuveiro. Contudo, esses pontos positivos não foram o suficiente para cancelar a ameaça que era ligar para ele e sugerir que se encontrassem. Sempre que considerava isso, a autopreservação prevalecia sobre o risco, e ela se trancava em sua concha.

Havia coisas melhores para se fazer que ficar remoendo sobre o próximo passo com Adam, quando nem tinha certeza se queria uma relação com homem algum. Nos últimos tempos, havia pintado a porta de um dentista com um olho-mágico em formato de flor-de-lis, a de uma casa vitoriana com uma cortina sobre uma janela oval, e uma saída de emergência com pôsteres de cães perdidos colados no vidro. Toda semana Grace e ela iam a Betsy, e Lila levava Grace ao parque quase todo dia, onde ela buscava a bola e fortalecia a perna.

Nas últimas semanas, Lila também tinha ligado para todos os Makov da região da baía, depois contatou os da Califórnia listados na página *on-line* do catálogo. Não encontrando ninguém que conhecesse Yuri, pesquisou

“Makov” na internet e se debruçou sobre milhares de referências. Makov era um nome comum, e os Makov eram um grupo diverso. Louis Makov havia escrito livros sobre a polícia, Jonni Makov era um baterista *punk* de uma banda de rock tcheca, e Pavel Makov era o presidente do Banco Peoria. Lubov Makov, um engenheiro, havia publicado *O sistema de controle da sonda de anisotropia de micro-ondas*. Arthur Makov jogava futebol americano pelos Aggies do Texas. Sergei Makov era um bispo russo e, na página do Facebook de Helge Makov, as alças finas escorregavam dos ombros adolescentes, deixando à mostra a parte de cima dos seios, que pareciam as curvas que se vê nos saltos de ski.

No entanto, nenhum desses Makov deixou Lila mais próxima de Yuri, e a frustração a levou até a biblioteca, onde pegou emprestado o livro sobre Columbine. Ela se perguntou se o mesmo impulso maligno que levou Eric Harris e Dylan Klebold a saírem em matança em uma escola poderia ter levado Yuri Makov a surtar. Contudo, agora, depois de ler o primeiro capítulo do livro, tinha mais perguntas que respostas.

Em um ano, Harris e Klebold haviam construído cem bombas, que eles tinham intenção de detonar no colégio Columbine e depois atirar nos sobreviventes que corressesem por suas vidas. Lila questionou se Yuri havia cuidadosamente planejado o que estava fazendo ou se um dia acordara, jogara as cobertas, saíra da cama e, num lampejo de crueldade, decidira matar pessoas. Ou talvez em todos esses meses que passara discretamente aspirando o pó e limpando as salas do Weatherby, ele estivesse reprimindo um vulcão e esperando a manhã certa para deixar a lava explodir. Lila queria entrar em seu cérebro e tentar discernir: espontaneidade ou premeditação?

Harris e Klebold se mataram, como Yuri. Lila tentou se colocar no lugar dele enquanto apontava a arma para a têmpera e colocava o dedo no gatilho. Estava suando? Gelado? Hesitante? Arrependido? Com medo? Aliviado por poder seguir em frente? Ou se matara apenas por um reflexo enlouquecido sem pensar ou sentir nada?

Lila queria que Yuri tivesse implorado perdão a Deus no final, mas era mais provável que o suicídio tenha sido uma forma de se proteger das consequências, um ato covarde para evitar o ódio das vítimas e de suas famílias. Ele pode ter pensado que morrer pelas próprias mãos era melhor que ser amarrado numa mesa por um carrasco e ter drogas mortais injetadas; pode ter preferido morrer antes, nos próprios termos. Ou podia sentir que estava pulando de um penhasco, num abismo. Como Lila iria saber?

Também não estava mais perto de descobrir a motivação de Yuri. O livro deixou claro que Harris e Klebold foram atrás de vingança contra os desrespeitos e esnobismos dos outros alunos. “Eu odeio vocês por me excluírem de tantas coisas legais”, escreveu Harris, descrito como um psicopata de sangue-frio, em seu diário. Depressão e ansiedade teriam impulsionado Klebold, que havia se referido a si mesmo como “o Deus da tristeza.”

Um estudo no livro concluiu que a maioria dos atiradores em escolas tinha sentimentos como os de Harris e Klebold. Os alunos estavam deprimidos ou lidando com perdas e fracassos, e setenta e um por cento se sentiam maltratados, perseguidos ou excluídos. Em revanche, os alunos matavam por raiva, assim como o professor Liebowitz afirmou, na TV, sobre pessoas que surtavam no trabalho. Então Lila estava de volta à raiva — e à depressão, que diziam ser raiva voltada para dentro.

Ela olhou Grace pela janela destruindo um punhado de vincas e um loureiro inglês, que os cervos tinham comido até sobrar apenas os galhos pelados. Contudo, Lila não reparou em Grace ou no mato, porque estava mentalmente em pé, de frente para Yuri, tentando retomar suas forças. *O que você estava fazendo?*, perguntava. Sem desviar o olhar, ela o encarava de cima para baixo.

Imaginando seu rosto, não conseguia ver raiva. Não nos olhos escuros e na mandíbula larga. Não no olhar concentrado enquanto passava um espanador sobre as estantes de livros e computadores. Nem em seu desinteresse, que podia ter sido uma defesa contra ser julgado como imigrante e zelador. Talvez se vestisse melhor que os outros empregados de Weatherby para lhes dizer que era melhor que todos eles.

Será que usou a indiferença para esconder a dor e a solidão? Quem do escritório poderia ter esnobado ele, como os alunos fizeram com Harris e Klebold?

De repente, Lila viu quem era. Yuri podia ter pensado que ela o havia esnobado. Sentiu seu estômago ser jogado pela janela de um arranha-céu.

Uma noite, Yuri estava aparando as plantas do *lobby*, perto da mesa de Emily, a quem ele matou depois. Ela já tinha ido embora naquele dia, como quase todos do escritório. Lila havia ficado porque Cristina ia dar carona depois do trabalho, mais tarde.

Lila passou por Yuri que, como sempre, parecia ter saído de um catálogo da Macy’s direto para um jantar social, com calças de veludo cotelê, um suéter com gola em V e uma camisa abotoada até o colarinho. Apesar de absorvido na poda das plantas, ele levantou o olhar quando Lila passou; ficou radiante. Parecia que estava esperando por ela de propósito — uma aranha benigna esperando uma mosca amigável.

“Olá!” disse.

“Oi”, Lila chamou o elevador.

No segundo mais longo registrado na história, o silêncio se rastejava entre eles, com um braço e uma perna amarrados nas costas.

Não querendo mais sentir o ambiente incômodo, a Aprazível apareceu. “Você está indo bem com a planta aí.”

Yuri estendeu um galho da schefflera, como se fosse sair dançando com ela. “Crescer... bom.”

“Sim. Você está ajudando a crescer.” Dava para ver que ele tinha sensibilidade com as plantas. “Ahm, curte trabalhar com plantas?”

“Curte?”, inclinou a cabeça, do jeito que Grace fazia quando tentava entender algo.

“Sabe, tipo, você gosta.”

“Você.”

Com certeza ele não estava dizendo que gostava de Lila. Meu Deus. Ela escolheu achar que ele quis dizer “você” como pergunta — você gosta de trabalhar com plantas? “Bom, gosto muito de plantas. Eu plantava tomates todos os verões quando era garotinha”, disse.

Cadê o elevador?

Os lábios de Yuri se curvaram num sorriso que era animado demais, carente, e era opressor, como se quisesse de Lila mais do que até sua Aprazível estivesse disposta a dar.

Mesmo assim, sua Aprazível queria que todas as relações fossem tranquilas, então ela sorriu de volta, ainda que com um sorriso apagado.

“Eu... feliz. Você aqui.” Ele apontou para o chão.

Ele provavelmente quis que Lila dissesse: “Nossa, caramba, estou feliz que você esteja aqui também. Que jeito agradável de terminar a tarde”. Entretanto, ela conseguiu emitir apenas um “Ahm, bem...”.

Naquele momento o elevador chegou com um sinal desafinado e, graças a Deus, ela pôde ir embora.

“Tchau”, ela disse.

“Tchau”, ele respondeu, mas havia chovido no sorriso dele.

Lila praticamente se jogou no elevador para escapar do ambiente incômodo. Antes de as portas fecharem, não deixou a Aprazível virar e acenar um adeus artificial. Talvez, na mente de Yuri, Lila o tivesse esnobado — e talvez tivesse mesmo, sem querer. No entanto, ah, como queria ter enfrentado aquela situação desconfortável com mais graciosidade. O que se deve fazer quando alguém está sendo gentil, mas lhe passa uma sensação medonha?

Na semana anterior, Lila contara a Betsy que a única maneira de conseguir superar o tiro era entendendo o que havia acontecido. A única maneira de sair de um problema era atravessá-lo, disse, e atravessava-se compreendendo o problema, e partindo daí.

“Você tem que entender? Faz alguma diferença?”, perguntou Betsy.

“Faz para mim. Estou fazendo tudo que posso para descobrir.”

“Isso a deixa amarrada ao homem que atirou em você?”, Betsy respondeu.

Lila não gostou disso.



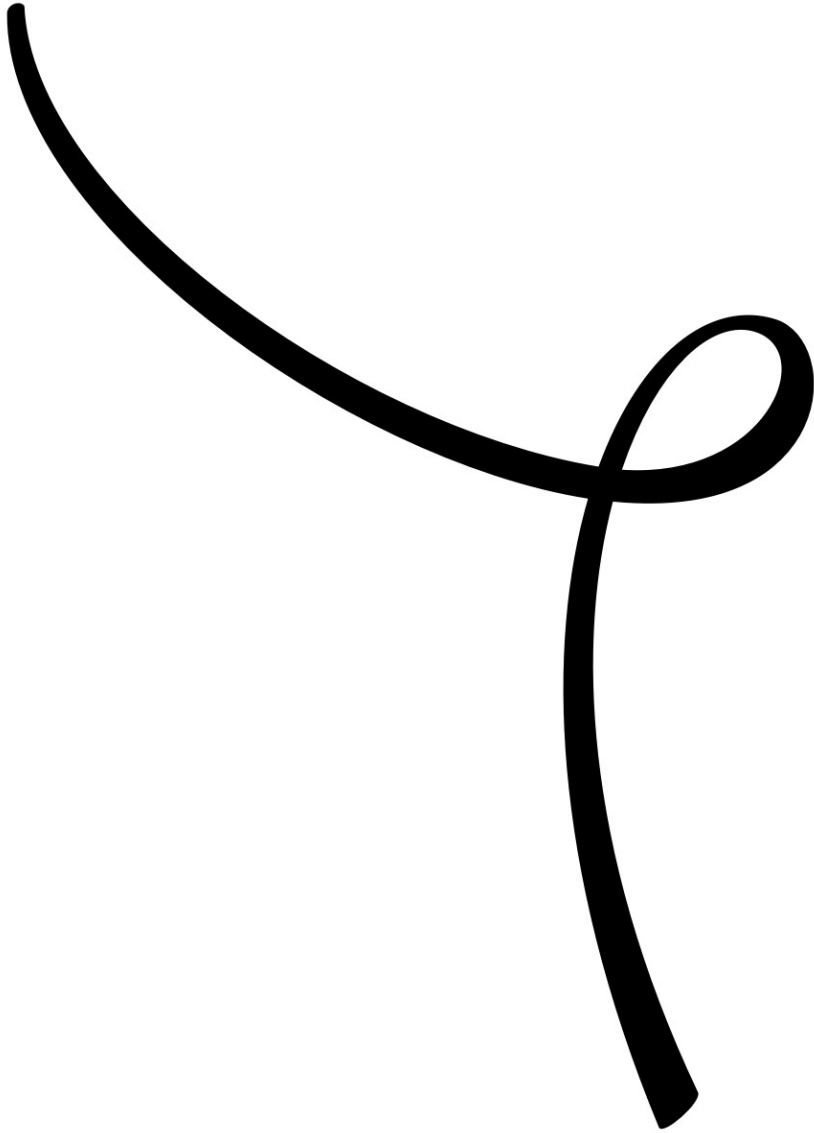
Grace subiu desajeitadamente as escadas da cozinha e deu uma latida para informar que queria entrar. A escalada energética de sempre parecia meio lenta, e, pelo vidro da porta francesa, seu rosto parecia conturbado.

Lila deixou o *Columbine* de lado, levantou e abriu a porta. “Qual é o problema, Grace?”

Grace olhou para cima, os brancos dos olhos sob as pupilas formando as luas crescentes de imploração que ela tinha nos primeiros dias de carência extrema. O pelo da pata direita estava escuro e molhado.

“Pulando para beber da fonte dos passarinhos de novo?” Lila perguntou enquanto Grace mancava para dentro de casa.

Lila virou para fechar a porta atrás dela. Manchas peludas de sangue marcavam as escadas do quintal. Ao atravessar o chão da cozinha, Grace deixou pegadas ensanguentadas também, como as de lama de quando Lila a conheceu. Os joelhos de Lila tremeram.

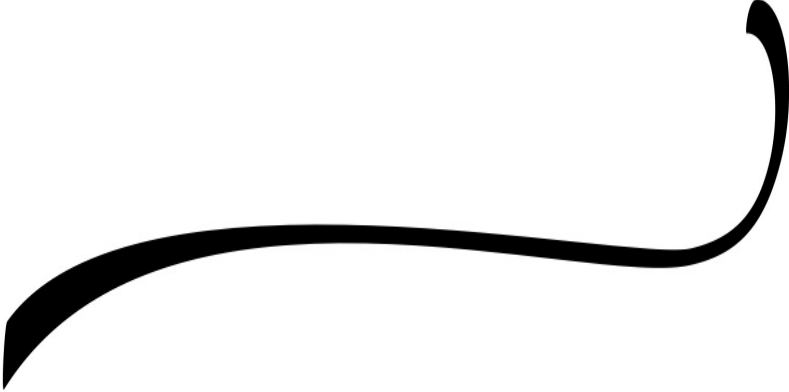


LILA AGARROU A bolsa e a coleira de Grace e partiu em direção à porta. Para o bem de Grace, tentou agir como se sangue não fosse nada de mais e que não havia com o que se preocupar. Contudo, havia um nó em seu estômago; ela tremia enquanto chamava Grace para o carro. A cada dois passos que cambaleava, havia dor em seus olhos. Para poupá-la, Lila teria tomado suas dores, quadruplicadas, feliz.

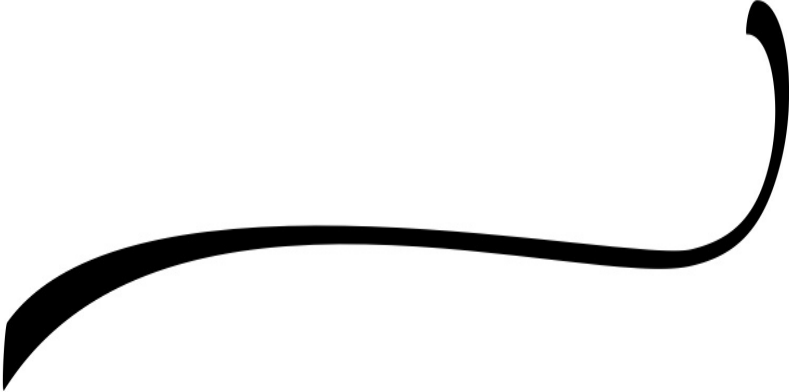
Mesmo que o braço de Lila não estivesse ferido, ela não conseguiria carregar Grace. Então Lila lentamente a persuadiu a passar pela cozinha, até a garagem. Toda vez que Grace colocava o peso na pata direita, estremecia; mas continuava indo, porque Lila pedia. “Você é tão boa, tão corajosa”, Lila dizia.

Quando chegaram no Volvo, Lila cobriu o banco do passageiro com cobertores. Ela implorou que Grace botasse as patas da frente no banco, para que Lila a empurrasse por trás. Entretanto, erguer a pata machucada deve ter sido pedir demais, porque Grace ficou lá, fixando o olhar à frente, com o olhar vazio. Lila gentilmente deu um empurrãozinho, para ter certeza de que ela entendia o que queria que Grace fizesse, mas ela chorou e não se mexeu.

O braço esquerdo de Lila estava muito fraco para levantar Grace, mesmo parcialmente. Precisava pedir ajudar. Devagar, as duas voltaram para dentro de casa.



“Adam? É a Lila.” Ela segurava o telefone com força.
“Quanto tempo!”
“Desculpe. Mesmo.”
Ele deu uma pausa, deixando absorver aquilo. “E aí?”
“Grace cortou a pata. Ela precisa ir para o veterinário. Não consigo colocá-la no carro.”
“Estou indo para aí.”
Os olhos de Lila se encheram de lágrimas. “Ah, obrigada. Muito obrigada.”



Adam trouxe uma toalha azul-royal, que enrolou gentilmente em volta da pata de Grace. Ele a ergueu da cama na cozinha como se fosse feita de cristal bacará e a levou para fora. Lila os seguiu até o Honda prateado e abriu a porta do banco de trás. Ele colocou Grace no banco e fechou a porta.

Quando Lila entrou atrás, pelo outro lado, Adam disse: “Segure a toalha em volta da pata e aperte a ferida”. Lila apertou e deu um beijo no bico de viúva de Grace. Enquanto Adam corria morro abaixo, Grace chorava e lambia a mão de Lila, como se estivesse tentando reconfortá-la. Lila piscou para segurar as lágrimas. Adam olhou pelo retrovisor. “Chegaremos lá em alguns minutos.” “Ninguém me disse quão horrível seria ver Grace sofrer”, disse Lila, a voz falhando.



O doutor Armand Hightower não era tão alto quanto o nome sugeria. Ele era baixinho, truncado, rechonchudo e careca — um veterinário em forma de bola de críquete, que a rainha de Copas de *Alice no País das Maravilhas* poderia ter arremessado através das argolas. Contudo, atrás dos óculos de aviador, havia compaixão em seus olhos.

Inclinado sobre a pata de Grace, ele afastou o pelo ensanguentado e examinou, depois enxugou o local com gaze. “Ela cortou feio.”

Lila apertou os braços em volta de si para evitar que o coração saísse pelo tórax e partisse correndo como um cervo ferido. “Não sei o que aconteceu. Eu a deixei ir para fora, como sempre faço”, disse ela. “Achava que o quintal era seguro. Eu devia ter verificado se havia alguma coisa que pudesse feri-la.”

Sob as luzes fosforescentes, tudo na sala parecia tenso, incluindo as maçanetas e porta-toalhas de aço inox. O leopardo da foto na parede estava preocupado.

Quando Adam envolveu seus braços nos ombros de Lila, ela evitou olhar em seus olhos, pois achava que veria julgamento neles por não conseguir manter Grace segura. Entretanto, para a surpresa de Lila, ele alisou sua camiseta com a mão e não mostrou nenhum sinal de acusação. Agradecida, se apoiou nele, como se ela fosse um cavalo em uma tempestade de neve, e ele uma parede quente de um estábulo.



O doutor Hightower ia levar Grace para a cirurgia, e Lila perguntou: “Ela vai ficar bem?”.
“Depois de limpar o corte e dar pontos, ela deve ficar bem”, ele disse.
“Você vai tomar conta dela?”, Lila perguntou.
“Não se preocupe.” O doutor Hightower olhou para Adam e sorriu.
“Tem certeza?”, perguntou Lila. “Ela teve uma vida terrível.”
“Vamos, Lila. Vamos para a sala de espera”, disse Adam.
Ela beijou mais uma vez o bico de viúva de Grace e deu um abraço. “Vamos ficar aqui do lado, Grace. Prometo.”



Dava para ver que o doutor Hightower queria que sua sala de espera fosse um lugar feliz que atendesse a todos. Em uma mesa, num canto, havia jogos para crianças, blocos de construção e livros do doutor Seuss; em

outro canto, uma lata de biscoitos amanteigados, um vidro de biscoitos caninos e um pote de café. Nas paredes, pôsteres de cachorros robustos e gatos, que davam aos clientes a esperança de saúde para seus bichos de estimação. Sentados em cadeiras, ursinhos de pelúcia para agarrar, se os donos precisassem. Lila agarrou um branquinho peludo.

“Quer café?”, perguntou Adam.

“Não, obrigada.”

“Biscoito?”

“Não.”

“E um biscoito para cães? Você deveria comer alguma coisa, para manter a energia.”

Apesar da preocupação, Lila sorriu para ele.



Lila e Adam sentaram-se lado a lado em cadeiras de plástico. Ele esticou as pernas à frente e cruzou-as, pegou sua mão, e ela ficou feliz, e não desconfiada como esperava. A pele dele parecia hospedar segurança. Mesmo forte, de carregar caixas de maçã, sua mão era surpreendentemente gentil.

“Então, me diz. Sua linha telefônica foi cortada?”, ele perguntou.

“Não.”

“Então por que o silêncio tão longo?”

“Eu não sei. Não me senti bem para ligar.”

Ele deu uma gargalhada. “Você queria ser perseguida?”

“Não.”

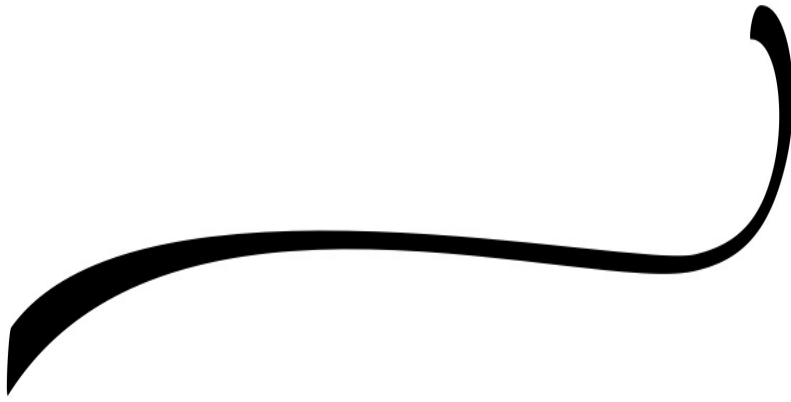
“Então o que foi? Alguma coisa com seu ex-namorado?”

“Provavelmente. Pelo menos em parte”, disse Lila. “Foi um tempo meio louco.”

“Você precisa superar.”

“Mais fácil falar que fazer.”

“Que tal tentar?”



Adam esfregou o dedão sobre o topo da mão de Lila. “Tem uma moça que parece se culpar pelo corte na pata de um cachorro. Ela queria ter ficado de quatro na terra e passado um pente fino em cada centímetro quadrado do quintal antes de deixar o cachorro sair de casa hoje de manhã.”

“Eu queria que ela tivesse feito isso”, disse Lila.

“Acho meio excessivo. É demais para se esperar dela, não acha?”

“Ela se sente culpada.”

“Culpa é uma perda de tempo.” Adam girou o botão da camisa. “Achar que algo é culpa sua é uma maneira de se enganar e achar que tem controle de tudo. O problema é que não controlamos muita coisa neste universo. A maior parte do que acontece está além de nós.”

“Eu queria que fosse verdade.”

“Mas é”, disse Adam.

“Não tenho tanta certeza.”

“Você tem problemas em se desapegar das coisas?”

“Acho que dá para dizer isso.”



Enquanto a espera continuava, Adam levantou-se, serviu-se de café e deu uma olhada nas revistas da mesa da recepção. Quando voltou para o sofá, entregou uma revista *People* a Lila; na capa, casais famosos olhavam-se apaixonadamente.

“Uma distração”, ele disse.

“Valeu.” Lila pôs a revista no colo.

Depois de analisar o sumário da *Sports Illustrated*, reparou na revista *People* fechada. “Você não tá lendo?”

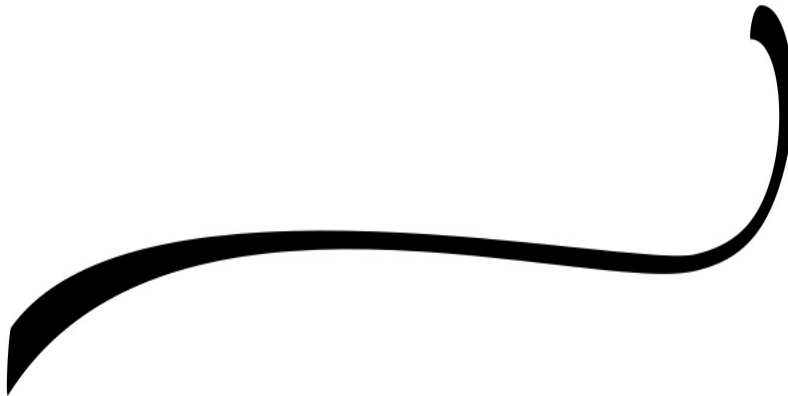
“Não consigo. Estou muito preocupada.”

“Eu também não. Estava só fingindo.” Ele fechou a revista.

“Obrigada pela atenção”, disse Lila.

“Não dá para ser de outro jeito.”

“Eu agradeço. Mesmo.”



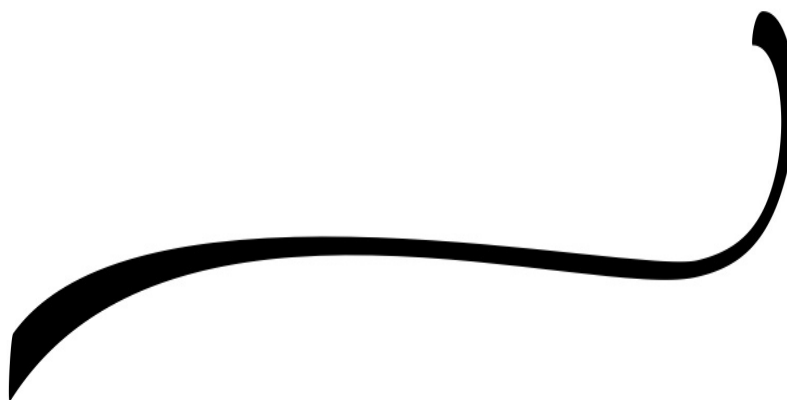
Adam viu as horas no relógio e pôs o punho na frente de Lila, para que visse também. Estavam lá há menos de uma hora, mas parecia três dias. Ele levantou e começou a andar de um lado para o outro da sala, os saltos do mocassins ressoando no chão de azulejo. Parou e estudou o pôster de um labrador preto, com uma bola de tênis marrom na boca, como a que Grace levava consigo. Contudo, a do labrador era nova, e Grace não se importaria com nenhuma bola além da dela, que tinha mais germes que um esgoto.

Quando Adam voltou, Lila cochichou: “Você deveria arranjar outro cachorro”.

“Eu vou, eventualmente.”

“A hora certa vai chegar.”

“Chega sim. Para tudo.” Adam se acomodou de volta ao lado dela.



Mais quinze minutos se arrastaram como uma lesma dopada. Lila contou quantas vezes Adam olhou o relógio: onze. Ele talvez tenha contado quantas vezes ela esfregou a testa — mais de quarenta. Entretanto, esfregar a testa não melhorava a preocupação.

Uma mulher com roupa de tênis entrou na clínica com o basset hound. Um cara mastigando um cigarro apagado puxava seu pastor alemão vira-lata. Um casal de velhinhos estava com dificuldades, no estacionamento, com três carregadores de gatos, então Adam se levantou e abriu a porta para eles. Eles pediram desculpas baixinho, para ninguém especificamente, enquanto a sala de espera se enchia de grunhidos e chiados hostis.

Lila mal os ouvia, porque imaginava Grace em pane sobre uma mesa de cirurgia, com uma máscara de anestesia no focinho, ou deitada, sonolenta, em uma gaiola de recuperação. O pelo ensanguentado, a pata pulsando de dor. Se estivesse consciente, ficaria preocupada que Lila e Adam tivessem ido embora da clínica para sempre. Lila doía por dentro, querendo levar Grace para casa.

Finalmente, o doutor Hightower caminhou com Grace até a sala de estar, e Adam e Lila correram para ela.

A pata direita e parte inferior da perna estavam enroladas em fita branca, e seus olhos estavam vazios. Ainda assim, balançou o rabo enfaticamente, dizendo: “Graças a Deus estão aqui! Por favor, por favor me levem para casa!”.

Lila se ajoelhou e envolveu Grace com os braços, cuidando para não amarrotá-la. Entretanto, apertou o máximo que ousava, e Grace gemeu e lambeu o rosto de Lila.

“Boa menina”, Lila disse.

“Eu amo você”, diziam os suspiros de Grace.

Enquanto Adam alisava sua cabeça, ela a empurrava contra sua mão. “Casa! Casa!” Imploravam os empurrões com o focinho.

Lila agradeceu ao doutor Hightower. Três vezes. Ele passou os antibióticos para Adam, medicação para dor, uma folha com instruções de cuidado e a conta. O doutor Hightower pediu a Adam e Lila que retornassem com Grace segunda-feira, para fazer um *check-up*. Ele voltou para a sala de exame, e Adam foi até a recepcionista e entregou um cartão de crédito.

“Ei, espera um minuto.” Lila deu um pulo e atravessou a sala correndo.

“Eu posso pagar”, disse Adam.

“Não pode não.”

“A conta é maior do que você imagina. Você não tem emprego.”

“Não importa o tamanho da conta. Grace é minha.”

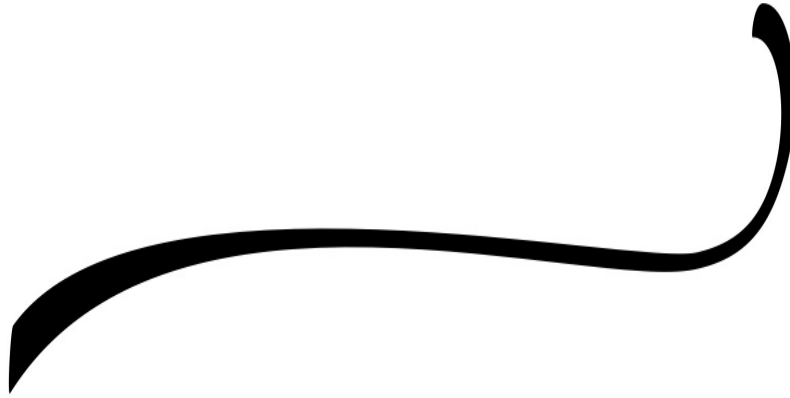
“Isso vai deixá-la endividada...”

“Não. E eu não sou sua ex-namorada.”

“Estava só tentando ajudar.”

“Eu não preciso.”

Adam sorriu.



Lila e Adam acomodaram Grace em sua posição abóbora, na almofada na cozinha. Seu rosto parecia meio caído, e a pata enfaixada despontava, como uma bengala branca e curta. Contudo, dava a aparência de que logo estaria de volta ao seu estado de espírito de sempre; e, enquanto Lila preparava um peito de frango grelhado, a sensação de alívio cresceu dentro dela e a deixou leve.

Adam parecia aliviado também. Ele trocou a água de Grace e deixou a vasilha perto dela, para que pudesse beber sem se levantar. Quando o frango ficou pronto, ele cortou em pedaços e mostrou Lila como esconder as pílulas, para que Grace engolisse sem perceber.

Indo em direção à porta, ele disse, “Eu não quero estressá-la de novo, sugerindo que me ligue. Entretanto, se Grace precisar de qualquer coisa, você sabe onde me encontrar.”

“Eu sei.”

“Sem linhas telefônicas cortadas.”

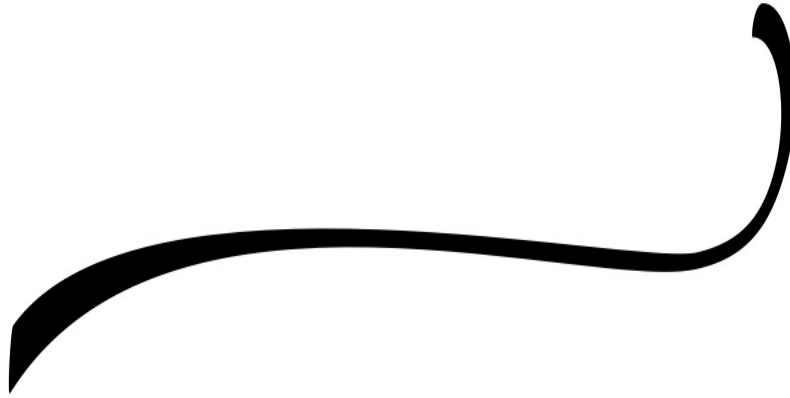
“Nenhuma”, respondeu Lila. “E valeu. Você tem sido nossa salvação.”

Adam pôs a mão na maçaneta, prestes a ir embora. Aí ele se virou e pincelou os lábios de Lila com um beijo rápido, dando a entender que, o que quer que havia entre os dois, não seria platônico, e que ela havia acabado de naufragar na praia do relacionamento.

Andando pelo caminho que levava à rua, a Trombadinha Tarada sapateou na porta de casa e cantarolava, *Happy days are here again* [Os dias de alegria estão de volta].

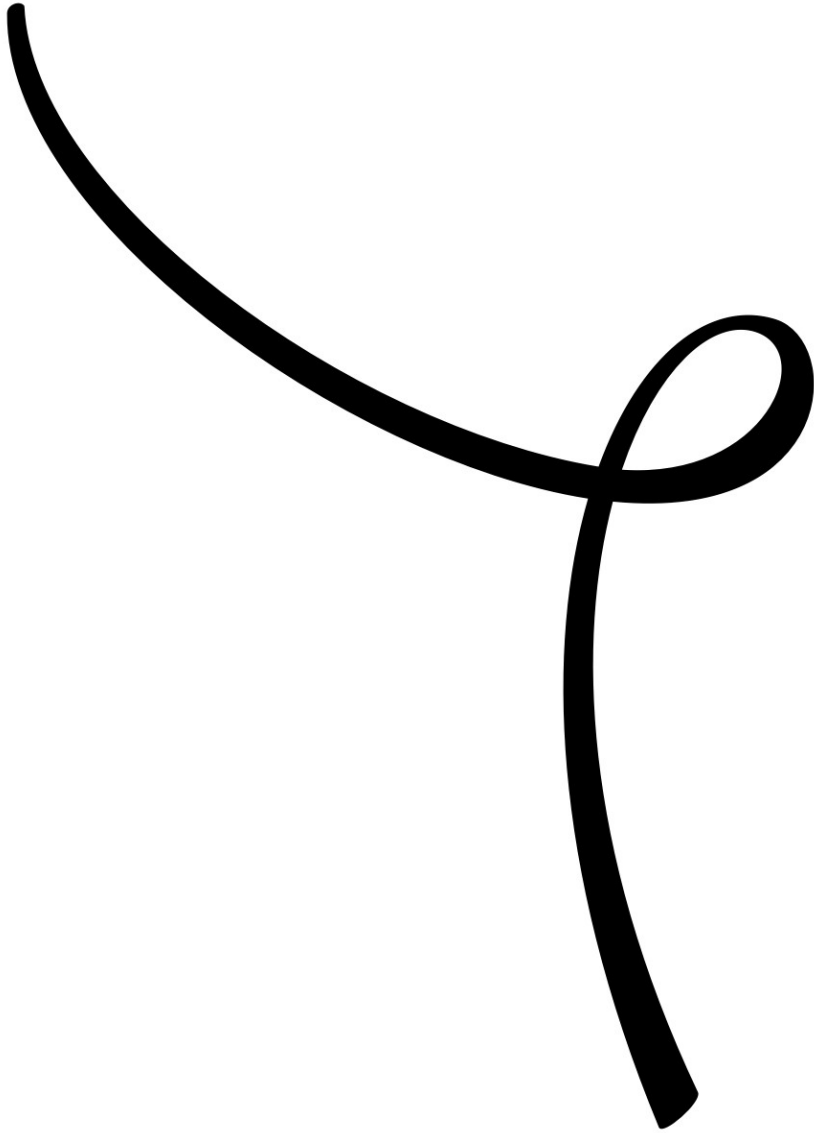
“Não estou nem aí para o que você quer”, Lila disse a ela. “Eu não vou me envolver com homem nenhum. Ele é só um amigo.”

Ela piscou. “Hi, hi, hi!”



Enquanto Grace se recuperava da anestesia, Lila saiu de mansinho da casa, para ir a pé até a cidade, atrás de mais frango. Quando chegou em frente aos patos de pedra do portão, eles ainda estavam de óculos escuros, mas agora usavam também perucas malucas, daquelas que se compra em lojas de festas. Adorando o absurdo que eram os cachos castanhos, cheios de nós, Lila vasculhou sua bolsa e achou uma fita rosa amassada, de um buquê de flores que alguém tinha mandado quando estava no hospital. Ela amarrou a fita no pescoço de um dos patos e deu um passo para trás, para admirar sua contribuição.

Eles pareciam livres e contentes, como se tivessem desistido de vigiar o portão o tempo todo e decididos a curtir a vida e aproveitar o sol. Com a fita, também não eram mais gêmeos idênticos. Agora pareciam um pato e um marreco. Olhando no ângulo certo, dava até para ver um casal.



ADAM MORAVA A quase um quilômetro de Lila, em uma casa de fazenda vitoriana, branca, cuja pintura descascada e a ausência de algumas telhas faziam pensar num idoso precisando de um abraço. Contudo, uma vez passado o caminho de pedra que dava a volta em torno da horta, tudo o que se via era verde. Havia ervilhas penduradas em trepadeiras; alface crescia como um tapete e as abobrinhas precisavam de anticoncepcionais. Na varanda da frente, um hera escalava a armação de metal, e duas cadeiras de balanço de vime convidavam Lila e Adam a se sentarem; mas não se sentaram, porque ele queria imprimir fotos que havia acabado de tirar.

Ele deixou Lila na sala de estar e foi para o escritório. Grace tinha ficado em casa assistindo *Animal Planet*, depois que o doutor Hightower proclamou que o corte estava “melhorando”, e cobriu os pontos com uma meia elástica rosa-schocking. Ela havia deitado na mesa de exames como se fosse a rainha de Sabá e agido como se ficasse chocada porque Lila e Adam não acenderam prontamente mirra e incenso em seu queimador. Em casa, deram frango para ela comer e depois que Adam a pôs na cama, de frente para a TV, eles saíram para Lila mostrar os portões que queria pintar.

Enquanto a impressora zumbia, ela bisbilhotou a sala. Uma poltrona e uma lâmpada de latão ficavam sobre um tapete oriental, de frente para a lareira. Em cima desta, uma aquarela de um pomar, talvez de onde ele catava maçãs na infância; e um tapete Betsy Ross na parede sobre a escada. Prateleiras do chão ao teto, entulhadas de

livros, cobriam uma parede inteira. Ao lado de uma poltrona Morris, perto da janela, um telescópio de metal apontava para o céu.

Lila se inclinou e analisou a foto da garotinha, que devia ser a sobrinha de Adam, um pouco mais velha que Rosie — tranças loiras, um dente de leite faltando na frente e olhos que afinavam nas extremidades, como os dele, quando se concentrava. Um setter irlandês — de quem devia ter sido a fantasia de vaca que Adam comprou — dormia a seus pés. Ela segurava um gato malhado no balanço da varanda da mesma cor de violeta que o portão da cerca que Adam e Lila tinham acabado de ver.

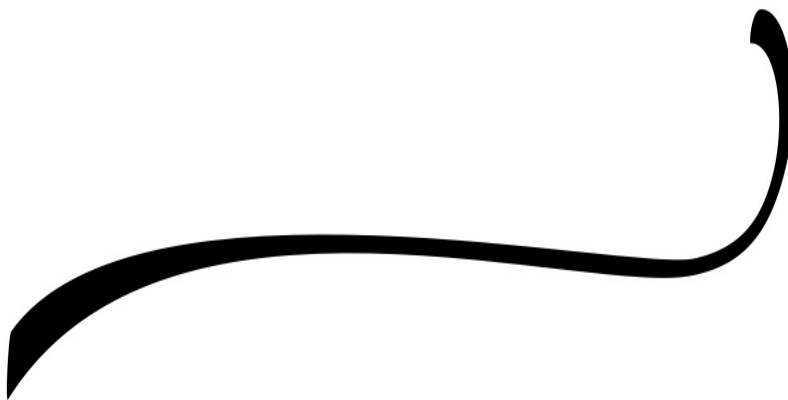
“Algumas línguas antigas supostamente não possuíam uma palavra para ‘violeta’, ele disse. “A teoria é que as pessoas não tinham fisicamente evoluído o suficiente para conseguir ver a ponta do espectro.”

“Imagine as cores que não conseguimos ver”, respondeu Lila.

Adam focou a câmera no portão e tirou uma foto. “Deve ter muitos prazeres esperando nossa evolução.”

Ele parecia se referir à artista amante de cores que Lila era. Entretanto, a Trombadinha Tarada vibrou.

Lila ordenou, *Sente e cruze as mãos no colo! Pffff!*



Adam passou três fotos a Lila, impressas no papel do computador. Animada, ela olhou as três.

A primeira era do portão de cerca violeta sob uma treliça e um maracujazeiro em flor. O segundo era de um vermelho chinês, da altura de três pessoas, com batentes pretos como asas de corvos e um telhado verde de cerâmica. O último, de barras de ferro, tinha duas colunas de tijolo, ao lado, que serviam de pedestal para dois Budas de pedra. No alto, acima deles, sete cordões de bandeiras de preces se estendiam de um tronco de sequoia como fitas de um mastro de festa.

“Olhe as coisas interessantes por trás desses portões”, disse Adam.

Lá vamos nós. O crítico de arte. “Ah-ham”, respondeu Lila.

Ele reparou dois grifos cobertos de musgo, segurando um banco de pedra no jardim inglês atrás da cerca violeta, e dois pagodes miniaturas de pedra enfiados entre as samambaias, atrás do portão chinês. “Olhe o monge varrendo as folhas embaixo das bandeiras de preces. Ele daria uma excelente pintura. Principalmente com esse robe amarelo.”

“A cor é açafraão”, disse Lila.

“Você pinta pessoas, não pinta?”

“Às vezes.”

“Então, por que não ele?”

“Ok, ok.”

“Existe um mundo inteiro por trás desses portões. É isso que eu quero que você veja.” Para ajudar a examinar as fotos, Adam virou a lâmpada de latão, com a base em forma de corneta. “Eu sei do que estou falando. Tenho razão.”

“E não é nada insistente ou crítico.” Lila sorriu.

“Exatamente.” O sorriso de Adam carregava triunfo. “Só estou cuidando de seu interesse.”



Com o mesmo companheirismo com que deram banho em Grace, Lila e Adam prepararam uma salada com alface e cenouras do jardim, frango e ervilha na frigideira e arroz integral, que Lila colocou em um lindo *bowl* de brechó. Envernizado ao fundo, havia o rosto de um leão igual ao de Gerald, de Rosie, mas o leão de Adam parecia perplexo, parecia não entender de onde vinha a comida junto de sua carcaça de gnu. Lila e Adam se serviram com pratos atraentes, mas descombinados, de lojas de segunda mão.

Com o vapor subindo da comida, iluminado pela luz de uma vela azul na mesa da cozinha, eles conversaram sobre o brechó em que Adam comprara os pratos.

“Achei um lugar melhor ainda para conseguir coisas bacanas”, ele disse. “O Exército da Salvação tem um leilão ininterrupto na internet.”

“Nunca ouvi falar”, disse Lila.

“Você ficaria impressionada com o que dá para encontrar lá. Aquela lâmpada com pé de corneta na sala custou cinco dólares, precisava só de uma cera. Comprei uma casa de bonecas para minha sobrinha. Praticamente nova.”

“Parece melhor que o eBay.”

“Bem menos caro. Tem que entrar todo dia, porque os itens em leilão mudam, mas não tem problema. Você consegue encontrar o site pesquisando Exército da Salvação na internet.”

Lila mordeu um pedaço do frango; o cheiro delicioso teria enlouquecido Grace.

“O Google não tem me ajudado muito ultimamente. Estou decepcionada.”

“Google é praticamente um milagre”, argumentou Adam. “O que estava procurando?”

“Ah, só uma mulher que estava buscando, em Monterrey.”

“Dá para encontrar todo mundo na internet.”

“Ela, não.”

“Quem é?”

Lila parou com o garfo a meio caminho da boca e considerou como explicar. Adam podia julgá-la uma louca por tentar encontrar a família de Yuri; por outro lado, ele talvez pudesse ajudar. Ela se jogou e arriscou, “Estou

tentando encontrar a mãe do cara que atirou em mim. Sei que ela mora em Monterrey. Já tentei colocar de tudo no Google, mas nada deu certo.”

“Por que você quer falar com ela?”

“Quero saber por que o filho dela atirou em todo mundo.”

“Esqueça ele. Você deveria estar feliz que ele não a matou.”

Aquela palavra, “deveria”. Julgando, como Lila receava. Ela quase voltou atrás, mas aí Adam a olhou com aqueles olhos puxados para baixo, como os da sobrinha, atencioso e sincero. Lila disse: “É fácil para você dizer ‘esqueça ele’. Não foi em você que ele deu o tiro”.

Adam deu uma garfada rápida de arroz e engoliu um gole de vinho. “Ok, por que é tão importante ter respostas? Qual é o objetivo?”

“Se eu não compreendê-lo, nunca vou superar o que ele fez. Não vou conseguir passar por cima disso. Pelo menos psicologicamente, jamais vou me curar.”

“Não quero ser estúpido, mas isso não faz sentido.”

“Talvez não para você, mas faz para mim. E, por favor, dá para não ser tão crítico?”

“Não quis dizer nesse sentido”, disse Adam. “No entanto, acho que você não precisa entender as motivações de um maníaco. Basta saber que ele era louco.”

“É o que Cristina diz, mas tenho certeza de que tem mais coisa por trás.”

“Como o quê?”

Por que comecei essa conversa? Lila queria voltar a conversar sobre o Exército da Salvação. “Eu tentei muito descobrir o que aconteceu. As pistas sem saída me deixaram em dúvida se fui eu a responsável pelo que Yuri fez. Ele se chamava Yuri Makov. Da Rússia.”

“Não tem como você ser responsável por isso.” A expressão de Adam não parecia mais julgar. Ele estava genuinamente preocupado.

“Ele gostava de mim. Ele me mandou um cartão no dia dos namorados. Às vezes tentava conversar comigo no trabalho.”

“Isso não é nada de mais.”

“Talvez tenha sido algo de mais, quando me convidou para um encontro uma noite”, Lila disse.

Lembrar os “ahhh”s e “uhhh”s que apimentaram as frases de Yuri ao telefone quase cancelaram o prazer daquele jantar com Adam. Logo depois de ter visto Yuri no *lobby*, ele ligou para a casa dela e disse: “Você quer sair...uhhh...balé...ahhh... sábado noite? Bonito e legal...”.

Ela o visualizou, consciente do suor aglutinando sobre a testa, mas se forçando a continuar. Ele parecia ler algo que havia escrito para impressioná-la, mas, ainda assim, o inglês era macarrônico. E balé, entre tantas opções? Era para impressioná-la também? A Apazível queria pular em cena e espalhar margaridas em Yuri, para ele se sentir melhor, mas a mente de Lila estava correndo para responder a uma pergunta mais importante: *Como ele conseguiu meu número de telefone não listado?*

Finalmente, ela conseguiu dizer: “Desculpe. Eu queria sair com você, mas tenho um namorado. Não saio com outras pessoas”. *Mentira, mas fazer o quê?*

“Sim... ahhh...” Claramente, Yuri estava tentando traduzir o que ela tinha dito, mas, pelo seu tom de voz, ele deve ter percebido que tinha rejeitado o convite. Talvez não tivesse se preparado para lidar com a rejeição, talvez tivesse pensado só em como dizer que a buscaria às sete, e que sabia onde ela morava.

Só de pensar aquilo já dava arrepio. Depois de acabar com Reed, Lila não havia listado seu novo número de telefone e endereço, especificamente para evitar que homens que ela não queria conhecer a encontrassem.

Adam limpou a boca com o guardanapo. “E daí que Yuri a chamou para sair? Você não saiu, saiu?”

“Claro que não, mas foi medonho. A única maneira como ele podia ter achado meu número não listado era ter bisbilhotado meu arquivo pessoal.”

“Você acha que ele fez isso?”

“Tenho certeza que sim.”

“E você o denunciou para o RH”, disse Adam, como qualquer outra pessoa sensata faria.

“Não. Não queria causar confusão.”

“Pelo amor de Deus, ele estava praticamente perseguindo você. Uma confusão teria sido apropriada. Ele estava errado.”

Talvez eu também estivesse. Lila estudou a salada, esperando redenção da alface e do tomate. “Eu não queria falar para ninguém porque talvez eu tenha dado corda. Ele parecia tímido. Senti pena, então fui gentil com ele. Provavelmente mais gentil do que deveria ter sido.”

“Como assim? Você fez *brownies* pra ele, ou algo assim?”

“Eu conversava com ele de vez em quando. Eu o encorajava a voltar a estudar. Elogiava o trabalho e tentava fazê-lo se sentir uma pessoa digna.”

“E daí?”

“Daí que ele pode ter pensado que eu me interessava por ele mais do que na realidade. Quando recusei o convite, talvez tenha ficado com raiva.”

“Caras levam foras o tempo todo sem ficar com raiva. Mesmo que tivesse ficado com raiva, não poderia causar um desastre desse tamanho.”

“Poderia sim.” *Efeito borboleta*. “Ele era sensível.”

“Uma pessoa que sai atirando em tanta gente não é sensível”, insistiu Adam.

“Não, posso tê-lo machucado. Ele descontou a raiva de mim em todo mundo.”

“Com certeza não estava com raiva de você.”

“Olhando para trás, vejo que ele podia estar, sim.”

Adam descansou o garfo. Nem ele, nem Lila estavam comendo, apesar da “preocupação” estar mastigando seus estômagos.

“Você está se culpando para explicar que o que um lunático fez foi racional, mas não foi. A vida não é previsível. Às vezes, coisas ruins acontecem a pessoas boas, não importa o que façam ou digam. Não dá para explicar. Não adianta tentar.”

“Ainda assim, acho que talvez tenha sido culpa minha.”

“Você não estava no controle do que aconteceu.” Adam encheu as bochechas de ar e lentamente soprou para fora, como se estivesse soltando fumaça. “O que quer que tenha sido que o chateou, foi algum problema do qual você não faz ideia.”

“Eu fiz de tudo que pude para descobrir o que foi.” Enquanto Lila contava sobre os meses de buscas por respostas, Adam ouvia atentamente, o corpo inteiro coberto de ouvidos. “Eu tento me convencer de que não é culpa minha, mas não ajuda. Preciso descobrir a verdade, para ter certeza de que não fui responsável”, disse Lila. “A senhora Makov sabe mais sobre Yuri que qualquer pessoa. Se ela não conseguir explicar por que ele saiu atirando, ninguém conseguirá. Tenho que conversar com ela, se não vou passar o resto de minha vida me perguntando e me preocupando. A senhora Makov é minha última esperança.”

“Você perguntou à polícia como encontrá-la? Eles devem saber.”

“Eles me acusaram de ter um caso com Yuri. Não quero falar com eles sobre nada disso.”

“Ok, vou tentar achá-la.” Esquecendo que estavam no meio de um jantar, Adam desdobrou o guardanapo, ao lado do prato. “Se escreve M-a-k-o-v? Ela está em Monterrey?”

“Isso.”

Adam deu passadas largas e apressadas para o escritório.



A foto de uma chuva de meteoros, da proteção de tela do computador, piscava uma luz prateada no rosto de Adam. Lila apoiou as mãos nas costas da cadeira e observou enquanto digitava “busca de pessoas” no Google. Sentia-se bem de ver que ele estava tentando ajudar; realmente, dividir um fardo diminuía o peso. Pela primeira vez, em meses, Lila não se sentiu sozinha. Havia esperança.

Então as primeiras quase cinquenta milhões de referências para “busca de pessoas” apareceram na tela de Adam. Ele soltou uma longa respiração e disse, “Talvez tenhamos que passar a noite aqui.”

Ele tentou o Yahoo mesmo quando Lila disse que já tinha tentado. Digitou “Makov”, sem o primeiro nome, depois “Monterrey”, e desceu a tela e clicou em “Califórnia”. Em um piscar de olhos, uma mensagem abriu na tela, dizendo que não havia Makov registrado.

“Tá vendo, é isso que fica acontecendo. Já tentei várias vezes”, disse Lila.

“Várias vezes não é o suficiente.”

Adam foi para o Lycos e obteve a mesma resposta. Passando por AnyWho e ZabaSearch, os cliques ganhavam determinação; mas a senhora Makov parecia uma ilusão, e Lila começou a sentir que observava o fracasso se desenrolar em frente a seus olhos. Ela foi até a cozinha e lavou a *wok* e a tigela de arroz de Adam, para que ele não sentisse sua decepção. Quando voltou para o escritório, ele estava buscando no USsearch.

“Vitória! Achei!”, ele disse.

Lila se desmontou em calafrios.

Adam desceu o cursor por uma lista de nomes e parou. “Aqui. Conheça Olga Makov.”



Lila e Adam requentaram o jantar no micro-ondas sem tirar a salada do prato. Quem se importava com alface molenga e murcha quando Olga Makov morava na avenida Ashton, cento e setenta e seis, Monterrey, Califórnia, e seu número era oito, três, um, seis, quatro, nove, três, seis, sete, quatro?

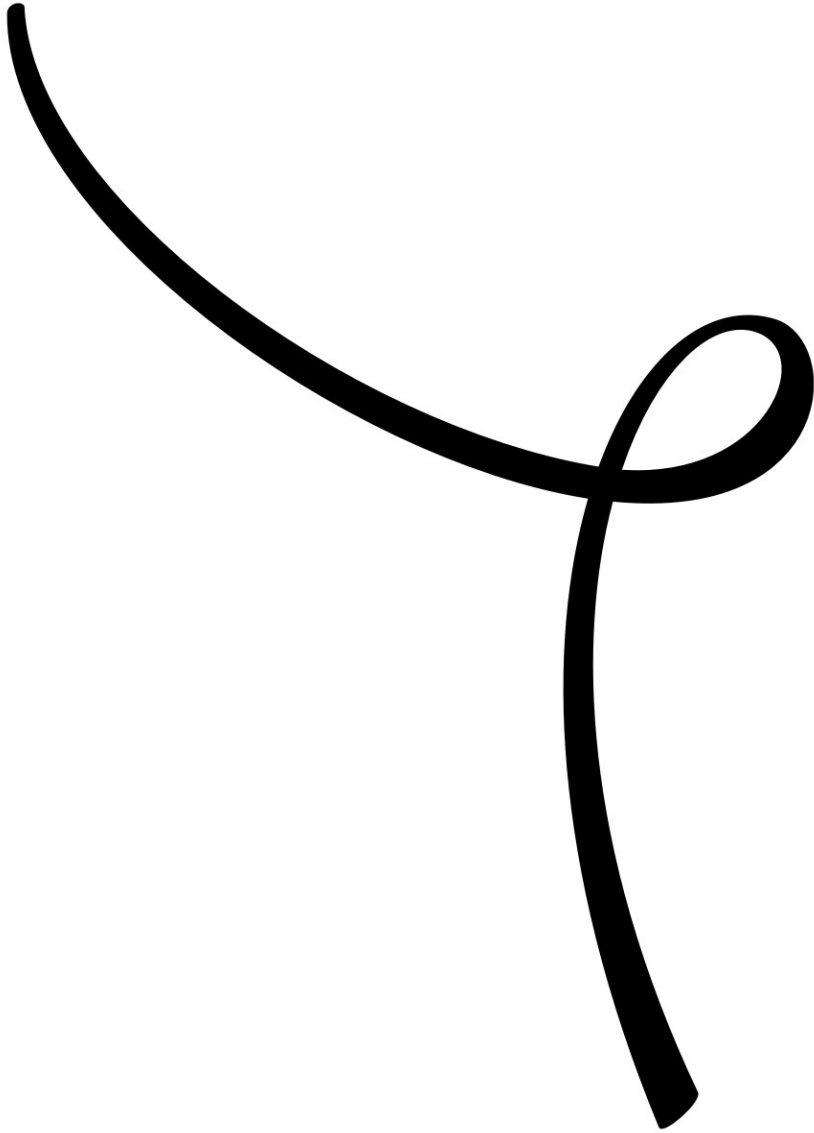
A sensação era de que alguém havia afugentado a escuridão. Tudo na casa de Adam parecia mais claro; o castiçal de latão entre os dois cintilava, e a flâmula brilhava. Apesar de Adam discordar de que Lila fosse culpada pelo que Yuri tinha feito, ele se importou o suficiente para encontrar a senhora Makov; e isso fazia toda a diferença. Em vez de buscar sozinha, ele estava andando a seu lado. Cristina tinha razão, Adam e Lila poderiam ser bons amigos.

Depois do jantar, a caminho da avenida Tamalpais, para a casa de Cristina, onde Adam havia deixado o carro, ele envolveu a mão de Lila com uma pegada deliciosa, e o calor a atravessou. Segurar as mãos pode parecer sem graça; mas quando Adam segurou as mãos de Lila, a Trombadinha Tarada desmaiou. “Esquece esse lance de ‘amizade’”, suspirou. “O negócio aqui é êxtase.”

Um táxi fez a curva, e o motorista diminuiu os faróis. Adam e Lila saíram da rua estreita, para sair do caminho, uma vez que ele estava muito depressa. Quando ficaram sozinhos novamente, Adam envolveu Lila com os braços e lhe deu um beijo longo e lento, que trouxe uma onda de arrepios e fez os dedos de seus pés se contorcerem. Depois, sem dizer nada, ele pegou sua mão novamente e continuaram subindo a rua.

A noite estava escura e as estrelas colocavam o coração para fora, de tanto brilho. Para Lila, beijada tão extravagantemente, a Ursa Maior parecia lhe dar uma colherada de sorvete sabor trufa do paraíso.

Afirmava para si mesma que não se deixaria apaixonar, mas, agora, ela havia se tornado Grace, que era tão boa em se soltar e deixar que a vida a levasse. Sentia que deixar-se levar com Adam era a coisa certa.



ATRAVESSANDO A PONTE Golden Gate, a neblina escurecia o horizonte e ameaçava trazer o frio consigo. Lila tinha esquecido o suéter, mas não se importava porque seu coração estava quente pensando em Grace. Lila a tinha deixado deitada da posição de esfinge, enquanto o sol atravessava a janela da cozinha de Adam e iluminava seu pelo acobreado. “Você tem que ficar aqui. Não está bem ainda para uma longa viagem até Monterrey”, disse Lila. “Teria que ficar horas sentada no carro, se sentindo mal e entediada.”

Os olhos de Grace insistiam: “Ah, Por favor! Por favor! Não me deixe aqui! Quero ir com você!”.

“Adam vai tomar conta de você. Ele a ama”, Lila disse.

No entanto, Grace não triscou a orelha de porco que ele tinha dado de presente, e a única coisa que teria evitado que ela a detonasse era preocupação.

Lila foi até o carro, e a própria preocupação a seguiu. Ela e Grace nunca haviam se separado por mais de duas horas. Para tranquilizar Lila, antes que ela fosse embora, Adam repassou o plano: quando ele saísse, às quatro, para dar aula, deixaria Grace na varanda; Lila a buscaria às cinco. Grace ficaria sozinha por menos de uma hora. Mesmo assim, Lila estava preocupada porque Grace parecia estressada.

Costurando o trânsito de São Francisco, Lila imaginava o rosto doce de Grace, de luto, nos *outdoors*, nas laterais dos ônibus, nas janelas traseiras dos carros — e logo os lutadores de sumô que rolaram no coração de Lila

na Sociedade Humanitária começaram uma revanche. Se não tivesse tanta ânsia por respostas sobre Yuri Makov, ela teria voltado.

Ela também estava preocupada em conhecer a mãe de Yuri, que pareceu confusa no telefone. “Alooo? Alooo?” falou ao telefone. Depois que Lila se apresentou e explicou que queria visitá-la, a senhora Makov repetiu “Desculpa?” várias vezes. Finalmente, apesar de soar relutante, ela concordou em conversar com Lila. A senhora Makov poderia ressentir a intrusão, ou não querer revelar os seus pensamentos a uma desconhecida.

Enquanto Lila se aproximava de Monterrey, os regadores de jardim soltavam água em círculos gigantes sobre plantações de alcachofra; gaivotas planavam acima das dunas de areia, entre o oceano e as fazendas. Perto da saída para a casa da senhora Makov, estacionamentos de trailers substituíram as alcachofras, e bandeirinhas triangulares de plástico desbotadas sacudiam ao vento, sobre paradas de caminhões com nomes como “Comida da Alice”.

Lila desceu a avenida Ashton, uma rua de cascalho isolada, entre campos. Ela verificou que era mais de uma da tarde, a hora que a senhora Makov disse que estaria de volta de seu trabalho na cafeteria de uma escola. Lila se preparou para não gostar da senhora Makov, pois ela havia criado um assassino. Ela teria um rosto fechado, roxo como sopa de beterraba complementado pelo amarelo dos dentes ruins. Se Lila deixasse a imaginação rolar, veria a senhora Makov como a versão materna de *Saturno devorando um filho*, de Goya. Um monstro com olhos raivosos, pulando para fora, enquanto devorava o braço de Yuri.

Apesar de ser uma imagem extrema, Lila não sabia o que esperar da senhora Makov. Com apreensão, perguntou-se: *no que está se metendo?* Entretanto, se quisesse ter esperança de se curar e ter uma vida normal, precisava seguir em frente.



Olga Makov morava numa casa morbidamente deprimente, com paredes de alumínio. Parecia uma casa que perdeu o caminho no estacionamento de trailers e foi parar, sozinha, no canto de uma plantação de espinafre. Em cima da janela da frente havia um toldo vermelho, cor de sangue de boi, não para proteger do sol, pois pouco sol atravessava a neblina ali. Os beija-flores não deviam visitar o alimentador vazio, pendurado em uma azaleia de galhos mortos há muito tempo.

Na porta, a senhora Makov olhava Lila com olhos tristes, escuros. Seu corpo era pequeno e quadrado, como o de Gertrude Stein, e, com pantufas pretas, seus pés chatos pareciam pequenos botes. Uma cinta marrom comprimia as pernas grossas, um avental sujo dava a volta em sua barriga inchada. Ela usava um uniforme azul, com uma rede preta achatando seus cachos pintados com tinta barata cor de cenoura.

“Eu sou Lila. Liguei na segunda.”

A senhora Makov encolheu-se, obviamente desconfortável, mas deu espaço para deixar Lila entrar na sala escura e úmida como uma caverna. Passaram por uma mesa coberta com uma toalha de renda, na cozinha que

cheirava a creme azedo, e por uma porta, ao lado da geladeira.

“Eu morar prima aqui. Meu quarto”, disse a senhora Makov. Ela se sentou na cama estreita, fazendo sinais para Lila usar a única cadeira, daquelas dobráveis de metal, usadas em noites de bingo em retiros de idosos. “Yuri bom menino.” Da mesa da TV ao lado, a senhora Makov pegou uma foto dele e passou para Lila.

Como na foto que viu no noticiário na televisão, Yuri sorriu para a câmera como se fosse seu irmão caçula preferido, pronto para contar uma piada boba:

“Por que a galinha atravessou a rua”, ele começaria.

“Não sei, por quê?”, você perguntaria.

“Não sei, galinhas não falam!” Ele jogaria a cabeça para trás com uma gargalhada que faria outros rirem também.

Lila devolveu a fotografia à senhora Makov. “Yuri mudou muito desde que essa foto foi tirada. Por que ele estava infeliz aqui neste país?”

Ela olhou Lila sem entender.

Lila acenou para a foto com a cabeça. “Yuri estava feliz na foto.” Ela sorriu e apontou para os lábios, mostrando “feliz”. Disse: “Aqui não era feliz”. Franzindo, com o olhar tristonho, ela apontou para o chão, representando os Estados Unidos.

“Aqui difícil. Não fácil. Ele trabalhar, trabalhar.”

“Ele odiava o trabalho?”

“Não gostar. Não bom.”

“Por que não aprendeu inglês melhor e voltou a estudar arquitetura? Ele poderia ter sido um arquiteto aqui.” Lila falava alto demais, mas aumentar o volume não ajudava a compreensão da senhora Makov, porque ela encolheu os ombros e não respondeu. Então Lila seguiu em frente. “Yuri tinha irmãos e irmãs?”

“Irmão. Kiev.”

“O pai dele mora aqui nos Estados Unidos?”

“Pai morreu.”

A senhora Makov parecia desconfortável com aquela pergunta, então Lila abandonou o assunto da família e foi direto à pergunta que não queria calar. “Yuri estava com raiva de alguma coisa? A senhora sabe?”

“Trabalho duro. Não fácil. Querer importante.”

“Fazer trabalho importante? Ser importante?”

“América pessoa importante.”

“É por isso que estava com raiva? Que não era americano?”

“Não raiva. Bom menino. Ele vir aqui. Ele ajudar. Ele dar.” Esfregando o dedão e o indicador, para mostrar que ele tinha dado dinheiro, lágrimas escorreram pelas rugas nas bochechas. Ela enxugou com um papel-toalha do bolso do avental.

Lila não queria pressionar, uma vez que ela estava chateada, mas aquele talvez fosse o único dia para conseguir respostas. “A senhora sabe por que Yuri atirou em todo mundo?” Lila perguntou. Para ter certeza de que ela entendeu “atirou”, Lila levantou o dedão e apontou o indicador, gesticulando uma arma.

O rosto de senhora Makov pareceu ainda mais triste, e ela parecia tremer. “Eu chorar, chorar. Não vai embora nunca. Todo mundo chorar.” Ela assoou o nariz.

“E o que o levou a fazer aquilo?” Lila tentou de novo.

“Yuri bom menino.”

Exceto quando matava pessoas.

Batendo de frente contra uma negação de pedra, Lila cruzou as mãos e vasculhou o cérebro, atrás do que falar. Mesmo sendo a mãe de um assassino, Lila tinha pena da senhora Makov, presa entre o amor por Yuri e o crime horrível que ele cometera.

Lila não queria infligir mais dor, mas ela precisava muito de uma explicação, então insistiu: “A senhora não sabe por quê? Tem que ter algum motivo.” Sua voz era dura, ameaçadora.

Com a aparência deprimida, a senhora Makov fixava o olhar no chão. “Eu desculpa. Desculpa. Ir embora nunca.” Parecia falar tanto para si mesma quanto para Lila.

A senhora Makov levantou e começou a vasculhar a cômoda, cujo verniz estava descascando, expondo madeira crua e sem acabamento. Abriu a gaveta de cima e tirou um pequeno pacote enrolado em papel amarelado. Com carinho, ela desembulhou um cachecol, tricotado com lã acrílica vermelho-queimado e alaranjado, que começava a juntar bolinhas.

Ela entregou a Lila. “Yuri. Moscou.”

“Era dele?”

Ela acenou com a cabeça. “Eu fazer para ele. Quando menino.”

Lila sentiu que segurava a mortalha de um leproso. Devolveu depressa à senhora Makov.

Ela colocou no colo e observou com olhar amoroso. Sem uma palavra, ela deu a entender a Lila que ninguém conseguiria triscar sua defesa, e Lila não encontraria verdades naquela casa.

Havia chegado ao final da rua sem saída, e isso cortou seu coração. Sentada ali, sem se mexer, o encosto da cadeira de metal afundava em sua espinha dorsal. Finalmente, Lila se levantou, disse adeus e saiu do quarto. A senhora Makov chorava sentada na cama.

Do lado de fora, a neblina resfriou o rosto de Lila. As têmporas pulsavam. Seu corpo doía de tão tensa que estava. Mais que esmagada pela decepção, ela estava chocada, como uma paciente de câncer que descobre que seu último tratamento não deu certo e que não há mais nada a fazer para salvá-la.

Como reagir quando se chega ao fim da linha e não há mais esperança? E quando a aceitação é muito para pedir de si mesma? O luto sobrepujava o peito de Lila, deixando a respiração difícil. A possibilidade de culpa tornava tudo pior ainda.

Acabou. Desista. Você fracassou. Os pensamentos caíram como marteladas.

Ela estava buscando as chaves do carro na bolsa quando um Volkswagen verde parou em frente à casa. Uma mulher, que parecia mais um dogue alemão, com a mesma rede de cabelo preta e uniforme azul que a senhora Makov, desceu do carro e foi em direção a Lila.

“Você é Lila?”

“Sim.”

“Eu sou Marina, a prima de Olga. Ela disse que você viria. Eu queria vê-la, mas só consegui sair do trabalho agora.” Seu sorriso era amigável, mas as marcas de estresse no rosto sugeriam que não era fácil, para ela, encontrar Lila. Seu sotaque soava levemente russo, indicando que morava há muito tempo nos Estados Unidos.

Ela trocou a bolsa de linho de um ombro para o outro. “Se a consola um pouco, pedimos desculpa. É tudo que podemos dizer. Tem sido horrível para todo mundo.”

“Eu sei”, disse Lila. E, depois de encontrar a senhora Makov, ela sabia quão horrível. “Eu vim aqui descobrir por que Yuri atirou em nós. A senhora Makov não me disse.”

“Ela não tem como. Não faz ideia. Ninguém sabe ao certo”, disse Marina. “Yuri estava passando por uma fase ruim. Pior do que esperava quando veio para cá. Acho que ficou oprimido.”

“Por estar em uma nova cultura? Aprender inglês?”

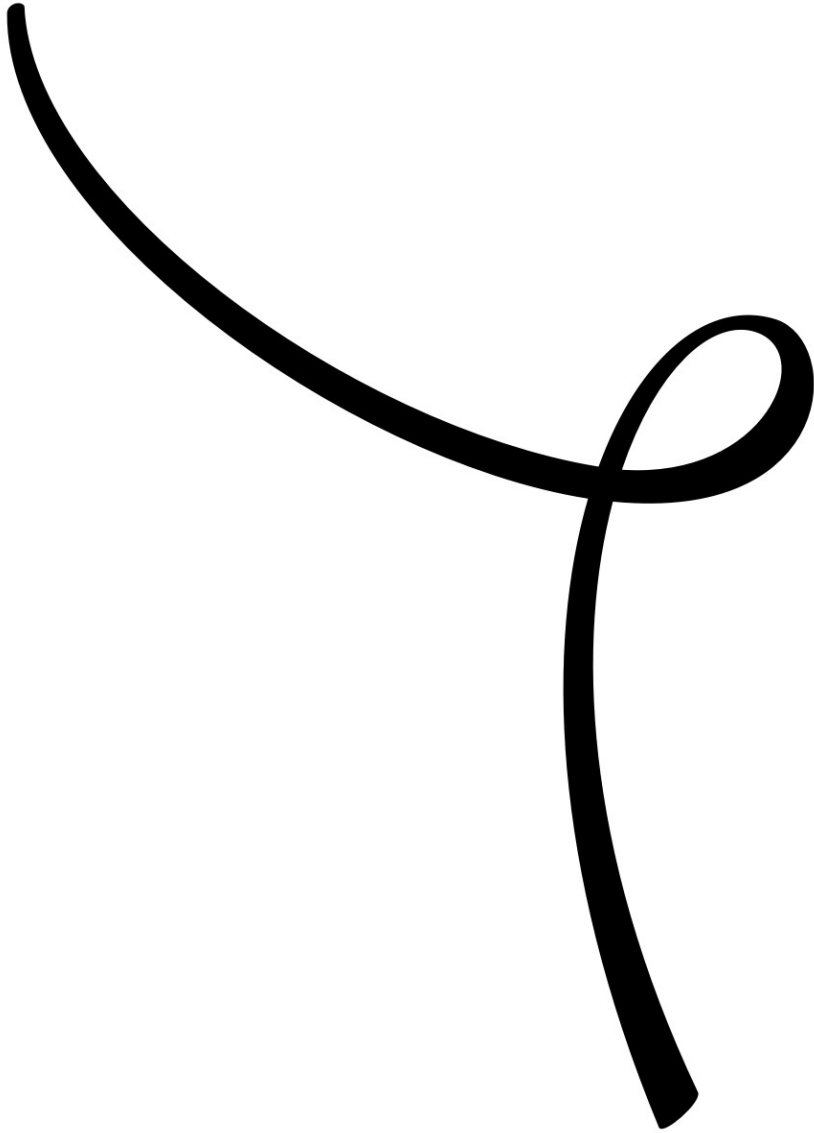
“Isso e mais um milhão de outras coisas”, Marina disse. “Você pode não acreditar, mas ele era muito sensível. Uma vez o peguei chorando ao som de um CD do Shostakovich, porque a música era linda. Ele queria chamar o filho de Ilya, por causa do pintor Rapin. Yuri era gentil.”

“Mas violento.”

“Bom, sim, isso também...” Marina olhou para longe, tentando reconciliar os opostos, mas sabia que nunca conseguiria. “Olga não vai superar isso nunca. Tanya vem aqui todos os dias e chora.”

“Tanya?”

“Ela e Yuri se conheciam desde crianças. Um ano atrás ela conseguiu um visto para vir encontrá-lo aqui. Eles estavam juntando dinheiro para se casar.”



VOLTANDO PELAS PLANTACÕES de alcachofra e subindo a costa, o vento batia no carro e chicoteava o oceano com marcas brancas de ondas. Lila borbulhava por dentro. Repetia para si mesma: Primeiro, Yuri Makov era uma fraude. Segundo, ela foi uma idiota. Terceiro, se ele não tivesse atirado em si mesmo, ela ia querer matá-lo por ter passado meses se questionando se havia deixado ele bravo o suficiente para assassinar pessoas.

Cerrando os olhos de raiva, ela visualizou ele e Reed no oceano agitado, dentro do mesmo barco desleal. Testosterona pingava das adriças das velas, e a proa era pontuda — para melhor penetrar as ondas. Pintado na popa, o nome da embarcação: Traidor. Na cabine, as camas estavam prontas para os encontros. Depois de admirarem os reflexos na água, os homens ajustavam a vela principal e navegavam para se satisfazer.

Joe Arruzzi tinha razão, merdas aconteciam. O tempo todo. Com maníacos como David Carpenter ou Eric Harris, dava para entender como a porcaria evoluía de parentes cruéis ou alunos insensíveis. Dava até para entender como alguém tão deturpado como Patrick Sherrill conseguira acumular raiva a partir do que ele via no trabalho como perseguição. Yuri, porém, era diferente. Ele tinha uma mãe que o adorava e uma namorada que queria se casar com ele. Ele tinha educação e interesse pelas artes. Ele teria um futuro bem-sucedido nos Estados Unidos, se tivesse se esforçado. Com o tempo, conseguiria ter uma vida boa, como seu nome no fórum na internet.

Então, por que escolher a violência? Se Lila fosse atrás de todas as pessoas que ele conheceu na vida, com certeza teria tido uma resposta diferente de cada uma delas. Como o elefante que os homens cegos tocam, em

lugares diferentes, e concluem ser animais diferentes. Lila achava que havia magoado ou dado raiva a Yuri. Agnes Spitzmeier achava que ele estava com raiva porque ela o tinha demitido. O proprietário do apartamento poderia achar que Yuri trabalhava muito num emprego de que não gostava, e sua prima Marina diria que ele se sentia oprimido nos Estados Unidos e ressentido por não ganhar o suficiente para se casar.

Talvez todas essas irritações foram somadas, e Yuri fosse infeliz e louco. E daí? Várias pessoas tinham irritações como as dele, mas não saiam atirando em ninguém.

Lila lembrou da voz de Cristina: “Yuri era louco!”

Em sua cabeça, ouviu Adam dizer: “Você está tentando racionalizar o que um lunático fez”.

Eles haviam compreendido Yuri melhor que ela. Viram que ele era um psicopata — e certamente não a alma repelida e gentil que sua Aprazível inadvertidamente a levava a acreditar.

Quando se tira uma camada da casca de uma cebola, há outra cebola por dentro; da superfície ao miolo, Yuri era um predador vil e traiçoeiro.

Lila nunca saberia por que ele era daquele jeito. O tiroteio nunca faria sentido. Ela via tudo isso claramente, agora, diminuindo a velocidade no trânsito, seguindo pela estrada ao sul de Santa Cruz.

Quando o trânsito melhorou, ela conseguiu aumentar a velocidade. Continuou em direção ao norte, pondo mais distância entre ela e Olga e Marina Makov, e os quilômetros que as separavam acalmaram sua raiva. Na altura de San Jose já tinha passado de vermelho-bombeiro para tangerina. Em Millbrae estava salmão; em São Francisco, um amarelo doentio, de urina. Quando atravessou a ponte Golden Gate, o alívio começou a empurrar a raiva para fora, e ela sentiu que havia aberto o peito e deixado seus gaviões negros voarem para fora.

Não adiantava mais pensar sobre Yuri Makov, nem com a mente, nem com o coração. Adam estava certo, às vezes coisas ruins acontecem com pessoas boas — e com cães bons, como Grace. Às vezes, coisas ruins aconteciam sem motivo aparente, sem ser culpa de ninguém. Não eram desejadas e não podiam ser controladas. Betsy diria para aceitá-las, mas aceitar não era o mesmo que esquecer.

Na última semana, depois de discutir sobre Yuri, Betsy cobrira Lila com o cobertor indiano e dissera: “Há muita coisa que não podemos esquecer, mas podemos perdoar quem nos machucou”.

Lila respondeu, “Mesmo que eu entenda por que Yuri saiu atirando, não vou conseguir perdoá-lo.”

“Ah, sim, consegue sim”, disse Betsy. “Você está pensando no perdão como um beijo de pazes, como aprendemos no catecismo, mas estou falando de outra coisa.” Ela ajustou as persianas, para escurecer o quarto. “Meu tipo de perdão é buscar a liberdade.”

“E como é que vou conseguir fazer isso?”

“Bem, não tem que fazer muita coisa. A gente só coloca a mágoa no chão e faz o melhor que pode para não se prender. Aí você espera o Grande Espírito mandar a graça da cura.”

Apesar de não ver como conseguiria perdoar Yuri, nem do jeito de Betsy, Lila achou que estava com vontade de, pelo menos, pedir ao Grande Espírito que a curasse. Como sua busca por respostas havia prolongado a dor, sem dar nada em troca, ela podia tentar se desfazer da tristeza e raiva que Yuri trouxera para sua vida.

Ok, Lila pensou. Sei que nunca vou esquecer o que ele fez, mas, aqui, neste exato minuto, na estrada cento e um, vou fazer meu melhor para me desprender disso. O monte Talmapai foi a testemunha, assim como as nuvens e o sol, e as garças rasando pelos pântanos, ao longe. Talvez nada mudasse; talvez Lila carregasse o ressentimento até a morte. Contudo, estava aberta ao que o Grande Espírito quisesse. Tentaria perdoar e seguir em frente.



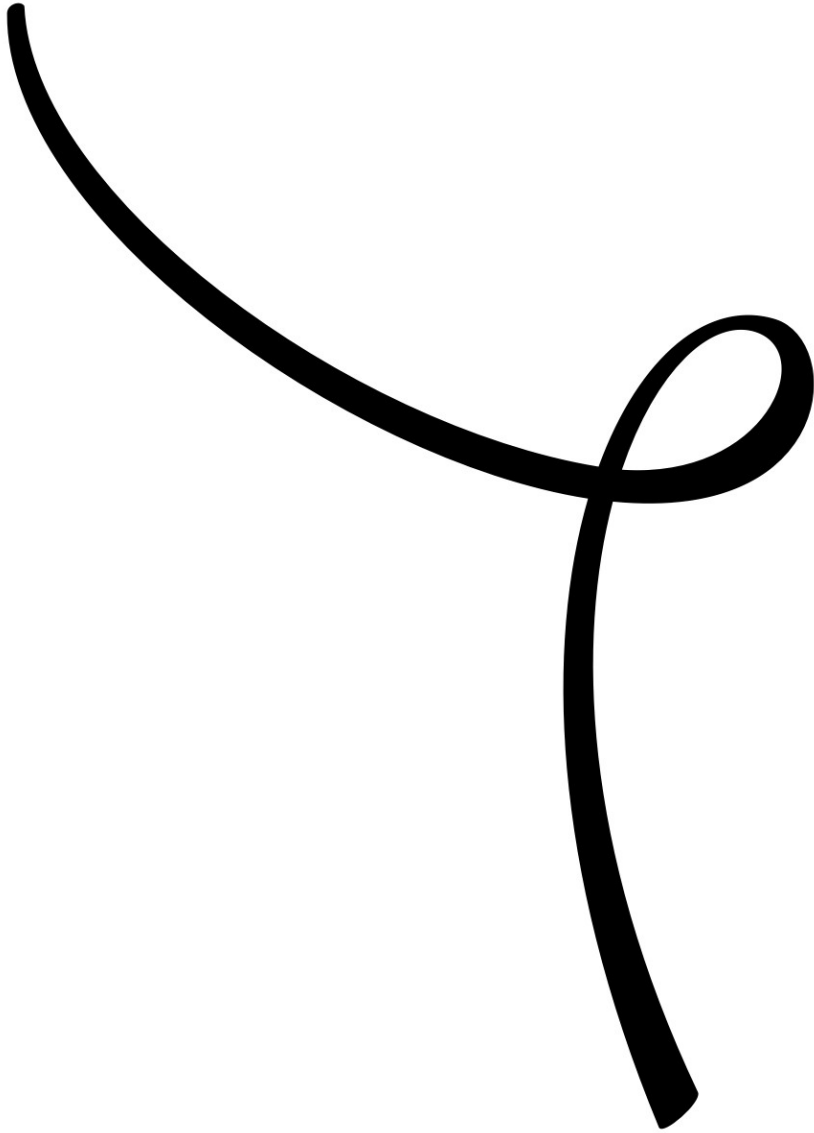
Grace, que estava esperando na varanda de Adam, era o modelo do perdão de Betsy, segundo Lila. Grace talvez nunca tivesse esquecido a crueldade de Marshall, mas havia deixado em algum canto e fora embora dali. Ela aceitou o que aconteceu, como se soubesse, muito mais que Lila, que não há como explicar o abuso, e ficar lutando contra isso é uma perda de tempo. Até então Lila pensava que, para se curar, tinha que entender por que Yuri atirara nela, mas era Grace quem a estava curando o tempo todo.

Ela estacionou na entrada da casa de Adam e passou correndo pelo portão, pelos pés de tomate e abobrinhas que logo estariam escondendo frutos enormes sob as saias de folhas. Subindo o caminho de tijolos, que se curvavam por trás da casa, só conseguia pensar quanto queria abraçar Grace.

Logo ela estaria dançando aos pés de Lila, balançando toda a sua parte traseira, como sempre fazia quando dava as boas-vindas a Lila, que mal se aguentava de vontade de enterrar o rosto no pelo dourado dela e prometer-lhe um estoque vitalício de orelhas de porco. Lila contaria a Grace quanto tinha sentido sua falta. Agradeceria por ajudá-la a atravessar a fase mais turbulenta de sua vida, e por mostrar o que era importante e como ela deveria viver.

Nas escadas dos fundos da varanda de Adam, Lila parou, como se alguém tivesse ligado um interruptor e paralisado suas pernas. A tela inferior da porta estava rasgada; uma cruz quadrada havia sido cortada. O pé de Adam poderia ter rasgado a tela, mas Lila sabia que não era aquilo. Sabia também que, se Grace estivesse no quintal, teria corrido para encontrá-la.

>Lila não queria subir o resto das escadas e descobrir a verdade. Ela queria que Grace estivesse na varanda, mais que tudo em sua vida. Quando chegou ao topo, porém, Grace havia sumido. Lila não conseguia respirar. Suas mãos começaram a tremer. Ela entendeu o que era estar em uma casa que perdia a fundação na enchente.



LILA ABRIU A porta de tela. O único sinal de Grace era a marca na almofada, onde ela havia ficado enrolada, esperando por Lila. Ao lado, uma tigela de cerâmica de água, e a orelha de porco de Grace, novinha. Ela não tinha beliscado a guloseima favorita, havia passado o dia inteiro preocupada.

Impulsionada pela adrenalina, Lila correu para a janela da cozinha de Adam, para ver se ele havia deixado Grace dentro da casa. Contudo, se estivesse lá dentro, teria chorado para sair e encontrar Lila. Grace não estava na cozinha. A casa estava silenciosa.

Ela correu para o quintal e vasculhou, em volta da casa, cada árvore e arbusto, mesmo sabendo que Grace teria vindo se estivesse do lado de fora. Lila correu então para o único outro portão de Adam, perto da compostagem, ao fundo de sua propriedade. O portão estava arranhado – e aberto. Mesmo com sua meia rosa, Grace investira contra o portão e lutara para abrir o trinco.

Gritando “Grace! Grace!”, Lila passou pelo portão e se lançou na floresta atrás da casa de Adam. Corria em ziguezague, para verificar cada samambaia, arbusto e tronco. Não encontrando Grace, Lila correu até a rua, sem ar, e encontrou o carteiro dirigindo por ali. Ela acenou com os braços e gritou: “Pare! Pare!”.

Ele estacionou no meio fio. Apoiando a palma da mão no joelho de pele e osso que aparecia por baixo das bermudas, ele olhou Lila do assento alto do caminhão com uma expressão de quem queria dar um calmante para ela.

“O que houve?” perguntou.

“Eu perdi meu cachorro. Uma golden.”

“Não vi ele.”

“Ela”, Lila corrigiu. “Grace. Ela tem uma atadura rosa na pata. E uma identificação na coleira com meu número.”

“Vou ficar de olho”, prometeu. “Tem certeza de que você está bem?”

Sua preocupação estressou Lila ainda mais. Sentia que sua exaltação transbordava pela rua inteira. Como que Adam deixara isso acontecer? Como ela podia ter confiado Grace a ele? Depois de acusar Lila de ser irresponsável, ele acabou se tornando o maior caloteiro de responsabilidade e não protegeu o que ela tinha de mais precioso.

Lila não poderia nunca perdoar nem a ele, nem ao Grande Espírito por deixarem Grace sumir. Ela estava certa: não importava o que Betsy dizia, o mundo era horrível. Fechou os punhos em fúria, mas raiva não ajudaria a encontrar Grace.

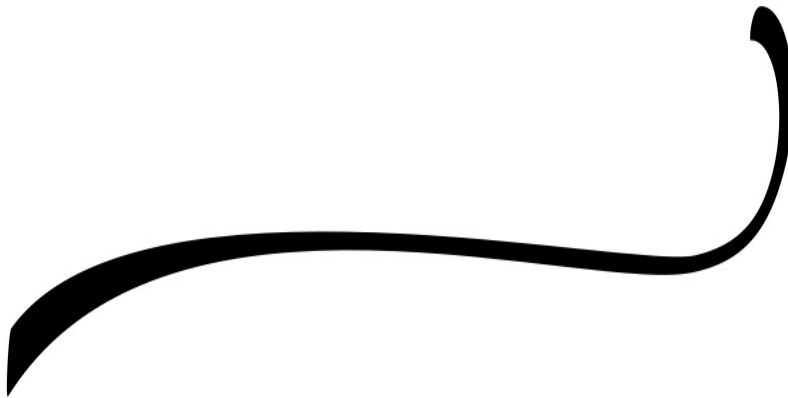
Mesmo assim, a raiva de Adam quase a sufocava. Subiu e desceu todas as ruas perto de sua casa gritando por Grace até sua garganta ficar rouca. Lila entrou nos jardins, empurrou arbustos com as mãos, olhou atrás das latas de lixo e sob os carros. Bateu nas portas e parou desconhecidos na rua, perguntando se tinham visto Grace.

Às vezes perguntavam se ela queria um copo d’água. Ou anotavam seu telefone e prometiam ligar se vissem Grace. Toda vez que alguém dizia “não vi”, Lila ficava mais exaltada.

Lila foi para casa para procurar, caso Grace tivesse mancado até o topo do morro com a pata machucada. Enquanto estacionava o carro, ela mentalmente ficou de joelhos e implorou para encontrá-la esperando na porta. Se Grace tivesse conseguido chegar até ali, Lila sabia que ela estaria esperando no capacho da entrada.

Ao subir pelo caminho até a casa, desejou com todas as forças que Grace fosse encontrá-la com gemidos de boas-vindas e abanos de rabo tão exuberantes que acordariam seu sultão imaginário de um desmaio. Lila desejou com todas as forças vê-la novamente devorando o jantar e se acomodando na almofada para a encenação de *Snoopy*.

Contudo, todo o desejo do mundo não mudaria o silêncio que a esperava na varanda. Lila não poderia criar a presença de Grace. Pegou as chaves para abrir a porta e viu que a casa estava tão sem vida quanto uma pessoa que perde seu melhor amigo. Como Lila.



Lila ouviu a caixa de mensagens, mas ninguém havia ligado para dizer que havia encontrado Grace. Incapaz de pensar sobre o jantar, Lila fixou a janela da cozinha e imaginou um cordão de prata conectando o coração dela ao de Grace. Um puxão dela e Lila voaria até lá; um puxão e ela traria Grace de volta para casa. Lila foi até a

varanda, para ver se o puxão tinha dado certo. Contudo, Grace não estava lá, e o frenesi aos poucos deu lugar à desolação.

Quando começou a anoitecer, ela caminhou pelo bairro, chamando Grace novamente. Enquanto descia o morro até o riacho, as sombras da noite escureceram a floresta; a neblina subiu o monte Tamalpais, levando o frio consigo. Ela imaginou Grace tremendo e buscando um lugar quente para passar a noite, ou vasculhando uma lata de lixo atrás de comida para fazer o estômago parar de roncar. Aí as imagens mentais de Lila ficaram mais perturbadoras. Viu Grace sendo atingida por um carro e morrendo ao lado da estrada, numa rua poeirenta de cascalho afiado. Ou capturada por Marshall e espancada, com fome, acorrentada novamente à árvore. Ou presa numa van de traficante de cães, pronta para ser entregue a um laboratório médico para pesquisa, em que seria trancada em uma pequena gaiola antes de passar por experimentos, o que fez Lila pressionar as mãos contra as têmporas, para não visualizar.



Às dez, Lila tinha voltado, andando, para a casa de Adam. Apesar de ainda sentir raiva e não querer confiar nele novamente, era a única pessoa que podia buscar. Pelo bem de Grace, Lila precisava pedir sua ajuda e tentar o máximo possível ser educada.

Ele havia acabado de chegar de sua aula sobre a Via Láctea e estava comendo um sanduíche de atum na mesa da cozinha, ouvindo um CD da *Sinfonia do novo mundo*, de Dvorak. Claramente, ele imaginava que Grace estava segura em casa, com Lila, e que o plano havia funcionado sem nenhum problema.

“Ela está perdida. Não consigo encontrar”, disse Lila. “Eu a amo mais que tudo no mundo, e você não a protegeu.”

Adam ficou branco e correu até a varanda, para ver a tela rasgada. Ele pegou uma lanterna e os dois partiram em direção ao portão de trás, ao lado da compostagem.

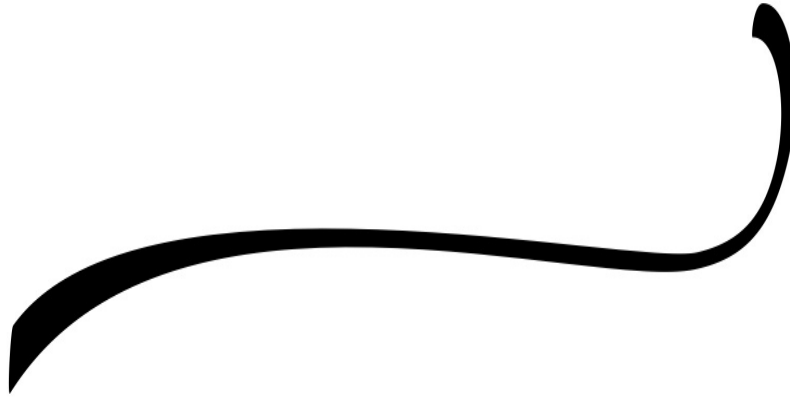
Ao iluminar as marcas de arranhões de Grace na madeira, ele disse: “Eu não acredito. Ela deu uma de Houdini.” Abriu e fechou o portão, para verificar o trinco, que ficava na altura dos seus ombros e parecia impossível, até para um cachorro grande como Grace, alcançar. O trinco estava funcionando direito.

Balançando a cabeça em desalento, ele disse, “Eu obviamente subestimei quão desesperada Grace estaria para encontrar você.”

“Sim, subestimou mesmo. A culpa é sua. Eu nunca deveria tê-la deixado aqui.”

Adam baixou a luz em direção ao chão.

Talvez ele tenha escolhido não responder para não aumentar o nervosismo de Lila e evitar uma briga. Contudo, ela ainda estava chateada. Pelo menos, não tinha sido orgulhoso e admitira que estava errado. Mesmo assim, imaginar Grace procurando por ela, enquanto ela procurava por Grace, doía até nos ossos de Lila.



Lila manteve uma distância fria de Adam enquanto montavam um pôster no computador. Em cima, “Cão perdido”, em letras pretas garrafais. Em baixo, “Recompensa” em vermelho. Adam e Lila deixaram os nomes e telefones, e o endereço da casa dele, como referência do último lugar em que Grace foi vista. A descrição incluía a meia rosa e a coleira verde, com o coração de identificação.

Para conseguir uma foto, Lila ligou para Cristina, da cozinha, e perguntou se ela podia mandar a foto do pôster para encontrar um lar, por e-mail.

“Vou mandar agora”, disse Cristina. “Meu Deus. Coitada daquela monstrelha.”

Cristina estava com a voz sonolenta. Lila ficou com pena de acordá-la, mas Grace era importante demais.

“Adam não deveria ter sugerido deixar Grace na varanda”, Lila disse. E daí que ele ouviu o que ela disse ao telefone? Ele sabia como ela se sentia.

“Não fique com raiva. Não é culpa dele”, disse Cristina. “Essas coisas acontecem.”

Tá certo. Assim como pessoas boas que levam tiros.

Logo depois de Lila finalmente ter se livrado de seus vários gaviões de raiva, um bando novo voou para dentro de seu coração. Junto com o sentimento de culpa. Apesar de colocar a culpa em Adam, também se sentia culpada de ter confiado nele. No fim das contas, era ela. Mais uma vez, algo terrível podia ser culpa dela.

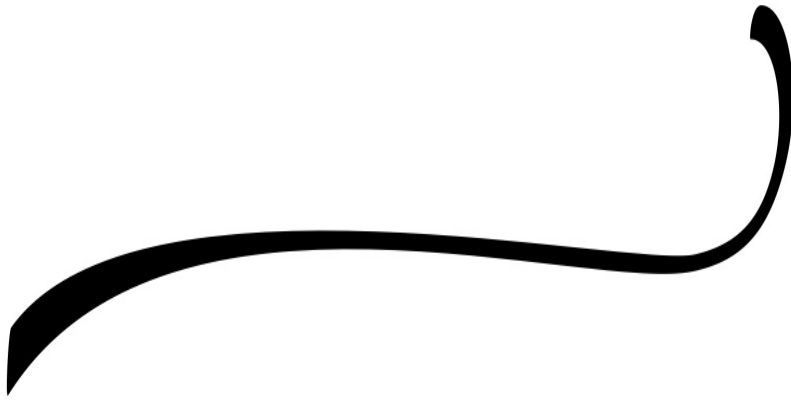
“Me liga assim que souber de alguma coisa, boa ou ruim, ok?”, pediu Cristina.

Por favor, que não seja ruim. “Eu ligo”, respondeu Lila.

“Deixe comida na frente da casa. Grace pode voltar quando você estiver fora.”

“Tudo bem.”

“Veja com o pessoal da Sociedade Humanitária. Ah, é de partir o coração. De todos os animais...”



O e-mail de Cristina trazia o rosto doce e franzido de Grace na tela do computador. Exceto naquela manhã, quando Lila a deixara, Grace não parecia tão perturbada, como na foto, há meses. Ela estava feliz, depois de ver a vida ficar segura e depois que ela e Lila aprenderam a se amar. E agora... só de ver a foto de Grace, Lila se sentia sugada por um buraco negro.

Enquanto os pôsteres saíam da impressora de Adam, ele puxou uma cadeira e sentou-se ao lado de Lila, no computador. Ela enrijeceu.

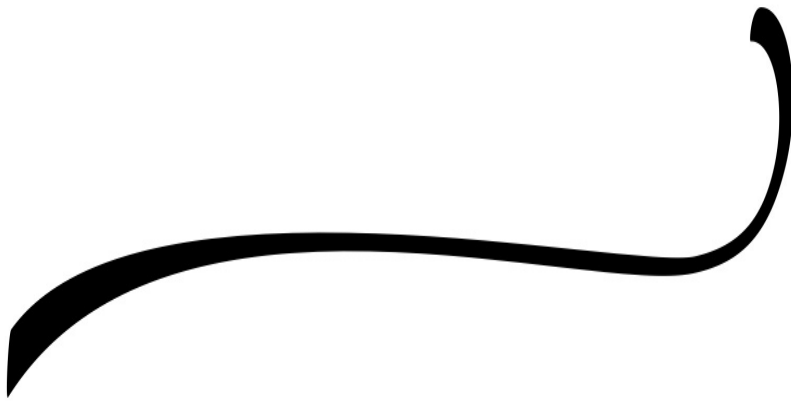
Ele se levantou e se apoiou contra a moldura da janela, do outro lado do quarto. “Temos muito para fazer”, ele disse, com a maior formalidade desde que se conheceram.

“Eu sei.”

“Procurar um cachorro perdido pode ser agonizante. Você não tem controle de nada. Tem que estar preparada.”

“Estou preparada.”

Ele pegou os pôsteres da impressora.



Ao saírem de casa, as luzes das lanternas pareciam esfumadas pela neblina que pingava dos loureiros e sequoias. O vento frio estremecia as árvores, fazendo pingar mais gotas, encharcando o chão, enquanto Grace precisava de uma cama quente e seca.

“O clima podia ajudar. Não precisava estar tão frio e úmido assim”, resmungou Lila.

“Tente não pensar nisso”, disse Adam.

“Não consigo não pensar.”

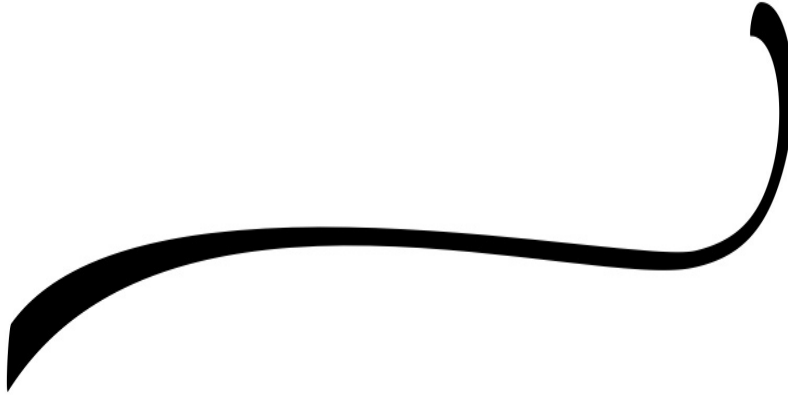
“Fique feliz que não estamos procurando Grace em Tritão. É o lugar mais frio de nosso sistema solar. Quase menos duzentos e quarenta graus célsius.”

“Isso não ajuda”, disse Lila. “E se Marshall vir nossos pôsteres? Ele vai reconhecer Grace.”

“Vamos esperar encontrá-la antes dele.”

“Se ele encontrar antes, o que vamos fazer?”

“Eu não sei.”



Com o pôster do número trinta e sete, Adam e Lila haviam coberto as ruas perto de suas casas, então, depois das duas da manhã, seguiram para a avenida Blithedale, uma via importante da cidade. Tirando alguns raios de luz das beiradas das cortinas fechadas, as casas estavam todas escuras. Adam e Lila pareciam os últimos sobreviventes da Terra.

Enquanto pregava um pôster em uma cerca de madeira, barulho de pneus sobre asfalto molhado subiram o morro. Os faróis fizeram a curva e um carro da polícia parou. A janela molhada abriu, e um rosto com bochechas de maçã apareceu, junto com o som estático de um rádio de ondas curtas.

O policial sorriu, deixando à mostra um dente da frente trincado. “Estão caminhando uma hora dessas?”

“Perdemos um cachorro.” Adam entregou um pôster.

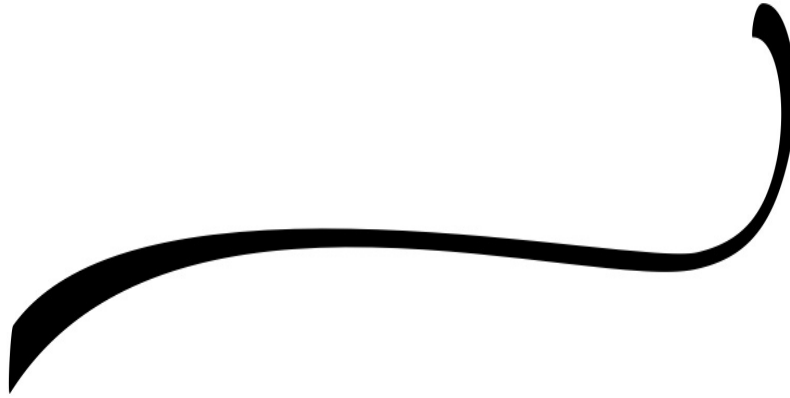
“Que chato.” O policial ligou as luzes internas do carro e estudou o rosto de Grace. “Olha, acho que talvez a tenha visto.”

“Onde?” perguntou Lila.

“Perto de Cascade Canyon. Atrás da biblioteca. No começo da noite. Ela estava perambulando perto do córrego. Devia estar atrás de água.”

Agora, em setembro, o córrego era seco, exceto por algumas poças raras, nojentas. A garganta de Lila secou.

“Alarme.” O homem do rádio parecia ter a garganta seca também. “Disparando na rua Summit, número tinta e oito.”



Lila queria correr até Cascade Canyon; mas Adam insistiu que voltassem para buscar o carro, para trazer Grace para casa, se encontrassem. Vinte minutos depois, estavam espreitando as sombras ao lado da biblioteca, cercada de sequoias e samambaias. Adam acompanhou outro córrego por onde Lila caminhava sempre com Grace. O mato não familiar parecia mais escuro e solitário. Daqui, Grace não saberia o caminho para casa.

Ao chegar no final da rua sem ter sinal de Grace, Adam sugeriu que estacionassem e buscassem a pé. Naquele horário, tarde, não podiam gritar, mas, voltando a pé até a biblioteca, Lila pôs as mãos em concha ao lado da boca e murmurou “Grace!”, com esperanças de que o vento carregasse sua voz mato adentro.

Adam iluminou os arbustos com a lanterna, troncos ociosos e espaços entre pedras — qualquer lugar em que Grace poderia ter buscado abrigo do frio. Quando a luz atingiu dois olhos brilhantes, perto das raízes expostas de uma Madrona, por um glorioso segundo Lila achou que eram de Grace. No entanto, logo viu os anéis em volta.

Com uma frustração esmagadora, ela perguntou, “Um guaxinim poderia machucar Grace?”

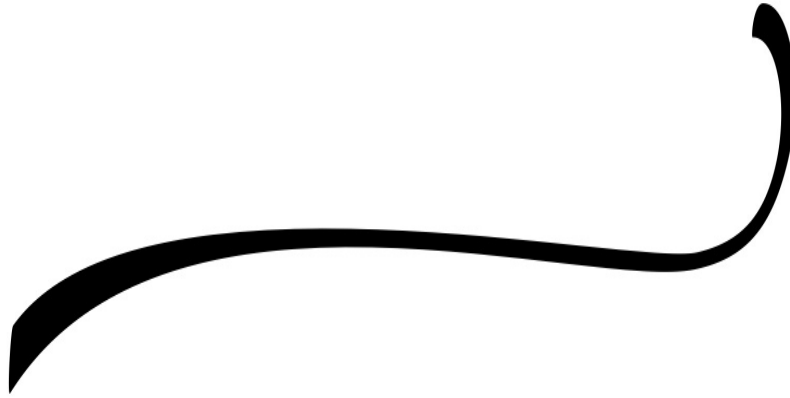
“Sim.”

Além da sede recém-imaginada, Lila adicionou a dor de ser rasgada por garras. “É para não pensar nos guaxinins também?”

“Empurre para fora de sua cabeça.”

“É insuportável.”

“Eu sei.”



Lila e Adam não encontraram Grace em Cascade Canyon, então foram ao centro da cidade e pregaram pôsteres em quiosques e quadros de anúncios. Às quatro, com o céu começando a ficar rosa, Adam levou Lila para casa; cansados e cabisbaixos, andaram até a porta.

“Eu queria dizer que sinto muito”, ele disse. “Grace é tão gentil. Nunca imaginei que ela quebraria a tela da varanda e fugisse.”

“Eu cometi um erro muito grande ao deixá-la com você.”

“Talvez, mas não sabíamos que era um erro. Nossa intenção era boa. As coisas não aconteceram da forma como planejamos.”

“Eu não perdi Grace da minha varanda.”

“Ok, foi um erro de cálculo. Foi um erro honesto. Não sou perfeito. Só posso dizer isso. Desculpe.”

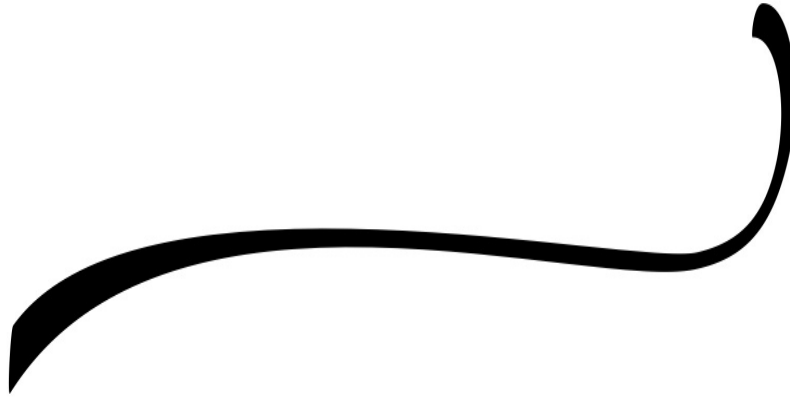
Adam parecia sincero e havia passado a noite inteira buscando por Grace. Lila não conseguia continuar com raiva. Seu coração ouviu Betsy dizer: “A única pessoa que sua raiva machuca é você. Desapegue. Aceite. Siga em frente.”

“Eu sinto muito também”, disse Lila, sem saber ao certo para quem estava pedindo desculpas — Adam? Grace? A si mesma? “A gente só pode tentar encontrá-la.”

“É tudo que podemos fazer.” Adam enrolou os braços em volta de Lila.

Ela se derreteu.

Por muito tempo, ficaram ali, parados — ela era como uma crisálida que encontrou um casulo. Contudo, diferente de um abraço comum, o deles virou uma ligação séria, como o de duas pessoas num barco afundando no meio do Atlântico, com barbatanas de tubarões dando voltas. Segurando um ao outro, Adam e Lila admitiram que estavam terrivelmente tristes e que dariam tudo para ter Grace de volta. Entretanto, mais que isso, era uma afirmação de que estavam nesse problema juntos — e que estavam lá um para o outro. Um abraço pode dizer muitas coisas.



Mesmo sem achar que alguém ligaria no meio da noite para dar notícia sobre Grace, Lila ligou para sua caixa de mensagens novamente. Nenhum sinal. Como Cristina sugeriu, deixou ração na frente da casa. Caso Grace chegasse na hora seguinte, Lila deixou as luzes de fora acesas, que deixavam a floresta numa cor prateada convidativa.

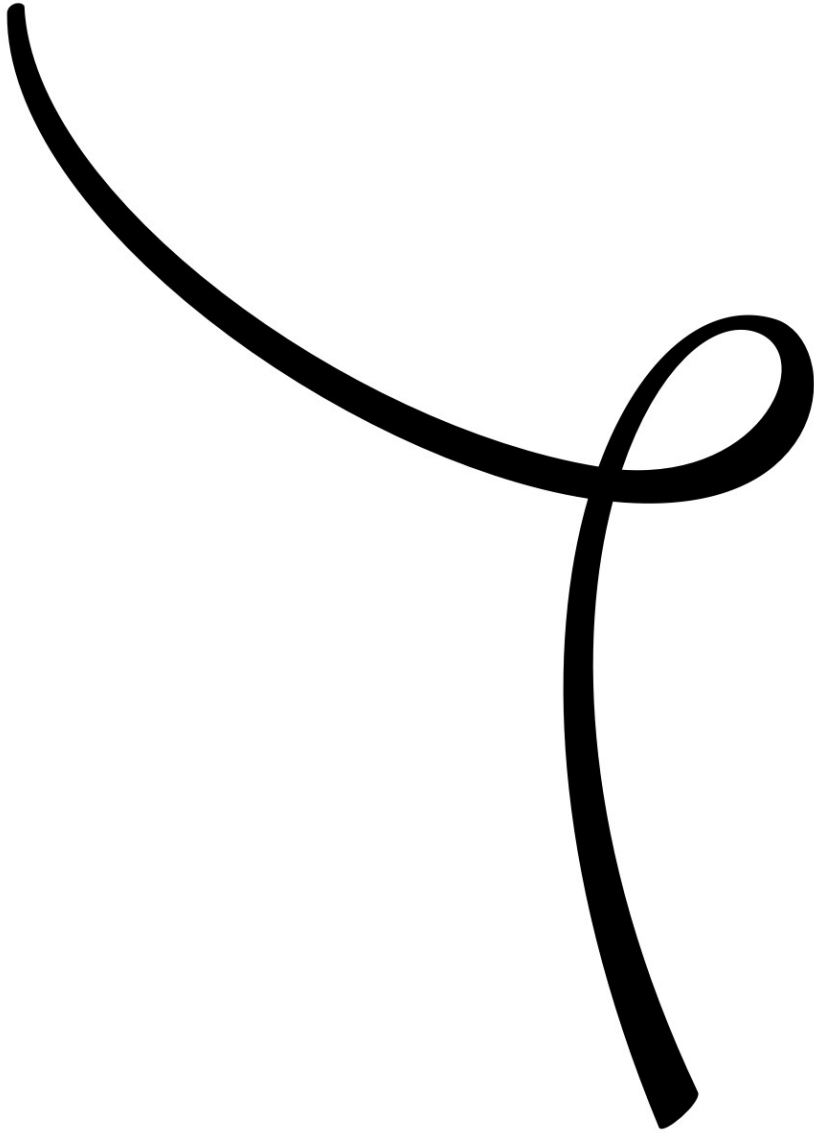
Exausta, mas ligada pelo estresse, ela subiu na cama, entre os lençóis frios, e puxou um cobertor. Esforçando-se para ouvir o choro de Grace através do vento, Lila não conseguia acalmar os pensamentos o suficiente para dormir. A preocupação a remoía por dentro como uma roleta que gira antes de os dados decidirem os vencedores e perdedores. Era a primeira vez que dormia sem Grace na casa — e, pelos últimos dois meses, Grace tinha dormido na cama, ao seu lado.

Lila se corroía de vontade de ouvir os roncos confortantes de Grace; os suspiros, como o ar escapando do pneu de uma bicicleta; e da agitação das patas quando sonhava. Nas noites em que Lila ia dormir se sentido sozinha ou ansiosa, Grace sempre reparava, e descansava o queixo sobre o braço de Lila, para mostrar que ela estava segura. Agora, ela também ansiava pelo hálito de Grace no punho. Qualquer sinal de sua presença teria trazido o conforto que ela e Adam tentaram transmitir com o abraço. No entanto, não havia nada. Em todos os sentidos, era uma desgraça.

Finalmente, Lila caiu num sono agitado. Enquanto a luz pálida da manhã enchia o quarto, ela se virou. Como sempre, quando mudava de posição, tomava cuidado para não rolar por cima de Grace. Aí ela acordou o suficiente para se lembrar de que Grace estava perdida — e o corpo inteiro de Lila doeu como uma ferida aberta.

Abriu os olhos para um dia que não a abraçava. Jogou o cobertor para fora e verificou as portas, para ver se Grace estava de volta. Não sendo o caso, Lila voltou para a cama, ficou revirando e esperando dar a hora de se levantar e voltar a procurar. Mais preocupação e ansiedade cresceram dentro dela.

Contudo, mentalmente, Lila chamou a própria atenção. Em palavras cortadas, ela afirmou que, não importava quantas montanhas tivesse que mover — nem que fosse com uma colher de chá como pá e um cabide como bastão — ela moveria para encontrar Grace. Lila não podia controlar o resultado, mas podia dar o melhor de si na busca. Não importava o que custasse, Lila faria de tudo para trazê-la de volta para casa.



LADO A LADO, sentados nos bancos de metal da Sociedade Humanitária, Adam e Lila folheavam as páginas do caderno de achados e perdidos. Felizmente, Tony estava de folga e não poderia olhar Lila com raiva, e Adam não mencionou o dia terrível em que ela havia abandonado Grace ali. Ele insistiu que lessem a lista de cães e gatos, porque abrigos às vezes se confundiam e animais eram trocados, ou classificados de maneira errada.

Com o estresse coçando o estômago de Lila, ela e Adam se debruçaram sobre cada descrição. Não achando nenhum golden retriever, ele disse que Grace poderia ter se sujado tanto nas ruas que teria sido registrada no livro como um labrador preto; checar o canil era essencial.

Os dois passaram pela porta do canil, e o odor de alvejante e urina os engolfou. Uma cacofonia de latidos, que se resumiam a gritos de “Socorro!”, fez Lila querer colocar as mãos sobre os ouvidos. O medo dos cachorros parecia reverberar as paredes de concreto. O ar estava cheio de desespero.

E injustiça. Atrás das grades de ferro de cada lado do corredor de cimento havia encarcerados que nunca haviam cometido crime algum e foram injustamente presos — como Grace, quando foi acorrentada a uma árvore. Dois dachshunds miniaturas enfiaram os narizes pelas barras de ferro do canil coletivo e latiram para Lila e Adam. Um collie, misturado com outras raças, apoiava as patas da frente na porta do canil e implorava por um lar com os olhos úmidos. Um pequeno cãozinho, cor de biscoito, viu Lila e Adam e balançava o rabo como um limpador de

para-brisa, mas deixou cair quando eles seguiram sem parar. Um cocker spaniel vira-lata caçava seu rabo, e um cão pesado, com olhos amarelos, se jogou na porta do canil, para alcançá-los.

Ao final do corredor de concreto, havia um cachorro loiro avermelhado, do tamanho de um retriever. Mesmo com o rosto virado, a parte traseira e o rabo pareciam os de Grace. O coração de Lila acelerou, ela agarrou a mão de Adam e puxou em direção ao cachorro.

“Grace!”, gritou Lila.

O cão virou a cabeça. O focinho era retangular, como o de um airdale, e as orelhas eram pontudas, não dobradas.

“Isso é tão horrível”, disse Lila.

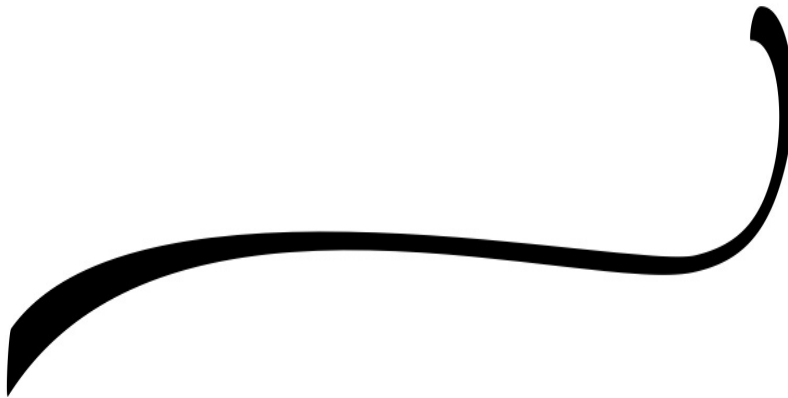
“Aguilha num palheiro”, completou Adam.

“Eu não aguento.”

“Tem que aguentar.”

Antes de irem embora, Adam preencheu um formulário de cachorro perdido. Lila olhava por cima do ombro, tentando apagar a lembrança dos cães no canil — e do aviso de Adam a caminho da recepção:

“Temos que vir aqui todos os dias”, ele disse. “Às vezes os cachorros são eliminados antes do fim de seus dias, e antes de terem a chance de seus donos os encontrarem.”



Quando Lila e Adam voltaram para buscar o Honda, ela ligou para a caixa de mensagem — mas ninguém havia deixado recado — e Adam tentou a dele.

“Eu tenho um recado”, disse.

Lila se inclinou para ouvir junto pelo telefone, e o barulho da autoestrada a uma quadra deles dificultava a escuta.

Uma mulher com sotaque de Nova York dizia: “Acabei de ver seu cachorro. Ela estava cavando uma caçamba no mercado Wayfarer. Ela parecia faminta...”

Adam se afastou de Lila e se apoiou na porta para ouvir o resto.

Depois de desligar o celular, ela perguntou, “Por que você se afastou?”

“Para protegê-la.”

“O recado era ruim?!”

“Não. Mas a deixaria triste.”

“Mais triste”, ela corrigiu.



A caçamba atrás do mercado era tão grande quanto aquelas que se veem na construção civil, transbordando madeira e cabos de isolamento. Estava estacionada sob um grupo de sequoias, ao lado de um córrego seco. Entulhando o chão, havia caixas de papelão, sacos plásticos, papel toalha descartado, potes vazios de iogurte e latas de alumínio amassadas. Tudo que tinha para um cachorro comer eram algumas bananas podres, salpicadas com moscas-das-frutas.

“Minha pobre, pobre Grace”, Lila gemeu.

“Eu sei que você sente que estamos dando voltas e voltas, sem chegar a lugar algum”, disse Adam.

“É exatamente assim que sinto.”

“Vamos encontrar Grace. Não se preocupe.”

No entanto, a expressão de Adam era de preocupação. Se ele fosse Grace, não teria triscado a orelha de porco.



Um de frente para o outro, na mesa de pinho da cozinha, Adam e Lila almoçaram, cabisbaixos e desolados. O chá gelado havia perdido o gosto. Os brotos de alface da horta de Adam não eram mais crocantes. O frango dos sanduíches parecia ter passado a vida inteira preocupado com gripe aviária.

Ocasionalmente, Adam estendia a mão, apertava a de Lila, tentando animá-la, e ela tentava passar um sorriso confiante. Contudo, em seus corações, não estavam melhor que o frango do sanduíche — até o telefone ligar e balançar uma cenoura de esperança.

Adam levantou e atendeu. “Sim, ela ainda está perdida”, ele disse.

Cruzou os pés e apoiou o ombro contra a parede, e Lila levantou e se apoiou nele novamente, para ouvir a conversa.

Um homem, com uma voz neutra e agradável, como as das propagandas na TV, disse que viu Grace desviando do trânsito na avenida Miller, uma das vias principais para a cidade. “Um caminhão quase a atingiu. Ela parecia não saber como sair do caminho.”

“Ela não tem inteligência de rua”, disse Adam.

“Deu para ver. Tentei pegar, mas ela fugiu correndo.”

“Que horas?”

“Uma hora atrás, mais ou menos.”

“Que altura da Miller?”

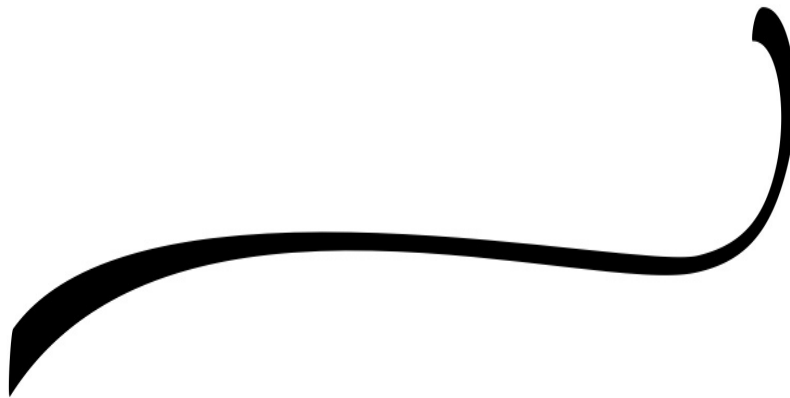
“Perto do sinal de ‘Pare’ do cruzamento, ao lado da lanchonete da Maggie. Indo um pouco em direção ao mercado Tam.”

“Pergunte sobre a meia”, Lila cochichou para Adam.

“A pata dela ainda estava com uma atadura rosa?”, ele perguntou.

“Não que eu tenha visto. Céus, espero que sobreviva até vocês a encontrarem. Ela parecia estar com muito medo. Era patético.”

A parede da cozinha impediu Adam de se afastar de Lila, para que não ouvisse aquilo.



A avenida Miller parecia uma pista de Nascar cujos motoristas comiam pregos no café da manhã e esmagavam os aceleradores no chão do carro, com pés tamanho cinquenta. Com os pneus correndo, Grace não teria chance.

Adam dirigiu ao longo da avenida Miller três vezes, depois ao longo das ruas laterais. Ele estacionou perto da lanchonete da Maggie, e os dois andaram por várias quadras, gritando o nome de Grace. Finalmente, não tinham mais o que fazer, a não ser desistir daquela pista.

Adam perguntou: “O que fazemos agora?”.

“Temos que continuar tentando.”

“Alguma sugestão?”

“Grace, Grace, onde está você?” Lila pensava com todas as suas forças com seu coração.

Foram até o parque para cães, mas não havia nenhum golden retriever pulando na grama. Passaram pelo *pet shop*, mas Albert Wu não havia visto Grace. Quando a atenção de Lila enfraqueceu, passando de determinada a sombria — e Adam foi verificar a caçamba de lixo mais uma vez — ela caminhou até a clínica de Betsy, caso Grace tivesse aparecido para a massagem semanal.

Betsy estava debruçada sobre a mesa, preenchendo formulários de seguros de saúde. Ela se levantou e deu um abraço de avó em Lila. Betsy a conhecia muito bem para não perceber a angústia em seu rosto. “O que houve?”

“Eu perdi a Grace.”

A curva do sorriso de Betsy se achatou, e os golfinhos prateados pendurados nas orelhas ficaram fixos como pedra. “Não se preocupe. Você vai encontrá-la.”

“Eu procurei em todo lugar. Tenho medo de nunca mais vê-la novamente.” Sentia os pulmões se enchendo de mofo.

“Ah, Lila, não vai nunca aprender? Seus pensamentos negativos podem criar uma realidade negativa.” Betsy buscou uma caixa de lenços sobre a mesa e passou para Lila.

Enquanto um dos anjos olhava da parede, Lila pegou um lenço, enxugou as lágrimas e assoou o nariz. “Eu nunca me senti tão desamparada. Tenho medo de que Grace esteja morta ao lado de alguma estrada por aí.”

“Você não pode desistir de buscar”, disse Betsy.

Lila amassou o lenço e jogou na cesta de lixo. “Por que essas coisas horríveis ficam acontecendo?”

“Essa não é a pergunta certa. Pergunte-se qual é o significado dessa crise? O que está tentando ensinar?”, Betsy falou. “Tempos difíceis podem ser presentes. Eles nos forçam a mudar e nos guiam para onde devemos ir.” Com isso, os golfinhos prateados retomaram vida, viajando pelo ar em volta das curvas grisalhas.

Se idealismo fosse medido pela escala Richter, o de Betsy poderia fissurar a barragem Hoover, pensou Lila. Ela não mencionou que estava emburrada com o Grande Espírito pelo que estava acontecendo.

Betsy abriu a gaveta da mesa, vasculhou entre papéis e disse a Lila para abrir a mão e fechar os olhos. Confiando que Betsy não colocaria miolo de papagaio na palma de sua mão, Lila fez o que ela pediu, e algo pequeno e duro atingiu sua pele. Quando abriu os olhos, estava segurando um coração de quartzo rosa, do tamanho de uma moeda.

“Mantenha isso próximo. Vai lembrá-la de que amor é o que mais importa”, disse Betsy. “Assim que você encontrar Grace, a gente marca um horário para trabalhar a perna dela.”

Enquanto Lila lembrava Betsy que Grace usava um coração de metal vermelho mais ou menos do mesmo tamanho do quartzo rosa, ela apertava o cristal até fazer dobras na palma da mão. Ela queria que o coração fosse um sinal de que encontraria Grace. Deu um puxão no cordão de prata que ligava seus corações.



Adam chegou no carro antes de Lila. Tamborilava os dedos sobre o volante, mas parecia seguir uma melodia fúnebre, tocada por uma tuba em um hospital. Lila se acomodou no banco ao seu lado e ele disse “Grace não estava na caçamba.”

“Betsy também não a viu.”

“Não me surpreende. Temos outra ligação. Alguém acabou de ver Grace na faixa para entrar na estrada cento e um. Ela estava mancando em direção ao sul, seguindo a grade de corrente.”

Onde carros voavam como vespas. Lila resmungou. “Como que ela conseguiu chegar ali?”

“Não sei.”

“Por que ninguém a segurou?”

“Ela encontrou uma brecha na cerca e fugiu até a autoestrada...”

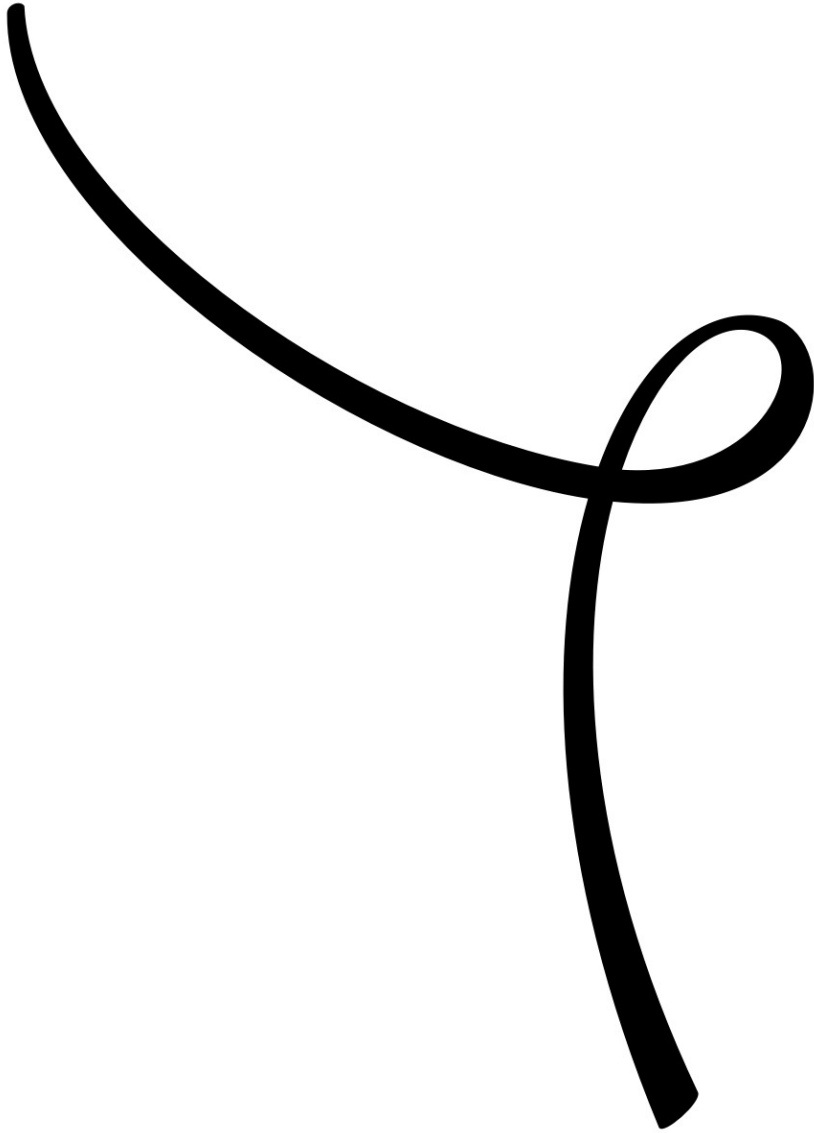
Lila resmungou. “As coisas não têm como piorar.”

“Têm sim. Alguém podia ligar dizendo que foi atingida por um carro.” Adam ligou o Honda e deu ré na vaga do estacionamento.

Lila fechou os olhos e apertou seu coração de quartzo rosa. No próprio coração, ela prometeu ao Grande Espírito que não ficaria mais emburrada. Ela disse que faria tudo para que eles não encontrassem Grace morta. Lila caçaria todos os pensamentos negativos em sua mente e os mataria. Sem reclamações, aprenderia o que quer que fosse que o Grande Espírito queria ensinar. Ela se deixaria levar e não tentaria controlar nada, e nunca mais diria nenhuma palavra ruim sobre ninguém, incluindo Yuri e Reed.

Ela deixaria de ficar com raiva do universo, acreditaria na bondade, como Betsy. Lila perdoaria todo mundo de tudo. Jogaria o ressentimento da janela do trem e viajaria só com bondade na mala. Como gesto de boa-fé, se assim quisesse o Grande Espírito, ela deixaria rosas vermelhas sobre o túmulo de Yuri; se Reed se casasse, ela dançaria na festa. Ela prometeu.

Enquanto Adam acelerava em direção à autoestrada, Lila percebeu que raiva era um bafo de sapo anêmico, e perdão era uma brisa fresca forte. Perdoar era fácil, comparado a perder Grace para sempre.



LILA E ADAM não encontraram Grace morta na autoestrada. Quando chegaram, ela já havia desaparecido. Não sabiam se tinha fugido para outro lugar ou se alguém a pegara — e se esse alguém era o Marshall ou outro torturador de cães.

Contudo, mantendo a promessa ao Grande Espírito, ela lutou contra a negatividade e a imagem do pior cenário. Mesmo assim, sua promessa não a impedia de ser realista. Deitada sobre a cama em sua segunda manhã sem Grace, a realidade era que ela estava desaparecida há mais de quarenta horas, as pistas não deram em nada e as chances de encontrá-la tendiam a zero.

Quando o telefone tocou, Lila pulou de debaixo das cobertas para atender, depois hesitou. Na melhor das hipóteses, era Adam ligando para planejar mais um dia de busca. Na pior, era o Centro de Controle de Animais, informando que um carro havia atingido Grace durante a noite e ela estava morta. Odiando enfrentar mais um dia sem ela, Lila juntou as forças e atendeu ao telefone.

“Lila!” O berro de Adam era uma escavadora para seus nervos de manhã cedo. “Eles encontraram nossa menina!”

Lila pulou na cama. “Quem?”

“O policial que encontramos na rua. Ele colocou nosso pôster na delegacia. Ontem à noite um dos colegas convenceu Grace a entrar no carro com um sanduíche de rosbife.”

“Ela está bem?”

“Supostamente imunda e faminta. Ela está na delegacia.”

“E se erraram de cachorro?”

“O oficial acha que é ela.”

“Tem certeza de que é Grace?”

“Só tem uma maneira de descobrir. Você fica pronta em quanto tempo?”

“Dois minutos.” Lila jogou as cobertas e pulou na cama.

Agarrou o jeans pendurado no sofá e enfiou nas pernas, enquanto ia até o armário. Ela tirou uma camiseta sem nem ver de que cor era, e colocou tamancos, sem se preocupar com as meias. Pegou o coração de quartzo rosa de Betsy de cima da penteadeira e o pôs no bolso.

Com todas as forças, assim como tinha implorado para Yuri Makov não atirar nela, suplicou ao Grande Espírito: “Por favor, por favor. Ah, por favor”.



As paredes da delegacia de polícia eram de um verde engessado, e o chão de linóleo salpicado de cinza. Em uma sala central havia filas de cadeiras de metal e, ao final de um corredor, portas levavam a escritórios privados. A luz de lâmpadas externas empalideciam o tom de oliva da pele do oficial Sanchez, que descansava as mãos sobre o balcão preto de fórmica. Com os dedos abertos, suas mãos pareciam asteriscos gigantes para notas de rodapé interessantes.

“Vou buscar o sargento Lewellyn”, ele disse, e desceu o corredor em direção ao escritório, onde Lila imaginou que o cachorro perdido estivesse preso.

Ela teria dado a volta no balcão e corrido atrás dele, se Adam não tivesse colocado a mão sobre seu ombro. “Calma, calma”, ele disse, como se estivesse domando o brilho de fome dos olhos de um tigre.

A barba castanho-claro, por fazer, cobria as bochechas de Adam, sua pálpebras caíam de forma meio sonolenta e sexy. No entanto, a Trombadinha Tarada de Lila não teve muita vontade de contemplar aquele olhar delicioso, porque todo o resto estava louco de antecipação. Ela cruzou os dedos, apertando até as juntas ficarem brancas, e implorou para que Grace estivesse lá. Lila manteve os olhos cravados nas costas do oficial Sanchez, e quis que ele corresse pelo corredor.

“Eu tenho medo de que não seja Grace”, disse Lila.

“Não se preocupe. Ela vai arrebentar aquela porta e vir correndo para cá.”

“Ela não pode correr com a pata machucada.”

“Quer apostar, dona?”, Adam disse, enquanto o oficial Sanchez abria a porta e Grace disparava.

Ela deve ter ouvido as vozes de Lila e Adam e percebido que estavam lá. Ela correu em direção a eles com choros do fundo da garganta, que diziam: “Onde vocês estavam?! Eu estava desesperada atrás de vocês! Por que não me encontraram antes?!?”.

Adam abriu a meia porta do balcão e deixou Grace passar, e ela se jogou nas pernas de Lila com tanta força que quase a derrubou. Lila caiu de joelhos, agarrou Grace e a abraçou, como se fosse uma corda salva-vidas.

“Ah, Grace! Grace!”, Lila repetia, com os lábios sobre o pelo de Grace.

Ela chorava e lambia o rosto de Lila, “Ah, Lila! Lila!”. Era óbvio para todos ali o que diziam os soluços de Grace.

“Boa menina”, disse Adam. Grace se levantou sobre as patas traseiras e apoiou as da frente sobre seus ombros, tentando abraçá-lo. Também lambeu seu rosto.

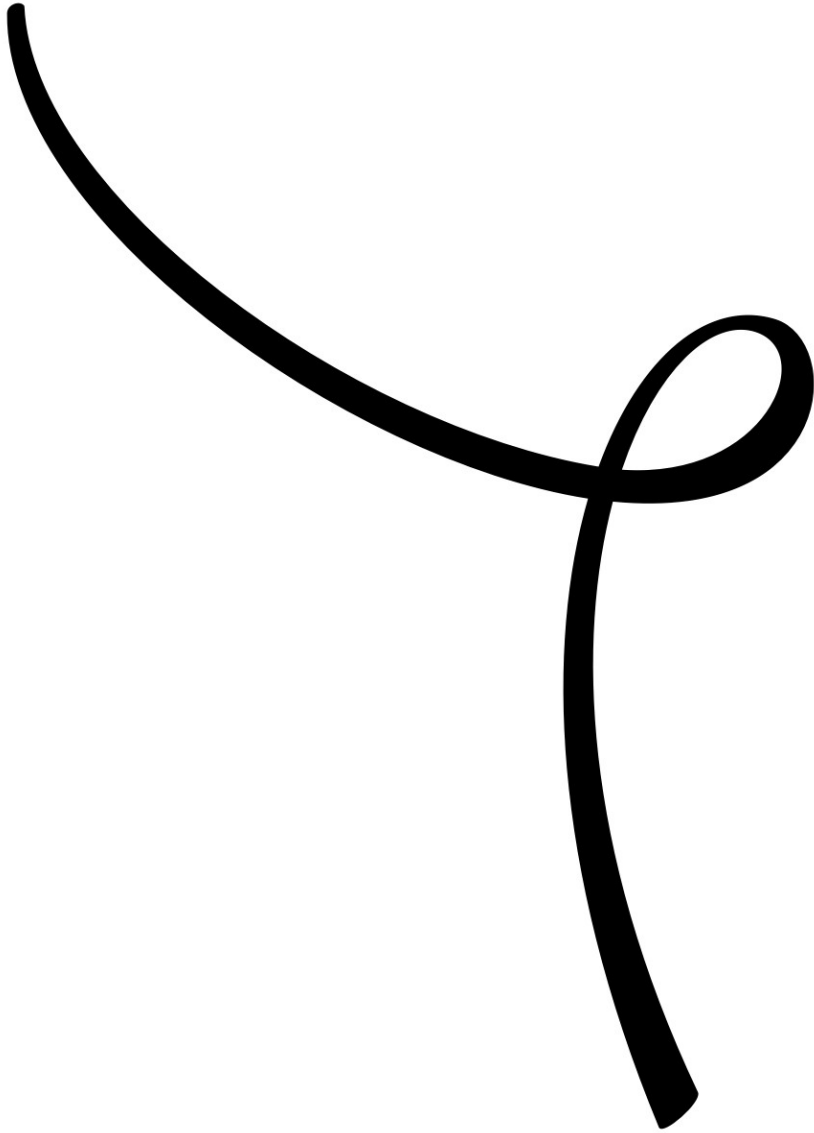
Depois, chorando e uivando, ela começou a dar voltas em torno de Adam e Lila, como uma efusiva dançarina de conga. Grace deitou de costas e chutou as patas no ar. Levantou-se e correu em volta deles novamente. E de novo. O pelo estava voando. As orelhas abanando. O rabo balançava com a mais pura alegria.

A meia rosa havia sumido, também perdera a coleira. A sujeira deixou seu pelo dourado numa cor de marrom hepático, e a fome deixara as costelas à mostra, como um telhado de novo. Contudo, dois dias nas estradas não haviam apagado o brilho dos olhos. A confiança que tinha adquirido nos meses juntos a Lila ainda brilhava de dentro para fora.

Lila a agarrou novamente e a beijou. Enquanto se agitava nos braços de Lila, dois sapatos marrons e calças cáqui apareceram ao seu lado. O sargento Lewellyn disse: “Não é todo dia que a gente tem encontros felizes assim aqui”.

Lila se ergueu e abraçou ele também. “Se não o tivéssemos encontrado na rua, não teríamos Grace agora.”

Extasiada, ela quase confessou que, durante meses, ela consumira um ressentimento em relação a dois policiais — e a bondade do sargento Lewellyn fez aquilo desaparecer. No entanto, qual era o sentido de deixar a tristeza do passado, com Joe Arruzi e Rich Mason — e Yuri Makov — estragarem o presente exuberante com Grace? Agradecida, Lila a pegou nos braços de novo. Era ali o lugar de Grace. Juntas.



OS PONTOS DE Grace não haviam arrebitado, mas estavam soltos, e Adam queria que o doutor Hightower desse uma olhada. Enquanto saía de Mill Valley em direção à clínica, Grace observava a rua da janela de trás do Honda, vendo se encontrava um ou outro esquilo que precisasse aprender uma lição. Mesmo suja e faminta, ela estava sorrindo, melando a janela com o focinho, e agindo como se Adam e Lila estivessem levando-a para uma fábrica de biscoitos caninos. Ninguém diria que ela tinha passado um minuto sem eles, muito menos dois dias excruciantes. Ela estava fazendo o que Betsy ensinou: desapegando. Seguindo em frente.

“Você acha que Grace nos perdoou por termos deixado ela na varanda?”, perguntou Lila.

“Tenho certeza que sim.”

“Ela deveria estar ressentida.”

“Cães não fazem isso.”

“Pessoas precisam ser mais como cães.”

“É o que eu sempre lhe disse.” Adam estendeu a mão e apertou a de Lila.

Ela, a amante de cachorros que se prometera nunca sê-lo, apertou de volta.



Na recepção do doutor Hightower, Adam e Lila deram punhados de biscoitos para Grace, que os esmigalhou e engoliu. Uma técnica veterinária, com um jaleco com rostos de gatos e cães desenhados, os levou até a sala de exame, onde o doutor Hightower levantou Grace e a pôs sobre a mesa. Ela sorriu e arfou, como se estivesse feliz de vê-lo e soubesse que ele queria ajudar.

“Então, vamos dar uma olhada”, ele disse para ela.

Ela entregou a pata, como um Papa permitindo que se beijasse seu anel.

O doutor Hightower se inclinou e estudou os pontos. “Precisamos limpar e refazer alguns deles”, ele disse.

“Vai doer? Ela passou por tanto problema”, disse Lila.

“Tem que ser feito”, falou Adam.

O médico afagou a cabeça de Grace. “Vamos consertá-la. Leva apenas alguns minutos.” Ele olhou a pata novamente.

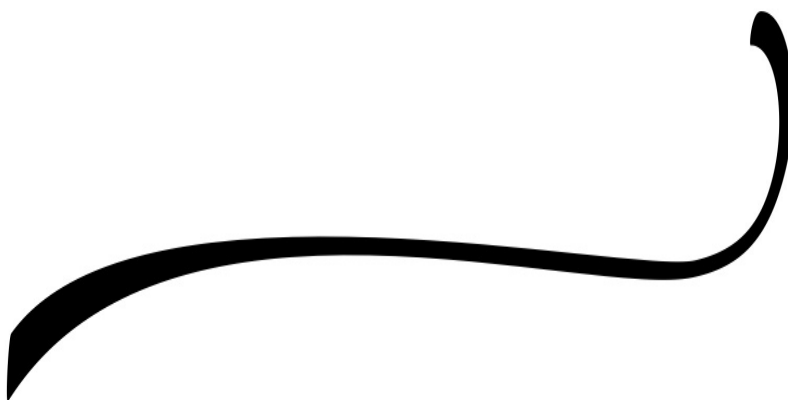
Vê-lo examinar Grace fez Lila lembrar-se da primeira consulta com o doutor Lovell, depois de sair do hospital. Ele entrou como uma brisa no consultório e sorriu para ela, por baixo do bigode loiro fino. Contudo, deve ter rapidamente captado sua raiva e estresse, porque seu sorriso logo se apagou. “Você não buscou terapia, não é?”, perguntou.

“Não. E não tenho intenção de ir atrás”, respondeu Lila. Em outras palavras, *o mundo é cheio de buracos que a terapia não consegue tapar. Porta fechada.*

“A escolha é sua”, disse o doutor Lovell e procedeu com os exames do braço.

Ela estava amarga, porque não tinha visto ainda através da neblina do que havia ocorrido, ou entendido que, acima da neblina, o sol brilha. E não havia ainda adotado Grace, que virou sua terapeuta, por dar o exemplo. Lila não tinha visto a importância de se desapegar dos ressentimentos e seguir em frente.

Em cima da mesa de exames do doutor Hightower, Grace agia como se o ferimento fosse parte da vida, e que, sem ressentimentos, toleraria o que quer que acontecesse com ela, até o sol atravessar a neblina dos problemas e esquentá-la novamente. Lila viu que havia muito a entender sobre ficar na superfície, como Grace fazia, em vez de mergulhar na lama. E a maneira certa de seguir a vida era aceitar o que ela era, não ficar obcecada pelos motivos que a deixaram assim.



Na seção de carnes do mercado Wayfarer, o ar refrigerado resfriou as faces de Adam e Lila, deixando-as cor-de-rosa. Depois de examinar coxas de peru, linguiças de porco e maçã, peito de frango e hambúrgueres, Lila e Adam decidiram comprar um frango assado para Grace não ter que esperar eles grelharem alguma coisa para ela comer.

Na *delicatessen*, um homem com um *piercing* dourado colocou o frango numa embalagem plástica para eles. Lila mal conseguia esperar para dar almoço para Grace. Nada seria bom o suficiente. Depois de tudo que tinha passado, ela merecia tudo que quisesse.

Talvez, com sorte, após uma crise, você se erguesse de um monte de cinzas como uma Fênix, pensou Lila, e seu sofrimento lhe valia uma recompensa. Ela estava pronta para subir nas costas de uma Fênix e sair voando. Lila estava pronta para deixar o monte de cinzas tão lá atrás que não conseguiria nem ver mais nada.



Adam removeu a nova meia rosa de Grace e a ajudou a entrar na banheira, como se fosse um cachorro de vidro de Murano que havia acabado de comprar no eBay. Ele e Lila espumaram e enxaguaram três vezes, até que a água marrom-acinzentada parasse de escorrer do pelo. Apesar de não ser fã de banhos, Grace não resistiu à esfregação e, uma vez fora do chuveiro, ela não sacudiu água pelo banheiro inteiro como antes. Cooperando impecavelmente, ela se sentou sobre os pés de Adam e Lila sem reclamar. Nem tremeu.

“Você acha que cães sentem gratidão?”, Lila perguntou a Adam.

“Sem dúvida nenhuma.”

Ele passou uma toalha de banho listrada de azul — dobrada precisamente em três partes — e pegou outra para secarem Grace juntos.



Enquanto Adam guardava o xampu de Grace e dizia que menina bonita ela era, Lila foi até a cozinha. O sol brilhava pela janela como se pedisse pessoalmente para reparar como a vida poderia ser boa. Ela abriu a porta dos fundos e deixou entrar o calor da manhã e os grasnidos dos corvos da pereira de Adam. Ligou para Betsy do telefone dele.

Depois de a chamada de entrada da secretária eletrônica desejar “um excelente dia” — como aquele que ela estava tendo — ela contou para Betsy que seu coração de quartzo rosa ajudou a encontrar Grace, e Lila queria carregá-lo consigo para sempre. Ela prometeu ligar para Betsy em alguns dias, para agendar a terapia dela e de Grace. Depois ligou para Cristina e celebrou, “Grace está em casa!”

“Graças a Deus”, falou Cristina, tão alto quanto Agnes Spitzmeier. “Eu estava tão preocupada com aquela criatura preciosa.”

“Não precisa se preocupar mais.”

“Passa um hambúrguer na frigideira para ela.”

“A gente acabou de dar meio frango.”

“Não é o suficiente. Dê iscas de fígados e salsichas. Carne seca. Casco de vaca. Courinhos.”

“Daqui a pouco vamos dar as orelhas de porco dela.”

“Que bom. Tudo que essa preciosidade quiser, promete?”

Lila prometeu.

“Fico feliz que Adam a ajudou a encontrar Grace. Ele é um homem bom”, disse Cristina.

“Estou aqui na casa dele agora. A gente acabou de dar banho em Grace.”

“Eu sabia que vocês seriam amigos.”

“Sim, bem...” Lila contaria uma outra hora.

“Eu preciso lhe perguntar uma coisa”, Cristina disse. “E se a gente passar mais seis meses aqui?”

“Achei que você queria voltar para casa.”

“Rosie ama a escola dela, e o pessoal da Agência de Proteção Ambiental quer manter Greg trabalhando aqui um pouco mais. Trabalhar de casa é fácil para mim. Vamos visitar Vermont mês que vem, para ver as folhas de outono”, disse Cristina. “Você poderia continuar tomando conta da casa?”

“Claro.”

A casa de Cristina ficava a menos de um quilômetro da de Adam. Ele e Lila poderiam criar uma trilha pelo bosque para visitar um ao outro.



Os ovos que Adam e Lila mexeram pareciam vir de uma galinha radiante, e a geleia de morango cobria as torradas como um tapete mágico. A cozinha tinha um brilho dourado, por causa do alívio em encontrar Grace — e porque estavam felizes de estarem juntos.

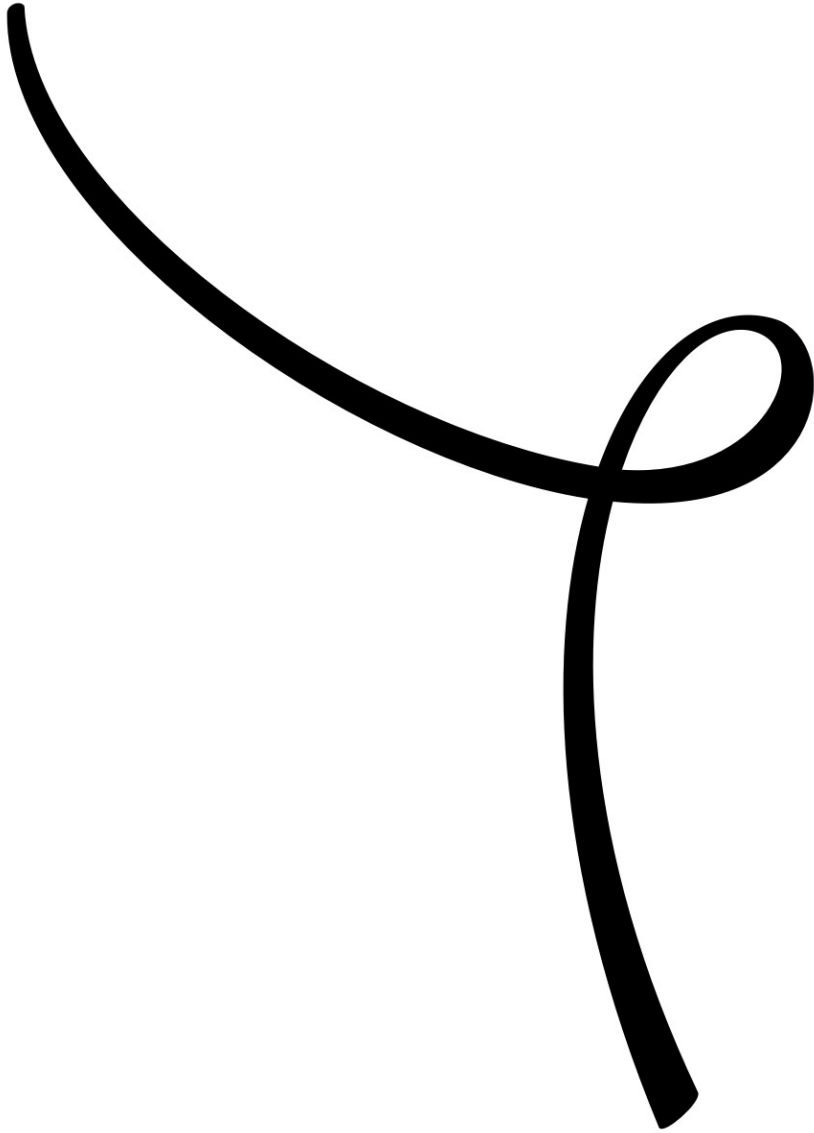
“Que pena que Grace não pode nos contar por onde andou. Aposto que passou por aventuras interessantes”, Adam disse.

“Eu não quero pensar sobre elas.”

“Talvez tenha lutado contra lobos. Pode ter encontrado alguns duendes.”

“Tudo que importa para mim é que está em casa.”

Numa almofada, no canto, Grace espreguiçava-se esticando as patas, a Duquesa do Supino. Roncava em sua performance mais alta de “adenoides problemáticas”. Ninguém diria que havia se perdido, ou que o pelo do pescoço escondia um anel de cicatrizes. Em pouco tempo acordaria, pronta para aceitar o que quer que a vida mandasse.



NENHUM CARA TINHA um peitoral tão atraente quanto o de Adam, enquanto cavava um buraco para plantar uma muda de bordo japonês, cujas lindas folhas vermelhas deveriam chamar a atenção de Lila. Contudo, ela se esquecia de olhar a árvore, porque o suor brilhava na pele de Adam, e o Sol cintilava no cabelo castanho claro do peito. Levantando uma estaca por cima da cabeça e enfiando a ponta no chão, ela pôde reparar com alegria seus bíceps, coxas e glúteos.

A Trombadinha Tarada de Lila descansava sob a pereira, observando Adam com um sorriso contente no rosto. Ela não reclamava mais como antes, porque Lila a tinha libertado, e Adam a exaurira de prazer. Feliz com o bem-estar, ela sabia que os dias de privação tinham terminado. Comportava-se como uma romana ao final de um banquete, cansada demais para pedir a um escravo que descascasse uma última uva. No começo, Lila sentiu vergonha do peito cicatrizado, mas Adam disse que ela era linda. A Trombadinha Tarada curtiu isso.

Grace estava deitada ao lado de Lila, estudando um grilo que havia prendido com as patas da frente. Os olhos cruzados, ela estava com o que Adam e Lila chamavam de “cara de bobona”. No entanto, no quadro que Lila tinha acabado de pintar, ela deixou Grace com o olhar alerta e inteligente que normalmente tinha.

A partir da foto de Adam, Lila pintou a cerca de madeira violeta, com o maracujazeiro na treliça e, só para ele, deixou o portão escancarado, para que ele visse o que havia dentro do jardim. Trabalhou por horas nas flores de alceas e campânulas e folhas de nepeta. Ela também pintou os dois grifos segurando o banco e,

espontaneamente, sentou Grace sobre o tomilho musguento na frente. Lila pintou o bico de viúva loiro-avermelhado e os tufos de penugem em cima das orelhas na cor bronze. Pintou o rabo em um arco castanho-claro em volta do quadril e tomou cuidado para que a ponta fosse do mesmo loiro-avermelhado que o bico de viúva.

Em um mês, Lila daria o quadro para Adam de presente de aniversário. Agora, o bordo que estava plantando era em parte um presente para ela. Ele queria que fosse um ponto para admiração, do lado de fora da janela da cozinha, mas também seria um lugar para Lila ir quando se sentisse temerosa ou com medo. Adam sugeriu que a árvore poderia ser um memorial das pessoas que Yuri matou.

Depois que Adam terminou de cavar, ele e Lila tiraram a muda de bordo da embalagem plástica e colocaram no buraco. Giraram a árvore para que seu melhor lado, mais frondoso, ficasse de frente para a janela da cozinha. Lila segurava o tronco enquanto Adam espalhava as raízes e jogava adubo, em seguida terra recém-cavada, com a pá. Regando o bordo, o cheiro da terra molhada era fresco e promissor. Com o tempo, a árvore cresceria até o teto da casa de Adam e faria sombra na varanda.

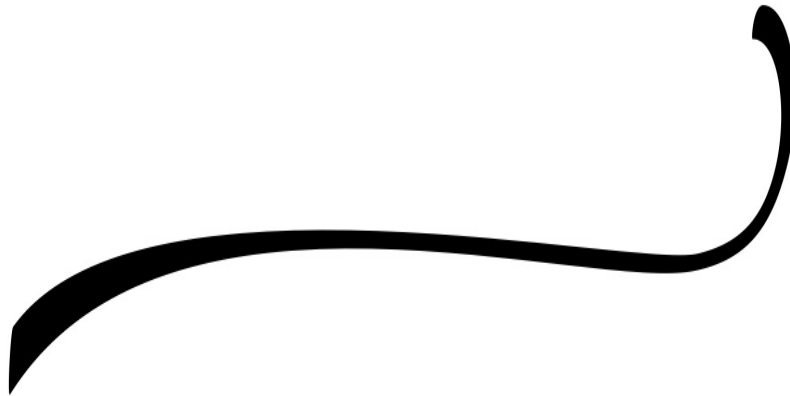
“Você acha que deveríamos incluir Makov nesse memorial?”

“Por quê?!”

Adam ergueu os ombros. “Estava só pensando. Ele ia querer fazer parte disso. Sentiria que você o perdoou.”

Nunca havia passado pela cabeça de Lila pensar sobre a vontade de Yuri, depois de ter atirado em tantas pessoas. Ela estava tão brava que não tinha se importado. No entanto, agora que Adam havia mencionado, talvez Yuri, onde quer que estivesse, precisasse de paz, saber que ela não o odiava mais. Em sua mente, ela disse que o perdoava e que estava seguindo em frente.

Lila não conseguia se forçar a fazer o trabalho completo, como vestir Yuri de terno Armani e colocá-lo num camarote da ópera, em que ouviria Maria Callas cantando árias eternas. Então Lila o deixou no meio de um campo, cercado por montanhas nevadas, com os Von Trapps cantarolando para ele de vez em quando. Chamou seu pai falecido para trazer alguns *pierogi* e convidou as pessoas que Yuri tinha matado para visitá-los, quando estivessem prontos. Não podia forçar ninguém a ir naquele instante, porque cada um estava passando por uma jornada pessoal, e o processo de cura viria no tempo certo. Lila imaginou que Yuri entendia aquilo agora; se não, ela mandaria Betsy para iluminá-lo.



Adam e Lila foram até o *pet shop*, e Grace estava sentada no banco de trás. Ela devia ter percebido que teria orelhas de porco num futuro próximo, porque chorava e batia as patas da frente com antecipação.

Adam passou pelo riacho por onde Grace e Lila passeavam normalmente, depois pela biblioteca, pela clínica de Betsy e o mercado Wayfarer, com sua caçamba transbordando. Entraram na avenida Miller, em que os carros

ainda corriam como pilotos da fórmula Indy. Perto do supermercado Safeway, cuja porta Lila havia pintado para sua série, Adam parou no sinal.

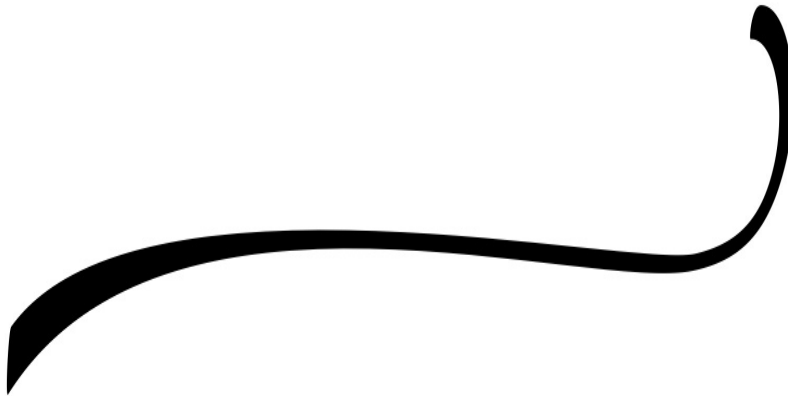
À frente, uma van branca Aerostar com um adesivo azul-céu no para-choque, sobre o qual estava escrito “Graça existe”. Antes de Yuri Makov atirar em Lila, ela não tinha reparado muito naquele recado. Agora, ela via como um outro sinal do universo — uma cotovelada vinda do céu, cutucando as costelas, dizendo “Cof, cof”.

O ombro lembrou que Betsy tinha razão, que o milagre da graça acontecia o tempo todo. Não dava para forçar ou controlar. Estava fora de alcance, acontecia num plano mais elevado que o seu. Era necessário esperar com fé e confiança — aí ele o pegaria de surpresa.

“Olha.” Lila cutucou Adam e apontou para o adesivo.

“É verdade”, ele disse.

O sinal ficou verde, e eles continuaram seu caminho.



Adam, Grace e Lila chegaram ao *pet shop* na hora em que Albert Wu estava colocando Magnolia, seu periquito, na frente de loja, em seu poleiro.

“Você encontraram Grace!” Enquanto Albert sorria para ela, o castor subnutrido do topete pareceu se animar com um vigor a mais, e suas bochechas se enrugaram e esconderam seu rosto.

Quando Lila e Adam estavam buscando Grace, disseram a Albert que ela havia rasgado a tela da porta da frente. Então ele insistiu que eles comprassem uma grade metálica que garantiria que ela ficasse presa.

“Eu não preciso disso”, disse Adam. “Eu nunca mais vou deixá-la na varanda de trás sozinha.” Ele parecia humilde. Tinha aprendido uma dura lição.

Deixaram Albert empilhando camas de cães na vidraça da frente e foram para a seção de coleiras. Provaram coleiras escarlate e azul-marinho em Grace, mas nenhuma ressaltava seu pelo como o verde floresta. Então levaram uma outra verde — junto com mais sete orelhas de porco de comemoração, uma para cada dia da semana.

No caixa, Adam perguntou, “O que você quer fazer com a identificação de Grace?”

“Arranjar outra.”

“Qual?”

“Não pensei ainda sobre isso.”

Adam pegou o cartão com as amostras e analisou. “Que tal a do hidrante?”

“Grace é muito digna para isso. Ela é uma cadela elegante.” Lila puxou o coração, o cartão de namorados de gnomos. “Ainda prefiro o coração.”

“É pequeno demais.”

“Funcionou bem antes.”

“Não tem espaço para meu número de telefone aí.”

Por um segundo, Lila achou que Adam estava dizendo que queria Grace de volta e que estava esnobando Lila sobre a identificação. Daí ela percebeu que ele queria dividir Grace com ela, e ter seu número gravado com o de Lila.

Na semana anterior, eles estavam vasculhando a loja de segunda mão preferida dos dois e, na estante superior da seção de utensílios para a cozinha, encontraram uma sopeira de cobre sem nenhum amassado ou arranhão. Logo quando Lila foi tirar da estante, Adam alcançou por cima de cabeça e agarrou a peça.

“Em perfeito estado”, ele disse.

“Eu quero isso.” Ela sentiu a adrenalina da animação de encontrar um tesouro em um brechó — como os leões se sentem quando uma gazela suntuosa passa mancando.

“Eu vi primeiro”, Adam sorria.

“Você só pegou mais depressa que eu.”

“Quer jogar uma moeda?”

“Pode ser, mas eu vi primeiro.”

“Por que não compartilhamos?”, perguntou Adam.

Dividir uma sopeira era simples, mas dividir Grace era sério. Se Adam estivesse no coração de identificação com Lila, é porque estavam falando de apoiar Grace em qualquer circunstância, juntos. Estavam falando de trabalhar em dupla. Estavam falando sobre compromisso e responsabilidade a longo prazo.

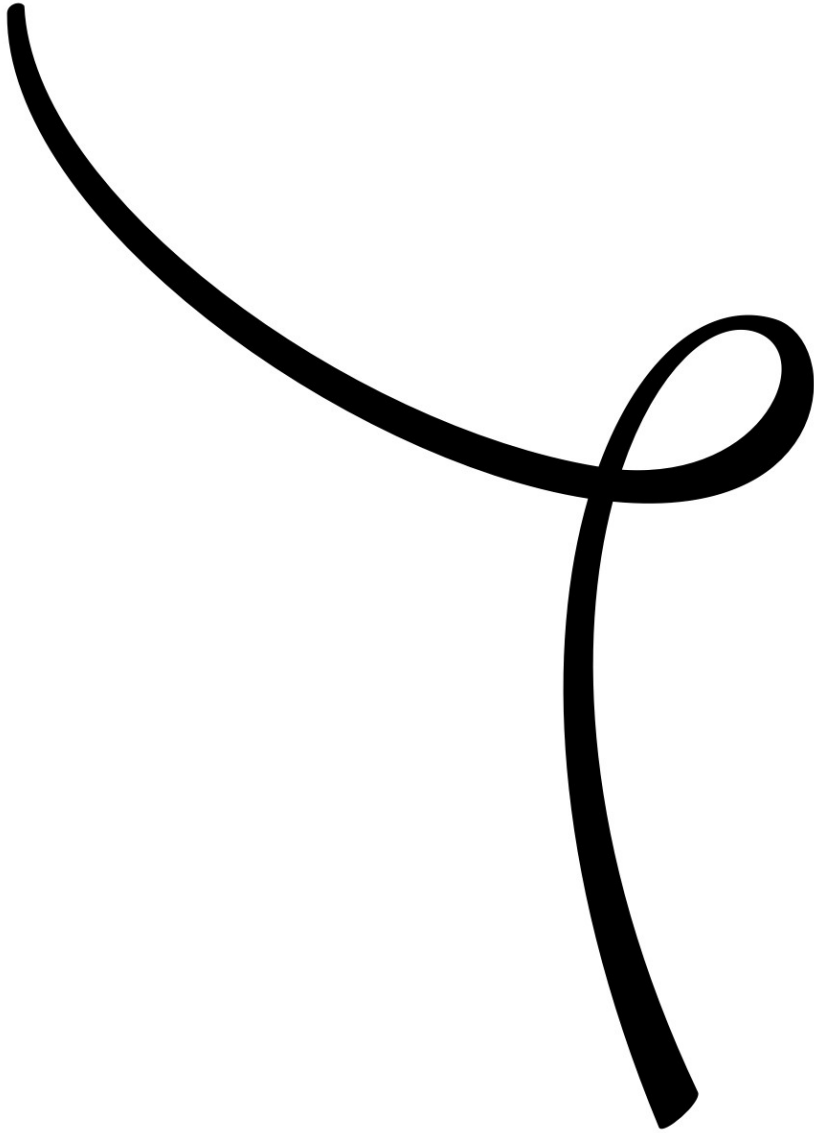
“Se a gente pegar o coração maior, dá para colocar os dois”, disse Lila.

“Ótimo. Tá resolvido.”

Lila concluiu que estava sim.

Enquanto ele preenchia o pedido do coração maior que dividiriam, ela sentiu calafrios e a sensação de que o que estava acontecendo era maior que os dois.

EPÍLOGO



EM UMA TARDE fria de outono, Adam, Grace e Lila se juntaram em volta de uma fogueira em um acampamento em Sedona, no Arizona. O sol poente deixava o céu com tons pastel gloriosos, e as montanhas de pedra vermelha em tom roxo-terroso. O vento sacudia os pinheiros, estufava a barraca redonda azul e carregava a fumaça da fogueira em direção a Santa Fé, onde Adam e Lila haviam visitado alguns amigos de escola de Lila e deixado cinco quadros em uma galeria — quadros de portões e portas abertas.

Adam posicionou o telescópio e os pés do tripé na terra vermelha e macia. Grace, cuja pata estava curada e escalara com os dois o dia inteiro, dormia na almofada que eles levavam para ela para todo canto que fossem. O fogo crepitava, cuspidando faíscas, esquentando suas pernas douradas.

Enquanto o sol se punha por trás das montanhas e a noite esfriava, uma coruja piava de algum lugar das rochas vermelhas. Lila enrolou a manta sobre os ombros e jogou outra tora de madeira no fogo. Apoiada na cadeira de acampamento, ela cruzou as mãos atrás da cabeça e observou as duas mil estrelas que Adam disse que dava para ver com os olhos.

“Do que são feitas as estrelas?”, Lila perguntou.

“Hidrogênio e hélio.”

“Existem quantas no universo?”

“Bem...” Adam tirou a proteção da lente e espiou pelo telescópio. “Temos cerca de uma centena de bilhões de galáxias, cada uma com em média cem bilhões de estrelas. Isso dá o total de todos os grãos de areia de todas as praias da Terra.”

Era vasto demais para se compreender, então Lila voltou a observar o incrível número de estrelas que podia ver a olho nu. Pareciam piscar em pequenos surtos de beleza, e o Grande Espírito brilhava através delas, para dentro de Lila.

Se buscasse mais fundo, ela veria o Grande Espírito pulsando pelas manchas da fantasia de vaquinha de Grace, pelo *Diário de Anne Frank* e pelas baleias prateadas penduradas nas orelhas de Betsy. O Espírito fluía dos dentes de cavalo de Agnes Spitzmeier, pelo castor subnutrido do topete de Albert Wu, e por todos os corações, de carne, metal vermelho ou quartzo rosa. Se Lila olhasse pelo ângulo certo, veria o Espírito em seu corpo e nos gaviões que voaram de seu peito, no caminho de volta de Monterrey. O Espírito estava em sua Aprazível, na Tia Louca e na Trombadinha Tarada — e mesmo em Yuri e Reed. Estava escondido no pincel que Grace havia mastigado, e brilhava em seu bico de viúva, e no sultão imaginário que ela abanava com seu rabo de gêiser.

“Quer ver a Ursa Maior?”, perguntou Adam.

Lila se levantou e olhou pelo telescópio. “Não estou vendo nenhum urso-pardo.”

“Procure a Ursa Menor. Faz parte do Grande Urso.”

Lila sorriu para si mesma ao encontrar o sorvete sabor trufa do paraíso.

“Mizar faz parte da Ursa Maior também”, disse Adam.

“Nunca ouvi falar da Mizar.”

“Foi a primeira estrela binária a ser descoberta.”

“Também nunca ouvi falar de estrela binária.”

“São duas estrelas presas pela gravidade uma na outra”, disse Adam. “A atração faz com que fiquem dando voltas em torno de si mesmas.”

“Como a gente.”

“Isso.”

Lila sentiu Adam sorrindo no escuro. “Existe alguma estrela trinária?”, perguntou.

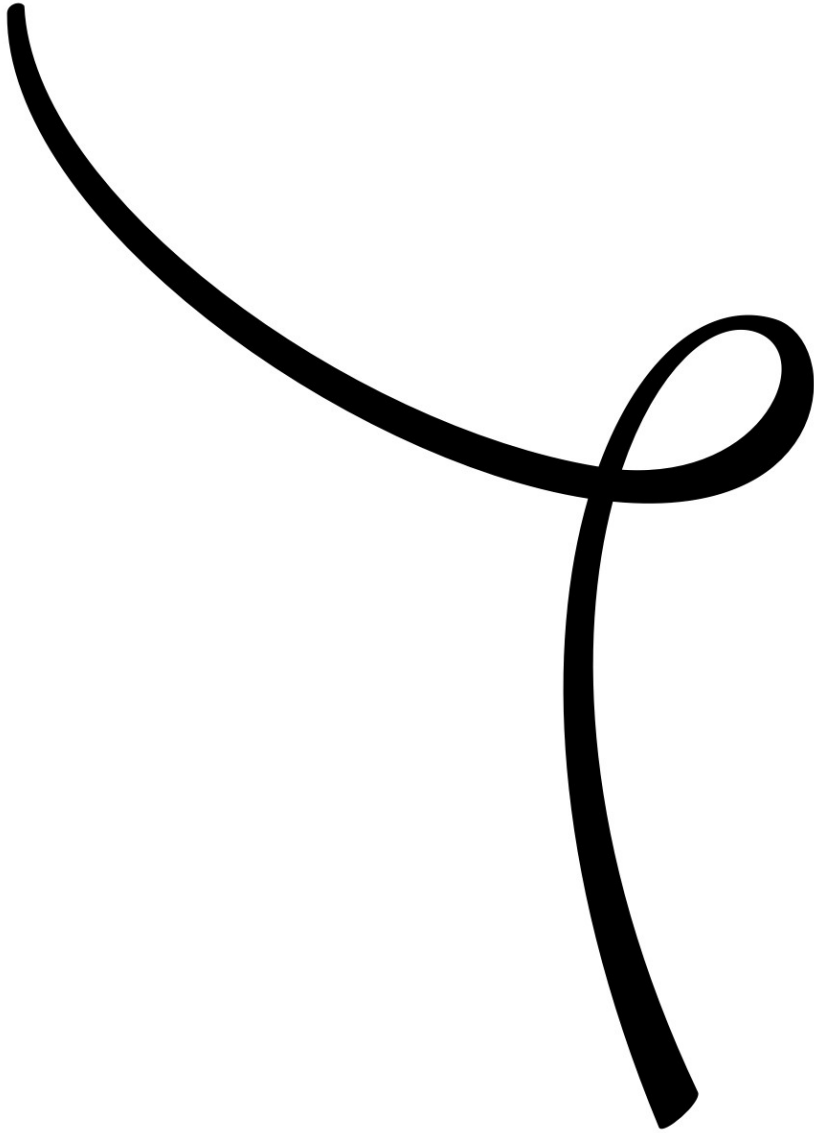
“Sim.”

“Como eu, você e Grace.”

Adam deve ter gostado das analogias, porque envolveu Lila com seus braços por trás e apoiou a bochecha contra sua orelha. Enquanto Lila continuava vendo pelo telescópio, Grace se mexeu na almofada; seu coração de identificação tilintou na fivela da coleira, como se estivesse contribuindo com a conversa, mostrando que ela gostava de dividir a estrela trinária.

Do que Lila gostava era que, entre as infinitas possibilidades de combinações de seres, a gravidade tinha juntado Grace, Adam e ela. Agora, conectados, eles nunca se separariam. Ficariam dando voltas, como Mizar.

AGRADECIMENTOS



POR TRÁS DESTA livro há pessoas bondosas e incentivadoras a quem devo uma enorme gratidão.

Eu nunca teria escrito uma palavra sem minha agente, Cullen Stanley, que estava comigo quando Grace era apenas um conceito. Em todo o longo processo criativo, Cullen ficou ao meu lado e ofereceu sugestões valiosíssimas. Ela foi um raio de luz na neblina.

Michaela Hamilton, minha editora, me guiou pelo processo de publicação com inteligência e carinho. Seu amor por animais nos uniu e fez de meu trabalho para ela um prazer.

Kathy Renner, Elsa Watson e Anjali Banerjee foram leitoras astutas dos primeiros rascunhos. O doutor Frank Walker explicou o que acontece quando uma bala atravessa o peito de alguém. E Wendy Hubbert, minha amiga e editora de meus últimos livros de não ficção, me resgatou quando estava na lama e me pôs no caminho certo.

Outros amigos me apoiaram e me nutriram enquanto escrevia: Gisele Fitch e Jane Allan elevaram meu espírito na caminhada. Linda Anthony acreditava em Grace e estava determinada a ver o livro publicado. David Sackeroff me deu lições robustas e necessárias. E Alexandra Kovats cuidou da saúde de minha alma.

Logan, meu pastor-alemão, e Phoebe, minha beagle, me lembram diariamente do meu amor por cães e de minha vocação como escritora sobre animais. E, como sempre, John, meu marido querido, foi o vento da minha vela. Sem ele, não teria virado escritora. Sua presença em minha vida é um presente sem igual.